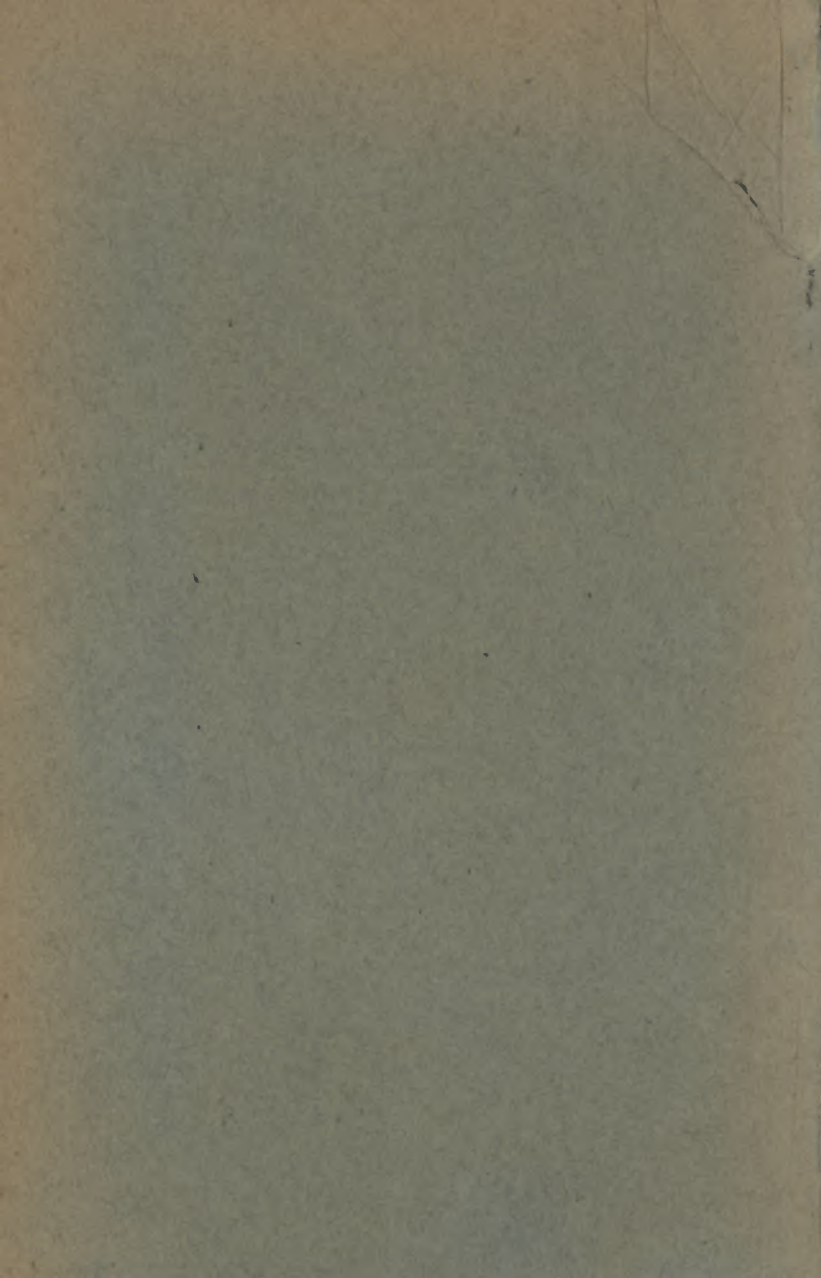


1  
78  
1





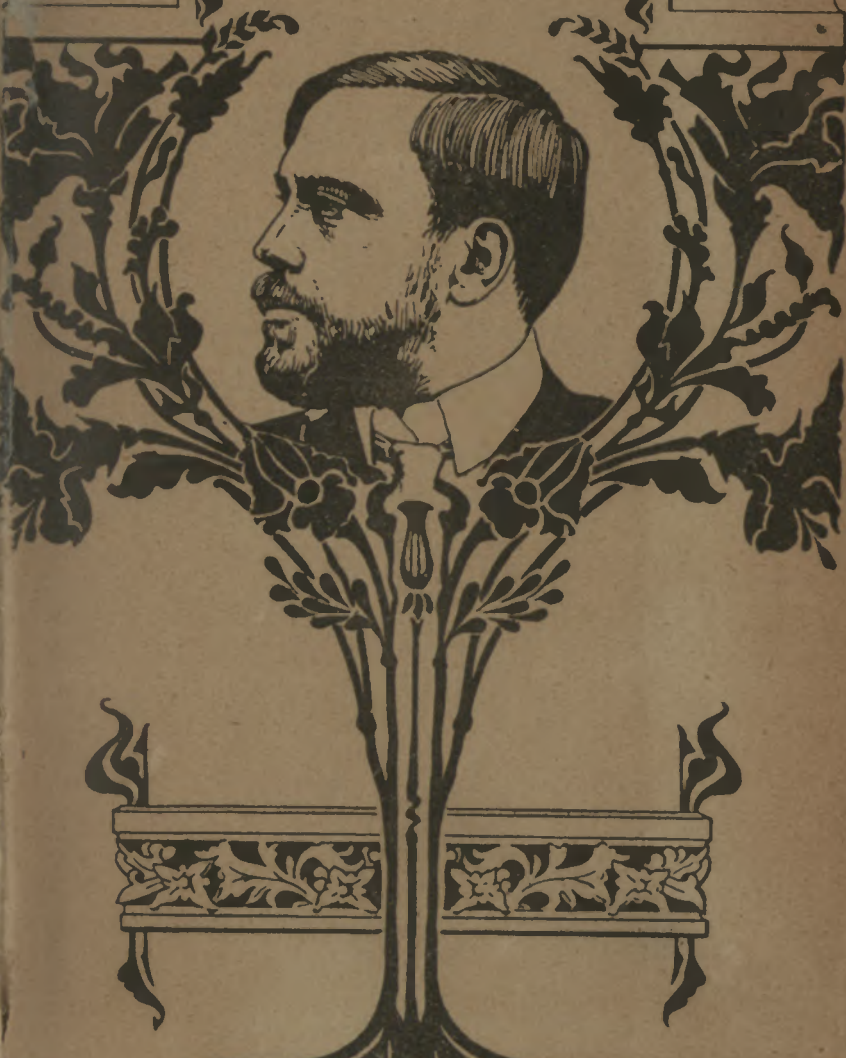






JOÃO GRAVE

O MUTILADO





# O MUTILADO

DO MESMO AUTOR

---

Os famintos . . . . .	\$50
A eterna mentira . . . . .	\$60
O último fauno. . . . .	\$50
O Passado . . . . .	\$50
Gente pobre. . . . .	\$60
Jornada romântica . . . . .	\$60
Reflorir . . . . .	\$60
Reinado trágico. . . . .	\$70
A Inimiga . . . . .	\$80
A Morte vence . . . . .	\$70
Os Sacrificados . . . . .	\$50
Os que amam e os que sofrem . . . . .	\$50

---

*A propriedade literária e artística está garantida em todos as países que aderiram à convenção de Berne — (Em Portugal, pela lei de 18 de março de 1911. Na Brasil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912.)*

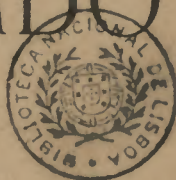


JOÃO GRAVE

DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

O MUTILADO

(ROMANCE)



R. 76624



PORTO

Livraria Chardron, de Léo & Irmão,  
editores — Rua das Carmelitas, 144

1918



27/0/92  
Vilhena



AO ILUSTRE ESCRITOR

JÚLIO DANTAS





# O MUTILADO

---

## I

Havia já duas horas que D. Joana tinha voltado da estação do caminho de ferro onde, com um doloroso e profundo beijo, fôra despedir-se do filho que nessa triste manhã de heroísmo e de angústia partira para a guerra — e ainda chorava perdidamente, enrodilhada no sofá em que se deixára cair, vencida pela dôr e pela fadiga. A intensidade da crise nervosa mergulhava-a, por vezes, num estado de inconsciência em que ela parecia esquecer-se de tudo, desconhecendo as coisas que a rodeavam, ignorando mesmo a razão das suas lágrimas, perdendo a noção exacta da realidade e do tempo; mas êste crepúsculo, êste delíquio dos sentidos passavam rápidamente, uma claridade reveladora surgia e o facto irremediável que a esmagava adquiria então na sua inteligência

uma certeza maior e uma perfeita lucidez. Carpi o seu infortúnio de mãe desditosa, sentia mais amargamente do que nunca a infelicidade e o desamparo em que ficára. Ah! êsse filho! Para êle convergiam agora os seus pensamentos, tôdas as suas affectividades, tôdas as suas ternuras.

O seio arfava-lhe com violência, os soluços subiam-lhe do peito à garganta, abafando-a, ardia nos seus olhos um brilho de febre. Enclavinando as mãos com desespero, acometia-a a necessidade de bradar em voz alta — para que todos a ouvissem — a sua desgraça: mas, por dignidade, por compostura moral, por orgulho de raça, continha-se, sufocando os gritos lancinantes num lenço de rendas que levava à bôca e que rasgava com os dentes, convulsa, trémula, arquejante. Fôra o respeito por si própria e também a dedicação que consagrava ao pobre filho, talvez perdido para sempre, que lhe tinham dado fôrças e coragem para manter uma aparente serenidade durante o tempo em que estivera na *gare* de S. Bento, onde outras mães se lamentavam clamorosamente. D. Joana, que apenas empalidecêra um pouco e mal conseguia articular as palavras, não queria que Duarte levasse para uma jornada trágica, e provavelmente de morte, a visão da sua imagem afflitiva e lacrimosa. Tentando poupá-lo a êste sofrimento, que mais lhe ennegreceria as horas monótonas da viagem para destinos ignorados, mas de-certo terríveis, pedira ao seu puro amor ma-

terno a energia essencial para mais um sacrificio — e mostrou-se, na verdade, serena e admirável de abnegação, sorrindo por entre a névoa que lhe velava e humedecia o olhar, não denunciando por um movimento mais desordenado, por um gesto mais brusco e impaciente, a intensidade do seu padecimento. Falava pausadamente, conservando no rosto uma gravidade que a ennobrecia.

— Ouve — dizia ela — hás-de escrever-me sempre que puderes. Lembra-te de que as tuas cartas vão ser a minha única visita consoladora, a companhia do meu desamparo.

— Oh! mamã! Que recomendação a sua! — exclamava Duarte, afagando-a. Pois está claro que escreverei...

É beijando-a na face pesarosa e branca, apertando-lhe longamente a mão fina, acrescentava ainda, para a confortar:

— Não perca a esperança! Verá que hei-de voltar brevemente. A guerra, que não pode durar muito, é sempre mais dramática vista a distância e desfigurada pelas narrativas dos jornais, do que vista de perto...

— A esperança nunca a perderei, filho! É a minha doçura derradeira. Também creio no teu regresso e é dessa crença que vem tôda a minha tranqüilidade...

Tinha chegado dezembro e caía uma chuva fria e miúda. Grossas nuvens correndo das bandas do sul, impelidas pela ventania tempestuosa.

embaciavam a claridade matutina. A cidade oferecia um aspecto de desolação e de penetrante melancolia debaixo do céu cinzento e hostil; mas um frémito de entusiasmo pulsava no coração da mocidade — tôda uma primavera humana! — que se dirigia, cantando, aos fulgurantes campos de batalha como se vibrasse já sob a influência prodigiosa dos combates e como se a glória para ela estendesse os seus olímpicos braços de luz. A cada momento estalava a vozearia das aclamações à França, que se reconstituía em plena campanha, com o seu território mutilado, para repelir os invasores nas pontas das baionetas: aos Aliados, a todos os que se batiam, matando e morrendo, pelos latinos, criadores da arte, da beleza e das civilizações, contra os septentrionais que desciam do norte em massas densas e cruéis cobertas do fulgor branco das armas scintilando ao sol, para desencadarem, na pacificação fecunda e promissora da Europa, a mais feroz e sangrenta das guerras, o maior conflito da História.

Uma banda regimental tocava hinos marciais e patrióticos, num grande estridor de metais, e ranchos de soldados acompanhavam-na em côro, agitando no ar bandeiras com as côres portuguesas, francesas, inglesas, russas e belgas que, de longe, davam a impressão de enormes borboletas irisadas que tivessem levantado vôo. Pelos cais, aglomerava-se uma imensa multidão de homens, de mulheres, de crianças, vitoriando incessante-



mente os que iam lutar e sucumbir, sem que o temor lhes empalidecesse as frentes altivas, sem que o seu estoicismo se perturbasse.

A chuva caía continuamente, como uma leve poeira de água, como um vapor ténue que tornava glacial a atmosfera. O vento gelado picava, arroxava as carnes. Do céu alto e baço nenhuma alegria descia à terra encharcada; mas, nas almas, passava um belo sôpro de heroicidade. Os officiais, fumando e puxando as golas dos casacos para as orelhas, passeavam lentamente, dois a dois, sem trocarem palavra, alheados do espectáculo envolvente, absorvidos em intermináveis meditações. O rumor dos risos, das conversas, da gritaria constante, apagava, dominava todos os outros ruídos: e esta jovialidade era comunicativa e desanuviava um pouco o terror supersticioso dos menos enérgicos. Apesar disso, desenrolavam-se de vez em quando as scenas impressionantes e dolorosas. Durante o angustioso tempo da espera, uma pobre criatura humilde, de rosto macerado e magro, olheiras fundas e com a saia rôta embrulhando-se-lhe nas pernas trôpegas, esteve sempre abraçada ao filho, um latagão de face vermelha, espadaúdo, de largo peito e sólida construção, que tinha os olhos rasos de lágrimas. Sumida nos seus farrapos, devastada, com vincos que lhe enrugavam a pele aos cantos dos lábios, a desgraçada gemia a cada instante:

— Filho! Filho que me não tornas a ver! E

para isto te criei eu com tantos trabalhos, tantas fomes!...

Gente compadecida parava à roda dos dois, contemplando com infinita piedade aquela mulher que representava o infortúnio e o sentimento de outras mulheres. O soldado nada dizia. Tinha os beijos trémulos, o olhar errante, parecia confuso e envergonhado por uma dôr maternal que se não escondia, que se confessava públicamente, que lhe amolecia, de-certo, a tranqüila intrepidez. Mas, no seu silêncio, estreitava mais nos braços aquele débil corpo vacilante que o gerára, que o tinha amamentado, que já parecia morto e que apenas o amor galvanizava.

D. Joana, que estava um pouco mais adiante, junto de Duarte, desviava a vista do quadro pungente para resistir ao enternecimento que dela se apoderava e que excitava o seu mal interior. Queria ser forte até ao fim, porque era êsse o seu dever moral e humano. No entanto, traía-se constantemente pela comoção da voz, por um desespero surdo, sem que pudesse dominar-se. Duarte compreendia-a e admirava-a no seu suplicio, na violência do seu martírio. Passava-lhe brandamente os dedos pela cara, acariciando-a, tomava-lhe a mão enregelada que beijava com frenesi.

Perto dêles surdiu uma rapariga nova, de mantilha preta na cabeça, com um grande ramo de flores — as perfumadas e lindas flores de Portugal — de braço dado com um cabo de infantaria.

Ela chorava e êle envolvia-a num olhar de reconhecimento, de pena, de indizível saúdade. Eram, de-certo, noivos. A guerra, com a sua ferocidade barbárica, viera interromper um doce sonho de ventura apenas começado!...

Êste episódio trágico e lírico sobressaltou vivamente Duarte. Também êle deixava no país uma noiva com quem fôra tecendo horas idílicas de luar e para quem vivêra dias inefáveis de ilusão e de suavidade. Pela primeira vez o invadiu um singular desfalecimento de coragem, que o fazia sofrer muito. D. Joana, surpreendendo-o com essa intuição subtil das mães, voltou-se para o lado, para se não comover e se denunciar. Oh! aquela interminável demora! Com que implacável crueldade a torturava! E, apesar disso, como desejava que ela fôsse muito longa, que durasse semanas, meses, anos, que não acabasse mais! Mas um empregado dos caminhos de ferro, com o boné agalado a ouro sôbre a orelha e o cabelo luzidio e empastado na testa, correu o cais dum extremo ao outro, gritando:

— Partida!... Partida!...

Houve, então, um movimento apressado, tumultuoso. Os soldados entravam atarantadamente nas carruagens — que se enchiam, que transbordavam de uniformes dum verde esbranquiçado — ficando apinhados às janelas, a agitar lenços brancos que batiam ao vento numa palpitação de asas nervosas. O barulho aumentava. Os sargen-

tos inspeccionavam rapidamente todos os compartimentos, dando ordens, formulando observações. A população que acompanhára as tropas rompeu em saudações sonoras, ardentes, vibrantes de fé e de patriotismo, em estridentes salvas de palmas. Dir-se-ia que outra vez, como nos ciclos distantes do seu esplendor e do seu triunfo, Portugal partia para destinos superiores, não à descoberta de mundos remotos e desconhecidos, mas a afirmar, com as armas na mão, a sua inesgotável vitalidade. Ouviam-se, a espaços, soluços, lamentações, queixumes. Um silvo da máquina atroou os ares, um espesso rôlo de fumarada subiu:

— Adeus! Adeus!...

Duarte e a mãe trocaram um derradeiro beijo em que as suas almas se fundiram, e o combóio avançou, por entre o alarido formidável, a princípio vagarosamente e silvando sempre, no meio da flutuação dos lenços que acenavam, das bandeiras que tremiam à aragem. D. Joana, com a morte no coração e uma frialdade que lhe entorpecia o corpo, viu sumir-se a última carruagem na treva do túnel que escancarava a bôca sinistra, e saiu rapidamente da *gare*, com pressa de refugiar-se na inviolável solitude de sua casa agora mais deserta, para poder chorar livremente, desafogando da aflição que a oprimia longe de tôdas as curiosidades, irónicas ou importunas, que lhe ferissem o pudor de mãe e a intensidade do padecimento.



Ao dirigir-se para o automóvel que a esperava à porta da estação, encontrou, caída sobre as pedras enlameadas, a mulher que momentos antes vira no cais agarrada freneticamente ao filho. A fatalidade duma sorte idêntica irmanava as duas mães — uma aristocrata e outra plebeia — mas vergadas ao pêso da mesma desventura. Curvou-se sobre a mísera, coberta de farrapos, que jazia imóvel como se tôda a vida nela se tivesse imobilizado também, tocou-lhe com a mão enluvada no ombro, murmurando:

— Escute!...

Nesse instante, uns olhos profundos, cheios de mágoa e de terror, uns olhos doridos e piedosos como D. Joana nunca tinha visto e que a varravam, a trespassavam, parecendo espreitá-la até às recônditas, misteriosas regiões da consciência, ergueram-se para ela, implorativos, suplicantes, e uma voz em que havia tôdas as humildades, tôdas as canduras e tôdas as abnegações, disse:

— Ai! minha rica senhora! Que tristeza... Fico tam só no mundo, Deus do céu, tam só no mundo! Ele era o meu único arrimo. E tiraram-mo para o levarem para a morte... E não tiveram pena de mim!...

— Coitada de quem é mãe! — comentaram várias pessoas, à volta.

— Bem! Tranqüilize-se. E olhe, vá a minha casa. Aqui tem a indicação. Falaremos ambas de nossos filhos que foram para a guerra — exclamou D. Joana.

A outra pegou no cartão de visita que embrulhou num lenço sujo, chorando sempre e murmurando palavras de agradecimento e de bondade. D. Joana, tocada por aquela desdita e tendo necessidade de fugir da rua, da vida exterior e egoísta, para se isolar com a sua própria angústia, entrou por fim no automóvel, correu a vidraça e desapareceu na hostilidade da manhã de inverno. Pelas ruas, cheias duma lama viscosa, quase líquida, uma assustadora confusão de gente e de carros embarçava, dificultava o trânsito. De momento a momento, o *chauffeur* tinha de abrandar a marcha, para evitar atropelamentos: e a morosidade do veículo impacientava D. Joana, sobreexcitava-lhe os nervos. Ao chegar à sua habitação — uma casa apalaçada erguendo-se entre árvores sem fôlhas e rodeada de amplos jardins que pela primavera refloriam e incensavam de aromas de tôda a sorte — subiu a larga escadaria alcatifada, fechou-se numa sala onde a luz, filtrada pelos *stores* descidos, fazia uma penumbra aliciante, tirou o chapéu, as luvas, o casaco de agasalho forrado de peles, abateu-se sôbre o sofá e rompeu então num pranto prolongado, contínuo, que a exauria mas que conjuntamente a aliviava e refrescava o ardor da sua crise.

A vivenda estava adormecida numa placidez que nenhuma agitação perturbava. Sentia-se o ramalhar dos arvoredos que a ventania açoutava. Um nevoeiro frio empanava os vidros das janelas.

Uma criada vestida de preto bateu levemente à porta.

— Entre! — disse D. Joana.

Ela entrou, deslizando sobre os tapetes como uma sombra e dirigindo-se à ama:

— Vinha saber se a senhora precisa dalguma coisa.

— Não, Maria, não quero nada.

— Mas o almoço está na mesa — insistiu ela.

E, desejando consolar D. Joana, ainda acrescentou:

— O menino há-de voltar... Não se aflija...

— Obrigada, Maria... Deus a ouça... Mas hoje não almoço, não tenho apetite. Deixe-me só, por um bocado. Eu a chamarei mais tarde...

A criada debandou tristemente, na ponta dos pés, e D. Joana, mais pálida, mais abatida, recaiu na sua amargura, porque as lágrimas tinham para ela uma doçura que a acalmava. Os seus gemidos fundos alternavam com o *tic-tic* dum relógio de bronze montado sobre colunas de mármore côr de rosa que, em cima duma credência de talha antiga, marcava as horas. Durante tôda a manhã abismou-se no seu sofrimento, nas suas cogitações, suspirando, sem vontade, vencida, acobrunhada, incapaz de reagir contra uma prostração que a extenuava...

D. Joana tinha quarenta e dois anos, era graciosa e dotada duma bondade natural e simples

que conciliava imediatamente o affecto das pessoas com quem convivia, sem recorrer a artificios, a maneiras estudadas. Casára aos dezoito anos, quando a sua mocidade dava flor e a sua beleza resplandecia, com um homem muito mais vèlho do que ella, mas que se destacava pela fidalguia, pela delicadeza, pelas finuras de sociabilidade e que dispunha duma avultada fortuna territorial. Fôra um casamento de conveniência em que o seu coração não intervierá. Apesar de ter sido uma esposa irrepreensível, por dignidade, por virtude espontânea, por orgulho, nunca amou o marido. O seu amor de mulher guardava ainda a virgindade e o mistério. Alta, elegante, as suas linhas fisionómicas eram nítidas e duma correcção aristocrática. Mas o seu maior encanto, que exercia em volta d'ella uma espécie de fascinação irresistível, provinha dos olhos que eram grandes, dum negro líquido, estranhos, cheios de afabilidade — olhos enigmáticos como os de certas apaixonadas de Balzac — de expressão religiosa e serêna, impregnados duma tristura secreta que parecia denunciar ideais malogrados, sonhos que nunca se alcançam e que deixam para sempre uma saudade imperecível na alma.

Quando D. Joana falava, numa voz lenta e de puro timbre, o rosto illuminava-se-lhe, intensificava-se de vida. Na sua frente, que conservava qualquer coisa da graça e da pureza de modelação da adolescência, devia ter brilhado outrora



não a vivacidade amorosa mas uma formosura de essência espiritual. Observando-a, compreendia-se desde logo que ela havia envelhecido precocemente, talvez por ter sido forçada a reprimir ansiedades mais impetuosas, emoções mais violentas, num tempo já distanciado em que a sobressaltaria menos a necessidade de pensar do que a de sentir. Ficára viúva muito nova e com um filho pequenino. Os primeiros risos e os primeiros afagos da sua viuvez nasceram, precisamente, junto do berço em que a criança repousava e que, com essa meninice, embalaria também um destino de glória ou de infortúnio. Durante morosos anos de isolamento, em que se fechára a tôdas as solicitações do mundo, o filho fôra a sua consolação única, a sua suprema confiança, a sua meiga sedução. Duarte, que tinha apenas alguns meses, fazia sob as câmbraias, as rendas e as lãs quentes, um ligeiro volume, não era mais do que um corpinho leve e por formar: e, contudo, enchia a casa de luz, de perfume, de enlêvo, era a flor etérea do seu coração. Foi, de-certo, a aliança da sua mocidade sem alegria com a meninice que a dourou duma ingenuidade encantadora.

A atracção principal de D. Joana derivava duma juventude interior que, em determinados instantes, se lhe espelhava na face, imprimindo-lhe às ideias um vago e casto desejo. No entanto, êste desejo nunca a perturbou. Era uma sacrificada, dispondo da faculdade de pesar e de



compreender as coisas, procurando imprimir um valor moral à vida e conciliar a inteligência com a emotividade. Por isso mesmo, os homens que lhe apeteçiam a beleza e cobiçavam a fortuna, mantinham perto dela o temor respeitoso que a polidez do seu convívio e a nobreza do porte inspiravam.

Grande pela sensibilidade e pelo carácter, fortificada pela dura experiência do sofrimento, movia-se numa zona superior à vulgaridade e inacessível à audácia das sensualidades grossciras. Como a sua alma carecesse duma paixão que a apaziguasse, concentrou-se na paixão da maternidade e nela encontrou as felicidades e os gózos de que a sua existência fôra privada. O filho passou a ser tudo para ela, a partir dêsse instante. D. Joana não o amava só com a ilimitada abnegação, a dedicação profunda duma admirável mãe: — muitas vezes, descobrindo na adoração que a possuía e em que todo o seu ser se consubstanciava, um elemento desconhecido, perguntou a si mesma se ela seria legítima, isenta de mácula, purificada. Tinha ciúmes das pessoas que beijavam Duarte, que lho tiravam dos braços para o acariciarem, não se saciava de o ver.

Emquanto êle foi de colo, dormia no berço ao lado do seu leito: e quantas noites, a horas mortas, acordou para o contemplar à claridade vaga da lamparina que derramava no aposento uma meia-tinta igual, harmónica e suave! Se Duarte

despertava, agitando os bracinhos rosados e cheios de roscas de carne tenra, ela descia logo da cama, pegava-lhe cuidadosamente, encostava-lhe a facezinha mole e còrada ao seu rosto, aquecia-o com o próprio bafo, passeava com os pés nus sôbre o tapête até que êle readormecesse.

De manhã, experimentava um júbilo indizível, quando a criança, madrugadora como as aves, galrava à primeira luminosidade diurna que entrava pelas frestas das janelas. A música desta saudação matutina tinha para a mãe ditosa uma ternura incomparável.

Depois, quando Duarte cresceu e teve de viver afastado dela uma parte do dia, para iniciar a sua educação, o amor de D. Joana não se atenuou. Longe dêle, não podia sossegar, vivia num cuidado permanente, sentia uma solidão assustadora baixando sôbre ela e transindo-a, temia desastres possíveis, acidentes de rua em que êle ficasse ferido: — e só recuperava a tranqüilidade quando o filho perto da noite regressava do Colégio, em companhia do criado, o José, que envelhecêra ao serviço da família do marido e que lhe trazia os livros amarrados por uma correia. Então, a presença de Duarte ressuscitava a casa soturna, sempre de *stores* corridos desde a morte do pai, o sr. Aleixo de Noronha, que repousava para sempre num sumptuoso jazigo, todo de mármore brunidos e reluzentes, do cemitério de Agramonte, onde D. Joana ia aos sábados, vestida de luto, e

com um ramo de rosas brancas, rezar durante longas horas.

Aos domingos e às quintas-feiras, Duarte tinha férias — e era um reboiço feliz na habitação. Saltava pelos jardins, jogando o arco; cavalgava vêlhas vassouras abandonadas, pondo na cabeça uma barretina de três bicos que o José, dócil aos caprichos do menino, lhe fazia com um jornal; perseguia os cisnes que nadavam no grande lago do parque, entre choupos e negrilhos, abaixando e erguendo o pescoço em ondulações rítmicas; obrigava o *Dragão*, um Terra-Nova de pêlo anelado e negro como azeviche, a pôr-se de pé, firmando-se nas patas traseiras e a acompanhá-lo nas suas marchas; ou então, metido no seu quarto de estudo, alinhava em fileiras soldados de chumbo e comandava batalhas furiosas, manejando mavóricamente a régua que lhe servia de sabre. A mãe, quando o surpreendia nestes brinquedos, ria saborosamente e contava às raras visitas da casa as diabruras do filho, sonhando já com a vitoriosa celebridade das guerras. O dr. Bernardo, desembargador aposentado e ainda parente de D. Joana, pelo lado do pai, que também fôra magistrado, puxava Duarte para junto d'ele, sentava-o nas pernas que tremiam pela idade avançada, e passando-lhe a mão pela face, perguntava-lhe:

— Tu queres ser general, não é verdade? Queres ter uma espada magnífica, uma farda com galões de ouro, um famoso bigode, um cavalo?

— Quero! — respondia Duarte com uma firmeza e uma seriedade que alegravam o serão.

— Perfeitamente! E hás-de vencer batalhas, como Napoleão I, conduzir exércitos ao triunfo, que sei eu!...

As senhoras, aterradas, pensavam que a vocação de Duarte para as armas se manifestava claramente: e pediam a D. Joana que o desviasse dessa carreira, que o contrariasse.

— Guerras, morticínios, crédo!

— Porque não? — atalhava o dr. Bernardo, sempre com Duarte às cavaleiras nas pernas. Pois saibam que é uma posição brilhante! E pena tenho eu de a não haver escolhido para mim.

— Jesus, mano! — acudia D. Quitéria, uma senhora muito devota que teria professado se ainda houvesse conventos, que ficára solteira e que sabia fazer maravilhosamente toucinho do céu, o doce preferido pelo irmão.

— Se assim tivesse acontecido — continuava o dr. Bernardo, — não diria que fôsse hoje um Aníbal, um Júlio César, mas talvez fôsse um Saldanha — concluía êle com uma gargalhada.

— Um Saldanha reformado e com bronquite crónica, primo — atalhava D. Joana.

Duarte revelava então uma inteligência viva, penetrante, compreendia com facilidade e assimilava rápidamente. Fez o curso dos liceus sempre com distinções em tôdas as disciplinas, o que encheu a mãe de vaidade. Esta vaidade era bem



nobre e bem desculpável — considerava ela. Com efeito, seu filho era também o seu derradeiro parente próximo, o único sêr em que ela poderia depositar as crenças, as esperanças, as consolações duma existência que não fôra feliz. D. Joana, que apenas conhecêra o pai, perdêra-o logo no seu segundo ano de casada, quâse ao mesmo tempo que o marido. Não tinha mais ninguém do seu sangue, a não ser aquele filho, que fôra como uma rosa desabrochada na fenda dum túmulo. Certamente por isso, o amor que lhe consagrava complicava-se de veneração e duma espécie de reconhecimento: e ainda por isso, havia na sua maternidade qualquer coisa do affecto conjugal. Por vezes, esta incompreensível, absurda duplicidade de sentimento envergonhava-a, quando se analisava minuciosamente, mas constituía também para ela uma fértil origem de satisfações e de renovações psicológicas. Duarte amava-a com idêntica profundidade. As suas almas entendiam-se lúcidamente e pareciam ligadas por uma simpatia fraterna.

Aos dezanove anos, Duarte saiu do Pôrto para se matricular na Faculdade de Matemática da Universidade de Coímbra. D. Joana fechou a sua vivenda e acompanhou-o, fixando residência na romântica cidade do Mondego, tam cheia de história, de tradições, de lenda, e vivendo como se fôsem dois camaradas de estudos.

Em Coímbra, Duarte e a mãe faziam a mes-



ma vida isolada e plácida do Pôrto. Habitavam uma casa modesta e recolhida fóra do bulício da cidade, que D. Joana alugou por cinco anos, encantada com a situação, com a beleza panorâmica do local e a sua paz envolvente e inspiradora. Da janela do quarto, no primeiro andar, Duarte descortinava, nas louras manhãs de sol, horizontes esplêndidos e desafogados, uma paisagem admirável composta de vastas planícies viçosas, de terras acidentadas destacando-se pelas constantes variações da côr, de arvoredos que espalhavam sombras inefáveis, de massas densas de verdura. Por vezes, povoações sossegadas branquejavam por entre os tronços dos choupos e dos plátanos esguios ramalhando ao vento, ou a fita clara duma estrada serpenteava como uma cobra através de pradarias, de vinhedos, de olivais de fôlha prateada, e uma doçura religiosa baixando, com a luz, do céu luzente e azul, mergulhava os campos nuna dormente espiritualidade e parecia comunicar à natureza uma alma e um sentimento poético. Nos momentos de ócio, Duarte esquecia-se, durante muitas horas, a contemplar êsse espectáculo que tanto o interessava e o comovia, pelo seu grande poder evocador. Fumando e scismando, curvava-se ao peitoril da janela que as roseiras de trepar, subindo pelas paredes, floriam tôdas as primaveras, e acordava as suas reminiscências históricas da Coímbra do bom rei D. Diniz, que tam ingénua e amorosamente encontrou, e da Coímbra de

D. Isabel de Aragão, a Rainha Santa, que no seu regaço brando e de sêda transformava as esmolas em rosas; relembra Inês de Castro, e o seu mal-fadado idílio com D. Pedro — idílio que se afogou num charco de sangue e que os poetas cantaram em versos de ouro.

D. Joana convivia pouco e quâse não saía, a não ser aos domingos em que ia à missa, em companhia de Duarte, a Santa Clara, sempre vestida de preto, na tristeza da sua viuvez. O mundo para ela confinava-se dentro de casa, onde tinha tudo quanto o seu coração amava. A sua alegria era o filho, que só a deixava para se dirigir às aulas e que recolhia imediatamente, depois dos trabalhos escolares, para se agarrar aos livros na áspera sêde de saber que lhe devorava a mocidade, enquanto a mãe, perto dêle, bordava ao bastidor e o silêncio embalava a morada feliz.

Durante os dois anos em que permanecêra em Coímbra, Duarte não conheceu as românticas boémias, as joviais estúrdias de estudantes pelas tabernas da Baixa, transformadas em Cenáculos onde uma ardente Musa entoava as canções flamejantes de rimas luminosas e radiantes como as frêchas de Apolo, as noites soluçantes de guitarradas, os passeios de barco no Mondego, quando a lua ascendia no céu estrelado, redonda como um globo eléctrico. D. Joana, temendo as disputas impulsivas, as loucuras da mocidade, pedia-lhe que a não deixasse só, inquieta pela sua ausência, na

ansiedade de tudo quanto de mau pudesse acontecer-lhe, longe dela; e Duarte, costumado a obedecer passivamente à vontade materna, que nunca infringia, ficava, contente por aquela adoração permanente que se não cansava, que o envolvia de suavidade e de afago e que lhe tornava a existência leve e ditosa. Saír para quê? Era um misantrôpo. Os seus condiscípulos chamavam-lhe irónicamente o *Filósofo*, comparavam-no, rindo, a Emmanuel Kant.

— Como Kant — exclamava entre gargalhadas o Pinto Braga, dirigindo-se a Duarte — tu dás diáriamente o mesmo passeio, de casa até à Universidade e da Universidade até casa. Só te desviarás dèste trilho rotineiro quando se ferir uma nova batalha de Valmy.

— Êscreverás a *Crítica da Razão Pura*? — perguntava-lhe o Filipe, um diabo moreno e cheio de vivacidade que ficava reprovado anualmente.

— A *Crítica da Razão Pura*, não direi — respondia Pinto Braga, traçando a capa; — mas é muito capaz de escrever um artigo de fundo sôbre qualquer coisa impura!

Duarte ria, os condiscípulos riam tumultuosamente; mas, fechadas as aulas, quando todos debandavam, em ranchos, para a Baixa, êle seguia inalteráavelmente para a sua habitação, sem se voltar, sem responder aos sarcasmos.

— Kant — gritava-lhe de longe Pinto Braga — anda daí connôco. Fizemos ontem uma des-

coberta prodigiosa: — encontramos um certo vinho branco capaz de embebedar a própria filosofia.

— Não posso, Baco! — retorquia Duarte. Que o tonel te seja propício...

Aos sábados, D. Joana recebia as raras famílias que freqüentavam a sua casa: as Lucenas Osórios, fidalgas de Viseu que tinham vindo instalar-se em Coímbra desde que o marido da mais velha, D. Amélia, para ali fôra como juiz; D. Sofia Olivares e sua filha D. Eugénia, uma loura ideal que lembrava, pela candidez e pela beleza, certas figuras místicas de Botticelli, irmã dum discípulo de Duarte, o Vitorino, considerado como o pulso mais rijo de tôda a Academia e que sempre acompanhava a mãe aos lentos e agradáveis serões de D. Joana. Enquanto as senhoras se entregavam a conversas intermináveis sôbre inofensivas banalidades, Duarte e Vitorino refugiavam-se entre os livros, revendo lições, fumando cigarros, espreitando da janela aberta aos eflúvios nocturnos, às lentas virações que vinham dos largos campos e dos vergeis, perfumando-se de seivas e de aromas, Coímbra adormecida sob a palpitação do gás, até que D. Joana, imperiosamente, os chamava debaixo, para o chá. Corriam então a vidraça, e desciam, sentando-se à volta da mesa coberta de pratos de doce e onde o líquido aromático já fumegava nas chávenas de porcelana fina e transparente de que se emanava um



tépido vapor. D. Joana estranhava, sorrindo, a falta de amabilidade dos dois, fugindo ao convívio das senhoras: e Vitorino acudia hilariantemente:

— Nada, nada! Primeiro que tudo, os nossos deveres familiares. Sômos filhos de Minerva, no dizer substancioso do meu professor de cálculo integral, e ela solicita-nos continuamente, como bôa mãe que é.

Duarte não arriscava uma palavra tímida; mas os seus olhos demoravam-se mais, numa carícia lenta, sôbre o rosto angélico de Eugénia, procurando os dela com insistência. Em certos momentos fitavam-se rápidamente, os seus desejos e as suas simpatias cruzavam-se e enlaçavam-se um minuto. Baixavam a fronte, comovidos, para esconderem o rubor da face que os comprometia...

Depois do chá, as visitas ainda ficavam, prolongando-se a palestra no comentário dos casos de maior sensação, divagando sôbre a efervescência política que enchia o país de alarido, sôbre a impiedade dos tempos, que fazia encolher de terror as Lucenas Osórios, muito crentes e tementes a Deus, e a própria D. Sofia, que era uma católica intransigente, enquanto Duarte, curvando-se sôbre o ombro de Eugénia, que sorria inersa na felicidade de saber-se amada, lhe implorava que fôsse tocar alguns trechos de música ao piano.

— Mas que há-de ser? — perguntava ela numa voz velada e em que havia tôdas as afabilidades.



— As *Danças Húngaras*, de Brahms, por exemplo. Nunca as ouvi interpretadas com tanta sensibilidade artística como por V. Ex.<sup>a</sup>

— Ora! Não diga isso!

— Porque não? Se é a verdade! — concluía Duarte.

Eugénia levantava-se, ia para o piano que repousava a um canto da sala, entre colunas de rica talha sustentando vasos com avencas, e desde que os seus dedos ágeis e brancos, em que fulgiam pedras de anéis, deslizavam no marfim do teclado, o rumor das conversações apagava-se, fazendo-se um grande silêncio. No fim, quando Eugénia fechava os cadernos da música e agradecia, muito enleada, as felicitações de D. Joana e dos convidados, Duarte, aproximando-se dela, apertava-lhe muito a mão, gaguejando louvores, confessando-lhe uma veneração, que aumentava de dia para dia.

— É admirável, admirável! — concluía êle.

Assim foi nascendo, na alma de Duarte, virgem de affectos por outra mulher que não fôsse a mãe, um profundo, absorvente amor em que se resumiu todo o seu sonho, tôda a sua aspiração, um sentimento que era uma flor divina perfumando-lhe a existência e prometendo-lhe uma ventura que não acabasse nunca, uma espécie de culto em que havia gratidões infinitas, reconhecimento, ingenuidade e pureza. Duarte deu-lhe desde logo e inteiramente a sua paixão, a sua consciência, a

sua própria individualidade, feliz por poder oferecer-lhe os mais elevados dons da sua personalidade psíquica e moral e renunciando a tudo pela ternura que o renovaria como homem. Como a sua adoração era sincera, não pretendeu escondê-la. Para quê? Pelo contrário, desejava, para sua vaidade e seu orgulho, que ela fôsse bem conhecida de todos. Vitorino, uma tarde, de volta da Universidade, disse-lhe de repente:

— Ouve cá, ó Duarte... Ando há tanto tempo para te falar nisto e vou adiando sempre, sem saber porquê, o assunto. Mas sômos amigos, não deve haver segredos entre nós...

— Que queres dizer? — inquiriu Duarte, parando na rua, diante da montra duma confeitaria.

— Quero dizer isto: — tu góstas de minha irmã!...

— Gósto. Para que hei-de negar? Gósto, e a minha maior ambição é casar com ela.

— Homem, agrada-me essa franqueza... E agrada-me também êsse casamento! Dá cá a tua mão... Não se fala mais nisso...

Ao chegar a casa, Duarte foi direito à mãe, contou-lhe a scena passada com o condiscípulo e revelou-lhe o doce segredo do seu coração que D. Joana acolheu com bondade, murmurando:

— Oh! mas certamente! A Eugénia é uma encantadora menina. Escolheste bem. Terei nela uma excelente filha!...

Havia, pois, uma suave concordância à volta

do seu amor. È tanto tempo, tímidamente, dela duvidára, pensando em hostilidades que não existiam a não ser na sua imaginação! A mãe apenas lhe impôs um sacrifício bem fácil de sofrer.

— Peço-te sómente uma coisa, e creio que não desobedecerás à minha vontade.

— Oh! mamã! Pois julga!...

— Não julgo nada. Tens vinte e um anos, estás muito novo. Acaba primeiro o curso. Eu mesmo falarei com D. Sofia, combinarei com ela...

— De-certo! Acabarei o curso e casarei depois! È obrigado, mamã — exclamou Duarte, beijando-a com enternecimento.

— Durante êste tempo, ireis aprendendo a conhecer-vos melhor um ao outro, porque o casamento é o acto mais sério da nossa vida. Dêle dependem a nossa felicidade ou a nossa desgraça irremediável — disse D. Joana com uma voz longínqua, uma voz que vinha dum passado já distante, ainda trémula das desilusões, dos desganhos, das amarguras recalçadas.

— Já nos conhecemos, mamã. O amor de Eugénia será a minha paz.

D. Joana ergueu lentamente os olhos ennevoados de lágrimas para o filho, contemplou-o durante alguns momentos e murmurou:

— A paz, o amor!... Que sabes tu dessas coisas? Eu tenho mais experiêcia e posso ser a tua mestra. A paz reside em nós próprios, na

nossa alma. Iludimo-nos quando supomos que uma simples mudança de atitude nos faz variar de sentimentos e de paixões. Êstes sentimentos e estas paixões são tam nossos como a consciência, que nunca nos abandona. E é infantil pensarmos que, fugindo dum meio que julgamos imperfeito e inquieto, fugiremos de tôda a inquietação...

— A mamã fala com um calor!...

— É para avisar-te.

— Mas que quer dizer com isso? Que perigo me ameaça? Tenho de esquecer Eugénia para sempre?

— Não! Tens de amá-la com tôda a constância, se ela te amar também e fôr digna da tua adoração... E creio que é!... Agora vamos jantar, que a criada já chamou.

Nessa noite, D. Joana e Duarte foram a casa de D. Sofia, havendo entre as duas mães, que se fecharam na sala de visitas, uma longa conversa. Como Vitorino não estava, Eugénia e Duarte puderam falar à vontade, afastados de tôdas as curiosidades. Ela, com um rubor que iluminava a sua beleza serena, folheava os *lieder* de Schumann: e Duarte, sentado numa cadeira estofada, um pouco distante, dizia-lhe:

— Talvez não saiba a razão que aqui trouxe minha mãe!...

— Não sei, com efeito — respondeu Eugénia, còrando mais.



— O seu coração não lhe revela nada?

— Ah!... —acudiu ela, erguendo-se nervosamente. Pois!...

— Sim! Trata-se do nosso casamento!...

Duarte levantou-se também, tomou-lhe a mão que ela não retirou e deu-lhe um grande beijo, profundo, imaterial.

— É uma promessa de felicidade que lhe faço! — acrescentou êle, já quando a mãe e D. Sofia entravam na sala, muito animadas e com os olhos brilhantes de alegria.

Duarte estava então no segundo ano de matemática, iam começar os actos. A Universidade encerrou-se daí a uma semana. Dois meses mais tarde estalava a guerra europeia com um fragor que fazia oscilar a vélha Europa. O canhão troava já nos campos de batalha, incessantemente, arrasando cidades, abrindo, rasgando o ventre inexaurível da terra, lançando pela sua negra goela a morte, o incêndio, a ruína. Um sôpro ardente de entusiasmo passava no coração heróico da mocidade, que admirava a França, o claro génio latino ameaçado pelas hostes germânicas invasoras, guerreiras e agressivas, e que imediatamente aclamou, vitoriou Portugal, quando o país se colocou ao lado dos Aliados...

D. Joana, caída sem alento sôbre o sofá, relembrava, agora que o filho já partira para as linhas da frente ocidental, todos êstes episódios confusos e ainda recentes e que no entanto lhe



pareciam tam velhos como a própria velhice, porque a vida foge vertiginosamente à nossa ansiedade. Redobrava de pranto, abatida contra o estôfo, soluços profundos abalavam o seu frágil corpo vergado, não encontrava consolação para a sua dôr de mãe angustiada. À sua roda, dentro de si própria, fazia-se um grande vácuo affectivo. A crueldade dos homens que se despedaçavam uns aos outros como se não coubessem dentro da existência com as suas ambições, levára-lhe tudo. A sua viuvez era mais êrma e mais vazia de ternura do que nunca. Voltaria Duarte do braseiro, do inferno das batalhas em que a floração humana caía ceifada pela metralha como as messes por onde passa a foice do cegador? Eis o enigma, a dúvida que lhe exacerbava o padecimento: — e, no seu egoísmo santo de mãe, surpreendia-se a pensar que, se o filho tam amado lhe tivesse morrido nos braços, não sofreria tanto como se êle morresse nos campos de combate, confundindo o seu sangue puro com o sangue de milhares de homens, massacrados pela mesma fatalidade, igualados pelo mesmo destino, apodrecendo juntos na mesma vala tenebrosa...

A porta abriu-se e a criada, entrando subtilmente, murmurou em voz baixa:

— Minha senhora, chegaram visitas.

— Visitas? Oh! Maria!... Porque lhes não disse!...

— É a snr.<sup>a</sup> D. Sofia e a menina!

— Ah!... Fez bem! Fez muito bem!... Que entrem para aqui...

Levantou-se, cambaleante, compondo com as pobres mãos trémulas os cabelos desmanchados, enxugando as lágrimas ao lenço... Eram pessoas consideradas já como sendo da família. Não teria pudor de chorar diante delas! E quando Eugénia apareceu, correu logo para ela, fechando-a num abraço, estreitando-a contra o seio que arfava, exclamando fóra de si:

— Minha filha! Minha filha!... Olha a nossa desgraça! Duarte partiu hoje. Cheguei há pouco da estação.

— Já o sabia! Recebi um telegrama ontem, prevenindo-me... e saí logo de Coimbra. Não fui despedir-me, porque Duarte mo proibiu. Não quis contrariá-lo... Não acha que procedi bem? — disse Eugénia.

— Procedeste! — acudiu D. Joana. Foi melhor assim. Talvez Duarte sofresse mais, se te visse na hora da separação.

D. Sofia, aproximando-se, com os olhos marejados, tentava pacificar aquela dôr veemente e transbordante, que se tornava cada vez mais angustiada; mas, na sua perturbação, não encontrava palavras de desafôgo.

— É uma tristeza, uma tristeza — repetia ela incessantemente. É o meu filho também vai para França, por estes dias!...

## II

Duarte estava ainda em Coímbra com a mãe quando, certa manhã, o exército alemão, avançando em massas formidáveis sob a flutuação das bandeiras, o estridor das fanfarras gloriosas, o ruído das carretas de artilharia, entrou no Luxemburgo onde reinava uma princesa adolescente e de origem lusitana e invadiu rapidamente a Bélgica, a nação que teria de ser a primeira sacrificada à ambição teutónica. O mais sangrento drama da humanidade ia começar. Presentido há muito tempo por todos os que seguiam em sobressalto a marcha da política europeia, a luta incessante das grandes potências que se lançavam na guerra ou para conquistarem uma hegemonia ou para imporem um domínio, uma influência, uma civilização, êsse drama estalava súbitamente e arrojava os povos uns contra os outros, desvairados por cóleras

vingadoras. Tôdas as nacionalidades do Ocidente poriam, ao serviço da conflagração estupenda, a sua alma, a sua inteligência, os seus músculos, porque o duelo era de morte e não haveria piedade para os vencidos. Com os homens, seriam mobilizadas também as crenças e as sciências: — as forças físicas e as forças espirituais. Deûs, a poesia, a filosofia, a arte, a literatura, pelejariam ao lado dos exércitos, nos imensos campos de batalha, como outrora Minerva armada pelejava ao lado dos gregos, em Platéa, oferecendo-lhes a vitória esplêndida. Nenhuma energia, nenhuma virtude, nenhuma faculdade humana, ficariam neutrais nessa feroz acometida em que os cadáveres se contariam por milhões. O próprio sentimento contribuiria poderosamente para o triunfo. A música, inspirando-se nas epopeias, criaria os cânticos patrióticos que exaltassem a fé pura dos corações. O recontro não seria apenas de espadas, de espingardas, de canhões. Nêle colaborariam os Bancos, as casas de crédito, os poemas em que se enternizasse o amor pelos heróis nacionais, os estabelecimentos industriais transformados em fábricas de munições, a unção religiosa, o orgulho de casta. O braço, o cérebro, o espírito, constituiriam elementos essenciais na solução do conflito que faria da Europa uma devastação e um cemitério. E que exemplos admiráveis se produziriam! A França começava já a dar êsses exemplos eloquentes. Nos doces dias de paz, as rivalidades po-



líticas, as opiniões opostas hostilizando-se infatigavelmente, activaram a discórdia inconciliável, a dissociação de tóda a família francesa separada por ideias antagónicas, o que dava ao estrangeiro que desconhecesse os valores psicológicos a impressão de que na República fundada sôbre os escombros do segundo Império, alguma coisa ia apodrecendo, como dizia Hamlet, e se quebrára para sempre a unidade imprescindível às pátrias fortes e progressivas. Contudo, na hora solene do perigo, quando as primeiras divisões tudescas, submetida a Bélgica, lívida e trágica, batiam já as fortificações da fronteira com as suas peças de grosso calibre, essa unidade restabelecera-se immediatamente, consolidando-se entre tóda a população. Reaccionários e liberais, monárquicos e republicanos, conservadores e anarquistas, padres e livre-pensadores, estreitaram-se no mesmo abraço fraternal, correndo às trincheiras para repeliem o adversário que, como em 1870, depois de Sédan, cobiçava Paris, a cidade que é um resumo da civilização contemporânea e que na sua queda arrastaria irremediavelmente a nacionalidade inteira.

Êste facto, de tam alto sentido moral, entusiasmava Duarte, que era um latino pela sensibilidade, pela educação, por orgulho de raça, e que amava ardentemente a França que o tinha ensinado a pensar, a compreender, a procurar a Verdade pela sciência e a Beleza pelo sentimento. A

guerra era, certamente, um mal, o maior flagelo das nações, a mais insaciável devoradora de vidas e de riquezas — mas como ela virilizava, renovava os povos decadentes e que novas fontes de grandeza, de prosperidade, de génio, de solidariedade, punha a descoberto!

Encerrado dias inteiros no seu quarto, diante de livros que não lia, Duarte considerava que a catástrofe sanguinolenta, de fogo e lágrimas, resolveria problemas que pareciam sem solução. Ela escreveria com lume, a traços ígneos, a história dum mundo que se afundava para servir de alicerce a um outro mundo futuro, mais belo, mais nobre, mais igualitário; ela refundiria as doutrinas políticas, sociológicas e morais; ela exerceria uma profunda influência ideológica e psíquica. Quantos pensamentos extintos a campanha fulgurante ressuscitaria, impondo-os como realidades imortais? Seguia ávidamente pelas narrativas de imprensa as operações militares, o movimento dos países envolvidos na tragédia, e observava com subtileza mental que já se não falava dos problemas sociais que tanto haviam preocupado os estadistas, como o anarquismo, o colectivismo, o pauperismo. O sentimento patriótico elevava-se, luminosamente, acima de todos os outros sentimentos. A discussão de teorias, de princípios, de sistemas, de instituições, fôra completamente banida, para que nada desunisse os que se batiam e morriam pela mesma aspiração sagrada. As tradições esquecidas

despertavam ao estrondo dos bombardeamentos. Foi uma alélua de luz e de graça!

Duarte notava a febre com que os homens, no tumulto dos combates, procuravam Deus e regressavam às origens tradicionais. No instante decisivo e angustioso de incerteza, todos os conscientes experimentavam a necessidade de elevarem os olhos para as coisas eternas, para as ideias infinitas, reavivando uma fé quâse expirante entre os crepúsculos melancólicos do scepticismo. Afinal — meditava êle — mais uma vez se comprovava a exactidão das afirmações de Gustave Le Bon. O homem era, com efeito, um produto do passado, obedecendo às tendências e às imposições duma ancestralidade de que não conseguiria libertar-se, a não ser por sucessivas e lentas acumulações de hereditariedade. Como estavam em êrro os que asseveravam o contrário! Também êle, antes de se desencadear o turbilhão da guerra, imaginava que apenas uma verdade existia na aridez terrestre: — a verdade científica. Mas agora, iluminado por uma outra claridade, via nítidamente que, sendo a fé um acto de adesão do espírito a determinadas proposições, é, em muitos casos, análoga à certeza. A dôr cruel dos nossos dias derivava, talvez, da circunstância dos filósofos haverem eliminado a emotividade religiosa da alma das multidões alucinadas, sem lhes prometerem a paz, o repouso que, para além da mudez glacial da cova, Deus lhes oferecia.

Desenvolvendo êste tema, Duarte verificava que a sciência era impotente para resolver diferentes problemas obscuros que alarmavam as sociedades actuais — porque a sciência é sempre objectiva, firmando-se em bases que, no fundo, nada mais representam do que actos de fé. Os destinos de ser pensante, especialmente a morte e a vida, eram mistérios que nenhuma voz augusta por enquanto havia revelado. Por isso mesmo, a fé seria indestrutível e incessantemente renasceria das próprias cinzas, como a Fénix da fábula. Ah! também êle fôra um transviado, mas agora reconhecia o seu delírio, o seu desvario!

Vitorino vinha diáriamente passar algumas horas com Duarte: e sentados à volta duma larga mesa em que os compêndios de estudo se amontoavam e de duas canecas de cerveja que êles bebiam vagarosamente, entregavam-se a controvérsias sôbre a guerra que tanto alvoroçava as inteligências, vendo através da vidraça a serena paisagem coimbrã, elegíaca e outonal, sôbre que parecia pairar, suspensa na atmosfera luminosa, uma saúdade indecifrável. Vitorino ria sonoramente das abstracções do condiscípulo, da sua teoria recente sôbre a fé, que achava não só inútil como dissolvente de tôda a vital seiva dos povos.

— Palavra de honra que nunca pensei que fosses um carola «emboscado»! — concluía êle. Hei-de dizê-lo a minha irmã.



E, acendendo um cigarro e soprando baforadas de fumo, acrescentava:

— Ou, por outra, não lhe direi nada. Terás nela uma aliada. Todo o coração feminino é apegado às coisas de Deus...

Então, Duarte irritava-se, atirava murros aos livros, bradava, furioso:

— Homem, nada de *blagues*! A ideia de Deus é a grande consoladora da tristeza actual. Ela terá para os que sofrem, para os que amam, para os que aspiram, uma importância definitiva, tornará mais brando o padecimento que se alastra, se derrama pela terra, será a geradora sublime de todos os elevados dons. Sob o seu influxo benéfico, sossegarão dentro de nós, nas intensidades da acção interior, as inquietações, as amarguras, as incertezas:— e a fraqueza moral há-de transmutar-se então em energia e em heroicidade, porque só aqueles que uma crença, um ideal, orienta, conseguirão triunfar.

— De maneira que, nesta guerra de hoje ...  
— atalhava Vitorino.

— Vencerão aqueles em quem a crença fôr mais profunda! — exclamava Duarte. Não o duvides.

— Portanto, Deus, o Deus secular das visões místicas, não é mais do que um general francês, russo, alemão, austríaco, britânico — mas em todo o caso um general.

— Bem! Assim é impossível continuar. Res-

pondes a ideias com ironias. É um processo como outro qualquer — concluía Duarte, levantando-se e curvando-se, pensativo, à janela que as trepadeiras em flor embalsamavam ainda e deixando errar os olhos pela amplidão panorâmica que sempre o mergulhava em contemplação e êxtase.

Vitorino, emborcando a sua cerveja, aproximava-se do camarada, perguntando-lhe:

— Estás zangado comigo? Se não admities o meu riso, admitirás então as minhas lágrimas. Chorarei, para te fazer a vontade.

— Zangado, eu? Que tolice!

Durante um momento, ambos silenciosos, embebidos no encanto, na pacificação da natureza que o sol tocava duma névoa ténue de ouro, emmudeciam, para melhor, mais intensamente sentirem a beleza. Por fim, Vitorino rompia o silêncio, inquirindo:

— É verdade, ó Duarte! A guerra durará muito tempo? Que te parece?

Duarte era optimista. Não, a guerra não seria longa, não iria além de três ou quatro meses. A Europa, as nações em armas, tinham o maior interesse em chegarem rapidamente à paz, para salvarem a sua fortuna, para não comprometerem o seu futuro. Uma luta que se ferisse por dois, três anos, com a ferocidade, o poder de destruição com que ela se iniciava, deixaria o Ocidente exausto e numa situação inferior perante a América do Norte. O ouro, de que a França possuía o têrço em

circulação no mundo, emigraria para os Estados Unidos; as potências, carecendo incessantemente de dinheiro e lançando, para obtê-lo, empréstimos sucessivos, contrairiam encargos que as forçariam a ultrapassar a sua capacidade tributária. A vida dessas potências seria um paroxismo se o conflito não se liquidasse sem demora. De resto, a esperança alemã tinha falhado completamente. Julgando que encontraria uma França desorganizada, fragmentada, abalada até aos seus fundamentos por incompatibilidades de partidos, de seitas, de oligarquias, de facções, encontrou uma França unida, disciplinada diante do adversário, ativa, épica, recebendo os germânicos na ponta das baionetas. A ofensiva teutónica não fôra fulminante, colhendo de surpresa um povo desprevenido. A resistência da Bélgica, que saíria da campanha com a vitória moral, déra tempo a que a França se concentrasse em face do inimigo para agüentar com intrepidez inquebrantável o primeiro choque.

— A Alemanha será, então, derrotada? — interrogava Vitorino.

— Mas certamente! O desastre abate-se já sobre ela, como um castigo justo.

É para mais nítidamente convencer o camarada, Duarte esboçava a largos traços o aspecto da conflagração mundial, naquele momento. A Rússia, com os seus inexauríveis milhões de combatentes, o seu inexgotável reservatório de homens, avançava como uma avalanche, como uma heca-

tombe, na Prússia Oriental, rechaçava os alemães em contínuos recontros, batia às portas de Königsberg, um dos últimos redutos a abater, para abrir o caminho de Berlim; a Inglaterra, fechando os mares com os seus couraçados, as suas cidadelas flutuantes, estrangulava a Alemanha num círculo de ferro que de momento para momento se estreitava mais, apoderava-se de todos os recursos indispensáveis à vitalidade do império germânico, capturava ou afundava a sua marinha mercante, paralizava inteiramente o seu comércio, não a deixava respirar, ameaçava-a com a fome, ao passo que a França e a Rússia a ameaçavam com as armas.

Quanto à Áustria, essa debatia-se, arquejava sob o cortante sabre russo, que retalhava o seu território, na marcha fulgurante sôbre Viena e Budapest. Que Vitorino não conservasse ilusões! O militarismo prussiano tinha vivido, como se dizia em Roma, nas éras em que Cícero era moço.

— Caramba! — interrompia Vitorino. Com que 'assombrosa rapidez resolves esta medonha contenda dos povos! No entanto, os próprios franceses são menos confiantes do que tu. Ainda ontem, num café da Baixa, eu e o Teixeira, o de medicina, estivemos conversando com um comerciante de Paris, chegado há dias a Portugal para tratar de negócios...

— E que vos disse êle?

— Pois disse-nos que tínhamos guerra para



largo tempo! É um homem muito ilustrado, muito culto, muito patriota. Sabe ver, sabe observar e formular juízos críticos, e mostra-se inquieto com a sorte do seu país.

— É ainda o terror que inspira o vencedor de 1870.

— Não, menino, não! As suas afirmações derivam de raciocínios, são justificadas com factos concretos. Durante quarenta anos a Alemanha preparou-se em silêncio para esta guerra, armou-se até aos dentes, pôs todo o seu poderío ao serviço duma vitória ardentemente desejada. A sua organização é prodigiosa, a sua capacidade guerreira formidável. Não se lançaria nesta aventura sem noventa e nove probabilidades de triunfo contra uma. O aniquilamento do seu exército seria o seu aniquilamento como nação. Não cederá facilmente.

— No entanto — acudiu Duarte — tôda essa organização, todos êsses preparativos, todos êsses cálculos, faliram lamentavelmente diante de Liège, de Namur, dalguns fortes belgas. Durante um mês, os milhões de baionetas alemãs deteem-se, hesitantes, quâse impotentes, ante um punhado de soldados e os canhões das fortalezas. E, ao mesmo tempo, a Prússia Oriental é invadida, os cosacos galopam em direcção a Berlim, a França forma nas fronteiras uma barreira de peitos, de corações, de carne e de ferro, que a Alemanha não conseguirá ultrapassar...

— Isso tudo é apenas um incidente sem grande significação.

— Ora essa! A significação é capital!

Fatigados, calavam-se por momentos, olhando para fóra, para o ar livre. A luz baixava, desfalecia, dourando nos altos a paisagem que entristecia gradualmente. A cidade, com a Universidade fechada, adormecia na pacificação envolvente. Todos os ruídos exteriores amorteciam na serenidade maravilhosa da tarde quente, refrescada por uma aragem que ascendia das bandas do Mondego e que era um afago, uma carícia inefável de brandura. Os estudantes tinham emigrado, aos ranchos, concluídos os actos, para o fundo das terras provincianas, para o campo, para as termas, para as praias, esquecendo alegremente os livros, os lentes, as obrigações escolares que os tiranizavam, os idílios amorosos com as tricanas da Baixa. Só êles, no meio desta jovial debandada, haviam ficado — Vitorino porque odiava a vida fútil das estâncias termais e balneares e porque a mãe, amando a casa, as suas comodidades, os seus confôrto de vélha, não gostava de deslocar-se: Duarte porque estava preso pelo coração a Coimbra, onde Eugénia vivia também. Sair da cidade para quê? D. Joana havia desorganizado a sua vivenda do Pôrto, onde não tencionava regressar senão depois do filho ter concluído o curso. Além disso, Coimbra era um sítio amável e deleitoso para viver os meses de calor e de férias, para uma

convalescença espiritual, sobretudo quando, encerradas as aulas, Duarte podia consagrar-se devotadamente à grande ternura da sua alma, ao amor que o absorvia e que era o seu maior encanto, a sua única razão de ser.

Ah! êsse amor infinito, profundo, dum despotismo tam meigo de sofrer! Perto de Eugénia, com quem se encontrava tôdas as noites sentindo fugir ligeiramente as horas sem dar por isso, era um outro homem. Ela completava-o, depurando-o de tudo o que nêle havia de imperfeito ou de inferior. Numa espécie de ebriedade dos sentidos, Duarte confessava-se, dizia-lhe as suas confianças, as suàs ansiedades, a ventura que da sua dedicação esperava: mas, por mais que falasse, sempre lhe ficava ainda alguma coisa que dizer — pensamentos para que não encontrava formas de expressão, emoções que não sabia traduzir em palavras e que pareciam assomar-lhe aos olhos, tímidas, vacilantes, suplicantes, indecifráveis.

Neste enlêvo que o amolecia de felicidade, Duarte idealizava a sua vida futura, que via lúcidamente, fácil e sem névoas. Ao deixar a Universidade com a sua carta inútil de bacharel em matemática, logo casaria com Eugénia e isolar-se-ia do mundo para dedicar-se inteiramente a essa adoração. A sua existência de homem rico deslizaria, sem sobressaltos, entre as brandas venerações da espôsa e dos filhos que viessem trazer-lhe, com a sua inocência, a alegria e o riso ao

lar, e entre a ternura da mãe, que tanto lhe queria e que amparava ao seu braço a tristeza duma viuvez dolorosa. Ficaria, talvez, na casa do Pôrto, tam cheia de recordações familiares. O norte agradava-lhe, porque compreendia melhor a gente que o povoava, porque o envolvia uma atmosfera menos artificial, porque conservava integralmente o carácter, os costumes tradicionalistas, não se desnacionalizando nem perdendo a fisionomia individual e secular. Era no norte que Portugal residia, certamente: — e êle era portuguez pelo sangue, pela raça, pelo sentimento cívico.

Desde que tinham começado as férias, Duarte saía tôdas as tardes, ia até aos cafés da Baixa, por onde cabeceavam de sono, monótonamente, alguns camaradas de estudos que permaneciam, como êle, em Coímbra, na curiosidade de saber notícias, de se envolver em discussões sôbre essa guerra que ardia na Europa em furiosas labaredas, ateando os incêndios formidáveis dum extremo ao outro do Ocidente. Sentava-se a uma mesa, reclamava o seu *bock*, acendia o cigarro, e os conhecidos apareciam logo, rodeando-o. Nem todos êles celebravam um puro culto à vitória dos Aliados. Alguns não escondiam mesmo a sua admiração por essa longínqua Alemanha da música e da metafísica, dispondo, desde Frederico o Grande, duma fôrça que vencia, que subjugava, que triunfava, fazendo relampejar ao sol a lâmina coriscante da sua espada. Entre os que gritavam



em voz alta o seu entusiasmo pelo império alemão, destacava-se um quartanista de Direito, o Roberto, que tinha viajado na Alemanha e lêra Fichte. Para Roberto, a fôrça era tudo, e no mundo apenas havia logar para os povos que punham essa fôrça ao serviço dos seus ideais. Duarte combatia-o tenazmente, em controvérsias acaloradas. Um dia, enquanto outros estudantes assobiavam em surdina e jogavam o bilhar, numa sala contígua, a contenda entre os dois exacerbou-se. Duarte não negava que a fôrça representasse uma superioridade na vida e na formação das nações civilizadas, não quando apenas arrojava às batalhas vastas massas de homens armados, mas quando, conjuntamente, se descobrava em faculdades criadoras, aptidões para o trabalho, elevação mental e moral, arte, seiência.

Dentro da concepção da fôrça como virtude suprema dum povo — explicava êle, aplaudido pelos que desejavam a vitória da França — cabe tanto a missão dum general de génio que conduz as suas hostes às epopeias luminosas, como a missão dum espírito excelso que, encerrado no seu laboratório, realize reveladoras sínteses de leis; que, pela poesia, defina o homem interior, e por um verbo eloquente, ensine, evangelize as verdades que não morrem.

— Não é isso, não é isso! — contradizia Roberto. A fórmula deu-a Fichte num resumo lapidar: — «O Eu é incomensurável, expandindo-se

até ao infinito; e como, no entanto, se sintia limitado, procura satisfazer-se constantemente pela acção.» Ora, a acção a que alude o filósofo não é um diálogo alambicado com as Musas!

As ruas desertas e dormentes sob a torreira do sol apenas eram perturbadas na sua pacificação por algum carro que passava arrastado ao trote de magros cavalos; sôbre as chávenas onde tinham ficado restos de açúcar zumbia o enxame das moscas; ouvia-se o estalo sêco das bolas do bilhar e o fumo dos cigarros fazia no café uma atmosfera azulada e espessa. Duarte, exaltado e interessando-se vivamente por todo o debate de ideias, replicava nervosamente às arguições do adversário, com uma verbosidade torrencial. Para êle, a noção da fôrça, em filosofia, confinava com a de causa. A ideia de causa implicava a de efeito, de mudança: a ideia de fôrça evocava a de resistência. Tôda a fôrça tendia a produzir um movimento, um deslocamento — e, conseqüentemente, determinava uma transformação.

— Homem, olha que eu não sou o lente — dizia irónicamente Roberto. Não estamos na Universidade, mas num café, que diabo!

— Não me interrompas. Agora, hás-de ouvir-me!

E continuava na sua demonstração matemática, como se, na realidade, estivesse desenvolvendo uma equação.

As transformações não se conseguiam sómente

pela fôrça visível, mas também pelo pensamento, que era uma fôrça invisível. O êrro dos que celebravam com os seus cânticos sonoros o ideal da fôrça, estava em a confundirem com a violência. A ideia que ligamos a essa fôrça exprime a potência que se possui para ultrapassar um obstáculo qualquer. Mas não se empregará um esforço permanente para escrever um poema, para pintar um belo quadro, para modelar uma estátua, para compôr um livro de história ou uma ópera, para fixar um sistema, para estabelecer um método ou descobrir um invento?

— Responde! — exclamava Duarte.

Roberto titubeava, hesitando na resposta; e Duarte acudia, triunfante:

— Aí está! Não sabes o que hás-de dizer!

E completava o seu raciocínio, afirmando que igualmente se desenvolvia um grande esforço para resistirmos a nós mesmos, às nossas tendências doentias, às nossas inclinações perversas, detendo o curso espontâneo das imagens e dos movimentos que se agitam na consciência. Esta faculdade de detenção exigia até a da vontade.

Por um momento, os jogadores de bilhar, surpreendidos com aquela veemência, com a vibração que Duarte comunicava às suas expressões, levantavam o taco e escutavam a palestra; e êle terminava:

— Eu sou um dos que pensam que o culto da fôrça — dessa fôrça que se impõe pelas armas, que

bombardeia cidades, devasta, arrasa, deixando atrás de si um fundo sulco de lágrimas, de misé-rias, de angústias — é inferior ao culto da fôrça que nobilita a humanidade sensível, o espírito uni-versal. Direi mesmo que nenhum povo consciente da nossa época admira êsse culto que apenas denunciaria nacionalidades aptas para a existência vegetativa, animal, incapazes duma vida subjectiva fértil em ensinamentos.

E explicava que um idealismo, que se resumisse unicamente na prática da religião da fôrça mate-rial, seria muito estreito e não poderia conter, no seu limitado espaço, a magnífica aspiração duma humanidade que ama a beleza e a verdade sôbre tôdas as cousas, que ergue estátuas aos seus repre-sentantes, quando êles se chamam Dante, Sha-kespeare, Descartes, Vitor Hugo, Beethoven, Schiller, Goëthe. A fôrça será sempre ínfima e transitória quando não revelar os dons divinos e a porção de idealidade que colocam os homens num plano imediato ao de Deus; quando sómente representar a grandeza temporal, que é efémera, tudo o que não seja perene, indestrutível. As co-lectividades que exclusivamente a veneraram, sem se preocuparem com a florescência doutras quali-dades de natureza interior, foram passageiras e vãs como o rumor do vento que foge sem espa-lhar sementes na terra, sem se derramar em per-fumes, em melodias, em hinos de vozes longín-quas e proféticas.



— Eis o que penso! — bradava Duarte. É é por isso que eu amo cada vez mais a França e desejo o seu triunfo, que será a vitória da liberdade e do direito, sem negar à Alemanha as suas virtudes intelectuais e artísticas, mais poderosas do que os exércitos com que o império germânico pretendeu escravizar a Europa e impôr o domínio alemão.

Roberto emmudeceu, com o cigarro no lábio; o Neves Guimarães, de filosofia, que era também um francófilo exaltado, levantou-se e abraçou Duarte, exclamando:

— Felicito-te! Estiveste admirável!

Mas o Teles Ferraz, guitarrista exímio e repetente de letras, anediando a marrafa luzidia de pomadas sôbre a testa, acudiu:

— Pois, meninos, eu não sou da opinião de Duarte. O mundo atravessa uma enorme rebelião moral — dizia êle, tirando a luneta e piscando à luz os olhos de míope; precisa de ser renovado. É que nação enérgica o renovará, lhe dará um método, uma disciplina, uma civilização? A Inglaterra? Mas a Inglaterra é o balcão gigantesco onde a Europa bate o seu ouro. Faz um colossal negócio, mas nunca criou nada. A França? Mas a França flutua, indecisa, entre o Sacré Cœur e o sindicalismo revolucionário. A Rússia?

È rindo estrepitosamente, brincando com a cadeia de ouro que lhe faíscava sôbre o colete, acrescentou:

— Ah! sim! Talvez a Rússia... A Rússia, com efeito... Eis a libertadora!

— Selvagem! — rosou Duarte, levantando-se. Adeus. Estou farto de dar à língua.

E quando êle saiu, já ao escurecer, mergulhando no tumulto das ruas que começavam a animar-se, a movimentar-se, houve um còro de louvores.

— Na verdade — dizia Roberto — êste rapaz tem muito talento. É duma argúcia, duma lógica, que o tornam temível nas discussões. E não é porque me convencesse. Eu tenho ideias próprias, de que não abdicó. Mas a verdade deve dizer-se!

— Muito talento! — concordaram os outros.

Apenas Teles Ferraz afirmou, desdenhosamente:

— Pois sim, mas não me respondeu...

— É que talvez não mereças resposta...

Na manhã seguinte, Vitorino entrando, alar-mado, em casa de Duarte, exclamou:

— Tu sabes uma coisa terrível?

— O quê, santo Deus?

— Disse-me ontem o Xavier...

— Quem é êsse Xavier?

— Um tenente-coronel de infantaria. Tu conheces perfeitamente...

— Não conheço; mas o que te disse o Xavier, afinal?

— Disse-me que se a guerra se prolongar por

um ano, Portugal enviará tropas à frente ocidental!

— Histórias! — atalhou Duarte. Isso é absurdo. Não creio na nossa intervenção armada neste conflicto. Que auxílio poderíamos nós prestar aos Aliados? Não são os homens que lhes faltam.

— Não sei! A verdade é que o Xavier é lá muito dos dirigentes e deve estar informado... Eis o que nos arranjou a Alemanha. Se a mobilização se fizer, seremos chamados também! Olha que brincadeira!...

Passeava a largos passos, muito inquieto, no quarto, de mãos nos bolsos e uma contrariedade espelhando-se-lhe na face.

— E eu que não nasci para Napoleão, menino! E mesmo tu, que és tam pacífico!...

Duarte folheava um volume da *Biblioteca de Filosofia Contemporânea* lançada por Félix Alcan, sem prestar atenção ao condiscípulo.

— Homem, diz qualquer coisa... Que diabo estás a lêr?

— Um livro magnífico, os *Ensaios Escolhidos*, de Emerson.

— Pois deixa Emerson, deixa todos os espiritualistas americanos, e responde-me. Iremos para a guerra?

— Creio que não — exclamou Duarte, fechando o volume e atirando-o para um canto da mesa. Contudo, havemos de senti-la também.

— E se tivermos de ir?

— Iremos! Porque não? Não me desagrada experimentar a comoção das batalhas. Será uma sensação inédita, neste tempo de estranhas sensações.

— Prepara-te, então. O Xavier garantiu-me que vai ser concentrada uma divisão em Tancos, para receber a instrução indispensável.

A porta abriu-se inesperadamente e D. Joana apareceu, dirigindo-se ao filho:

— Andava à tua procura para mostrar-te uma carta que hoje recebi do Porto. É do primo Bernardo... Mas em que falavam vocês ainda agora?

— Da guerra, minha senhora! — respondeu Vitorino. Dizia eu...

Duarte fitou no amigo o olhar intimativo, para lhe ordenar que se calasse, no receio de que as suas inconfidências atribulassem a mãe; mas D. Joana insistiu:

— Que é que dizia, então, Vitorino?...

— Futilidades... É que um oficial do meu conhecimento asseverou-me que Portugal mandará gente para os campos de batalha. Só nos faltava mais esta!

D. Joana sentou-se numa cadeira, cravou os olhos no filho como se quisesse perscrutar o que êle lhe escondia. Tinha empalidecido um pouco; o peito arfava-lhe. Realizavam-se os seus presentimentos, dava-se o facto que ela mais temia. Duarte era reservista. Se fôsse mobilizada a unidade a que êle pertencia, tinha de apresentar-se,



de partir com os outros, talvez para o sofrimento, talvez para a morte. E não haveria maneira de evitar a desgraça que súbitamente se abatia sobre ela, que toda a vida fôra desgraçada. Conhecia o carácter de Duarte. Era lial, era intrépido, era altivo, seria incapaz de praticar uma cobardia. Se o chamassem, não hesitaria um minuto. Desde que o conflito estalára com a sua bárbara fúria, e desde que Portugal se pôs fóra da neutralidade, colocando-se ao lado de Inglaterra, D. Joana viveu numa inquietação permanente: mas tranqüilizava-se, pensando que era rica e que, no momento do perigo, se refugiaría com Duarte num país estranho, onde estivessem ao abrigo de todos os riscos e fóra do alcance da lei militar. Uma vez, ao chá, falou nisto ao filho, que logo se insurgiu, dizendo:

— Oh! mamã, aconselha-me com tanta naturalidade uma tal vergonha? Fugir, eu? Não! Seria a primeira vez que teria de desobedecer-lhe, para defender a minha dignidade de homem! Mas sossegue. Não será preciso nada disso.

Sempre que daí em diante tocava neste assunto, sobressaltada com as notícias que chegavam até ela, encontrava Duarte irredutível na sua teimosia, fechando os ouvidos a todas as súplicas. E agora, Vitorino, inconsideradamente, trazia-lhe uma certeza.

— Vamos, então, para a guerra? — gaguejava ela, transida. E vocês irão também?

— Não, que ideia! Coisas de Vitorino. To-lices! — respondeu Duarte, para a tranqüilizar.

— Boatos, minha senhora, apenas boatos! — afirmava Vitorino, compreendendo por fim o mal que fizera.

— Não! Não são boatos. Vocês querem enganar-me...

É levantando-se da cadeira, correu para Duarte, abraçou-o, pediu, muito comovida:

— Dize-me a verdade, tôda a verdade!

— Juro-lho, mamã! Trata-se unicamente de boatos.

— Ah! então!... — murmurou ela, beijando Duarte. Então!... Mas lê a carta. É do primo Bernardo. Tem graça. Chegou-lhe lá a notícia do teu casamento e começa já a prègar moral, falando nos deveres dos maridos e das espôsas...

O incidente esqueceu, o tempo foi passando vagarosamente, a Universidade reabriu, circulavam as informações das vitórias alemãs derrotando os Aliados na batalha de Charleroi e do seu avanço sôbre Paris. O exército francês, em retirada, concentrava-se nas linhas do Marne, onde os germânicos sofreriam a derrota que salvou a França da catástrofe. O govêrno da República e o presidente Poincaré refugiavam-se em Bordéus, diante da invasão que avançava incessantemente, sôbre cadáveres, sôbre destroços de cidades calcinadas pelo ciclone da metralha. Uma raiva surda fermentava na alma latina.

Duarte, que confiava sempre, não podia admitir que a força aniquilasse o direito. Para êle, esta guerra fulgurante era a luta pela fé num ideal, pela devoção à humanidade, ao valor das nacionalidades, contra a violência, contra o desprezo da dignidade humana, contra uma organização tirânica destruindo o indivíduo e produzindo, por isso mesmo, a identidade dos sentimentos e das vontades. E desejava, exaltadamente, combater também, em defesa de tudo o que o mundo latino reconhecia em si como superior: — a beleza, a bondade, a santidade, a justiça, virtudes julgadas inferiores e transitórias pela filosofia alemã...

Inesperadamente, no fim do seu terceiro ano, recebeu ordem para se apresentar numa escola de oficiais milicianos — e foi em sua casa um pavor. A mãe chorava, angustiosamente, agarrada a êle, fitando-o nos olhos e revelando uma espécie de inconsciência, atraíndo-o para o peito, repelindo-o, para de novo o abraçar com desespero. Pedia-lhe que se não apresentasse, que fugisse com ela para a Espanha, para a Suíça, para qualquer país onde pudessem viver serenamente.

— Não, mamã! Seria uma nódoa na honestidade da minha vida.

— Mas, filho, eu morro, eu não sobreviverei a esta dôr. Atende-me, por piedade!

— Não, mamã!... Teria nojo de mim mesmo. A mãe, que tanto me ama, é incapaz de obri-

gar-me a praticar uma indignidade. De resto, ninguêm me diz que eu vá para a guerra. Estas mobilizações, estas escolas de oficiais milicianos, são ainda o eterno artifício nacional.

Eugénia veio também, implorou com lágrimas, abalada por grandes soluços que faziam arquejar o seu lindo e frágil corpo.

— Não vás!

— Oh! meu amor! Que ternura e que dedicação poderias tu consagrar a um homem que se desonrasse, fugindo por mêdo! Quando mais tarde pensasses nesta fuga vergonhosa, havias de desprezar-me — afirmava Duarte, irreductível.

Ela beijava-o, carpia-se, falava em morrer, mas Duarte não cedeu. Deixou Coímbra, com Victorino, que fôra seu companheiro de estudos e que seria seu companheiro na guerra, foi para Lisboa, vestiu um fardamento com orgulho, fez um tirocínio activo: e daí a meses, já com os galões de alferes, saía para a França com o primeiro contingente de tropas que Portugal mandava aos campos de batalha. D. Joana, no seu sofrimento de mãe e na solidão da sua casa do Pôrto, para onde voltára — porque já nada tinha que fazer em Coímbra — pensava que para ela estava tudo acabado. Apenas uma ténue esperança a prendia à vida.



### III

Os primeiros tempos passados em França foram para Duarte uma áspera iniciação e uma tortura permanente. Desembarcára no Havre, com o seu regimento, entre as aclamações da população franceza que saúdava, cheia de entusiasmo e de confiança, os novos aliados, indo bater-se e morrer pela doce terra da *Chanson de Roland*, de tam claro génio e de tam imperecível beleza. Avançando nas ruas com as tropas, de soberbo ar marcial sob a flutuação das bandeiras ondulando ao vento, sentia um grande orgulho no fundo do coração — orgulho pela sua gente, pelo seu país pequenino mas de tam gloriosa história, que se nobilitaria na consciência europeia. Tudo o que o rodeava tinha uma novidade e uma atracção para os seus olhos, a atracção do que é desconhecido: — as cidades, as architecturas, os monumentos,

as praças, os jardins, o próprio povo suportando a maior das catástrofes com inquebrantável heróicidade, mascarando a dôr por uma alegria aparente, por uma vivacidade que nunca desfalecia, seguro do triunfo, certo da vingança das humilhações sofridas desde a derrota de Sédan!

Ah! aquela era bem a raça prodigiosa com que Napoleão I conquistára a Europa, submetendo as nacionalidades, destronando reis, levando aos confins do mundo sensível o clamor da sua glória. Uma pátria assim nunca seria abatida, destroçada, morta. Resistiria às devastações, às carnificinas, aos turbilhões de fogo, ressurgindo mais bela e mais forte do seu sacrifício transitório!

Duarte julgára que ia entrar numa nação coberta de luto, debatendo-se, já extenuada, numa agonia dolorosa, e afinal encontrava uma França em plena actividade, reagindo contra todo o desmaio moral, intensificando o trabalho e a produção, querendo a vitória à custa das maiores angústias e abnegações, vivendo na febre transfiguradora do momento.

— É admirável! Admirável!—pensava Duarte.

A cada instante a guerra se lhe denunciava por imagens intensas, por aspectos dolorosos:—mutilados arrastando nos passeios a sua invalidez, encostados a muletas ou apoiando-se ao braço de camaradas cegos, carretas de artilheria que passavam, a galope, aeroplanos que levantavam vôo explorando os horizontes, ordenanças militares se-

guindo oficiais sem galões nas fardas, macas, trens sanitários, e soldados, sempre soldados, atulhando as calçadas e saindo de tôdas as casas, automóveis passando numa vertigem, como se a França inteira estivesse em armas, tôda ela fôsse uma caserna imensa e tomasse parte na batalha gigantesca de que dependia a sua libertação. De instante a instante, Duarte surpreendia as formações de tropas que partiam, grossos canhões que fugiam no fio do vento, num grande estridor de ferragens, esquadrões de cavalaria desfilando ao som dos clarins, combóios que largavam das *gares*, ao arquejar das máquinas potentes, apinhados de soldadesca que, às portas das carruagens, aclamava a França, gritava, com um vivo fulgor nos olhos:

— *Nous les aurons, les sacrés boches!*

Durante semanas, Duarte viveu deslumbrado na visão duma Epopeia maravilhosa, palpitando de emoção, sentindo crescer o seu entusiasmo por essa França que era a educadora dos povos latinos, a criadora de eivilizações, a mãe espiritual da Eúropa moderna. Mas o seu ardor arrefeceu quando certa manhã teve de seguir para um campo de manobras, onde o contingente português ia adextrar-se nos processos duma guerra que já não era de movimentos mas de posições, imobilizando-se em combates constantes de trincheira para trincheira.

Fazia frio, um frio intenso que o gelava, o

transia. A terra estava coberta duma espessa camada de neve que a endurecia, que o fazia sofrer e lhe despertava saúdaes infinitas do seu país de sol, de céu luzente e de temperatura suave. Uma vida ignorada começava para êle. Parecia-lhe que fôra, de repente, transportado para fóra da realidade. Esta obcecação mergulhava-o num alarmante estado de tristeza. Para se distraír, para esquecer, aturdiava-se no tumulto dos exercicios militares, cumpria rigorosamente os seus deveres de official, consagrando-se à instrução dos que iam dar a uma causa justa e humana a onda vermelha e fertilizadora do seu sangue generoso. e êle mesmo aprendia com as lições recebidas dos que havia mais dum ano pelejavam como heróis. Fôsse a sua marcha para a vitória ou para a morte, a consciência conservar-lhe-ia a intrepidez até ao fim!

Mas que profundas modificações operadas, em tão pouco tempo, na sua existência! Tinha a impressão de que acabava de acordar dum sonho. Meses antes, Duarte dedicava-se inteiramente aos livros, ao estudo, à veneração da mãe, que o adorava, ao amor de Eugénia, que lhe prometia, com um riso de candura, uma felicidade perene e que resplandecia na sua beleza de flor nova, que a aureolava, a dourava de luz, que tinha uma sensibilidade esquisita, a compreensão justa das coisas. E agora, distante de tudo o que fôra e das afeições que o enterneciam, julgava-se um outro



homem com uma diversa emotividade. Que seria feito dos seres que amava e de que a sua alma andava cheia, evocando-os continuamente sempre que dispunha dum brando e doce instante de paz? Viveriam, talvez, como êle, agarrados ansiosamente a uma ilusão, a uma esperança que poderia mentir, porque as horas presentes não representavam para a sua intelligência mais do que dúvidas amargas. Contudo, queria ainda enganar-se a si próprio, e surpreendia-se a idealizar um futuro venturoso e tranquilo. Se voltasse a Portugal, depois de ter conhecido os dramas em que a ferocidade humana se exacerba e haver sofrido tôdas as angústias, encontraria, finalmente, a serenidade ambicionada e bem merecida por tudo o que padecêra! A brusca transição, que fizera dum estudante de matemática um oficial de infantaria, desorientava-o. Precisava de se costumar a uma realidade inédita para os seus olhos e para a sua compreensão, de educar nela o seu ser moral. Observava-se minuciosamente e verificava que não tinha a psicologia dum homem de armas, dum guerreiro. O scenário que o rodeava desgostava-o intimamente. Não podia contemplar, sem que uma estranha melancolia se adensasse no seu espírito, as tendas de campanha elevando-se na planície extensa onde o contingente português acantonára, os sarilhos das espingardas alongando-se em fileiras intermináveis e relampejando ao sol, as sentinelas vigilantes

marchando sem repouso no seu passo monótono e cadenciado, as cozinhas móveis fumegando de manhã e à tarde, o movimento febril do acampamento, aviões que pairavam no céu como aves monstruosas de azas abertas, automóveis que chegavam e partiam logo, ordenanças que traziam e levavam ordens num vai-vem incessante, uma ruidosa multidão de homens fardados, rindo, gritando, trocando sarcasmos brutais! Ah! com que veemência Duarte lembrava, então, a recolhida Coimbra, com os seus arvoredos, a sua doce e meditativa paisagem de outono, as transparentes águas do Mondego correndo e scintilando à luz com um fulgor de jóia nas areias brancas que o sol dourava e onde salgueirais e choupos espalhavam oscilantes penumbras!

— A guerra é uma coisa bem cruel! — monologava êle.

O desalento que o devorava era, sobretudo, maior ao cair da noite, quando campos e aldeias se afogavam em sombras, e toques de corneta ou rufos de tambores subiam no ar imóvel do ocaso. Os soldados corriam em tôdas as direcções, dum lado para o outro, para responderem à chamada, a pouco e pouco se fazia uma solidão inalterável, apagavam-se tôdas as luzes, morriam todos os rumores. E nem um amigo mais querido, com quem trocasse impressões, ideias, sentimentos! Os seus camaradas viviam numa espécie de isolamento da personalidade psíquica, observavam-se

com olhares ou desconfiados ou hostis, não se abriam com sinceridade ao convívio, como se a dolorosa aspereza da guerra, em vez de aproximá-los, os afastasse. Vitorino estava mais longe, com a sua companhia, apenas com êle se encontrava em certos dias de folga, quando o serviço militar o não reclamava com uma disciplina dura e de ferro, a que era preciso obedecer. Nem um nem outro tinham conseguido habituar-se àquela vida agitada e rude.

A única alegria de Duarte era a de escrever à mãe e a Eugénia, diáriamente, na solitude da sua barraca, intermináveis cartas em que escondia a verdade para não atormentar adorações veneráveis, inventando episódios, narrando acontecimentos imaginários, afirmando-lhes que o fim da guerra estava próximo e que talvez êle nem sequer chegasse a entrar em fogo. Mas não revelava nada do desespero que o invadia, das extenuantes fadigas que lhe impunham, da saúde que o minava como um mal interior e que tantas vezes o forçava a erguer os olhos rasos de lágrimas para as bandas de Portugal, donde certa manhã havia saído, a bordo dum transporte, no permanente sobressalto do ataque dos submarinos!

As obrigações de campanha eram superiores às suas forças e era necessária uma vontade inquebrantável como a sua, para poder suportar as marchas e contra-marchas, os assaltos simulados,

as retiradas rápidas diante dum adversário fictício que avançava, as caminhadas de léguas sob a chuva que o fustigava, sob a neve que lhe trespassava as carnes e que cobria montes e campinas dum sudário branco. Depois, humilhava-o também a promiscuidade com uma gente que não era a do meio em que fôra educado, a convivência com criaturas que o não compreendiam e que não manifestavam por êle o menor interêsse. Mais do que o martírio do corpo, doía-lhe o martírio moral, que adquiria a intensidade dum suplicio atroz.

De quando em quando, a sua depressão emotiva e intellectual era tam forte, que chegava a esquecer-se de si mesmo, duma existência anterior, supondo-se um rústico sem cultura descendo ao raso das coisas inúteis, apagando-se na vulgaridade envolvente, como se uma repentina obscuridade se fizesse no seu cérebro. Abalava-o a desconfiança dissolvente de que não era ninguém, de que constituía apenas uma vaga forma humana que uma bala dissiparia mais tarde, nas batalhas fulgurantes, para que silenciosamente apodrecesse na comunhão fúnebre dos bichos e das raízes.

Os oficiais franceses e ingleses que instruíam o exército português, bisonhos, concentrados, orgulhosos, mas valentes e duma resistência incomparável, desfilavam hirtos, direitos, solenes, com um ar de superioridade que o irritava.



— Aí está — murmurava êle — para que viemos bater-nos generosamente, como arautos, como paladinos dum ideal!

Um domingo de tarde, sentado com Vitorino à mesa dum *bar*, numa cidade próxima onde foram passear, como dois *touristes* curiosos, falaram longamente do conflito, que fazia correr uma torrente de sangue, e da altivez dos seus camaradas britânicos que nem sequer nêles reparavam, consagrando apenas alguma atenção aos oficiais de patente elevada. De instante a instante, outros oficiais franceses, belgas, russos, entravam e saíam, fumando os seus cachimbos, rindo, bebendo grandes copos de cerveja, numa algazarra comunicativa. Estavam junto da porta, vendo a rua alagada de sol e animada por uma jovial multidão, gozando a beleza luminosa do dia de inverno e pensando que a essa hora, nas terras de Portugal, os sinos das igrejas tocariam para as novenas, nas altas tórres, haveria danças nos adros, ao som da viola e da harmónica, cantaria a codorniz nos matos quentes, voariam as pombas aos ranchos, nevando o azul da palpação das asas brancas. A todos os momentos, soldados em descanso surgiam de braço dado com lindas raparigas que os olhavam amorosamente — e muitos dêsses soldados eram portugueses. Vitorino, emborcando tranquilamente o seu *bock*, celebrava as qualidades affectivas da raça, que mais se acentuavam através dos tempos, exclamava:

— Outrora, os marinheiros de Vasco da Gama encontraram ninfas apaixonadas na Ilha dos Amores; agora, êstes diabos morenos fazem estragos consideráveis no coração das francesas! Que me dizes a isto?

— Que queres que eu te diga? — respondeu Duarte, alheado.

— Eu mesmo — continuou Vitorino — começo a sentir a necessidade de amar. E já arranjei um meigo idílio com uma encantadora loura que tem um modo irresistível de me dizer, ao ouvido: — *Oh! combien je t'aime, combien je t'aime!* Porque não fazes o mesmo? É delicioso!

— Oh! Vitorino! — atalhou Duarte, repreensivo.

— Menino, *à la guerre comme à la guerre!* — insistiu Vitorino alegremente. Minha bôa irmã não havia de magoar-se com essa tua infidelidade, porque ninguém iria dizer-lha!

Mas Duarte, aborrecido, desviou a conversa, que o melindrava, começou novamente a falar na guerra que estava tam perto e que êle nem sequer tinha visto ainda.

— Como te dás tu com êstes franceses e com êstes ingleses que a todo o instante nos lembram que nada sabemos da arte de matar homens? — perguntou êle.

— Óptimamente! E até tenho amigos em alguns dêles. A minha vaidade não se ofende com a superioridade alheia. De-certo, nós nada sabe-

mos; mas somos capazes de aprender, e mais rapidamente do que os nossos mestres.

Com efeito, nada sabiam! Haviam sido instruídos nos métodos da guerra de movimentos e de dia para dia a campanha oferecia curiosidades cada vez mais estranhas. Saíram de Lisboa para se baterem ao ar livre, e eis que os combates mais violentos se feriam debaixo da terra, em buracos, em tocas, em entrincheiramentos, em túneis abertos na rocha bruta. Os processos bélicos tinham passado por modificações estupendas, e era preciso praticá-los, para os compreender e para os realizar.

— É verdade! Tens razão! — concordava Duarte.

— Imagina a grande batalha moderna, com os seus milhões de homens e as suas poderosas máquinas — explicava Vitorino. Os princípios imutáveis da luta perduram, mas o seu elemento foi substituído, o seu modo variou.

A cervejaria enchia-se de soldados, de civis. Uma atmosfera espessa do fumo do tabaco azulando-se no ambiente, sufocava. Arrastavam-se cadeiras, batiam-se palmas, entrechocavam-se copos em brindes calorosos, tilintava dinheiro sobre o mármore das mesas. A dois passos de Duarte e de Vitorino, um oficial francês abraçava e beijava, entre gargalhadas, uma rapariga sentada ao seu lado, que bradava risonhamente:

— *Oh! le cochon! Mais tiens-toi tranquile, espèce de Cupidon!...*

Vitorino, com verbosidade meridional, diante de Duarte, que o escutava, interessado, ia falando sempre, dizendo que os movimentos estratégicos das furiosas massas de combatentes cederam o lugar ao movimento das massas de projecteis. As divisões e os corpos de exército já não eram cortados e envolvidos por manobras rápidas e audaciosas, sendo batidos pelos flancos e pela rectaguarda, senão graças ao dilúvio de granadas que, formando uma densa cortina de ferro, os isolava dos reforços, os separava das suas reservas, rompendo a união duma continuidade que foi sempre o primeiro factor do êxito.

— Nós deixamos Portugal com o cérebro atulhado de ideias velhas, Duarte, e a guerra renovou-se há dois anos, no imenso braseiro por ela aceso.

— Quantas coisas tu sabes, Vitorino! — elogiou Duarte.

— Tem-se estudado bastante, de-certo!

Mas um capitão alto, espadaúdo, com um pequeno bigode *en brosse* sobre o lábio, entrou inesperadamente, lançou um rápido olhar para a cerejeira, que transbordava de multidão, e logo cumprimentou afectuosamente Vitorino, com um acêno de mão, indo abancar à mesa, entre os dois. Vitorino apresentou-o a Duarte:

— O capitão Thiébault, meu amigo. O alfe-



res Duarte de Noronha, meu patricio, meu camarada de estudos e futuro herói.

Batendo as palmas, reclamou mais cerveja, imediatamente servida por uma rapariga sardenta com os cabelos ruivos ennastrados num grande laço de sêda branca.

— Sabe, Thiébault? Estávamos a discutir a maneira de fazer agora a guerra, que inutilizou quáse completamente a sciência antiga e provocou uma revolução profunda na táctica e na estratégia.

Thiébault acendeu um charuto, atirou o fósforo de cêra, ainda fumegante, para o passeio, e murmurou:

— É o tema obrigatório!... Que diabo se há-de discutir a não ser esta guerra feroz?

Ele batia-se desde agosto de 1914, fôra gravemente ferido na batalha de Charleroi, por um caco de granada que lhe rasgou um ombro, mas já em Verdun se encontrava no seu posto, serêno, exaltado por essa fé ardente na vitória que latejava no fundo de cada alma francesa. Para essa vitória transfiguradora vivia ainda, na glória, no alvorôço, no generoso entusiasmo de seu sentimento patriótico. Quando o contingente português chegára a França, foi indicado como instructor dos officiais, mas a monotonia da sua vida nova enchia-o de tédio, desejava impacientemente voltar às linhas de fogo, vibrar no alarido dos recontros, comandar as cargas de baioneta contra o inimigo, avançando à frente dos atacantes de

espada nua e faiscando, dardejando ao sol. Vitorino tinha-se-lhe tornado simpático desde logo, pela vivacidade da inteligência, pela mocidade, pela figura que era atraente e viril, e com êle acamaradava muitas vezes, interrogando-o sôbre coisas de Portugal, onde viviam um tio seu, que era comerciante em Lisboa, e uma prima com quem estava para casar, quando a conflagração estalou.

— Quantas coisas inúteis nós metemos na cabeça! — murmurou Vitorino. E, afinal, para não nos servirem de nada. A guerra actual é uma inovação!

Thiébault, bebendo o resto da cerveja e quebrando a cinza do charuto no rebordo da mesa, concordou.

— Na verdade, pouca coisa subsiste da sciência militar antiga — disse êle, enquanto na mesa próxima o outro oficial, que se divertia, sentava a rapariga nas pernas e continuava a beijá-la, ao passo que ela, já muito còrada, exclamava:

— *Ah! oui! Que c'est bon, de se desembêter!*

Thiébault, todo entregue à paixão da campanha formidável, encostando a face à palma da mão, continuou a sua palestra, mas pretendendo dar-lhe uma utilidade. Já que o tinham desviado para êsse campo, faria uma verdadeira lição. E, desenvolvendo o seu pensamento, disse que o ataque em forma de cunha, tam vélho como a própria guerra, persistia, sendo, porêm, as organizações defensivas de ambos os combatentes de tal

espessura, profundidade e consistência, que a cunha penetrava para imediatamente se embotar, não ganhando a mínima parcela de terreno. A ponta da mesma cunha não atravessava a vasta couraça de trincheiras por detrás das quais pelejava o formigueiro humano, coberto de lama, de suor e de sangue. Em vão as formações de reserva esperavam o sinal de penetrar pelo rasgão, pela fenda aberta na muralha de aço e de carne, e por onde podiam também ser lançados os esquadrões de cavaleiros que, para além das linhas de defesa, tinham um terreno mais propício para a manobra.

— É isso! É isso mesmo! — aplaudia Vitorino.

— Este facto — acrescentou Thiébault — determinou nos exércitos beligerantes modificações radicais, pois que a ruptura total das linhas é impossível.

É, documentando as suas afirmações, Thiébault explicava a supressão da unidade brigada, formando os regimentos as divisões e, por sua vez, formando as divisões corpos de exército, exércitos em grupos de exércitos.

— É o sistema alemão; é também o sistema francês — dizia êle. O regimento de infantaria é um mosaico, compõe-se de granadeiros, de fusileiros, de metralhadoras e de artilheiros.

Duarte e Vitorino fizeram um gesto de surpresa.

— Precisamente! De artilheiros — continuou

o capitão. Cada regimento possui três companhias de canhões:— uma de grande calibre e curto alcance, própria de trincheira; outra de lança-minas e ainda outra de campanha.

É esta combinação era lógica — afirmava Thiébault. Havia muitos anos que a união entre a artilharia e a infantaria fôra reconhecida como absolutamente indispensável à eficácia do combate. Recentemente, essa união estreitou-se mais, passando os dois elementos a constituir um só corpo indivizível.

— E a outra artilharia? — interrogou Duarte

Ah! essa artilharia, a que actuava por massas escalonadas a distância da frente de batalha, engrandecera-se no seu papel de protectora da infantaria. Deixára de ser auxiliar, para manobrar por si só, com o efeito formidável do seu número e da sua potência destruidora. Era ela que se encarregava, com o seu círculo de fogo, das tropas atacadas, impedindo que as reservas acudissem, dificultando o abastecimento de munições e de víveres, durante o tempo em que se desenrolavam as operações. Existia uma conexão perfeita nos organismos da batalha, postos em comunicação pela emaranhada rede telegráfica e telefónica e pela radiografia, desde a flotilha aérea até às brigadas de mineiros que perfuram as entranhas da terra para fazerem saltar as fortificações e os quartéis subterrâneos. Tudo é harmonia e automatismo nas multidões de combatentes que



se despedaçam! Assim era a guerra moderna.

Duarte e Vitorino, ouvindo Thiébault, que tinha um tam completo saber adquirido pela experiência, consideravam que ainda lhes faltava muito para compreenderem com lucidez êsse mecanismo tam complexo e obedecendo, no entanto, com ritmo, com regularidade matemática, a uma ordem, a uma voz; Thiébault, no entanto, dava-lhes esperanças, aludia com admiração ao exército português, tam inteligente, tam disciplinado, fazendo progressos constantes.

— Os vossos soldados — asseverou êle — contribuirão para a nossa vitória nesta guerra contra a própria guerra, como diz Barbusse no seu livro admirável, *O fogo*. Mais uma vez os franceses lutam não só para êles, mas para todo o mundo! — concluiu Thiébault.

Duarte felicitava-se por ver fazer justiça à sua raça, aos seus homens, ao exército a que pertencia e que viera de longe para a dramática e sanguinolenta jornada libertadora: e, então, um desejo ardente o empolgou: — o desejo de marchar para a frente, de sair da sua inacção, da sua incerteza, do marasmo que o enervava. A batalha devia ser mais emocionante do que o acampamento em que há tantas semanas permanecia, ansiando pelo momento decisivo da luta; mas Thiébault tranquilizava-o, numa voz sonora e firme:

— Descanse! Não deve esperar muito. Tem mesmo de assistir ao desenrolar das batalhas, an-

tes de tomar parte nelas. Esta iniciação é precisa.

Quando abandonaram a cervejaria, já a tarde baixava docemente, tocando do fulgor do sol os telhados altos, as copas dos arvoredos, as ruas, acendendo faíscas nas vidraças das janelas. Adejava um ar ligeiro e fino que picava as carnes como uma agulha e, para os lados do nascente, o azul do céu empalidecia. A cidade estava cheia de vida, de movimento, de ruído, surgindo a cada passo soldados aos grupos que passavam cantando, que entravam em restaurantes e tabernas e que davam a Duarte mais uma vez a impressão de que tôda a França, todos os povos da terra, combatiam. Foram caminhando, lentamente, pela rua atravancada de carros, de populaça, de militares que folgavam, e já coberta de sombra; mas, a certa altura, perto dum jardim êrmo onde numa taça de mármore se desliava um jôrro de água límpida, Thiébault despedira-se. Ficava na cidade, por essa noite, tinha de comparecer numa festa familiar com que se comemorava o baptizado do filho dum camarada, nascido já durante a guerra, ao estrondo terrível dos bombardeamentos e que seria mais tarde um combatente, na futura França vitoriosa. Duarte e Vitorino seguiram sós, à direita, por entre fileiras de prédios que começavam a espaçar-se, a distanciar-se mais uns dos outros, separados por quintais onde não havia flores e apenas verdejavam raras folhagens que a neve

queimava, por muros com grades de ferro pintadas de vermelho escuro. Por fim, chegaram ao extremo da rua, que se tornava mais deserta ao passo que o sol descia e entraram nos campos, que não eram viçosos, floridos, perfumados como os de Portugal. Invadira-os uma grande nostalgia, que os amoleceu de ternura. Olharam-se, como vidos e silenciosos, como se a ambos tivesse acudido o mesmo pensamento.

— Ah! Portugal, que nós tanto desdenhávamos em Coímbra, Vitorino! Tu lembras-te? Foi necessário sairmos de lá, para lhe compreendermos a beleza e a alma! — murmurou Duarte.

— É verdade! — concordou Vitorino. E tornaremos a vê-lo?

— Quem sabe?

Pensaram ainda em dar uma larga volta pela campina, através de veredas estreitas, de carreiros, para se recordarem melhor da pátria distante, mas o combóio que devia levá-los aos acampamentos partiria daí a duas horas e tiveram receio de se afastarem, de se perderem no caminho, de não chegarem a tempo. Decidiram reentrar na cidade, na tristeza merencórea do crepúsculo que descia rápidamente, desdobrando sôbre os telhados, sôbre os recantos de casaria, sôbre os ângulos das paredes, imensos panos de sombra que pareciam flutuar à aragem fria e que de momento para momento se adensavam mais. Apenas pelos pontos mais altos, pelos píncaros das tôrres, pelo

çume das serras que se elevavam ao longe, das bandas do norte, pairava ainda uma incerta poeira luminosa, um fugidio reflexo de sol. Duarte surpreendia-se de não ouvir cantar uma ave nas ramarias, desde que chegára à França.

— Naturalmente, emigraram com a guerra — lembrou Vitorino.

E de novo reviveram Portugal na sua emoção — êsse Portugal onde os laranjais davam flor todo o ano e onde em cada bosque, em cada sarça, havia uma bucólica orquestra de pássaros desde o nascer do dia ao morrer da luz.

Emquanto deambulavam ao acaso, observavam também, parando a todo o instante junto das *vitruines* das casas de modas, das montras das joalharias onde já flamejava a luz eléctrica fazendo scintilar as jóias, nos seus estojos de camurça, sob o fulgor da claridade, diante dalgum edificio de bela e pura linha architectónica, recolhendo nos olhos e no sentimento as imagens de tudo quanto viam. Por vezes, grupos de curiosos cercavam-nos, mirando-os da cabeça aos pés e murmurando:

— *Voilà les portugais qui viennent chez nous pour faire la guerre contre les boches...*

Os populares, ao cabo dalguns curtos momentos de contemplação, debandavam sorrindo e saudando-os amigavelmente, e êles continuavam o seu passeio, indiferentes a tudo, absorvidos numa infinita melancolia. Ao desembocarem numa pra-



ça em que se elevava um monumento, em mármore e bronze, a Gambetta, uma rapariga de grandes olhos sonhadores e brilhantes sob o veludo do chapéu, parou um momento a fitá-los: e Vitorino dirigiu-se-lhe logo, atirando-lhe a flor dum madrigal:

— *Dites donc, mademoiselle, est-ce que vous m'aimez un peu? Moi, je vous aime beaucoup, beaucoup...*

— *Ah! ce qu'il est drôle, mon Dieu!...*

Mas Duarte, puxando-o bruscamente pelo braço, para acabar com o diálogo que o irritava e com um espectáculo que enxovalhava a candidez dum amor que trazia na alma como uma luz divina, acudiu:

— Vamos, se não queres perder o combóio.

— Ah! sim! O combóio! Que maçada!

A rapariga de grandes olhos sonhadores afastou-se, rindo irónicamente, e êles marcharam, finalmente, para a estação, que formava uma vasta massa confusa e escura na solidão da noite que se tinha fechado. Os longos cais transbordavam de oficiais, de soldados que findavam o seu dia de licença e que, como êles, recolhiam aos corpos, depois de saborosas horas de amor, de folga e de comesainas pelas tabernas. Alguns dêles estavam, mesmo, ébrios, gesticulavam, gritavam, cantavam, cambaleantes, falavam em exterminar a tiro todos os alemães; outros, organizavam, rapidamente, sob os asfaltos, danças à moda de Por-

tugal, fazendo estalar os dedos no ardor das chulas e do vira, com o képi ao lado, o dólman desabotoado e uma alegria que os transfigurava.

Mas a locomotiva do combóio, que resfolegava, arquejava, deixando escapar opacos rôlos de fumarada e vapôr, lançou um silvo vibrante, e então tôda aquela turba de guerreiros em férias saltou para as carruagens, continuando a sua algazarra. Duarte e Vitorino tomaram também um compartimento de primeira classe. Tinham de viajar juntos até à próxima estação, onde se separariam, pois que as suas companhias bivaeavam em pontos diversos e distantes. Quando ficaram sós, experimentaram um fundo sentimento de inexplicável angústia. O combóio avançou sôbre os *rails* num violento estridor de ferragens, e em breve entrava na planície lúgubre, deixando a cidade ao longe, mergulhada em escuridão e no temor dum ataque súbito das aeronaves e dos aviões germânicos. Através das vidraças, êles não distinguiam mais do que formas fantásticas, vagas e negras, porque a treva devorava a noite soturna. A solidude mais os atormentava e mais exaerbava a sua lancinante saúdade. Ah! que vida, que desolação!

— Tu sabes, Vitorino? Tudo isto começa a tornar-se insuportável para mim! Antes o perigo emocionante dos combates, antes a fúria das batalhas.

— Homem, enquanto aqui estivermos, temos

ao menos uma certeza: — a de que vivemos. E ter uma certeza, na vastidão da dúvida universal, é já alguma coisa — respondeu Vitorino, com o cachimbo nos dentes.

— Não, não! A monotonia desorganiza-me e excita a minha amargura. Prefiro a guerra! Foi para isso que vim.

— A guerra! Mas tu ignoras o que isso seja. Thiébault tem-me contado horrores.

E acomodando-se no banco estofado, estendendo as pernas, Vitorino foi narrando ao camarada o que Thiébault lhe havia revelado. A existência dos soldados nos entrincheiramentos era duríssima, um suplício permanente. As chuvas torrenciais dêsse inverno hostil agravavam o flagelo. Às vezes combatia-se durante três noites e três dias, sucessivamente, sem que as tropas pudessem sair dos seus buracos, onde apodreciam os que tombavam sob as balas, exalando-se das suas carcassas gangrenadas, decompostas, um cheiro fulminante. O frio retalhava as carnes, gelava os pés dos vivos dentro do calçado, a água encharcava-os até aos ossos; e, apesar disso, tinham de pelejar. Nos raros instantes em que a fuzilaria se detinha ou se calava o fragor, a tempestade da artilharia, os homens, extenuados, procuravam repousar um pouco, encostados ao parapeito das trincheiras, com as pernas metidas em lama — uma lama viscosa e fétida. Depois, os canhões voltavam a roncar, os obuses sibilavam ao vento,

riscando traços de fogo nos ares e explodindo pavorosamente quando se abatiam sôbre os abrigos. Os combatentes despertavam, tiritando, reen-cetavam a peleja, espreitando o instante de matarem ou de morrerem, sentavam-se no charco em que permaneciam para mudarem de posição, lamentavam-se de viverem ainda, invejando os companheiros mais felizes a quem uma granada dece-pára a cabeça! Quando estas torturas acabavam, a tensão nervosa era de tal ordem que muitos choravam ou riam, sem saberem porquê, com o olhar errante, alheados de tôdas as realidades e num estado psíquico muito semelhante ao da loucura.

— Não, filho! Estamos assim muito bem! — concluiu Vitorino. Morrer, mas devagar, como disse o nosso bom rei D. Sebastião. A vida é bela e aqui te confesso que não tenho pressa de perdê-la!

Inesperadamente, porém, o combóio deteve a sua marcha vertiginosa, immobilizando-se, e um vapor de luz dourou os vidros das janelas. Vitorino levantou-se de salto, olhou para fóra.

— Adeus! — disse êle para Duarte. Cheguei. Tenho de sair aqui.

— Adeus! — exclamou Duarte tristemente.

Mais oficiais e mais soldados invadiram os compartimentos que outros tinham deixado vazios, aglomerando-se na *gare*, ruidosamente. Homens de boné agalado passavam com rapidez,



de lanterna na mão, dando ordens. Já de fóra, Vitorino ainda bradou para Duarte:

— Aparece quando tiveres um momento livre. Iremos assim ajudando-nos a viver um ao outro, que diabo! E olha, dou-te um conselho. Tu meditas muito, pensas muito, isolas-te demasiadamente, para sentires o sabor das coisas amargas. Convive, procura amigos, distrai-te!...

— Adeus! — repetiu Duarte, curvado à janela.

Novamente o combóio largou, acelerando o seu galope sôbre a via férrea, internando-se na densa treva, como um monstro, e Duarte recaiu nas suas lucubrações. Ah! de-certo, aquela inércia, no meio do paroxismo da guerra, exauria-o lentamente, tirava-lhe todo o interêsse pela campanha formidável que se feria sem repouso a mais de oitenta quilómetros de distância do seu acampamento e de que êle apenas sentia o desordenado tumulto quando o troar da artilharia grossa, fazendo oscilar a terra, chegava aos seus ouvidos como uma explosão longínqua. Quando deixára o Pôrto, prometêra ao primo Bernardo, ao desembargador aposentado, um capacete germânico, que havia de conquistar como um troféu, como uma prova do seu heroísmo: e estava havia seis semanas em França, não tendo sequer visto um alemão, nem mesmo prisioneiro, desconhecia o que fôsse uma batalha e só fazia uma ideia das trincheiras pelos trabalhos no campo em que a sua companhia se exercitava, sob a direcção de

oficiais franceses e britânicos. Que estava, então, a fazer, longe da sua Pátria, longe dos seus affectos, longe da sua casa e dos seus livros, se não combatia?...

Mas, súbitamente, lembrou-se da conversa que nesse dia tivera com o capitão Thiébault, um bravo endurecido nas pelejas, que havia saído de Saint-Cyr como alferes, poucos meses antes da conflagração. Na realidade, era necessária uma aprendizagem preparatória e essencial, para que cada um melhor pudesse cumprir, com o seu dever, a sua missão. A guerra moderna renovára todos os vèlhos processos rotineiros. Já não se tratava de amplas manobras nos extensos campos de batalha, em que os generais fizessem mover, como num taboleiro de xadrez, massas compactas de homens armados, em que de tóda a parte acudissem corpos de exército para se empenharem no recontro, desenvolvendo-se ao ar livre, em que as divisões de cavalaria se lançassem a galope, através de montes, de planícies, de ravinas, em perseguição dos vencidos debandando sob a saraiuada da metralha; tratava-se de combates intermináveis em que os soldados se não avistavam uns aos outros, acometendo-se à granada de mão, à baioneta, com gases deletérios, com líquidos que se inflamavam ao contacto com o ar, e em que o terreno, revolvido pelos obuses, se conquistava palmo a palmo, pela mina subterrânea que abria as entranhas do chão, sepultando, vivos, os adver-

sários, pelo ciclone de lume e de ferro que saía das goelas rubras das peças, pelas surpresas! Esta maneira de combater tornava quáse supérflua a experiênciã e a competênciã dos officiaes, obrigados a viverem com a sua gente debaixo da terra, como toupeiras. Por isso mesmo, tinha de continuar a sua instrução. Até quando? Era esta incerteza que o torturava...

O combóio chegou, finalmente, ao seu destino e Duarte saltou da carruagem, para desentorpecer as pernas que o frio anquilosava. Da estação até ao abarracamento em que se achava instalado havia ainda uma certa distância que êle percorreu a pé, abafado no seu capote, com as mãos enterradas nos bolsos e o cachimbo na bôca. O acampamento dormia na solitude noturna, sob a guarda das sentinelas. Quando entrou na sua moradia improvisada, Duarte encontrou uma ordem. Na manhã seguinte, um destacamento de tropas tinha de partir para a frente inglesa da batalha, não para combater, mas para se habituar à vida das trincheiras, debaixo dos bombardeamentos fulgurantes. Duarte era um dos officiaes que deviam acompanhar o primeiro contingente de portuguezes que iam ser iniciados no drama pavoroso. Recebeu, com alegria, esta notícia. Êmfim! A sua vida monótona interrompia-se. Ao tédio, succediam-se as fortes comoções. Sentou-se à mesa e escreveu, como de costume, à mãe e a Eugénia, cartas em que as não informava da sua marcha

para as linhas de fogo, mas em que vibrava nas palavras uma funda ternura. Agora, que se aproximava talvez da morte, a alma fugia-lhe tôda, num adeus e numa infinita saúdade, para os dois seres puros em que se resumia tôda a sua visão de felicidade terrestre!



#### IV

Depois da partida de Duarte para a guerra, D. Joana pensou em ficar no Pôrto durante todo o tempo em que o filho estivesse longe de Portugal, esperando-o ansiosamente na casa em que êle havia nascido, em que desabrochára a flor da sua infância e onde guardava ainda, como a recordação inefável de dias que não voltariam, os brinquedos que tinham sido o encanto da sua meninice. Ela mesma se sentia presa à habitação pelo passado, por tudo quanto aí amára e sofrera em longos anos duma existência que não fôra feliz. Ainda se lembrava com saudade da primeira vez que entrára nos seus jardins, logo em seguida ao seu casamento. Era na primavera, corriam horas de suavidade e beleza, circulava um ar fino e perfumado sob o azul do céu e os lilases, roxos e brancos, vergavam de florescências balsâmicas

que as abelhas cobriam de zumbido. Pelos canteiros noivavam as azáleas estrelando as folhagens com as vivas manchas coloridas das suas pétalas de sêda. As madre-silvas enroscavam-se nos troncos das mimosas, dos cedros, dos castanheiros da Índia, trepavam aos mais altos ramos nos abraços dos festões floridos: e as rosas orvalhadas desenrolavam por tôda a parte a graça idílica, a pompa aristocrática. A impressão de tanto esplendor recebida por D. Joana, nessa era já distante da sua vida, nunca mais se dissipou, conservando-se-lhe no sentimento como uma imagem de candidez e de frescura: e era sempre com interêsse e alegria que anualmente, antes de se instalar em Coímbra com Duarte, assistia à renovação primaveril dos lilases e das roseiras com a devoção com que celebraria um culto. Julgou, por isso, que aquela vivenda era essencial à pacificação do seu espírito, ao adormecimento da sua dôr, na crise aflitiva que a devastava — porque ali tudo lhe falaria do filho amado e ausente: mas, quando se viu só na tristeza dos extensos corredores da habitação, mergulhados em sombra, e das suas salas desertas, sem affectos, sem corações que junto do seu batassem mais fortemente, logo a assaltou o desejo de regressar a Coímbra, de tornar a ver a aconchegada e pequenina moradia em que ela e Duarte viveram juntos os seus últimos dias de felicidade e onde êle deixára até os seus livros, os seus papeis, as suas coisas mais íntimas e queridas.

Que faria D. Joana no Pôrto, na desolação do seu abandôno? O primo Bernardo, rabugento e vélho, refugiára-se com a irmã e a sua impertinente bronquite, numa quinta do Douro, onde se conservava ainda o solar da família — um vasto prédio de granito, com escadas exteriores, em pedra, que conduziam ao primeiro andar, varandas de ferro dando para a rua, alpendre sôbre o terraço, do lado da quinta, largo beiral de telha pintado de vermelho, onde as anórinhas faziam ninho, tetos de maceira nas salas e altos *lambrís* de castanho que pelo outono as maçãs aromatzavam.

A quinta era secular, tinha lagos entre fechados arvoredos, vergeis, pomares que davam carros de fruta, arruamentos de verde buxo onde as aves faziam ninho, grandes terrenos a horta e a vinha, lagares de azeite, adegas que, em outubro, o vinho novo atestava. D. Joana relembra-se gratamente de lá ter passado, em criança, meses seguidos, ainda quando vivia a mãe do primo Bernardo, a D. Márcia, uma senhora dotada de puras virtudes antigas que tinha umas mãos fidalgas, magras e muito brancas e que, pelas tardes românticas, tocava num vélho cravo páginas musicais de Cimarosa que se enterneciam dum encanto indefinível no deliquio da luz vespertina.

Quantas recordações dessas épocas plácidas e serenas agora renasciam na sua alma contristada! D. Márcia fazia o doce de marmelo com que en-

chia os covilhetes de vidro — e era D. Joana quem rapava gulosamente o tacho! A bôa senhora, que conservára sempre no rosto qualquer coisa de ingénuo e de infantil, ensinava-lhe a manejar os bilros com que tecia maravilhosas rendas de linho, narrava-lhe as vidas dos santos da sua devoção e tinha um geito brando de afagá-la, chamando-lhe seu amorsinho. Uma vez, D. Joana, fugindo para o fundo da quinta onde estavam as colmeias, bem expostas ao sol, junto a uma sebe, curvou-se sôbre um cortiço e ia sendo devorada pelas abelhas, que a picaram cruelmente no rosto, no pescoço, nas mãos. Gritou, aterrada, acudiu o criado, o Adrião, que a levou, em braços para casa, já com a face inchada e dores horríveis que a faziam sofrer muito. D. Márcia, alarmada, despiu-a, meteu-a na cama, tratou-a carinhosamente durante dois dias em que a febre a fazia delirar. Como ela tivera mêdo! Nunca mais se aproximou do lugar em que as laboriosas abelhas, douradas como as do Hymeto, fabricavam o doce mel.

Éra justamente nessa quinta que o primo Bernardo agora ocupava a velhice na cultura das flores e na leitura de obras latinas durante as noites silenciosas, folheando Horácio e Vergílio, traduzindo Ovídio e comentando Tácito. De lá escrevia algumas vezes a D. Joana, afirmando que o irregular clima do Pôrto, com os seus nevoceiros, as suas humidades, as suas bruscas oscilações de temperatura, lhe era nocivo à saúde, ao passo que a



serra, com os seus horizontes lavados e varridos de vento, o seu ar sêco e salubre, todo impregnado de seivas e de aromas silvestres, a água cristalina e pura — água filtrada por camadas grossas de pedra e saibro — o vitalizava, remoçando-o. — «Não se admire a prima — dizia o dr. Bernardo numa destas cartas — se eu sair daqui um novo dr. Fausto, vendendo a alma pelo amor dalguma linda Margarida...» E como D. Joana estava só e nada a prendia ao Pôrto, o primo Bernardo pedia-lhe que fizesse as malas e fôsse fixar a sua residência na quinta, até que Duarte voltasse da França, queimado pelo fogo dos combates, na imensa alegria de ter defendido uma civilização. «...Veja a prima que se realizou a minha profecia! O rapaz pertence à rara estirpe dos Napoleões» — terminava o magistrado, rindo inofensivamente, no momento em que D. Joana, na dorida ternura do seu amor de mãe, apenas tinha olhos para as lágrimas.

Ir para o Douro, aturar as caturrices do vêlho desembargador e as lamentações da irmã, que mirrara na sua virgindade e que passava horas inteiras a desfiar o seu rosário? Não! Sentiria com maior amargura a ausência do filho. Mas iria para Coímbra, onde teria junto de si Eugénia, que considerava já como pertencente à sua família, a mãe de Eugénia, as Lucenas Osórios, suas visitas permanentes. Em Coímbra, não lhe faltaria com quem chorar, quem tentasse aplacar-lhe

as suas fundas consternações. Escreven, portanto, a Duarte, informando-o da resolução tomada, certa de que êle seria o primeiro a aplaudi-la, e semanas depois, ela e as criadas chegavam a Coimbra por uma clara manhã dos princípios da primavera, quando já o Choupal reverdecia, abriam a porta da casa fechada havia meses, corriam as vidraças das janelas respirando para o jardim e por onde o ar e a luz entraram a jôrros, às luzadas.

Por momentos, os olhos de D. Joana reflectiam um contentamento pueril, quando ela se viu novamente na tranqüila morada onde, por espaço de dois anos e meio, não sofrêra uma contrariedade. Percorreu ágilmente todos os compartimentos, avivando scenas, episódios familiares, parava diante das cadeiras e dos sofás onde Duarte costumava sentar-se, como se êles conservassêem qualquer coisa da forma corpórea, da personalidade do ausente, foi acima, ao quarto do filho, onde encontrou os livros arrumados, por sua ordem, na grande estante de pau preto que atravancava tôda uma parede, esteve a contemplar demoradamente um volume aberto sôbre a mesa de estudo, perto duma jarra de faiança com flores sêcas que ela piedosamente guardou.

Em cima duma *étagère* de castanho, perto da janela de peitoril, destacavam-se, no banho luminoso, os retratos de Duarte e de Eugénia, que D. Joana aproximou mais, supersticiosamente, de-

pois de os beijar, para que sempre os unisse íntimamente a pureza dum amor constante. A sua vista procurava as coisas que pudessem evocar-lhe a imagem do filho, interessava-a tudo quanto lhe tivesse pertencido, aquilo em que as suas mãos houvessem tocado. Pegou mesmo num par de luvas que Duarte esquecera sôbre uma cadeira de vêrga e em que D. Joana queria, talvez, encontrar o calor da sua pele, a modelação dos seus dedos — êsses dedos que, com tanta ternura, a sabiam afagar. Não lhe bastavam as cartas vindas de França e que lhe traziam, benéficas mensageiras, notícias de Duarte: necessitava doutras emoções, de respirar o próprio ambiente que êle havia respirado, de dialogar mudamente com a sua sombra.

Tinha lido, antigamente, em Balzac, que a coragem das mães era infinita, e, no entanto, ela não possuía coragem alguma. Porquê? Seria mais profunda do que nenhuma outra a sua adoração materna? Não saberia ela ser mãe? Não encontrava na inteligência e no sentimento explicação para estas interrogações: mas, se era imperfeita, o amor purificava-a.

— Estarei aqui melhor do que no Pôrto, efectivamente — monologava. Sentirei a ilusão da presença da alma de Duarte!

Tôda a casa lhe falava dêle, como uma amiga que a sua desgraça de mulher penalizasse. Havia tréguas no seu sofrimento.

Logo nessa noite, como outrora, Eugénia e a mãe, D. Sofia, apareceram, a dar-lhe as boas-vindas, a amenizar-lhe a solidão. Joanna quis saber se Vitorino tinha escrito, se falava de Duarte nas suas cartas. D. Sofia, com os olhos ennevoados de comoção, afirmou que sim, que Vitorino escrevia constantemente e que se não esquecia de Duarte.

— São inseparáveis, como em Coímbra — disse ela.

Mas que consternação! Vitorino mostrava-se confiante, não perdêra a jovialidade — naturalmente para a iludir. Contudo, narrava-lhe horrores. Ainda três dias antes, em muitas fôlhas de papel, êle lhe contára a chegada dum combóio de feridos a que assistira, tôda uma mocidade mutilada pela guerra, uns sem braços, outros sem pernas, pálidos, magros, macerados, cegos caminhando às apalpadelas, com as mãos trémulas tacteando o ar, soldados com chagas incuráveis, um pavor. D. Joana, horrorizada, escondia o rosto com as mãos, soluçava; e Eugénia, reparando na sua perturbação, acudiu logo:

— Oh! mamã!...

— Mas então — disse D. Sofia — Duarte... Eu pensava que êle também narrava o que via!...

E, enxugando os olhos marejados ao lenço, concluiu com um suspiro:

— Ê para isto que vivemos. Que destino!...



Eugénia, para desviar o rumo da conversa, que entristecia o serão, falou em coisas fúteis. na doença da espôsa do dr. Brás, lente de Direito, que estivera à morte e que entrava agora em convalescença.

— Ela esteve doente? — interrogou D. Joana.

— Esteve. É muito mal. Os médicos não esperavam salvá-la.

— Coitada!... É com quê?

— Com uma pneumonia dupla.

— Hei-de ir vê-la, então — disse D. Joana.

Oh! por enquanto, a enfôrma não podia receber ninguém, estava muito abatida, muito fraquinha. O marido andava como doido, explicava D. Sofia.

— Imagine! Êle era livre-pensador, ria-se da igreja, dos padres, das missas. Pois até chegou a fazer promessas!...

— É não há mais acontecimentos notáveis por Coimbra? — perguntou D. Joana.

Não havia. Coimbra estava deserta, a frequência da Universidade ressentia-se com a guerra, na sua maior parte os estudantes haviam sido mobilizados, uma tristeza, um pesadêlo que acabrunhava as almas.

— É aí volta a mamã! — lembrou Eugénia. Para que havemos de falar nessa guerra?

— Pois em que havemos de falar? — inquiriu D. Sofia. Ninguém fala noutra coisa.

Eugénia levantou-se, foi para o piano, folheou

os cadernos de música, escolheu um dos trechos que Duarte gostava de ouvir-lhe, correu as mãos pelo teclado: e D. Joana, vendo-a tam tranqüila, sem manifestar a menor apreensão pelo noivo, teve a suspeita pungente da falta de sinceridade do seu amor: mas immediatamente repeliu esta dúvida, como absurda. Na verdade, que havia ela de fazer? Chorar? Carpir-se? E não ocultaria Eugénia, no fundo do seu coração, uma grande mágoa que recalrava para a não alvoroçar a ela? O que D. Joana julgava segura, indiferença, seria talvez delicadeza de sentimento. E para se penitenciar da injustiça praticada, ergueu-se vagarosamente da sua cadeira, aproximou-se de Eugénia, pousou-lhe a mão sôbre o ombro, exclamando:

— Duarte não se tem esquecido de ti, não é verdade?

Ela voltou-se, muito risonha, um pouco afogueada nas faces, respondendo logo:

— Oh! não! Ainda ontem recebi carta d'êlé. E sabe o que me recomendava? Que não deixasse morrer os craveiros que êle plantou o ano passado no quintal.

— Bem! — atalhou D. Joana. Precisamos de tratar d'esses craveiros. Vem amanhã almoçar comigo. Entregar-nos hemos ambas à jardinagem.

— Vitorino diz-me que êle está mais forte, que os trabalhos militares lhe tem feito bem — exclamou D. Sofia.

— Meu pobre filho! — lamentou D. Joana, ainda perto de Eugénia, que continuava a correr, maquinalmente, as mãos pelas teclas.

— Então, amanhã, faremos de jardineiras? — perguntou Eugénia.

— Bem vês... É preciso. Se os craveiros morressem, que diria Duarte? Pensando nesses craveiros, pensaremos igualmente nêle.

E com uma tremura na voz, pretendendo disfarçar a sua perturbação:

— Que vais tocar?

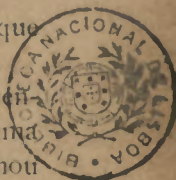
— As *Danças Húngaras*, de Brahms, que Duarte se não cansava de ouvir.

— Ah! então toca. Viveremos, por momentos, no engano de que êle está connosco. É uma delicadeza de tua parte, minha filha! — afirmou D. Joana, beijando-a.

Eugénia tocou, efectivamente, e durante alguns instantes D. Joana concentrou-se na veneração do filho, que a música, que êle amava com um tam fino senso artístico, lhe relembrava: mas a campainha retiniu fortemente, as mãos de Eugénia immobilizaram-se, de súbito, sobre o teclado, e D. Joana perguntou, com um sobressalto:

— Quem será, a estas horas?

Como vivia no terror permanente da notícia dum desastre a todo o momento esperado, a sua agitação era contínua. A angústia com que, de manhã, via aproximar-se o distribuidor do correio, com a saca de couro cheia de correspondência,



temendo que uma dessas cartas, a que lhe fôsse dirigida, lhe trouxesse um desengano terrível! E quando a recebia, com mãos que tremiam, o coração pulsava-lhe violentamente no peito, o sangue circulava-lhe mais apressadamente nas veias, empalidecia, tinha singulares hesitações, ficava-se com a carta entre os dedos, voltando-a dum lado e doutro, estudando a letra do *enveloppe* e apenas a abria quando tinha a certeza de que era Duarte quem lhe escrevia...

Mas uma criada, a Maria, entrou, anunciando as snr.<sup>as</sup> Lucenas Osórios:

— Ah! que entrem, que entrem! — ordenou D. Joana, correndo para a porta.

— Somos nós, na verdade! — afirmou a mais velha das duas irmãs, entrando. Soubemos agora mesmo que havia chegado hoje. Foi o cônego Bento que a viu sair do combóio. Ele esteve lá em casa, acompanhou-nos até à porta... Quisemos saber como tem passado, se precisa dalguma coisa, apesar da hora não ser muito própria para visitas...

— Ora essa! Até estimo que tivessem vindo. Tomam chá connosco e a Maria vai depois acompanhá-las. É uma prova de affecto.

Cumprimentaram D. Sofia e Eugénia, sentaram-se num rumor de sêdas amarrotadas, muito sorridentes.

— Vem, então, para Coimbra? — interrogou D. Vicência Osório. Faz bem.



— Vamos a ver se encontrarei aqui algum sossêgo, alguma tranquillidade para o meu infortúnio.

— Ah! uma calamidade, uma calamidade — atalhou D. Eduarda Osório. É logo as duas mães! Feliz de quem não tem filhos, porque não terá trabalhos.

Eugénia de novo se sentara ao piano, pousando a mão, que a luz dourava, sôbre o caderno de música.

— E teem recebido noticias, não é assim? — continuou D. Eduarda.

— Temos! — afirmou D. Joana. Duarte escreve-me regularmente. É o que me vale.

— É a mim! — asseverou D. Sofia.

— É verdade, oh! Eugéniasinha — disse D. Vicência — não sabe uma grande novidade?

— Não sei, minha senhora.

— Pois a novidade é esta: — encontrei, hoje, na Baixa, as Alarcões, as suas amigas, com o irmão, o Tomás.

— Estão cá?

— É para muito tempo.

Eugénia còrou um pouco, baixando o rosto sôbre o piano, que resplandecia de verniz sob o reflexo da claridade.

— O pai volta a residir em Coímbra, agora que se retirou dos negócios. Foram elas que o disseram. E perguntaram logo por si, com muito interêsse — explicou D. Vicência.

— Quem é essa família? — interrogou D. Joana.

— Oh! gente muito correcta, muito digna, da melhor — informou D. Sofia. Convivemos muito. Folgo que as Alarcões tivessem regressado. A mãe, a D. Teresa Alarcão, é uma santa: o pai, o Júlio Alarcão, um cavalheiro, um verdadeiro fidalgo! Todos encantadores no trato. Verá, D. Joana...

Eugénia tinha conhecido as Alarcões na Figueira da Foz, três annos antes, durante uma temporada balnear que foi deliciosa. Encontravam-se tôdas as manhãs na praia, sob os toldos que espalhavam na areia molhada uma sombra veludosa e rôxa; formaram logo uma roda à parte, tomava banho com elas, demoravam-se longas horas à beira-mar, quando fazia calor e o ar, vindo da imensidade oceânica, refrescando-se pelas águas dum verde transparente, era vivo e penetrante. Por vezes, o irmão, o Tomás, que era médico e que não exercia clínica, porque o pai era rico, sentava-se numa cadeira, junto das irmãs e de Eugénia, com uma pérola na gravata de setim preto, a calça de linho branco muito bem vinçada, o sapato de camurça mordendo a meia de sêda preta bordada a pequeninas estrêlas amarelas, uma flor fresca na lapela da quinzena de flanela azul. Tomás era jovial, tinha graça, era um encanto ouvi-lo fazer, em traços caricaturais, em palavras incisivas e humorísticas, o comen-

tário das belezas femininas da praia, saindo do banho com as roupas coladas ao corpo, uma toalha de feltro à volta do pescoço, grotescas. Dirigia-se constantemente a Eugénia, que tinha então dezoito anos e esplendia na frescura da sua pele, em que havia o tom do leite e de morango esmagado, e na sua graça de loura, exclamando:

— É curioso! Êste ano, tôdas as banhistas da colónia tem as pernas tortas! Já reparou, D. Eugénia?

Não! Ela não tinha reparado, apesar de ser mulher, e, portanto, curiosa.

— Pois, então, repare. Pobres senhoras! Estão a reclamar, urgentemente, a intervenção dum ortopedista.

— Oh! mano! — acudiam as irmãs. Que língua!

— Essa agora! Então eu minto? Diga, D. Eugénia, eu minto?

Acendendo um charuto, soprando o fumo à brisa marinha, Tomás falava muito em educação física, na vida ao ar livre, nos exercícios de gimnástica, para corrigir plásticamente uma raça que decaía, que degenerava.

— De maneira que, para o mano, as mulheres, para serem verdadeiramente belas, teem de ser acrobatas! — concluíam as irmãs.

Tomás ria, D. Eugénia ria e a palestra prolongava-se à luz pura que vinha dum céu azu-

lado, sob a aragem salina que afagava os rostos como uma asa de sêda, no esplendor da manhã estival em que a água scintilava, tremia ao sol, como ouro em fusão. Depois, na volta da praia, Tomás acompanhava as irmãs e D. Eugénia, que muitas vezes almoçava com as amigas, para imediatamente saírem de novo, ou para os clubs, a ouvirem um pouco de música, ou para os longos passeios nos arredores da cidade.

Em certos dias iam pelos caminhos cheios de sombra, entre sebes, esmagando as relvas viçosas com os pés, colhendo as madre-silvas que perfumavam tudo à volta, as dedaleiras venenosas com as corolas cheias de orvalho, e recolhiam tarde, um pouco antes de jantar; e à noite, outra vez se encontravam nos casinos, onde Tomás dançava sempre com Eugénia que sorria, enlevada, ao ouvir-lhe os louvores à sua formosura, à sua gentileza — louvores que ela achava tam doces como orações.

Entre a família de Tomás e a de Eugénia estabelecêra-se uma grande intimidade, que depois se estreitou mais, quando as Alarcões foram passar três semanas a Coimbra onde o pai, encantado com a cidade, comprára uma casa, prometendo ir para ali repousar na sua velhice, porque Lisboa estava impossível, com a política, com a indisciplina social, com tumultos que não tinham fim. Chegou mesmo a dizer-se que Tomás casaria com Eugénia, tam insistentemente a cor-



tejava, seguindo-a para tôda a parte, absorvido na sua beleza, procurando os olhos dela que lhe sorriam. E houve, na verdade, um *flirt* entre os dois, um namôro que começou, simpatias que se trocam, sentimentos que se enlaçam. Mas Tomás, um dia, foi para Lisboa, com a família, esqueceu-se de Eugénia, olvidou promessas inconsideradamente feitas, nem uma só vez lhe escreveu, como se quisesse deixar transparecer que o seu idílio não devia ir mais longe, e Eugénia, despeitada a princípio, com uma raivasinha secreta pela humilhação sofrida, esqueceu-o também. Não deixou, contudo, de se corresponder sempre, em cartas, com as irmãs de Tomás, de-certo por amizade, mas também por uma pontinha de orgulho. Assim, pensava que, mostraria claramente a sua indiferença...

Mais tarde, Duarte foi para Coímbra, encontrou-a, amou-a com exaltação e transporte, e um amor sério, que enchia tôda a sua alma, que era uma caríeia e uma felicidade, nasceu também no seu sentimento como uma flor pura. A partir dêsse momento, tôda a vida passada morrera para Eugénia. Estava noiva. Que lhe importava, na verdade, que Tomás estivesse novamente em Coímbra? Ouvia o seu nome com serenidade. Era um desconhecido para o seu coração! No entanto, quando D. Vicência lhe deu a notícia do seu encontro com Tomás e com as irmãs, experimentou uma certa perturbação. Porquê? Natural-

mente, timidez, o receio de que D. Joana viesse a conhecer o devaneio sentimental da sua mocidade!... Tranquilizou-se, porém, ao cabo dalguns momentos de reflexão. O seu *flirt* com Tomás não tivera uma publicidade alarmante, ficára como um segredo entre os dois. Apenas à volta d'ele se havia tecido uma pequenina teia de intrigas, de bisbilhotices, de murmúrios, de suposições sem fundamento, olvidada havia já três longos, dormentes anos. D. Vicência nada sabia.

— Mas a Eugéniasinha não diz nada? — interrogou D. Vicência, quebrando o silêncio.

Ela levantou-se do piano, puxou uma cadeira, sentou-se entre a mãe e D. Joana, sorrindo do seu cansaço, da sua inexplicável fadiga, e murmurou, naturalmente:

— Que hei-de eu dizer, minha senhora? — Éstimo que as Alarcões estejam em Coimbra, na realidade. São minhas amigas!...

— E das sinceras, das liais! — acudiu logo D. Sofia.

— O que elas vão morder-se, quando souberem que a menina está noiva! — exclamou D. Eduarda.

— É porquê?

— Ora! Tódas as raparigas novas gostam de casar-se mais cedo umas do que as outras. É uma vaidade a que não são superiores, não é assim, D. Joana?

— Eu, por mim, não me lembro de que ti-

vesse sentido essa vaidade, D. Eduarda — atalhou D. Joanna, sorrindo tristemente.

Mas as horas fugiam — o relógio da sala marcava as onze — a noite avançava, Coimbra adormecia. De fóra, das ruas, não vinha o menor ruído e a vélha Brázia, uma das criadas de D. Sofia, havia chegado para acompanhar as senhoras. Então, Maria, com um avental branco sôbre o vestido preto, veio dizer a D. Joana que o chá estava na mesa, e tôdas se levantaram, dirigindo-se à sala do jantar, já com flores frescas nos solitários cheios duma água que se irisava à luz. Era perto da meia noite quando as visitas saíram, trocando os beijos da despedida: as Lucenas Osórios, que moravam num bairro próximo, seguidas por Maria; Eugénia e a mãe, que viviam num prédio recoberto de azulejos ao fim da rua, acompanhadas por Brázia, embiocada no chale. A cidade cabeceava de sono, quási às escuras. Passavam raros estudantes retardatários, apressadamente, com a capa pela cabeça. A noite estava duma serenidade maravilhosa. Nos céus distantes dardejavam cardumes de estrelas pespontando o veludo negro dos céus e não corria uma viração. À porta da rua, D. Joana disse ainda a Eugénia:

— Então, não te esqueças. Amanhã almoças comigo. Depois, jardinaremos.

— Certamente!

Mas logo nesse dia, as Alarcões apareceram

em casa de Eugénia, inesperadamente, muito risonhas, pouco antes da hora em que ela devia sair para o almôço combinado com D. Joana. Entraram na sala como uma revoada de aves, chalrando, muito joviais, muito vivas, abraçando D. Sofia, abraçando Eugénia, pedindo desculpa da visita matinal.

— Mas, como se trata de pessoas amigas, não fizemos cerimónia — explicou a Ritinha Alarcão, uma encantadora morena com uns olhos inquietos e negros iluminando-lhe tôda a face, emquanto as duas irmãs, a Rosa e a Laura, com as mãos de Eugénia presas nas suas, lhe censuravam a teimosia de nunca ter querido ir passar alguns dias a Lisboa, por mais que tivessem insistido com ela.

— Fizeram muito bem! É assim mesmo. Nada de convencionalismos entre nós! — disse D. Sofia, dirigindo-se a Ritinha. E a mamã e o papá? Bons, não é verdade?

— O papá, êsse, sim, está magnífico. Mas a mamã, coitada! Vai-se arrastando... Parece que tem qualquer doença de coração. Ouvi-o eu dizer ao médico, por meias palavras... Quando vai vê-la? Porque viemos aqui oferecer-lhes a nossa casa!

— Bem de-pressa lá iremos de-certo... Num dia próximo.

Eugénia desculpava-se com as amigas. Não podia, na verdade, sair de Coimbra, deixar a



mamã só! Mas tivera uma pena imensa, porque não conhecia Lisboa.

— De mais a mais!... — acudiu Rosa Alarcão. Que Lisboa agora já não é o que foi no tempo da côrte. Há menos luxo, menos distincção. A República fez de Lisboa um deserto, uma coisa insuportável. E depois, sempre o mêdo de desordens, sempre o temor de novas revoluções, um inferno. Ah! estavam muito contentes com a ideia do papá em ter vindo definitivamente para Coímbra!

— Cá por casa, agora, a alegria é pouca, depois da partida do mano Vitorino para a guerra.

— É verdade! — exclamou a Ritinha Alarcão para D. Sofia. Então, seu filho!...

— Para lá está, para a França! — respondeu D. Sofia tristemente. Êste acontecimento tirou-me anos de vida.

— Uma desgraça!...

E também elas viveram dias duma grande aflicção. A mamã havia chorado muito e envelhecido mais, levando horas seguidas a suspirar estendida num divan, sem querer ver ninguém...

— Mas porquê, porquê? — interrogou D. Sofia.

— Por causa do mano Tomás, que esteve arriscado a seguir para a França como médico miliciano! — explicou Ritinha Alarcão. Felizmen-

te, como nunca tinha exercido clínica, desde que concluíra o curso, conseguiu ficar no país até novas ordens, depois de requerer nesse sentido ao ministério da guerra. E parece que não irá. Estamos tranqüilas.

— Também veio para Coimbra, o mano Tomás? — perguntou D. Sofia.

— Sim, minha senhora. Veio.

Mas Eugénia levantou-se, viu as horas no relógio de ouro, com esmaltes, da sua pulseira — uma prenda de Duarte — pediu licença às amigas. Que contrariedade virem logo nesse dia, quando tinha de ir almoçar fóra de casa, passar tôda a tarde com D. Joana, que a esperava!

— É a mãe do noivo! — revelou com D. Sofia, com um olhar vitorioso.

Do noivo? Que grande surprêsa! Pois Eugénia ia casar e não tinha dito nada, fazia segredo da sua felicidade para as amigas? Ritinha Alarcão afirmava que aquele mistério era quâse uma ofensa! E, voltando-se risonhamente, para Eugénia, exclamou:

— Com franqueza, filha, isso não é nobre da tua parte. É para te castigar, não te darei prenda!

Ergueu-se da cadeira, foi para ela de braços abertos, estreitou-a contra o peito, beijou-a na testa:

— Tu bem sabes que tôdas nós te estimamos profundamente e só desejamos a tua ventura.

Eugénia, muito rosada, muito enleada, baixando os olhos cândidos, murmurou:

— Quando casarei eu, afinal!... Quem sabe mesmo se êste casamento se fará?

— Pois, não estás pedida?

Estava pedida, efectivamente, mas Duarte, o seu noivo, também estava na guerra, lá andava pela Flandres, batendo-se com os alemães, a dois passos da morte.

— Êle é oficial? — interrogou Laura.

— Era estudante de matemática, estava na primeira reserva como o mano Vitorino, foi chamado ao serviço, frequentou uma escola de officiais milicianos no Pôrto, seguiu como alferes.

— Ah! então!...

Mas fazia-se-lhe tarde. Tivessem paciência, ficassem com a mamã mais um bocado. Encontrar-se-iam no dia seguinte, teriam muito tempo de conversar, agora que elas se encontravam para sempre em Coímbra. Pegou no seu agasalho de peles de rapôsa que enrolou no braço, na sombrinha de sêda branca com applicações de tule e de rendas, com castão de madrepêrola, e desceu a escada em passos ligeiros, deixando atrás de si um rasto de perfume, de luz, de elegância.

— Então, até àmanhã, sem falta — gritou Ritinha ainda do patamar superior, agarrando-se ao corrimão. Lá te esperamos.

— Até àmanhã! — prometeu Eugénia, vol-

tando-se para cima, já com a mão enluvada no fecho da porta.

È pela rua fóra, tôda envolvida na fotosfera da claridade, irradiando a sua graça virginal, caminhando no ritmo, na ondulação dos seus passos miudinhos, Eugénia sentia a satisfação, o contentamento um pouco perverso da humilhação que ia infligir a Tomás. A vingança era completa. Èle, que fizera nascer, pela primeira vez, na sua alma uma divina flor de paixão amorosa, havia-a esquecido, correndo talvez atrás de outros amores, de outros devaneios. Mas, ao fim de três anos, voltava a encontrá-la, já noiva, já prometida dum outro homem rico, gentil, que a amava com um sentimento desinteressado e puro, que esperava ansiosamente a hora de ligá-la para sempre ao seu destino, de dedicar-se-lhe com um culto religioso, de fazer-lhe a vida mais leve, mais branda, mais cariciosa e doce! Que diria Tomás? As irmãs, chegando a casa, haviam de revelar-lhe tudo, contar-lhe tudo, porque elas não desconheciam a simpatia que outrora os atraíu, os levou um para o outro, muito embora se fizessem desentendidas. Estava a vê-lo cheio de despeito — um despeito que tentaria ocultar — supunha-o desejando-a com mais veemência, agora que a sabia perdida para sempre... Estes pensamentos alegravam-na, faziam bem ao seu orgulho de mulher. È a mãe se encarregaria de tornar a sua desforra mais estrondosa. A essa



hora, certamente, estaria ela dizendo às Alarcões, às suas amigas Alarcões, todos os pormenores do seu caso affectivo, falando do casamento próximo, encarecendo as virtudes de Duarte, que era um belo rapaz, que possuía uma fortuna avultada, que não via no mundo senão Eugénia. Exageraria mesmo um pouco os louvores segundo o seu costume, o que era excelente, para que a arrelia de Tomás fôsse maior...

Absorvida nestas meditações, Eugénia seguia pelo passeio, abrigando-se do sol com a sombrinha que lhe fazia à volta do rosto uma penumbra suave em que a sua beleza mais esplendia, mais poderosamente se destacava em linhas correctas, em traços harmónicos, aureolada pela névoa de ouro dos cabelos. Estava um lindo dia, louro de sol, temperado, inundando de luz as casarias e anunciando a entrada da primavera. Um céu lustroso e azul, sem mancha de nuvem que lhe toldasse o esplendor, arqueava-se sôbre a cidade como uma imensa cúpula de anil. Estudantes que deambulavam, aos pares, de capa sôbre o ombro e cabeleira penteada e luzidia de pomadas, paravam na rua para a verem passar, airoza, grácil, còrada levemente pelo esforço da marcha — e esta contemplação muda lisonjeava Eugénia, vaidosa da sua formosura, fazendo-a pensar mais uma vez em Tomás. Porquê? Observando os seus sentimentos íntimos, perguntava se não era uma deslialdade a insistência com que

se lembrava do seu antigo apaixonado, do homem que lhe escarnecêra a ingenuidade, que a ofendêra no seu orgulho feminino, que lhe fizera chorar, ocultamente, lágrimas de raiva e de amargura. Mas tranqüilizou-se depressa, analisando a essência dêsse sentimento que a alvoroçava. Ah! com certeza que não tinha agora por Tomás o menor interêsse emotivo. Não, que ideia! Tomás era-lhe indiferente, nem sequer o odiava, nem mesmo o aborrecia. Mas, a vida vingava-a dos desdens doutroa, e esta vingança era grata à sua alma de mulher. Mais nada!

E imaginava já o que lhe diria, na primeira vez que o encontrasse, o gesto altivo com que lhe gelaria as palavras nos lábios, se êle, apesar de sabê-la noiva, tivesse a audácia de querer relembrar o passado, a dignidade com que saberia defender a sua reputação, o seu amor por Duarte...

Chegou, sem quâse dar por isso, mergulhada numa espécie de inconsciência, a casa de D. Joana, carregou no botão da campainha eléctrica, fechou a sombrinha, passou o lenço de rendas pelos olhos. A Maria veio, apressadamente, abrir a porta, e logo no corredor Eugénia viu adiantar-se para ela o vulto nobre de D. Joana, que a abraçou, que a beijou, murmurando:

— Tardaste tanto, minha filha! Até pensei que te tivesse acontecido alguma coisa desagradável.

Não! Nada de desagradável lhe sucedêra.

Tivera apenas a inesperada visita das Alarcões, que foram oferecer-lhes a casa, a ela e à mãe, e que ainda tinham ficado com D. Sofia, numa interminável conversa.

— Ah! sim! As Alarcões... — murmurou D. Joana.

— Precisamente!... Aquelas raparigas, minhas amigas velhas, de quem ontem falou D. Vicência Osório.

— Espero que me não esqueças por elas, Eugénia!

— Oh! minha senhora! Que lembrança! — disse Eugénia, abraçando a mãe de Duarte com enternecimento.

Almoçaram, falaram com sauidade do ausente, trataram por suas próprias mãos os craveiros que Duarte havia plantado no quintal — êle, que tanto gostava de cravos, as suas flores preferidas pelo arôma e pela forma — passaram todo o dia lidando affectuosamente em coisas que lhes reavivavam a castidade e a esperança dum grande amor, duma grande felicidade futura. Só perto da noite Eugénia regressou a casa, levando no dedo da mão direita um anel com uma linda pérola côr de rosa que D. Joana lhe oferecêra, com um beijo.

Na manhã seguinte, com efeito, Eugénia e a mãe foram pagar a visita às Alarcões, instaladas num vasto prédio de Sub-Ripas, com arvoredos, jardim e bicas de água límpida e fria, correndo

sob o sol, num jôrro scintilante e murmurante, para um lago onde nadavam cisnes brancos. Pelos galhos das árvores, pavões no esplendor da plumagem verde e ouro, com cristas de tule, gritavam estridentemente: e, debaixo duma mimosa em flor, uma adolescente esculpida em mármore, apertando contra o peito uma braçada de flores, parecia arrepiar-se ao contacto álgido da sombra. Percorreram tôda a casa, mobilada com luxo, tendo os soalhos recobertos com alcatifas que abafavam o som dos passos e exibindo na ornamentação um gôsto puro e sóbrio. O pai Alarcão não estava, saíra de manhã para o Pôrto, para tratar duma trapalhada de papeis de crédito; mas D. Teresa Alarcão, tam bôa senhora, uma santa!, fizera as honras da vivenda, muito affectuosa, muito contente com o reatamento de relações antigas. D. Sofia, lisonjeira, louvou a morada principesca, sentando-se ao lado de D. Teresa, numa palestra affectuosa, enquanto as meninas iam dar uma volta pelos jardins, onde já havia flores, onde as violetas ainda desabrochavam e perfumavam o ar luminoso. Desceram pela escada da sala de jantar, tôda de pedra e com gradeamento de ferro pintado de verde, sob as acácias, no meio de risos, de gorgeios, de bater de palmas, internaram-se pelos arruamentos areados de fresco, espavorindo os pavões que passeavam majestosamente, arrastando as caudas longas, nas *pelouses* de relva e que levantaram vôo, gritando, para as



copas das tílias. Ritinha, que ia abraçada a Eugénia, tomou uma rua, à direita, para mostrar à amiga os lilases que não tardariam a florir, perguntando-lhe a cada momento:

— Mas, que me dizes, que me dizes? Gostas da nossa casa?

— Ah! é um mimo, um amor! — afirmava Eugénia.

Rodearam o lago, onde dormia uma água limosa e suja, atirando pedrinhas aos cisnes, que nadaram, assustados, e desciam a alameda de choupos, à esquerda, quando de súbito, Tomás surgiu de dentro dum carramanchão de clematites, onde estivera fumando e lendo tôda a manhã a *Sagesse*, de Verlaine, vindo ao encontro de Eugénia e da irmã, de mão estendida, muito afável.

— Minha senhora!... — cumprimentou êle. Seja muito bem aparecida. Então, como tem passado?

— Eu, bem! — afirmou Eugénia, esforçando-se por dar à sua voz um tom natural.

— Que diferença lhe noto! — exclamou Tomás.

— Acha? — perguntou ela irónicamente.

Parou a contemplá-la, embevecido na sua beleza, alheado. Como estava bela, na verdade! Tinha ainda na mão o livro de versos, havia nos seus olhos um espanto que não conseguia disfarçar.

— Então, agora por Coimbra, não é assim?  
— perguntou Eugénia.

— É verdade. É abençoado o papá pela resolução que tomou. Sempre gostei muito de Coimbra...

Foram seguindo, pela alameda que a luz, caíndo por entre as ramarias, mosaicava de manchas oirescentes e movediças. Laura e Rosa vinham mais longe, espreitando os botões das roseiras, que começavam a abrir, sob o beijo da atmosfera primaveril.

— E aqui tens tu os meus lilases, Eugénia — exclamou Ritinha Alarcão. Quando derem flor, não me esquecerei de ti.

Tomás contemplava em silêncio a amiga da irmã, resplandecendo na sua beleza maravilhosa, com a cabeça emoldurada no ouro dos cabelos e dois brilhantes faiscando no lóbulo côr de rosa das orelhas. A sua *blouse* de sêda crème decorava-se um pouco no peito, deixava a descoberto a pele do colo, que era finamente modelado.

— Tem estado sempre em Coimbra, D. Eugénia? — inquiriu êle.

— Sempre. Pois onde havia eu de estar, se Coimbra é a minha terra?

Mas Ritinha ficou uns passos atrás, a levantar uma roseira que se desatara da estaca, e então, Tomás, aproximando-se mais de Eugénia, murmurou:

— Já sei que está noiva... Felicito-a!

Ela parou, envolvendo-o num olhar brilhante e vitorioso, perguntou com um risinho na voz cantada:

— Quem lho disse?

— Minhas irmãs, ontem...

— Sim! Com efeito, estou noiva — afirmou Eugénia, voltando-se para trás e chamando Ritinha.

— Aí vou, aí vou! — exclamou a amiga.

Ah! era a sua vingança! Com que soberbo ar de triunfo ela fitava Tomás, o homem que tinha ingénuamente amado e que zombára do seu amor! Mas êle, fazendo-se mais humilde e pensativo, ainda acrescentou, em voz baixa:

— Houve entre nós, talvez, um equívoco, que já não tem remédio. Acabou-se! A culpa foi minha, não o nego!...

Eugénia não lhe respondeu; e muito sobressaltada, para não prolongar mais uma scena que lhe desagradava intimamente e de que começava a arrepender-se, como se ela representasse uma infidelidade a Duarte, voltou-se, indo ao encontro de Ritinha e das irmãs e deixando Tomás só e imóvel sôbre o arruamento, com o livro na mão. Depois, queixando-se de frio, acrescentou:

— Vamos até lá acima. Tenho receio de constipar-me...





O contingente em que Duarte estava incorporado e que ia receber a sua iniciação no fogo das trincheiras inglesas da Flandres, foi conduzido num combóio que avançava a tôda a velocidade, através duma região devastada e em ruínas, até aos acampamentos britânicos da rectaguarda, onde permaneceu algum tempo. Aí, vivia já em pleno fragor e no enorme tumulto das batalhas que incessantemente se feriam apenas a alguns quilómetros de distância. O canhão trovejava sem repouso, fazendo tremer a terra com o estrondo monstruoso da sua voz. A cada momento chegavam, da frente do combate, tropas extenuadas e cheias de lama, com um belo fulgor nos olhos, as faces pálidas, os cabelos emmanhados, as roupas em desordem, vindo repousar alguns dias das suas rudes fadigas, e outras

partiam, cantando, por entre a scintilação das armas, para a morte e para a glória, num *élan* de entusiasmo admirável. Todos êsses homens, êsses heróis, na fornalha da guerra, iam concebendo uma luz divina de sabedoria e de vontade.

Baterias de artilharia largavam à desfilada, atolando as pesadas rodas nos lameiros, rompendo pelos caminhos fóra numa galopada furiosa que mais se apressava sob o chicote sibilante e os gritos guturais dos condutores das parelhas de solípedes, ao passo que das primeiras linhas do recontro fulgurante regressavam em combóios, em tractores de formidável potência, as peças inutilizadas por um longo serviço, os canhões desmontados pelas granadas inimigas, os carros de munições que logo se atulhavam de obuzes para alimentar os contínuos bombardeamentos das posições contrárias, os automóveis e os trens sanitários, em fileiras intermináveis, trazendo feridos, mutilados, decepados, a quem foram feitos, nas ambulâncias, apressadamente, os primeiros curativos e que iam para os hospitais de sangue interiores, ao abrigo das ameaças das granadas e protegidos dos ataques dos aeroplanos por imensas bandeiras da Cruz Vermelha.

Diante de Duarte passavam os veículos de alto rodado, que arrancavam do sólo maciças raízes de lama, transbordando de fardamentos ensangüentados, de calçado, de correame, de espingardas danificadas, dos infindáveis despojos da

luta, que mais se enfurecia de instante para instante. Essas roupas, essas armas, todos êsses rebotalhos duma carnificina insaciável, depois de reparados em oficinas próprias, seriam utilizados pelos novos combatentes que tôdas as manhãs a Inglaterra desembarcava em Dunkerke, em Calais e em Bolonha e que vinham, através dos mares infestados de submarinos germânicos, sinistros sáurios de ferro, em colossais transportes que navios de combate custodeavam. No seu regresso aos portos ingleses, êsses transportes levavam, transformados em navios hospitais, as legiões dos estropiados, dos inválidos, dos que incessantemente caíam sob as balas, e que iam para as estâncias de repouso e de saúde curar as suas feridas gloriosas.

Duarte, comovido, assistia ao desfilar constante dos vencidos pela adversidade, em macas, em carros-ambulâncias, uns sem darem acôrdo de si, inanimados, com a fronte envolvida em pastas de algodão e gaze que o sangue manchava, outros sem braços ou sem pernas, mas sorrindo ainda, como se não sentissem as dores que os atormentavam, e todos lívidos, muito brancos, um grande círculo arroxeadado à volta dos olhos e uma tremura nos lábios exangues. Ah! que espectáculo para a sua fina sensibilidade! De quando em quando ouvia, com o coração apertado de angústia, um grito mais vivo, uma lamentação, um queixume, e isto doía-lhe até ao fundo da con-

sciência. Notava, com espanto, a indiferença com que a soldadesca, já endurecida nos dramas da guerra, contemplava o episódio que escapára à topografia dos círculos dantescos, e pensava que a catástrofe sanguinolenta e feroz tinha matado a alma e a piedade em todos aqueles homens que o sofrimento dos amigos, dos camaradas, dos irmãos, nem sequer perturbava: e desejava, também, que a flor da sua emotividade lhe secasse dentro do peito, para que o padecimento moral nêle fôsse menor.

Em todo o vasto acampamento, o alarido, o movimento, a vozearia, eram indescritíveis: — mas tudo obedecia a um método rigoroso, a um ritmo, à pulsação dum pensamento e duma energia, a uma ordem superior, a uma lei. Que euritmia, que regularidade na própria destruição! — julgava Duarte, absorvido nas suas meditações. Cada acto, cada gesto, cada palavra, se subordinavam intimamente a um sentido comum, a uma orientação, tendiam para uma finalidade: e pela primeira vez as guerras modernas, os exércitos em acção, lhe apareciam como engenhosos maquinismos complexos, funcionando com precisão científica, manobrando com uma certeza matemática.

De momento a momento, ordenanças dirigiam-se a galope para as bandas donde a artilharia troava; oficiais surdiam, correndo; generais mostravam-se solenes, fumando charutos, entre os



seus estados maiores, que consultavam cartas geográficas. E esquadrilhas de aviões, — enormes e ligeiros com falénas gigantescas — batendo as asas douradas por uma poeira de sol, no fulgor da claridade diurna, erguiam vôo ao resfolegar dos motores potentes, donde se emanava o fumo branco da gasolina queimada, mergulhando nos infindáveis espaços azúis, perdendo-se na atmosfera, ao longe, como pequeninos pontos alvadios irisando-se na luz. Que espantosa tragédia era aquela em que as nacionalidades se despedaçavam e que submetera ao seu poderio as misteriosas fôrças naturais! Já lhe não bastava, para desencadear os seus mortíferos furacões, o chão firme, a dura crosta que formava o globo terráqueo. Apoderava-se do próprio céu, donde arremessava vertiginosamente os explosivos formidáveis, sôbre as cidades, sôbre as aldeias, sôbre os campos, sôbre entrincheiramentos e fortificações, sôbre as tropas concentradas. Depois fugia das amplidões luminosas para se esconder nas trevas, para se acoutar debaixo das enfurecidas ondas oceânicas, à espera da hora em que pudesse agredir, destruir, devastar! E mesmo em terra, abria as minas, as galerias, os túneis, em extensões consideráveis, enchia-os de dinamite e fazia-os saltar, com o medonho fragor de mundos que desabassem, por meio da fâisca eléctrica, sepultando, vivos, os combatentes! Esta particularidade, especialmente, desvairava, alucinava Duarte. Com

efeito, o que êle mais temia naquele duelo de extermínio em que estava prestes a entrar, era justamente ser enterrado em vida e conservar, por instantes, no fundo da sepultura, uma inteligência e uma sensibilidade. Ah! não tombar logo fulminado, experimentar o contacto álgido da leiva, ser estrangulado, abafado, sufocado pelo húmus que lhe entrasse pela bôca, pelo nariz, que o cegasse, que o comprimisse, que lhe esmagasse lentamente o peito com a sua pressão asfíxiante, morrer vagarosamente, enquanto por cima da sua cabeça uma existência consciente latejasse, circulasse, que pavor! Um arrepio de frio trespassava-o. O mêdo fazia-lhe abrir desmedidamente os olhos:— e imaginava que, no vortilhão implacável da guerra, os mais felizes eram aqueles que uma bala, um caco de granada, fulminavam repentinamente.

Isolava-se de todo o convívio, corria os bivacs das divisões britânicas, que ocupavam um vasto perímetro. As barracas, as tendas, formavam verdadeiras ruas, davam a impressão singular duma estranha cidade tôda branca, alvejando à claridade, com as suas avenidas, as suas praças, as suas betesgas. Alguns arruamentos tinham, mesmo, nomes que êle soletrava, interessado. Havia a *Regent Street*, a *King George Street*, a *Haig Street*; e, pregado no tronco duma das árvores dum pequeno bosque, que a primavera começava a encher de folhagens novas, via-se uma

taboleta com êstes dizeres a gordos caracteres negros:—*Hide-Park*. Duarte sorria do vivaz humorismo dos soldados que nem ante a morte perdiam a jovialidade. A alegria denunciava o heroísmo dêsses homens que pertenciam a um país admirável e que se batiam com a intrepidez, o orgulho que lhes comunicava um profundo sentimento nacional. Como sempre pensára, contra tantas opiniões antagónicas, que o orgulho constituía, nos povos fortes, uma virtude nobre e era a razão essencial duma superioridade, Duarte ratificava agora a justeza da sua observação.

A cada passo, parava diante de pequeninos jardins bem tratados onde já desabrochavam flores, diante de quintais viçosos de hortaliças, diante de córtes de *tennis* onde as tropas se divertiam e se adextravam físicamente, nos dias de folga, de intermináveis *pelouses* de relva em que soldados espadaúdos e musculosos jogavam, no meio de algazarras prodigiosas, o *foot-ball*, rodeados de densas multidões de espectadores. E surpreendia-o o acieio de quanto via, o cuidado higiênico que havia nas menores coisas. Todo o acampamento estava limpo, varrido, sem fôlha morta, monte de lixo, detrito que apodrecesse e que envenenasse o ar. Os bivaques respiravam saúde, denunciavam os hábitos inveterados duma gente que cultivava o preceito justo do *mens sana in corpore sano*. Por isso os rostos tinham tam bellas côres e as almas tanta confiança!

Duarte, acordando as suas reminiscências históricas doutras guerras anteriores, em que aos morticínios causados pelas armas se juntavam dramaticamente os morticínios produzidos pela peste, pela cólera-morbus, pelas infecções tíficas, pela varíola, atulhando as valas de podridão, de carnes gangrenadas, de corpos humanos decompostos em vida, tranquilizava-se. Nenhum desses flagelos poderia desenvolver-se naquele meio saneado, salubre, esplendido. Mas parecia-lhe absurdo, paradoxal, que os combatentes defendessem com tanta vigilância uma existência destinada a tombar nas trincheiras ou nas pugnas terríveis, em campo raso.

O canhão urrava sempre ao longe, golfando fogo e ferro; a terra estremecia, como se cada tiro a ferisse mortalmente. A batalha devia ser renhida, nesse dia. Oh! pobres mulheres! Quantas perderiam, na tempestade desencadeada pela rinde mão do homem, os filhos criados entre beijos e afagos de infinita doçura! E Duarte, na confusão das suas evocações, lembrava-se da mãe, muito longe d'ele, abatida, na agonia da sua dôr, rezando, chorando-o! Uma névoa de lágrimas humedeceu-lhe os olhos e enterneceu-o; mas logo procurou dominar-se para que ninguém lhe surpreendesse o desfalecimento momentâneo. O seu pranto seria uma vergonha entre aqueles heróis que não sentiam delíquios de coragem, que se mostravam indiferentes à morte e à vida



e que de-certo também teriam mães, noivas, esposas, meigas e cândidas imagens femininas de que a sua saúde se recordava.

Continuou o passeio, espicaçado pela curiosidade. Em breve se deteve perto dum rancho de soldados portugueses que já fraternizavam com ingleses e canadenses, que passavam, abraçados, para as cantinas, dialogando por meio duma pitoresca mímica que encheu Duarte de espanto. Como o sêr consciente era sociável! Duas criaturas, falando línguas diferentes, que um dia se encontravam, logo se compreendiam! É como a beleza dum mesmo ideal faz nascer um affecto que estreita as almas! Aí estava a prova. Britânicos e lusos pareciam amigos vèlhos!

Os canadenses tinham mesmo elevado um arco triumphal, tecido de verduras e engrinaldado com flores, de saudação aos seus camaradas de Portugal. Esse arco erguia-se ao fim duma extensa rua, que nesse dia fôra baptizada com a designação de *Oporto Street*. Em grandes letras feitas com miúdas margaridas brancas, lia-se esta palavra: *Welcome*. E reinava no acantonamento, efectivamente, um júbilo festivo.

Cansado da sua jornada e procurando repousar um pouco, Duarte, avistando um *bar* apinhado de officiais, entrou e sentou-se, pedindo cerveja. Imediatamente outros officiais, belos rapazes louros e de olhos azúis, o rodearam, o aclamaram. Esta afabilidade encantou-o, tocou-lhe a

alma. Não era, pois, um desconhecido, uma personalidade perdida no turbilhão de multidões descuidadas ou egoístas, que não inspirasse o menor interêsse, um destino vagabundeando ao acaso, até que uma bala o eliminasse: e, como falava com facilidade a língua inglesa, envolveu-se logo em longas palestras, associou-se ao contentamento dos camaradas. Alguns dêles tinham estado em Portugal, antes da guerra: interrogavam-no sôbre coisas do seu país, gabavam a beleza de Lisboa, com o seu pôrto magnífico, de Sintra, de Cascais, dos Estoris, com os seus pinheiros, as suas vivendas novas, a sua imensa enseada dardejando ao sol.

— Eu, mesmo, ainda tenho meu pai no Pôrto! — informou um capitão de buço louro sôbre o lábio, Hugo Davidson.

— No Pôrto? Eu sou de lá, nasci nessa cidade — acudiu Duarte.

— Então, deve conhecê-lo. Tem armazens de vinho em Vila Nova.

Não! Duarte não o conhecia. A colónia britânica em Portugal vivia num grande recolhimento, muito metida consigo, fazendo um mundo à parte. Além disso, êle, Duarte, passára a sua mocidade com os livros, num isolamento de cenobita, dentro de sua casa: — e havia três anos que se fixára em Coímbra, com a mãe, para frequentar a Universidade, onde se matriculára. Mas, Hugo Davidson louvava o pai, um exce-

lente vólho muito afável, muito dado, estimando os portuguezes e Portugal, onde ganhára uma fortuna avultada. E tanto assim que, pensando em retirar-se dos negócios, para fruir um sossêgo bem merecido na sua velhice, ficaria nos arredores do Pôrto, em Leça, onde comprára uma casa. Êle saíra de Portugal muito novo, para fazer a sua educação na Inglaterra, frequentava a Universidade de Oxford quando a conflagração rebentou: — e êstes esclarecimentos contribuíram para que Duarte se aproximasse dêle com mais intimidade, em breve se estabeleceu entre os dois uma simpatia cordial. Eram quâse compatriotas, ambos novos, ambos estudantes, batiam-se pela mesma causa, vibravam de entusiasmos moços. Que mais era preciso para que se estimassem fraternamente?

— Já entrou em combates? — interrogou Duarte.

Oh! Havia dois anos que pelejava constantemente, que se expunha às balas, que levava a acidentada vida de campanha — afirmava Hugo Davidson. E nem um ferimento — um único ferimento! — recebêra ainda. Sua irmã Daisy, enfermeira nos hospitais de sangue e que era pura como a pureza e bôa como a bondade, velava, certamente, por êle, defendia-o com a rêde forte e invisível do seu cândido amor.

Mas os outros officiais reclamaram também Duarte para si, faziam-lhe perguntas, batendo-lhe

afávelmente no ombro e oferecendo-lhe tabaco para o seu cachimbo.

— Como aceitára Portugal a guerra? — inquiriam.

— Heróicamente — informava Duarte. Portugal é uma nação lial, tinha uma aliança com a Inglaterra, amava a França, partira para a campanha por entre as aclamações do povo, que não pensava no sacrifício mas no cumprimento do dever patriótico.

Os ingleses, erguendo os seus copos de cerveja, aclamaram, então, Portugal com *hurrahs* a que todo o *bar* se associou calorosamente.

Ao fim da tarde, quando Duarte saíu com Davidson, tinha entre os seus companheiros de armas, ingleses, escoceses, irlandeses, australianos, canadenses, numerosos amigos, e o desalento que o invadira dissipava-se como um fumo vão, encontrando um encanto aliciante na sua nova existência.

— Sabe o que eu desejava? — dizia êle a Davidson. Era visitar tôda essa parte devastada da França e da Bélgica, donde os exércitos aliados repeliram, na ponta das baionetas, os alemães. Os jornais falam em destruições fabulosas...

— Formidáveis! — asseverou Hugo.

Mas era fácil satisfazer êsse desejo. Iriam ambos, seria curioso. Davidson ainda se demorava oito dias na rearguarda e Duarte não sabia quando teria de partir para a frente. Obteriam



uma licença do comando superior, êle encarregava-se disso. Podiam começar essa viagem emocionante, desde Noordschote até Péronne, até Bapaume, logo na manhã seguinte, como dois guerreiros em férias, como dois *touristes*. E fôra admirável, a ideia! Também êle, Davidson, se aborreceria um pouco naquela monotonia do acampamento, com uma vida sempre igual, os mesmos canhões, estranhos como dorsos de animais antediluvianos, que avançavam, os mesmos morteiros deteriorados que chegavam, as mesmas tropas que se rendiam, os mesmos combóios de feridos.

— Com certeza! — asseverou Hugo — foi uma ideia excelente.

Jantaram juntos, num restaurante do acantonamento servido por lindas raparigas inglesas, brancas como as rosas dos condados de York, ingénuas, muito sérias, muito dignas; assistiram a um espectáculo oferecido por soldados, num teatro improvisado, o *War's Theater*, e despediram-se, com um forte apêto de mão.

— Vou arranjar a licença — declarou Davidson. Três dias bastam, para se colhêr uma impressão exacta.

Na manhã seguinte, efectivamente, Duarte foi procurado na sua barraca por Davidson, que lhe gritou, da porta, alegremente:

— A caminho! Está tudo pronto!

Ah! o amável, o serviçal rapaz! Era um com-

panheiro encantador, muito inteligente, muito vivo, duma comunicativa jovialidade! Já pelo acampamento havia grupos de soldados, fumegavam as cozinhas lançando pelas chaminés densos rôlos de fumo branco que subia em colunas direitas, acelerava-se um ruído que nunca se interrompia. O sol, ascendendo das bandas do nascente e dourando o cume das montanhas, iluminava tudo à volta e resplandecia num céu lustroso e azul, prometendo um dia agradável. Davidson e Duarte decidiram começar a sua visita pela região francesa que durante dois anos o inimigo ocupára e que depois destruíra, quando foi obrigado a retirar-se. Meteram-se num combóio que saía para Bapaume, com tropas e material de guerra, sentaram-se às janelas da carruagem, acenderam os cachimbos.

— É o almoço? — interrogou Duarte.

— Almoçaremos em terra francesa — replicou Davidson.

A princípio, nenhuma particularidade os atraía. Era sempre o mesmo movimento de combatentes, carros que chegavam, de longe, entre escoltas de oficiais e soldados, carros que partiam, automóveis que fugiam no fio da luz, combóios que se cruzavam em tôdas as direcções, sob a brasa viva do sol flamejante, levando a seiva, a energia, a vitalidade aos exércitos, vastas planícies revolvidas onde não crescia uma árvore, elevações de terreno convulsionado pelas explosões e dese-

nhando linhas onduladas no horizonte, enormes pozos escavados pelos obuses que por ali tinham re-bentado, trincheiras abandonadas, pradarias outo-rra férteis, nos doces tempos de paz, enriquecendo a França, enchendo celeiros, atulhando adegas, activando indústrias. E ao longe, o canhão conti-nuava, ininterruptamente, o seu rumor surdo que chegava amortecido até êles. A pouco e pouco, porém, a paizagem modificou-se e Duarte applicou a atenção, enquanto Davidson falava sempre, dando explicações, fornecendo esclarecimentos. Ah! por ali, sim! Por ali tinha passado a tem-pestade da guerra, com todo o seu furor implacá-vel — um furor que nada poupava, nem as coi-sas belas nem as coisas santas. O campo de com-bate, em que as ervas cresciam donde a onde, oferecia o aspecto dum lameiro. Os cami-nhos coleavam-se em tôda a extensão, marcados por fundos sulcos em que se enterravam as car-retas de artilharia, os *camions*, as rodas dos pe-sados veículos. E nem um bosque, nem uma sebe, nem um pomar: — tudo estava raso, igualado, ni-velado, triste sob o céu que resplandecia e man-dava à terra, naquela manhã sagrada, a sua luz mais pura, mais virginal, mais suave! Era lamen-tável, angustiosa, essa região de ruína e de morte.

— Veja, veja! — convidava Davidson. Olhe aqueles escombros, acolá!...

Era tudo quanto restava duma povoação dois anos antes ainda risonha, pacífica, entregue ao

amor e ao trabalho, que alimentava as bôcas famintas e que aumentava a fortuna dum país inteiro. Mas a guerra viêra, a investida alemã avançara através das casas, por entre as campinas, por sôbre as vinhas, os vergeis, as florestas, as terras de cultivo, e tudo caíra sob a tempestade de metralha e de lume que, em algumas horas apenas, reduz a cinzas tôda uma província! É Duarte, com uma aflição na alma, reconstituía na sua imaginação as fugas alucinadas dos moradores, quando o perigo se aproximava, com o terror no coração, o pavor nos olhos, numa confusão furiosa de carros que se carregavam apressadamente, para salvar alguma coisa da catástrofe, dos móveis que se atiravam para a rua, de gados que se reüniam, atarantadamente, em grandes manadas, dos ajuntamentos humanos debandando numa funda melancolia e num silêncio em que apenas se ouvia o soluçar abafado dos que perdiam a maior parte dos seus haveres, dos que, para poupar a vida, ficavam reduzidos à miséria.

— Ah! a guerra, a guerra! Que monstruosidade! — monologava êle.

— Não é horrível? — interrogava Davidson.

— Sim! Horrível, na verdade! — concordava Duarte.

É logo se absorvia na sua meditação dolorosa, visionando as aldeias, as vilas, as cidades ameaçadas pela invasão, com as portas fechadas, as janelas fechadas, mudas, desertas, mortas, mais



tristes do que a própria tristeza: e jazendo, em montões, pelas calçadas, o que havia constituido a felicidade, o bem-estar de tanta gente! Depois, certa manhã, o céu dardejava de fogo, a artilharia uivava roucamente ao longe, os obuses rebentavam, ateavam-se os incêndios, milhares de casas ardiam, num braseiro, numa colossal fogueira com labaredas ígneas, com chamas que chegavam até às nuvens, que esbraseavam a atmosfera, que a cobriam dum tom vermelho de sangue, emquanto a distância os fugitivos contemplavam, chorando perdidamente, êste scenário infernal.

— Mas para quê tantas ruínas, para quê? — exclamava Duarte.

— A ruína faz parte do método germânico da guerra — explicava Davidson. A Alemanha procura aterrar para vencer mais de pressa.

De momento a momento erguiam-se diante dêles paredes ainda de pé, calcinadas, emnegrecidas, desoladoras como esqueletos, trágicas como fantasmas, projectando as suas sombras sôbre um chão que era um vasto cemitério onde para sempre dormiam milhares de vencidos que nada queriam já da vida, das suas ambições, das suas lutas, dos seus gozos, das suas amarguras. Em face de tantos escombros, de tanta destruição, de tantos crimes, uma raiva tórva acendia-se na alma de Duarte, sufocava-o, sobreexcitava o seu furor. E comprehendia então o heroísmo francês, que dera um tam alto exemplo ao mundo culto, cen-

tuplicando a sua força, as suas energias, banindo do seu solo mutilado as hordas invasoras vindas de longe para entrarem nos lares, dispersarem as famílias, comendo o pão que elas guardavam para si, dormindo nos seus leitos e partindo no dia seguinte depois de deixarem atrás dos seus passos as fonalhas dos incêndios devoradores, as moradas demolidas, os campos talados, as searas arrasadas. Evocava os combates terríveis que por ali se teriam ferido, a entrada das divisões teutónicas nas ruas de cada aldeia, sob o sarai-veiro de balas dos defensores ocultando-se por cada casa, por cada herdade, ao abrigo de cada muro. Depois, era a artilharia varrendo com os seus ciclones de metralha bairros inteiros, donde imediatamente se elevava o jôro das labaredas crepitantes, fileiras de prédios que desabavam com fragôr, gritos de feridos, estertor de moribundos, toques de corneta, vozes de comando que se perdiam no tumulto, retiradas que se faziam, sem ordem, sem ritmo, ondas e ondas de soldados debandando ainda com os canos das espingardas a fumegar e um sombrio desespêro no coração. E os sorvedouros de fogo ateados pelas granadas incendiárias tragavam, ululando, os madeiramentos que se torciam, calcinavam os cadáveres que se amontoavam pelos lagedos no meio de lagos de sangue, as carcassas de cavalos, as carretas abandonadas. Tudo ardia, exalando um cheiro pestilencial de gorduras queimadas, na opaca densidade duma fumarada asfixiante.

— A França ficará, para muitos anos, com uma funda chaga aberta no flanco! — dizia Davidson.

Duarte concordava, esboçando um gesto amargo e pensando nas obras da arte, que eram as testemunhas da Beleza dos séculos extintos, que a guerra destruíra e que nunca mais seriam reconstruídas, porque haviam desaparecido o génio que as concebera, a fé que as tinha gerado.

Iam avançando sempre, nas regiões desertas e lúgubres por onde a guerra freneticamente rugira e que agora se encontravam imobilizadas, inertes, impassíveis. E continuamente a mesma visão fúnebre atormentava a sensibilidade de Duarte, imaginando que outrora haveria por aqueles imensos descampados cidades florescentes, aldeias claras, povoações joviais, lidando activamente, fazendo as sementeiras sagradas da abundância, da graça, do amor. O tufão guerreiro estalára, porém, aniquilando, dispersando, sepultando. Apenas se viam agora terras remexidas, árvores tombadas, montanhas de entulho, cantarias fendidas, trincheiras sucedendo-se em inúmeras linhas paralelas, adiantando-se de espaço a espaço em saliências e comunicando umas com as outras por corredores estreitos e irregulares, escavações que serviram de abrigo a soldados! As populações tinham emigrado em bandos, desvairadamente, no meio de gritarias, de pragas, de blasfêmias, de lamentações lancinantes, cedendo

o lugar aos exércitos que se matavam, que se dilaceravam. A guerra era muito mais temerosa do que êle julgava, antes de ter diante dos olhos atônitos uma das suas imagens reais.

— Ah! meu amigo — dizia Duarte a Davidson, que fumava imperturbavelmente o seu cachimbo — como tudo isto é doloroso de ver! É como deve ser aflitiva para a nossa emoção a morte duma grande cidade, que representa um tam alto esforço humano!

Hugo, então, contou-lhe certas particularidades do bombardeamento de Reims, onde anos antes ainda se elevava uma catedral de maravilhosa arquitectura, que parecia ter sido inspirada nas vidas louras, frescas, virginais, das florestas misteriosas e sonoras.

— Eu estava, precisamente, junto do exército francês — explicou. Os alemães ocuparam Reims até ao dia 12 de setembro de 1914; mas, obrigados a retirar, sob a pressão das tropas comandadas por Joffre, tiveram de evacuar a cidade nesse dia. O general Franchet de Esperey entrou em Reims, sendo recebido por um imenso clamor de alegria. Era o libertador que chegava. Mas, logo nessa noite, os obuses da artilharia germânica de grosso calibre começavam a cair sôbre os bairros do norte, e êsse bombardeamento durou mais dum mês consecutivo.

Duarte, ouvindo Davidson, recordava a cólera surda que o acometera quando, ainda em Por-



tugal, leu nos jornais a notícia da destruição da catedral de Reims; e Hugo continuava sempre a sua narrativa minuciosa. À noite, apagavam-se na cidade tôdas as luzes e os habitantes refugiam-se nos subterrâneos, nas adegas; mas isto não impedia que o chuveiro das granadas caísse incessantemente, reduzindo os prédios a montões de caliça, pedra, madeiramentos desconjuntados, estendendo-se o fogo aos cem hectares de terreno ocupados pelas casarias de Reims. Os mortos civis eram aos milhares; a fuga dos sobreviventes para os campos e para os bosques próximos era permanente. Depois, certa manhã, uma bomba de formidável potência explosiva abateu-se sôbre uma das altas tôrres da basílica, abrindo um largo rombo e desagregando cantarias que, ao tombarem no interior do templo, mataram alguns feridos alemães que aí estavam. O incêndio propagava-se a uma parte de Reims, intensificado por um vento que soprava com violência. Mais obuses partiram das baterias germânicas, assestadas a alguns quilómetros ao norte, e as chamas irromperam, por fim, do templo, em jactos de lume, como bizarros fogos de artifício. As esculturas, tam belas, da frontaria da catedral, eram lambidas pelas labaredas, que as faziam estalar; a sala dos reis, decorada com maravilhosas e raras pinturas antigas e com preciosos mobiliários seculares, é destruída num momento; e assim, ferozmente, foi sendo arrasado um monumento incom-

parável que em 1870, por ocasião da guerra franco-prussiana, o marechal Moltke, êsse dinamarquês alto, sêco, frio, visitou diáriamente, durante todo o tempo em que permaneceu em Reims com o seu Estado Maior, mantendo-se em êxtase horas seguidas diante da porta principal, que era uma verdadeira jóia de arte!

Duarte não dizia nada, não interrompia a narrativa do companheiro: mas no seu coração o ódio tornava-se mais ácido, enfurecendo-o contra uma barbarie que lhe parecia desnecessária para os fins da campanha.

— Hoje — afirmou Davidson — a cathedral é apenas um acervo de paredes que se esboroam, de raros vitrais esmigalhados, de abóbadas esburacadas, de esculturas partidas, de colunelos informes, de baldaquinos mutilados, de colimas de alto fuste quebradas, de nervaturas fendidas, de pedras que se amontoam, negras de fumo. Não se pode contemplar sem lágrimas. O templo em que a França outrora sagrava os seus reis, viveu!

— Mas para quê tanto vandalismo? — interrogava Duarte.

— Para nada! Só pelo prazer de destruir, de devastar, de espalhar o pavor. É o processo alemão! — repetiu Davidson.

O combóio em que viajavam deteve-se de repente, numa aldeola que escapára à ferocidade da batalha. Hugo e Duarte saíram da carruagem que os conduzira, deram alguns passos para desentor-

pecer as pernas emperradas pelo frio e pela inação. Havia no logarejo um grande movimento. As casas estavam cheias de tropas que dali seriam enviadas para a frente da peleja. Galopavam esquadrões de couraceiros, os oficiais davam ordens logo cumpridas, e a todo o instante chegavam carros de munições e de víveres, mais canhões, mais soldados, mais trens sanitários. Uma imensa multidão de homens fardados formigava incessantemente. Davidson saúdava rostos conhecidos que apareciam, afadigados.

— Bem! Vamos almoçar. Existe aqui um restaurante onde seremos bem servidos.

Era meio-dia e o sol fulgurava dourando a paisagem e comunicando-lhe uma alma. A impressão de desalento que Duarte sentira durante tôda a travessia da campina assolada dissipou-se. Agora, já uma beleza radiava. Nas ramarias das árvores cantavam as aves; numa praça, a água clara e scintilante duma fonte murmurosa caía para dentro dum tanque de granito, onde bebiam réguas de cavalos. Meteram-se por uma estreita rua esganada entre prédios pesados que a cobriam de sombra, e ao fundo, numa casa recoberta de azulejos amarelos e com telhados ponteagudos de ardósia, uma taboleta atraíu a sua atenção. Era o restaurante: — entraram e sentaram-se a uma mesa desocupada, junto duma janela ensombrada por um castanheiro da Índia. O repouso, depois de emoções tam intensas, fazia bem a Duarte.

pacificava-o. Uma rapariga sardenta, de olhos vivos e dum azul frio, trouxe a lista, e Davidson dirigiu-lhe um galanteio, a que ella correspondeu, sorrindo e mostrando os dentes miudinhos, reluzentes no seu esmalte duma alvura incomparável; mas Duarte, perturbado com tudo o que vira nessa manhã iniciadora e triste, recommçou a insistir na guerra, na Alemanha, na homérica luta sem tréguas em que os combatentes caíam aos milhões, considerando-se feliz por ter de bater-se pela França martirizada e arruinada. No seu calor, no seu entusiasmo, na vibração dos seus nervos, esquecia-se de tudo — da mãe, que de tam longe o esperava com os olhos cheios de lágrimas e a dôr na alma, da noiva que lhe prometia, com o seu amor, uma felicidade sem nuvens — para só consagrar o espirito ao facto presente que o obsidiava, que o torturava como uma ideia fixa. Falava cheio de verbosidade, procurando as expressões que mais nítidamente lhe exprimissem o pensamento, ao passo que Davidson o escutava com a face inclinada na mão e o cotovelo apoiado na mesa.

De súbito, um rancho jovial de officiais invadiu a sala, falando, discutindo em voz alta, e Duarte reconheceu immediatamente, num dêles, o capitão Thiébault, o seu amigo Thiébault, que avançou, sorrindo, de mão estendida.

— Olé! Por aqui? — inquiriu êle.

Ê verdade. Aproveitava os dias de repouso,



para visitar os logares por onde o furacão das armas passára. Estava aterrado... É êle, Thiébault? Havia deixado o campo de instrução?

Thiébault chamou os camaradas, fez as apresentações, abancou com êles à mesa de Duarte, magnífico, forte, duma alegria meridional que logo denunciava a sua doce Provença, tam cheia de sol, de luz, de ternura.

— Almoçaremos todos! — disse Thiébault. Os aliados confraternizam — concluiu êle, sorrindo para Davidson.

É pondo-se à vontade, tirando o képi que pousou numa cadeira, ao lado, explicou então a Duarte que, por fim, o comando superior o havia atendido. Voltava aos combates, ao fogo, à acção, à vida enérgica das trincheiras. O seu papel de instrutor enfastiava-o. Por temperamento, amava as emoções fortes.

A pouco e pouco a conversa foi aquecendo, depois do primeiro prato do almôço e das primeiras garrafas de cerveja. Duarte, insurgindo-se contra a crueldade teutónica, não encontrava justificação para os actos que acabava de verificar em todo o seu mudo horror. Com effeito, não se tratava duma nação inculta, dum povo selvagem, mas duma nacionalidade que se orgulhava da sua cultura superior e onde o génio por vezes se manifestava em homens representativos que se chamavam Leibnitz, Kant, Hegel, Herder, Schiller, Goëthe.

— Como é, pois, possível um tal fenómeno, uma tal erupção de brutalidades ancestrais? Que circunstâncias ignoradas teriam actuado sôbre as massas da soldadesca germânica, eliminando nelas as tendências moderadoras para que ficassem inteiramente livres as tendências vitoriosas? — perguntava Duarte. ●

— Tôdas essas dúvidas se esclarecem desde que se medite, por momentos, no espirito, nos princípios, no temperamento moral que presidiram à formação da Alemanha guerreira dos nossos dias — afirmou Davidson.

— É isso mesmo — acudiu Thiébault. Efectivamente, uma educação especial fez da consciência alemã um mundo à parte. Através dos tempos, quer na teoria do Santo Império, quer nos seus filósofos, nos seus políticos, nos seus historiadores, nos seus sociólogos, nos seus poetas, a Alemanha foi continuamente dominada pela ideia do absoluto, do todo, do universal, concebendo êste absoluto como um ser substancial, uno, diferente, na realidade, dos elementos que formam a matéria. Eis porque as suas ideias sôbre a guerra, e a maneira de fazê-la, divergem das latinas, onde o sentimento da humanidade prevalece.

Da extremidade da mesa, um oficial, o tenente Durand, que ao estalar do conflito frequentava a Escola Normal, ergueu a cabeça, pousou o talher sôbre o prato, e exclamou:

— São essas, pouco mais ou menos, as opiniões

de Émile Boutroux, um dos nossos mais ilustres filósofos. Thiébault está na verdade.

— De-certo, de-certo — concordou Duarte. Realmente, enquanto o nosso saber clássico faz residir no espírito o fim supremo de toda a verdade nos domínios do Perfeito, concebido como uma forma exacta da existência, o pensamento alemão, expresso em Fichte, por exemplo, põe no fundo das coisas o absoluto de que fala Thiébault concebido como um futuro eterno, como uma potência contraditória com ela própria, criando uma forma qualquer para imediatamente a destruir, substituindo-a por outra. O absoluto germânico não é um termo, mas um esforço contínuo.

— Daí — interveio Durand — o facto da filosofia alemã reduzir a meios, a momentos, a formas transitórias, tudo quanto a filosofia latina reconhece como elevado: — a beleza, a verdade, a santidade, a justiça, — que a Alemanha mental considera como simples artificios, porque o espírito tudesco está acima da moral.

— É daí a circunstância — exclamou Thiébault — da Alemanha não reconhecer outra lei além da que quer realizar, com uma amplidão, um poderio sempre crescentes.

Tinham chegado à sobremesa, estavam corados, bem dispostos, faladores. A espaços, ouvia-se o troar longínquo da artilharia, na frente da batalha que dia e noite, havia mais de dois anos, não tinha um instante de repouso. O sol,

que era uma explosão de claridade, subia sempre num céu de anil, glorioso, triunfal como uma vitória. Davidson acendera o seu inseparável cachimbo, e parecia sonhar; Durand discutia com os outros camaradas; e Duarte, ávido de controvérsias, incitava Thiébault.

— Portanto, para a Alemanha, só a vontade existe. A conduta do homem pouco importa, é uma coisa nula, um valor perdido no vácuo da consciência... — dizia êle.

— Precisamente — afirmava Thiébault. A Alemanha só ama a vontade que se reflecte com nitidez nos seus actos guerreiros. Qual é, para ella, a perfeição suprema da guerra? A fôrça! A fôrça como única finalidade, como única lei. A verdade, a justiça, a história, os argumentos, os sentimentos, a honra, a lógica, não teem sentido a não ser na medida que convenha ao Estado Maior germânico. Tudo o que não fôr energia, se elabora para que o seja: — a arte, o amor, a religião, que sei eu? Deus é um dos melhores aliados do império, combate junto das suas divisões, maneja uma espada sangrenta, atiza o lume dos incêndios!

A ironia de Thiébault foi recebida com uma gargalhada. Davidson, muito correcto, com a sua lentidão, o seu humorismo, a seu fleugma britânico, exclamou, com o cachimbo nos dentes:

— Até Deus, hein?

— Até Deus! — asseverou Thiébault. Eis a



razão de todos êsses vandalismos, de tôdas essas destruições que viu no seu caminho — continuou êle, dirigindo-se a Duarte. Incendiar aldeias, bombardear templos, catedrais, cidades, devastar, devastar sempre, acosar populações civis indefesas, é um hórrore, mas é a fôrça em acção — a fôrça que aterra, que espalha o pânico, que esgota a coragem moral do inimigo, que vence!

Hugo Davidson pediu a conta, que quis pagar por entre os protestos de todos os outros.

— Não, senhores! Compete-me a mim a despesa. Represento aqui a Inglaterra, que é a nação mais rica em ouro — dizia êle, sorrindo.

E, no esplendor da luz, que era maravilhosa e que do céu descia como uma bênção, saíram para a rua, passeando, saturando-se de bom ar, de claridade. Ao lado de Duarte, Thiébault dizia-lhe que partiria nessa mesma tarde para as trincheiras, donde há tantos meses andava afastado. De novo ia afrontar a morte, vingar a sua pobre Pátria, lavar-lhe talvez as feridas com o seu sangue.

— Ah! meu amigo! Tornar-nos hemos a encontrar? Não será esta a última vez que nos vemos?

Parou um momento, batendo as pálpebras à crueza do sol, que faiscava, e murmurou:

— Se voltar a Portugal, procure meu tio, que está em Lisboa, diga-lhe que me falou, que confraternizamos, que eu lhe mandei, por si, um abraço.

Separaram-se daí a uma hora. Duarte e Davidson continuaram ainda a sua visita aos antigos campos de batalha, ficando, nessa noite, na aldeia que resistira denodadamente à invasão, e partindo na manhã seguinte para outros pontos. Na sua peregrinação dolorosa, Duarte ia pensando que o latino, afinal, se mostrava superior aos setentrionais. Era um ser dotado de personalidade, com uma consciência justa, um domínio sôbre os seus próprios instintos, uma noção subtil de liberdade, uma capacidade moral, uma originalidade literária e artística. Parecia-lhe, por isso mesmo, que esta guerra tam feroz era a luta pela fé num ideal, pela devoção à humanidade e ao direito, pelo reconhecimento do valor das nacionalidades, ferindo-se contra a violência e contra o desprezo da dignidade humana. Os latinos, semeadores de ideias e fundadores de civilizações, possuíam, como Thiébault, a bravura espiritual, o heroísmo alegre, sacrificavam-se cantando: os germânicos, pelo contrário, tinham a coragem obrigatória, a heroicidade que a disciplina lhes impunha. Nada mais.

E quando novamente regressou, com Davidson, ao acampamento inglês, alguns dias antes da sua partida para as trincheiras, havia completado a sua iniciação, estava convertido. Bater-se pela França e por Portugal seria para a sua alma e para a sua inteligência, o mais puro, o mais nobre dos deveres!

## VI

Uma semana depois, Duarte encontrava-se já nas trincheiras com o destacamento português que ia completar assim o seu rude tirocínio. A imagem verdadeira da guerra apareceu então mais nítida aos seus olhos, em todo o horror, em tôda a grandeza dramática que caracterizavam êsse choque formidável de povos antagônicos, êsse encontro fulgurante de ideais, de tradição, de história, de crenças, de civilizações, de interêsses morais opostos. Não foi sem um pavor secreto, bem oculto no fundo da consciência, que Duarte avançou para os entrincheiramentos, através dum terreno calcinado e coberto de negros estilhaços de ferro, revolvido em todos os sentidos, cavado em buracos, em valas, em abrigos abertos na encosta dos montes, sob as rochas estilhaçadas, onde não espirravam arbusto mais alto ou erva rasteira.

Ele e os seus soldados caminhavam em longas fileiras ao lado das tropas canadienses, por entre boqueirões profundos que estabeleciam a comunicação com sucessivas linhas de trincheiras armadas de morteiros pesados, de metralhadoras, de lança-minas, e parapeitadas com sacos de areia onde os cacos das granadas se immobilizavam. Mais para trás, procuravam posição as baterias de grosso calibre, abrindo a sua goela sinistra e ameaçadora para as linhas alemãs. Tôda esta scenografia estu-penda tinha para Duarte uma atraente novidade, inspirando-lhe ao mesmo tempo um terror que mal conseguia dominar. È de momento a momento encontrava mais ruínas, mais escombros, como cemitérios de aldeias e de cidades que os exérci-tos aliados defendiam de profanações para que nada perturbasse o sono trágico dos restos sagra-dos duma beleza e duma graça fulminadas pela morte.

Os oficiais britânicos que com Duarte mar-chavam para a frente do combate iam-lhe expli-cando certas particularidades que o comoviam e o inflamavam de coragem. Panos de paredes que ainda se erguiam, desequilibrados, exibindo rom-bos enormes de que a cada instante se despren-diam pedras e argamassas, eram ossaturas que-bradas, trituradas, de templos ou de monumentos que antes da guerra constituíam maravilhas de arte gótica; plintos desconjuntados, rachando como cantarias frágeis, tinham sustentado, à luz



do sol, estátuas de heróis, de poetas, de pensadores; as montanhas informes de calíça e de travejamentos formavam ainda dois anos antes povoações risonhas, cidadesinhas fluorescentes e ricas, com as suas indústrias, o seu trabalho progressivo, as suas universidades, as suas bibliotecas e os seus museus. E tudo agora jazia tam inanimado como os milhares de cadáveres que apodreciam debaixo da leiva e que se haviam sacrificado para o resgate das pátrias escravizadas! Duarte olhava, observava, mudo de dôr e de pavor, tudo quanto os seus olhos alcançavam. A fantasia genial de Dante nada tinha criado que se pudesse comparar àquela desolação. Pôr vezes, avistava tórres rompendo das ruínas e erguendo no ar uma cruz simbólica de misticismos e de piedades seculares que a artilharia não atingira, ou prédios esventrados, sem fachada, mostrando o corpo interiormente, a réde dos seus órgãos, dos seus intestinos, e que lhe sugeriam figuras humanas e gigantescas a que tivessem arrancado o tórax e uma parte do abdómen. As janelas sem guarnições e sem caixilhos lembravam-lhe as cavidades dos olhos numa caveira. E dêstes esqueletos colossais pendiam, como farrapos duma carne incorruptível, roupas, mobiliários intactos, leitos, louças. Duarte viu, mesmo, numa destas vivendas sacrificadas, um berço que talvez estivesse embalando um destino, no momento em que o chuveiro das bombas se abateu, de repente, sôbre

as casarias, pondo os moradores em fuga — e esta visão enterneceu-o! Perguntava, mentalmente, se seria ainda viva a criança que ali dormia o seu sono inocente e que tam cedo começára a sofrer dos males inevitáveis da vida!...

Ao passo que avançavam para as linhas da rectaguarda, onde permaneceriam algum tempo para fazerem, metódicamente, uma aprendizagem necessária, o bombardeamento intensificava-se mais, o estampido aumentava de fragor. De vez em quando, ao dar-se a explosão dos obuses lançados pelas peças pesadas, Duarte ficava atónito, pregado ao chão, sentindo um grande vazio no cérebro, como se tóda a sua massa encefálica se fundisse e se lhe escapasse, em fumo, do crânio. E vislumbrava já, nítidamente, sôbre os pontos altos, à volta de campanários que se elevavam no ar, donde aonde, manchas leves, subtis, dum fumo branco pairando por momentos na imobilidade da atmosfera clara, como pedaços de algodão voando ao vento, sob o sol.

— Hoje, a batalha será dura nas primeiras linhas! — exclamavam os seus camaradas ingleses.

— Combate-se? — perguntava Duarte.

— Prepara-se o recontro — informavam êles. Por enquanto, fala a artilharia grossa. Quando esta música se calar, entra em scena a infantaria.

Mas que amargura! Nem a nota idílica e fresca duma árvore de sombra, nem uma fruteira, nem sequer a verdura duma sarça, amenizavam

a aridez, como um oásis. Estava tudo raso, sêco, tismado, como se uma nuvem de fogo por ali houvesse passado. As próprias estradas tinham sido destruídas ou atravancadas com enormes troncos, levantados os *rails* dos caminhos de ferro, dinamitadas as pontes que mostravam a confusão dos titânicos arcabouços de ferro misturados com pedregulhos ciclópicos deslocados dos alicerces. Das serranias de madeiras e de vigamentos ainda subiam fumaradas espessas; e Duarte experimentava a sensação de que também se adiantava para a destruição, para a morte, para o nada, com todos aqueles homens na primavera da existência, porque no ambiente asfixiante, de furor e de fogo que entrevia ao longe, a vida seria impossível. E então pensava, comovidamente, se tal sacrifício de sangue, tanta dôr acumulada, tantos cadáveres, tantas ruínas, encontrariam, finalmente, uma ideia humana que justificasse a catástrofe!

Para além da última linha de entrincheiramentos, onde o sofrimento adquiria aspectos desconhecidos e pavorosos, entrevia êle um mundo novo — mas mundo de violência e de angústia, em que apenas se movessem sombras vagas e onde só troasse a voz das cóleras desencadeadas. A distância que ia do acampamento donde saíra horas antes até àquelas regiões de padecimento, de heroísmo e de desespero, representava para Duarte o salto brusco para um outro ponto do globo ignorado dos homens, onde sómente houvesse incên-

dios, fogueiras, densos turbilhões de fumo, como nas convulsões primitivas da formação do planeta e donde surgissem, do meio dos braseiros, vermelhos e sangrentos, esguios espectros. Nenhuma construção, nenhum fundamento dos seres civilizados se mantinham de pé. Tudo ardera, tudo caíra, tudo se pulverisava, para que a morte afirmasse o seu estupendo poder destruidor. Nenhum sôpro vivo pulsava no deserto infinito onde outrora houvera multidões confiantes e sorridentes, trabalhando e amando-se sob a doçura do céu azul. Um dia de ferocidade fôra bastante para aniquilar o que representava uma actividade de séculos e que dava a impressão duma eternidade!...

Duarte admirava-se de que por ali não encontrasse carcassas de homens e de animais, destroços de material de guerra, postas de sangue coagulado, ossadas lívidas. Para onde teriam sido removidos os detritos da matança tremenda?

Mas os oficiais britânicos disseram-lhe que êsses mortos, essa carne trucidada, foram reduzidos a cinza nos fornos crematórios, para que a podridão não ameaçasse a saúde dos vivos. Apenas se arrastavam ainda na lama longas serpentes de arame farpado a que se prendiam trapos, pedaços de tecidos diversos que se desfiavam lentamente à ventania e que as chuvas tinham aglutinado.

Os soldados caminhavam silenciosamente, com a espingarda ao ombro, as mochilas às costas, pre-



sas por largas correias, vergados sob a carga, os músculos da face retesados, os olhos cheios de brilho e de espanto. Não diziam palavra, não esboçavam um gesto, encolhendo-se a cada estrondo que os surpreendia na sua jornada talvez de aniquilação, talvez de glória. Os seus rostos eram pálidos, os seus movimentos hesitantes, de-certo porque ainda não estavam costumados ao ciclone das batalhas. Duarte, contemplando os seus homens, sentia por êles uma infinita compaixão. Ah! os pobres rapazes, morenos, tostados do sol das serras de Portugal ou das brisas oceânicas, cavadores ou marinheiros, que tinham deixado as suas terras cantando e rindo! Quantos dêles nunca mais tornariam a ver as mães lacrimosas, as espôsas, as noivas, os casais brancos da montanha ou da planície onde haviam nascido, as ermidades pacíficas onde iam em romarias, nos domingos de festa, dançando nos adros batidos de luz, os campos que por suas mãos cultivavam e que lhes davam, generosamente, o pão e as flores! Todos êles eram intrépidos e eram crentes. Nas vésperas de abandonarem os seus bivaques, quizeram confessar-se aos padres capelães, ouviram missa com admirável devoção, orando prosternados. A guerra acendera novamente nas suas almas a chama transfiguradora da fé, que os apaziguava, que fortalecia o seu sereno heroísmo. E que excelentes soldados! O português, que tinha por costume dizer sempre mal da sua Pátria, zombára dum exér-

cito de que a democracia banira tôda a disciplina, desorganizando-o. Pois bem! Duarte observava jubilosamente que não existia gente mais disciplinada, mais sofredora, mais paciente. A uma palavra dos chefes, a uma ordem, todos se agrupavam, desaparecendo o indivíduo para ficar a massa homogénea, una, obedecendo rigorosamente, como um maquinismo, quando o prestígio das instituições militares assim o exigia. Depois, findas as obrigações, cumpridos os deveres, o indivíduo reaparecia imediatamente, com uma vontade própria. Nos latinos — e esta era a sua superioridade sôbre os germânicos — a organização não matava a personalidade: apenas fundia as múltiplas energias numa só energia, quando isso era preciso, para que a fôrça resultante de milhares de fôrças conjugadas se polarisasse num único sentido, convergisse para um mesmo fim. Mas as consciências, os caracteres, mantinham-se íntegros!...

Ao cabo dalgum tempo de marcha, o contingente chegou, finalmente, às trincheiras da rectaguarda, e fez alto. Os soldados desembaraçaram-se das mochilas, pousaram as armas e espalharam-se pela rêde dos entrincheiramentos, folgando com os seus camaradas ingleses, que os receberam alegremente, como numa festa. Duarte notava que os horrores da guerra já não exerciam a menor impressão sôbre aqueles homens que havia meses, talvez anos, se batiam magnificamente, convivendo a todos os momentos com a morte —

essa morte que os iconografistas remotos simbolizaram num esqueleto de riso irónico na bôca descarnada e sem dentes, passando afadigada, com a sua foice ao ombro, para as monstruosas ceifas: e admirou então a heroicidade do ser consciente, capaz de tôdas as audácias e de tôdas as abnegações. Davidson tinha-lhe dado uma carta de apresentação para um oficial da Escócia, o capitão Hamilton, que fôra seu companheiro de estudos na Universidade de Edimburgo e que, logo nos primeiros dias da guerra, depois da queda de Liège e do incêndio de Lovaina, se alistou como voluntário, combatendo já na batalha de Mons e em Charleroi. Hamilton fôra ferido gravemente nos dias gloriosos e épicos do Marne, mas voltára ao serviço cinco meses mais tarde, viril, moço e confiante. Duarte procurou-o nessa mesma tarde, entregou-lhe a recomendação de Hugo Davidson e logo entre êles se estabeleceu um íntimo affecto. Hamilton comandava uma companhia de fuzileiros, e voltára da primeira linha de trincheiras quatro dias antes para repousar, recuperar o fluido vital esgotado numa luta permanente de semanas. Era um excelente rapaz, afável, pouco expansivo mas sincero, de rosto corado e cabelo louro. Imediatamente quis mostrar a Duarte os entrincheiramentos do sector em que se encontravam, com tôdas as suas particularidades engenhosas. O oficial português visitou vagarosamente os abrigos em que as tropas se acoutavam e que se

estendiam a perder de vista através de pradarias, das ondulações do solo, dos troncos dos arvores cerrados junto ao chão ou esgalhados pelas granadas e derramando ainda as lágrimas da seiva pelas feridas abertas no seu corpo que dir-se-ia possuir uma sensibilidade. A cada instante o surpreendiam espectáculos para êle inéditos. Nas anfractuosidades das rochas, os soldados haviam edificado verdadeiras moradas subterrâneas, que tinham decorado com os mobiliários das vivendas destruídas, instalando-se aí comodamente. Em algumas destas moradas existiam mesmo bibliotecas, e estavam transformadas em salões de leitura. Entre enormes sacos de terra, e cobertos por montes de ramarias verdejantes, os morteiros escancaravam a sua bocarra trágica e reluzente: de distância a distância viam-se metralhadoras em pontaria. Balões redondos e de grande bojo inflado, retesando-se dentro duma rede de cordagens, elevavam-se nos ares, para lá das nuvens, com observadores atentos nas barquinhas; e, de momento a momento, baterias pesadas, ocultas por sarças, por detrás de penedias, encobertas por galgões de terreno, assestavam-se contra as linhas inimigas. Um pouco mais atrás, ficavam as barracas sanitárias, os hospitais de sangue, cheios de feridos, que constantemente saíam, em carros ou em combóios arquejando sob a carga da dôr humana, para as estâncias de cura e de repouso da França ou da Inglaterra, muito longe da co-



moção e do fragor das batalhas. Duarte observava a scena lúgubre com o maior interêsse, e perturbava-o, comovia-o profundamente a mesma nota sinistra de destruição que já o chocára na sua jornada com Davidson, e que lhe dava a impressão de que tôda a nacionalidade francesa fôra devastada por uma tormenta de fogo. De minuto a minuto, parava diante de grupos de homens fardados que, com pás, formavam altos rebordos de terra em redor dos canhões, para a defesa dos artilheiros que disparavam, ocultando-se com as largas chapas de aço dos anteparos, onde as granadas inimigas explodiam e se fragmentavam.

— É estupenda a fôrça criadora que os povos consomem nas guerras modernas! — dizia êle para Hamilton.

— Oh! estupenda, na verdade — murmurava fleugmáticamente o oficial escocês.

— Imagine tôda esta energia, tôda esta inteligência, applicadas às obras de paz e de progresso. Renovariam o mundo!

O que mais o intrigava é que, numa extensão territorial em que viviam centenas de milhares de soldados, Duarte não via ninguém. Tôda essa aluvião de humanidade, que incessantemente matava e morria aos gritos, aos uivos, vivia refugiada nos seus buracos, como aves noctívagas, temendo a luz diurna.

— É que, na realidade, tôda a exhibição aqui é perigosa! — explicou Hamilton, sorrindo.

Diante dêles, a um ou dois quilómetros mais à frente, a artilharia despejava, com estrondo formidável, as suas rajadas de ferro, e a cada descarga Duarte fechava os olhos, rilhava os dentes, crispava os dedos das mãos, tomado por uma agitação repentina. As explosões terríveis abalavam-no até às mais recônditas intimidades do seu sêr, estonteavam-no, mergulhavam-no numa espécie de alheamento que era transitório. Não denunciava, porém, a sua perturbação, por vergonha, por orgulho, ao ver que a serenidade do formigueiro de combatentes se não conturbava e que êles continuavam impassíveis, sem traírem a menor comoção, o mais fugidio receio. Ao seu lado, Hamilton falava naturalmente, no meio dos trovões das descargas rolando-se de cabeça em cabeça, repercutindo-se nas quebradas dos vales, roncando por outeiros e colinas, com uma voz ameaçadora que umas vezes engrossava, aumentava de sonoridade e outras quáse esmorecia, se apagava. Quando o sol morria, as explosões dos obuses dir-se-iam arborescências de luz violácea, scintilações de estrêlas.

— Mas o que é que está sendo bombardeado?  
— interrogava êle.

— As fortificações inimigas, acolá, muito longe — dizia Hamilton. Veja com êste binóculo de campanha. Não distingue nada?

— Sim, um campo razo, com minúsculas linhas paralelas.

— Isso mesmo. São as trincheiras alemãs.

A artilharia teutónica respondia também à agressão, disparando continuamente. Percebiam-se êstes disparos primeiro por pequeninas nuvens dum fumo amarelado que flutuavam no espaço e depois pelo sibilar das granadas que vinham riscando traços luminosos no ambiente que já escurecia e que, ao cáirem, produziam medonho estampido, levantando vagalhões de terra pulverisada.

Começava a anoutecer; uma sombra apressada desdobrava-se sôbre a paizagem de desolação e de morte. Apenas pelos píncaros das serranias pairava ainda uma ténue mancha de sol. O céu empalidecia e trémulas estrêlas abriam as pálpebras assustadas como mundos ignotos que acordassem. O campo de batalha cobria-se de treva lentamente. Mas o canhão troava sempre, inflamando a atmosfera. A todo o instante subiam duma banda e doutra foguetes de grande potência ascencional que, ao deflagrarem para lá das nuvens, iluminavam o scenário e derramavam pela terra uma claridade tam viva que deslumbrava a vista. Os reflectores espalhavam vastos feixes luminosos, sondando, espiando a obscuridade. Duarte teve a sensação de que assistia a um grande fogo de artifício, e durante muito tempo contemplou, absorvido em meditação, êste espectáculo maravilhoso. Depois, vagarosamente, voltou para trás, com Hamilton, juntando-se ao seu destacamento. Os sol-

dados, enrodilhando-se nos capotes, preparavam-se para repousar no meio daquele ruído, infernal e constante, enquanto as sentinelas espreitavam diligentemente a escuridão. De-certo que não teriam surpresas desagradáveis. A batalha feria-se longé, muito longé, com as tropas da primeira linha, que pelejavam firmemente resistindo às ondas dos assaltantes ou atacando por sua vez. Nada viria perturbar o repouso bem merecido dos que, durante tantos dias, se extenuaram nas lides guerreiras e sangrentas e que agora, pelo descanso, recuperavam a vitalidade perdida. No entanto, eram necessárias precauções que evitassem possíveis surpresas, especialmente contra as esquadrilhas aéreas que aproveitassem a negrura e o silêncio nocturno, para o bom êxito dos *raids*. Por isso mesmo, enquanto a infantaria repousava, os canhões contra os aeroplanos mantinham-se em pontaria, com os seus oficiais e os seus serventes à volta, e perto das trincheiras, num campo raso, alguns aviões de caça estavam a postos para se elevarem rápidamente, com os seus motores em laboração e as metralhadoras bem providas de munições.

A dois passos das tropas adormecidas, grupos de oficiais, de pé, fumando cachimbo e com as golas dos casacos erguidas até às orelhas, falavam em voz baixa. A pouco e pouco, no entanto, também êles retiraram, pesados de sono, ficando apenas àlerta os que estavam de serviço.



Duarte, sôbre o chão duro dum buraco aberto nas entranhas da terra, procurava descansar, enrolado no seu capote; mas, mal cerrava as pálpebras, despertava, alarmado a cada estrondo. A noite começava terrivelmente para êle, que pela primeira vez dormia nos entrincheiramentos. Na meia sonolência que o invadia, as explosões sucedendo-se sem interrupção pareciam-lhe cataclismos cósmicos produzindo um rumor gigantesco de mundos que ruíssem sôbre o seu pobre corpo dorido. Por cima da sua cabeça, o pálio das constelações dardejava, sublinhando de oscilantes pontos de luz o veludo negro do cén. E sempre, continuamente, sem um minuto de tréguas, as repetidas descargas da artilharia, abalando, sacudindo em movimentos vertiginosos a crosta terráquea que dir-se-ia convulsionada por uma dôr profunda!

Como não podia conciliar o sono e as horas se arrastassem vagarosamente, monótonas como o tédio, começou a pensar na sua própria existência jogada aos acasos do destino desde que saíra de Portugal. Quantas transformações no seu sentimento, nas suas ideias, na sua personalidade psíquica! Havia qualquer coisa de misterioso, de obscuro, de incompreensível dentro de si, na sua alma, na sua inteligência. Não se lembrava de ter sofrido algum dia. Sempre para êle a vida corraera fácil, luminosa, perfumada, até ao momento de entrar na guerra. Mas agora, um grande desa-

lento apoderava-se d'êle, retinha-o prisioneiro numa cadeia de ferro, a sua tristeza medrava na solidude como uma flor venenosa, julgava que tinha perdido a liberdade e que para o futuro, enquanto durasse a lúgubre matança humana, seria obrigado a obedecer, a não proceder livremente, a sufocar as imposições da sua individualidade. Ah! que amargura! E onde estariam, naquele momento, Davidson, com quem ainda dias antes fizera uma viagem sinistra aos antigos campos de batalha, o bom Thiébault, intrépido, corajoso e tam lial, de quem se despedira na manhã em que êle de novo se dirigia às linhas de fogo, falando supersticiosamente na morte? Onde estaria Vitorino, o companheiro de estudos em Coimbra, tam amável, tam alegre, que mesmo na guerra deixava cair madrigais em flor ao regaço do Eterno Feminino? Tornaria a vê-lo? Desgarrara-se d'êle talvez para sempre!...

Mas a recordação de Vitorino despertou-lhe vivamente na sensibilidade a imagem da mãe, que o estaria evocando nesse momento com os olhos queimados pelo fogo das lágrimas, e a imagem de Eugénia, que era a doçura, a suavidade do seu sofrimento. Como o amor que lhe consagrava se sublimára de impurezas, se santificára, e como a adoração pela mãe se ia intensificando, na distância que dela o separava!...

De repente, Duarte lembrou-se de que não tornára a escrever às duas veneráveis e purifica-

das mulheres da sua ternura desde que partira para as trincheiras, e esta lembrança atormentou-o. Não tivera um momento de folga para lhes dar notícias suas, mas também as havia esquecido na diversidade de emoções que o atordoavam: e accusava-se dêste esquecimento como dum crime. Durante muito tempo, uma contínua sucessão de pensamentos e de impressões alvoroçou-o: depois, quando a manhã se aproximava, uma lassidão infável apoderou-se-lhe de todos membros, as pálpebras doloridas da longa vigília cerraram-se-lhe e Duarte adormeceu mesmo sob o estrondo da metralha...

Nesse dia, logo de manhã, Eugénia entrou em casa de D. Joana, inquieta, com uma sombra de tristeza na face. Estava pálida, tinha os olhos vermelhos e inchados de chorar. D. Joana observava-a, intrigada, surpreendida com a nervosidade dos seus movimentos.

— Tu que tens? — perguntou ela.

— Sabe? — exclamou Eugénia. — Eu não lhe queria dizer nada, para a não amedrontar talvez sem motivo, e a mamã era também de opinião que eu me calasse. Mas não posso mais! Preciso de desafogar...

— Que aconteceu, então, santo Deus? — interrogou D. Joana impaciente.

— Aconteceu isto:— desde que partiu, Duarte escreveu-me sempre, com tôda a regularidade. Pois bem! Há uma semana que não recebo carta dêle. Vinha saber...

— Se me tem escrito a mim?

— Precisamente!— acudiu Eugénia, com o rosto afogueado.

— Não!— replicou D. Joana, sobressaltada. Estava para ir hoje procurar-te também e fazer-te a mesma pergunta.

— Que terá acontecido?— inquiriu Eugénia, numa grande agitação, levantando-se da cadeira em que se sentára e dando alguns passos para D. Joana que havia empalidecido mortalmente.

A estas palavras, que representavam para as duas mulheres uma incerteza aflitiva, ambas emmudeceram, fitando-se com olhos ansiados e o peito ofegante. É logo a imaginação sobreexcitada architectou as mais cruéis desgraças, os mais sombrios acontecimentos. Ah! se Duarte não escrevia, sabendo que a ausência de notícias suas as faria sofrer amargamente, é porque estaria ou morto ou doente num hospital de sangue, talvez ferido e mutilado, talvez ardendo em febre e murmurando-lhes os nomes nos seus delírios. Justamente, D. Joana lembrava-se de que, na última carta, o filho lhe dizia que em breve estaria nas trincheiras, não para combater ainda mas para se habituar à violência furiosa das batalhas. Êle recomendára-lhe serenidade, pedia-lhe que se não



alarmasse sem razão, porque a sua vida não correria risco no abrigo dos entrincheiramentos: mas certamente Duarte falava-lhe assim apenas para a tranqüilizar, ah! só para isso! E agora, convencida de que na verdade ou havia morrido ou correria um grande perigo, já não podia conter as lágrimas, que lhe orvalhavam as pálpebras e lhe nublavam a vista. O seu pobre filho! Com tanto amor o tinha criado, com tanto carinho e tanta adoração o acompanhára pela existência fôra, desde a primeira manhã da infância, para afinal êle ir morrer longe dela, longe dos seus beijos, das suas palavras de consolação, dos seus afagos, e ser enterrado na terra dura dos campos de batalha, num coval anónimo, desconhecido, confundindo-se com muitos milhares doutros iguais onde dormiam o sono eterno as floridas primaveras humanas dos povos! Como ela fôra infeliz em tôda a sua atribulada vida! Nem no momento em que resvalava para a velhice desagasalhada e quando os seus pés tropeçavam no frio dos sepulcros, Deus lhe conservava a única alegria do seu amor de mãe! Avançou para Eugénia emmudecida e lívida, estreitou-a num abraço contra o seio que arfava e disse, num grito:

— Que desgraçada eu sou, minha filha, que desgraçada!...

Eugénia, já arrependida daquela dôr lancinante que havia provocado inconscientemente, tentou então serená-la, inventando piedosos subterfú-

gios. Na realidade, como havia sido inconsiderada! Nenhum motivo sério tinham, uma e outra, para se abandonarem assim a um desespero que nenhuma certeza justificava. Se Duarte tivesse sido morto ou recebesse algum ferimento, já o saberiam, ou pelos jornais ou mesmo por informações de Vitorino, que também estava em França e que nada lhes ocultaria! Mas os jornais nem sequer aludiam a combates em que as tropas portuguezas houvessem tomado parte e Vitorino, que ainda no dia anterior escrevera à mamã, nem uma palavra disse à cerca de Duarte.

D. Joana ergueu o rosto cheio de lágrimas que pretendia esconder de Eugénia, teve um momento de esperança.

— Efectivamente, teu irmão deve saber de Duarte! — gaguejou ela.

— Sem dúvida, sem dúvida! — apoiou Eugénia.

Ê apegando-se a êste raciocínio, desenvolvendo-o mais para lhe imprimir maior veracidade, murmurou:

— Ê que me não tinha ocorrido esta circunstância! Estávamos aqui a torturar-nos impensadamente...

D. Joana ainda hesitava, ainda opunha negativas, ainda formulava objecções: mas Eugénia, forçando o riso, procurando mostrar-se tranqüila e contente, pousou-lhe as mãos nos ombros, dizendo:

— Vê como eu já não penso nessa loucura? Porque era uma loucura!...

Tomando-lhe o braço, arrastando-a brandamente para fóra da sala, falando em voz alta, num timbre que, por vezes, traía a comoção, lembrou:

— Vamos ver ao jardim os craveiros que Duarte plantou e que não tardarão a florir. Está um lindo dia. A luz e o ar hão-de fazer-lhes bem!

Estava um lindo dia, com efeito. Uma claridade dourada, que dir-se-ia perfumar-se com o aroma das primeiras florescências primaveris, irradiava por todo o céu e comunicava à terra uma beleza nova. O sol caía em flechas de ouro por entre as ramagens. Do jardim, avistava-se um trecho da cidade baixa, resplandecendo sob o azul na sua policromia, descortinava-se mesmo uma parte do Mondego rolando, nas suas águas serenas e translúcidas, areias brancas e pequeninos seixos polidos e parecendo de longe, entre os choupos verdes, uma torrente de metal em fusão relampejando de súbitos clarões. A paisagem e a casaria adormeciam na carícia luminosa da pura manhã de março. Sentaram-se num largo banco de cortiça, bem juntas uma da outra, de mãos dadas, olhando os craveiros que estavam viçosos, a roseira de trepar, cheia de botões e de folhagens, que subia pela parede até ao peitoril da janela de Duarte e que em maio, gentilmente, oferecia graça e fragrância. A doçura envolvente

enternecia-as; calavam-se, para melhor compreenderem a poesia e sentirem a beleza matutina que as rodeava.

— E se êle morre? — perguntou, repentinamente, D. Joana, preocupada ainda com os sobresaltos pouco antes experimentados.

— Aí volta! Não pense nisso! Que ideia! — atalhou Eugénia.

— Pois em que hei-de eu pensar?

— Mas verá, verá que o nosso receio foi injustificado! Ainda esta semana teremos carta!

— Antes assim. Como êste engano me causará então felicidade!

Deram ainda algumas voltas pelos arruamentos, absorvidas na sua cogitação dolorosa. D. Joana suspirava:

— Ah! esta guerra, esta guerra! Quando acabará ela, para que à alma das mães volte a alegria?...

Eugénia não lhe respondeu, curvando-se a apanhar violetas brancas que floriam e perfumavam o ar. Depois, erguendo-se e com um rubor na face, murmurou:

— Agora, que já sosseguei a minha inquietação, vou-me embora.

— Tam cedo? Porque não te demoras um pouco mais e não almoças comigo? Sinto-me tam só, tam abandonada! Mandava a Maria prevenir tua mãe...

— Demoraria de bôa vontade, mas a mamã



tem de dar umas voltas e ficou à minha espera...

— Ah! nesse caso, não insisto.

— Viremos à noite, a não ser que D. Joana queira ir a nossa casa.

— Venham antes à minha. Hoje, não posso sair, não tenho serenidade para isso.

Fizeram as despedidas, abraçando-se ternamente. D. Joana acompanhou Eugénia até à porta, e ainda voltou a beijá-la, apertando-lhe as mãos nas suas.

— Até à noite, então. Não faltem!

— Ora essa! Até à noite.

Ao deixar D. Joana, como o dia estivesse bonito, decidiu dar uma volta mais larga; e pela rua, caminhando em passos rápidos, envolvida pelo disco da luz em que o seu fino perfil se recortava com a nitidez dum medalhão antigo, Eugénia resumia a diversidade das suas emoções daquela hora de alarme, pensando que, na verdade, Duarte podia morrer nessa guerra atroz em que os homens caíam diariamente aos milhares. Na ilimitada confiança da sua mocidade e na cegueira de alma do seu amor, nem sequer havia considerado ainda nessa morte possível, que espalharia uma sombra de luto e de melancolia no seu coração, que crestaria com o seu hálito venenoso as divinas flores da sua virginal ilusão de noiva, que interromperia para sempre um tam doce sonho. E começava a ter medo das apreensões de D. Joana, que a apavoravam a ela tam-

bêm. A guerra era mais séria do que lhe tinha parecido, a princípio. Desde que Duarte lhe anunciou a sua partida para as linhas de fogo, lia todos os dias os jornais. Já havia mortos, lutos, tristezas, orfandades dramáticas. E êsses jornais não diziam tôda a verdade — pensava ela. Ocultavam, certamente, muitas baixas, para não espalharem o terror entre os que tinham de ir combater para a França. Dias antes, em casa dos Alarcões, onde fôra passar a tarde com Ritinha, que estava noiva como ela e que fazia por suas próprias mãos o enxoval — um enxoval encantador de beleza e de frescura — ouvira dizer ao dr. Nunes, empregado público aposentado já pela República, pavorosas coisas. O dr. Nunes estava informado, recebia cartas da França, escritas em cifra, para escaparem à severidade da censura. Os mortos eram às centenas. E havia milhares de mutilados. Ora, o dr. Nunes não mentia. Para quê? Quem lhe escrevia era um sobrinho, oficial miliciano, que andava na guerra. Era isto, pelo menos, o que êle dissera a Tomás Alarcão, o homem que primeiro amára, que tam desdenhosamente a esquecera e que agora, sempre que por um momento se encontrava a sós com ela, lhe repetia incessantemente:

— «Houve entre nós um equívoco.»

Que equívoco? E que quereria Tomás insinuar-lhe com estas palavras que não comprehendia?... Ah! como era infeliz! A ventura tam do-

cemente sonhada começava a aparecer-lhe como uma aspiração irrealizável. Duarte não lhe escrevera durante seis dias seguidos, e êste facto, por mais que procurasse atenuá-lo, denunciava-lhe alguma catástrofe. Se não estivesse morto ou ferido, com certeza que a não teria esquecido durante tanto tempo, porque estava certa do seu amor, da sua veneração por ela.

Para se dar coragem, lembrava o que Duarte lhe havia dito, duas semanas antes de seguir para França com o regimento de infantaria em que fôra incorporado. Nada lhe aconteceria, a paz estava próxima, tôdas as nações se encontravam extenuadas, os governos dos países envolvidos no conflito negociavam já, secretamente, as bases em que se estabeleceria um armistício, que seria o primeiro passo para a reunião da Conferência dos diplomatas. Mas, succedesse o que succedesse, Eugénia teria, diáriamente, notícias suas. E eis que essas notícias lhe faltavam, sabendo Duarte muito bem a dúvida angustiosa que o seu silêncio causaria tanto a ela como à mãe.

— Oh! com certeza que houve algum acontecimento grave!

Dobrava a esquina da rua, para entrar em casa, muito rosada pelo esfôrço da marcha apresada, quando de dentro duma confeitaria ouviu dizer o seu nome e alguêm a chamou. Reconheceu a voz de Ritinha Alarcão, voltou-se e encontrou-se em frente da amiga, das irmãs e de

Tomás, que a cumprimentou ceremoniosamente.

— Por aqui? — perguntou Eugénia.

— É verdade — disse Ritinha. Passamos agora por tua casa, para sabermos se estavas. Veio falar-nos tua mãe, que nos contou as tuas inquietações e que nos informou da tua saída. Não nos demorámos... E entrámos aqui a comprar um doce de que a mamã gosta muito. Foi Tomás quem se lembrou... É gentil a lembrança, não achas?

— Oh! muito gentil! — concordou Eugénia.

— E que dizes, filha? Há notícias do teu noivo?

— Nenhumas. Venho de estar com a mãe neste instante... Nenhumas notícias!

Tomás, então, aproximou-se mais, envolveu-se na conversa, muito solene, com palavras estudadas e respeitosas. Já sabia tudo, por D. Sofia. Mas não havia, talvez, motivo para desânimos, muito embora a guerra fôsse um pavor...

Tinham ficado à porta, sôbre o passeio, formando grupo. Uma sombra rôxa projectava-se na calçada, resvalando brandamente do beiral dos telhados. Dentro do estabelecimento, batia-se prata no mármore côr de rosa do balcão, e na rua passava gente apressada. Tomás alongava-se em explicações que excitavam a preocupação de Eugénia. Cada combate era um horror. Uma chuva de metralha caía nas trincheiras, arrasando, devastando, matando incessantemente. As grandes



mortandades, porém, ocorriam entre os que atacavam.

— Ora, Duarte faz a sua aprendizagem de combatente, minha senhora. Não sai dos entrincheiramentos! — dizia êle, para tranquilizar Eugénia.

É certo — comentava Tomás — que também nesses entrincheiramentos se morria; mas aí, o perigo era menor do que em campo raso, ao ar livre e a peito descoberto!... Eugénia olhava-o fixamente, como se êle a hipnotizasse, e parecia-lhe surpreender nos seus olhos, que fulguravam, na sua expressão, no seu rosto, um mistério que a intrigava.

— Estão prontas as encomendas, minhas senhoras — disse um caixeiro.

As Alarcões reentraram na confeitaria, deixando Tomás com Eugénia; e êle, galantemente, murmurou em voz baixa:

— Se eu pudesse sossegá-la!... Custa-me tanto vê-la sofrer!

— Obrigada! — respondeu Eugénia sêcamente.

— Mas creia, creia na minha sinceridade. Porque não há-de crer? Para que dúvida? Bem vê!... Agora, que está tudo acabado, posso dizer-lhe a verdade, posso confessar-me... Não me acredita?... É como se fôsse minha irmã. Considero-a como irmã, Eugénia, já que o equívoco em que tantas vezes lhe tenho falado me impediu de considerá-la doutra maneira.

Eugénia, còrando e um pouco irritada com aquella linguagem que lhe parecia irrespeitosa e que, certamente, não devia atender, envolvia-o num olhar interrogador, cheia de indecisão; mas Ritinha voltou com os embrulhos, e Tomás retomou o seu ar natural.

— Porque não voltam, não sobem um momento? — pediu Eugénia. A companhia distraía-me, fazia-me bem.

— Não, não. Agora não. É tarde. Temos que fazer — respondeu Ritinha. Para outra vez...

— Como quiserem.

— E tu? Quando appareces?

— Um dia dêstes, quando estiver mais sossegada de espírito.

Despediram-se, beijando-se. Tomás tirou o chapéu, apertando a mão fina e branca que Eugénia lhe estendia, conversando com as amigas, sem mesmo reparar nêle.

— Adeus!

Batia uma hora na igreja de Santa Cruz e a cidade adormecia no banho faiscante da luz fluída e purificadora. A Baixa começava a animar-se de estudantes, de capa flutuando ao vento, que vinham das aulas, com os livros debaixo do braço. Eugénia reencetou a marcha, perturbada por uma surda cólera contra a insistência de Tomás. Parecia-lhe importuno e audacioso. Que pretendia êle? E devia ouvi-lo mesmo indiferentemente? Não seria isso atraiçoar Duarte? Perdia-se

em suposições para que não encontrava explicação rápida. Mas, observando-se minuciosamente, sentia no fundo do seu coração uma saúdade indefinível. Saúdade de quê? Não sabia. Era uma recordação dolorosa e doce doutros tempos e doutros sentimentos que nem sequer queria analisar detalhadamente, com receio de que esta análise a traisse e a fizesse sofrer. Mas notava que Tomás não lhe era antipático, apesar do seu procedimento doutrora e suspeitava que, sobretudo, nunca poderia odiá-lo, antes que quisesse. Que singularidade, a do seu coração!... Ah! se Duarte lhe escrevesse, para a serenar! Se fôsse encontrar em casa carta dêle! Que alegria imensa visitaria a sua alma inquieta, como uma divindade bemfazeja! E como se esclareceriam as nebulosidades do seu espírito e da sua sensibilidade amorosa!

Parou, de repente, na rua, em frente do prédio em que vivia. Tinha chegado sem dar por isso, quáse automaticamente. De cima, da varanda do primeiro andar, a mãe sorria-lhe com affecto. Eugénia galgou a escada apressadamente, muito comovida.





## VII

De longe, dos campos de batalha, chegaram porêm, logo na semana seguinte, notícias de Duarte. Não tinha morrido, não correra mesmo o menor risco. A morte andava muito para além das trincheiras em que êle combatia, brandindo a gadainha sinistra com que a fantasia dos homens a armára; fazia as suas ceifas tremendas entre as tropas das primeiras linhas, no meio de planícies cavadas de abismos, de montes abertos, fendidos desde o cimo à base, deixando sair pelas largas brechas pedregulhos desconjuntados, raízes, uma terra que se desagregava. E à sua volta, no tumulto das explosões e no lume dos incêndios que enchiam os horizontes de labaredas e de fumo, tudo parecia também morto, aniquilado, destruído para sempre:— cidades, aldeias, granjas, árvores de que apenas restavam pedaços

de tronco, mostrando ainda na casca ferimentos brancos.

Na carta que mandou à mãe, Duarte dizia que, embora se encontrasse em pleno cenário do drama que a humanidade representava, aos gritos e aos uivos, havia mais de dois anos, ainda nem sequer tinha visto de perto um combate. Ouvia o estrondo das peças, o crepitar da fuzilaria, em certos momentos, o arquejar dos aviões que pairavam, em nuvens, sobre a sua cabeça, batendo as asas monstruosas à luz, o deflagrar terrível das minas carregadas de dinamite que faziam saltar montanhas, rasgando crateras colossais, mas não via o que na guerra existia de mais doloroso: — os cadáveres amontoados uns sobre os outros, o sangue vermelho correndo em regueiras, os feridos de ventre dilacerado, de braços amputados, de pernas trituradas, pedindo socorro angustiosamente. Apenas dias antes, ao cair da tarde, um *fokker* alemão, atingido pelas granadas que lhe estilhaçaram o motor, viera abater-se, em chamas, perto do seu abrigo, num ruído de ferragens que se entrechocam e se despedaçam: e Duarte assistiu, então, a um espectáculo que o deixou horrorizado. Com efeito, o piloto e o oficial observador que tripulavam o aeroplano teutónico, com as roupas encharcadas da essência derramada, ficaram estendidos no chão, sobre os destroços da máquina, ardendo como archotes... E também o impressionavam os incessantes combóios sanitários que pas-

savam pelas suas trincheiras, arfando sob uma carga de glória e de miséria humana. Todos êsses pobres rapazes, que pagaram heróicamente à Pátria o seu tributo de dôr, iam para os hospitais da rectaguarda, depois de haverem sido pensados sumáriamente nas ambulâncias das linhas de fogo — uns inutilizados para sempre, com as mãos arrancadas, os pés decepados, os olhos perdidos; outros, mais felizes e que ainda voltariam à peleja, depois de curados, porque a nacionalidade a que pertenciam carecia do esforço que os seus filhos pudessem prestar-lhe, até à morte.

Duarte, contudo, estava muito distante do fúnebre sorvedouro de vidas e não sabia quando o mandariam avançar. A sua existência deslizava mesmo agradavelmente no convívio dos companheiros que um ideal idêntico e uma estreita solidariedade no sofrimento aproximára uns dos outros e na camaradagem dalguns officiais ingleses que eram atenciosos, afáveis e duma fidalga gentileza com os portugueses.

Para tranqüilizar a mãe, de-certo, Duarte concluía a sua carta, escrevendo: — «...Por aqui continua a falar-se muito em paz. Perto de trinta meses de guerra esgotaram por tal forma as nações beligerantes de tôdas as suas seivas vitais e submeteram os povos a tam aflitivos sofrimentos, que hoje todos se sentem cansados e ardentemente desejam o fim da carnificina, para se poderem reconstituir. Não se deve, pois, a mamã

admirar se eu fôr, já êste ano, passar as festas do Natal em sua companhia, e sem ao menos ter combatido uma hora.»

D. Joana recebeu a carta na manhã duma quinta-feira, pouco depois de haver regressado da Sé onde fôra ouvir missa, porque desde a partida de Duarte, o seu misticismo exacerbára-se, activando-lhe no sentimento a devoção religiosa. Experimentava uma grande suavidade, um desfôgo profundo na violência da sua dôr materna em orar, durante horas seguidas, na penumbra das naves augustas, diante do retábulo da Virgem, implorando à clemente Mãe dos Homens a vida do filho. E de volta dos templos, muito comovida, tôda de luto e o rosto coberto por um espêsso véu negro, ainda vinha para casa continuar as suas práticas de crente, refugiando-se na sala onde mandára colocar o oratório com um Cristo de marfim pregado na cruz, entre duas jarras com flores sempre viçosas e que Maria, a criada de tantos anos e a confidente, todos os dias renovava. Nessa manhã, porém, jubilosamente esquecera os deveres da sua fé. Logo quando entrou, muito abatida, fatigada pela marcha, Maria, com a cara iluminada de riso e de alegria, deu-lhe a bôa nova: O correio trouxera uma carta — a carta ansiosamente esperada. Era do menino, sem dúvida.

— Onde está? Onde está? — perguntou D. Joana, erguendo o véu e apertando ainda na mão



o seu livrinho de missa, que tinha capas de marfim.

— Na sala de visitas, sôbre a mesa — informou Maria, fechando a porta.

D. Joana correu para a sala, sentindo todo o sangue refluir-lhe ao coração e murmurando:

— Fez bem em a pôr nesse sítio. Porque a carta é, certamente, uma visita, a visita que eu mais estimo.

Ao pegar-lhe, com os dedos trémulos, voltou-a vagarosamente, analisou-a, observou o *enveloppe*, o carimbo dos correios. A letra era de Duarte, com efeito. Estava, portanto, vivo, graças ao céu! Mas então, antes de a abrir, uma dúvida dolorosa se apoderou dela, amolecendo-lhe a energia, esfriando o seu ardente contentamento. Que iria dizer-lhe o filho? Que notícias inquietadoras ou felizes lhe daria? Tinha mêdo. Havia dentro de si, na sua alma, no seu sentimento de mãe, um receio agoureiro que a exauria de tôda a vontade, que a submetia a uma angústia nova. Na realidade, nunca sofrera um pavor semelhante com outras cartas, que abria com impaciência logo que o distribuidor do correio lhas entregava. E agora, como tremia, como se assustava!

Maria, que ficára à porta, seguia-lhe os movimentos, surpreendia-lhe as indecisões; e, para a tranqüilizar, para a fortalecer, disse:

— A minha senhora está a apoquentar-se sem razão!

D. Joana fitou-a longamente, um pouco abor-

recida com aquela interrupção inesperada, com a intervenção da serva humilde nas suas coisas íntimas; mas imediatamente sorriu com affecto. Maria fôra-lhe sempre dedicada, considerava-a como pessoa de família, era a sua companhia, talvez a sua amiga mais sincera.

— Afinal, tu é que dizes bem, Maria. Estou a affligir-me sem motivo.

— Pois isso!...

— Mas que queres? Ah! Maria, se tu fôses mãe, se tivesses só um filho e to levassem para a guerra, para a morte!... Também serias como eu!

— Aí está!... Mas o menino vive, minha senhora. É tanto assim que lhe escreve!...

Então, D. Joana rasgou nervosamente o papel, desdobrou a carta ennegrecida por uma letra firme e bem lançada, devorando-a desde a primeira à última linha, e voltando a relê-la com mais sossêgo.

— Boas notícias, minha senhora? — perguntou ainda Maria.

— Não são más!... Mas é um horror, Maria, um horror o que êle diz!

— Já que não lhe aconteceu nenhuma desgraça, devemos agradecer ao Senhor! — lembrou a criada.

Efectivamente, nenhuma desgraça ocorrera, e por aquela felicidade que devia a Deus, a sua pobre alma transbordava de reconhecimento, na

hora em que a guerra a fazia pensar detidamente no valor da existência. Rendia graças à Virgem pela ventura que lhe fôra concedida e que ela bem merecia, pelo seu infortúnio de mãe e de mulher. Voltando-se para Maria, exclamou:

— Com efeito, devemos agradecer esta alegria ao Senhor!

É subindo a escada, entrou no quarto do filho, tirou o retrato que estava em cima da *étagère*, junto do de Eugénia e levou-o para o oratório, colocando-o perto do crucifixo onde noite e dia uma lâmpada de prata cheia de azeite derramava uma vaga claridade dourada, fazendo resplandecer o cristal das jarras de flores, brilhar o Cristo de marfim com gotas de sangue scintilando nos joelhos, no peito, nas mãos, na fronte macepada, sob a corôa de espinhos. Depois, ajoelhando, rezou durante muito tempo, alheada de tudo, concentrando o espírito na sinceridade da sua fé, amando mais o seu Deus que a não esquecia, protegendo-lhe benignamente uma vida pela qual tudo sacrificaria sem um minuto de hesitação. Duarte vivia, prometia-lhe um regresso próximo, voltaria ao seu affecto unguído pelo padecimento — e com elle entrariam, novamente, na sua casa tam triste, a alegria, o amor, a esperança. Que mais quereiria ella, se tôda a razão da sua existência se resumia na adoração da existência ausente?

Ainda de joelhos, envolvia o retrato de Duarte num cândido olhar de ternura e, por uma suave

ilusão dos sentidos, parecia-lhe surpreender um sorriso de confiança na fotografia inexpressiva, que apenas reproduzia traços fisionómicos e não uma sensibilidade. A sua superstição attribuía êste facto a um milagre celeste.

Por fim, levantou-se, voltou abaixo, sentou-se num sofá a repousar das violentas emoções do dia festivo para a sua alma, cerrou os olhos e por algum tempo entregou-se a meditações dolorosas. Quantas mães, em Portugal, na Europa, viveriam na agitação que a atribulava, e quantas delas nunca mais tornariam a ver os filhos que os dirigentes se julgavam com direito de mandar para a morte, como se dispusessem de todos os seres conscientes dum país e tivessem a fantasia macabra de destruí-los, para assim afirmarem o seu poderio! Oh! de-certo que ela achava beleza e grandeza no heroísmo com que os exércitos defendiam as Pátrias ameaçadas ou invadidas. Simplesmente, parecia-lhe uma iniquidade obrigar os que não queriam combater a irem para as batalhas. Esta obrigação, que julgava monstruosa, ennublava o brilho das vitórias conquistadas pelas armas. Considerava que êsse brilho seria incomparavelmente maior se os heróis seguissem por sua espontânea vontade para os combates. Então, sim! Não haveria violências a amaldiçoar.

De novo, Maria entrou, trazendo um grande ramo de rosas na mão. Vinha muito perturbada, resmungando com ela própria.



— A senhora desculpe!...

D. Joana ergueu o rosto, fitou-a com um olhar interrogador.

— Que tenho eu de desculpar, mulher? — murmurou ela.

— Pois é isto, minha senhora. Com a atrapalhão da carta, tinha-me esquecido de dizer que estiveram cá a snr.<sup>a</sup> D. Sofia e a menina.

— E que queriam elas? — inquiriu D. Joana.

Reparando nas rosas, que tomou como uma oferenda votiva à sua ventura daquela hora, acrescentou:

— Que lindas flores que tu tens, Maria!

Ah! as flores não eram dela, pertenciam à ama — explicou. Trouxera-as a snr.<sup>a</sup> D. Eugénia, que estava, por sinal, muito risonha e muita satisfeita.

— Mas que queriam elas, santo nome de Jesus? Já te perguntei! — insistiu D. Joana.

— Não o disseram. Parece que era para falarem com a minha senhora. Assim que eu lhes disse que não estava, que fôra para a missa, olharam uma para a outra. Mas ficaram de voltar.

— Não! Eu é que vou a casa delas, e já.

— Credo! Sem almoçar?...

— Não quero almoçar. Arranja-me apenas uma chávena de chá e umas bolachas, enquanto eu ponho o chapéu. Creio saber o que pretendem. Naturalmente, também houve carta para lá. Devo-lhes esta visita...

Maria foi dentro, à cozinha, trouxe numa sal-

va de prata o chá que a ama tomou de pé e, pouco depois, D. Joana descia a rua que o sol de março iluminava gloriosamente. Eugénia, que estava à varanda, avistando-a de longe, correu abaixo, a abrir-lhe a porta e a estreitá-la num abraço. Com efeito, ela tinha recebido, igualmente, uma carta de Duarte — oh! uma carta que fizera bem à sua saúde doente, que transmitira ao seu coração uma ditosa, benéfica certeza. Eram apenas algumas linhas — porque Duarte escrevia-lhe das trincheiras, em cima duma pedra, ouvindo o tumulto da batalha incessante que ao longe se feria — mas nessas poucas palavras pulsava a sinceridade do seu amor lial, um amor em que não existiam raciocínios, cálculos, interêsses, mas apenas sentimentos purificados, constância, abnegações sagradas.

— E como eu hoje estou contente! — exclamou Eugénia.

Subiram a escada abraçadas. No alto, esperava-as D. Sofia, que logo se dirigiu a D. Joana, dizendo:

— Então, já sabe do grande acontecimento?...

— Sabia. Adivinhei-o mesmo antes da Eugénia mo revelar — respondeu, com um sorriso de bondade. Duarte também me escreveu, e logo calculei que, tendo dividido o coração por duas mulheres, não esqueceria nenhuma.

E afagando Eugénia na face, ainda acrescentou:

— Não julgues, porêem, que tenho ciúmes de ti por esta partilha. Meu Deus, o que eu unicamente quero é a tua felicidade e a dêle.

Eugénia, muito còrada, agradeceu com beijos a doce revelação.

— Foi um grande dia para nós! — afirmou D. Sofia, sentando-se numa cadeira e obrigando D. Joana a sentar-se também.

— Certamente, certamente.

— Porque, Vitorino...

— Mandou notícias?

— Mandou. E são tranqùilizadoras — acudiu D. Sofia.

Vitorino não estava nas trincheiras, não sabia mesmo quando para lá iria. Continuava no seu acampamento, passava excelentemente, não se lamentava, não maldizia a guerra. Tinha estado por mais duma vez em Paris, dizendo-lhe maravilhas dessa cidade e louvando muito a gentileza das mulheres francesas.

— Veja que propósitos para uma mãe! — exclamou D. Sofia, rindo francamente.

Visitára mesmo outras terras de França, aproveitando para estas viagens os dias de licença que lhe concediam, e estava encantado com êsse país, que mesmo no braseiro da guerra se engrandecia e mostrava uma superioridade. A sua carta era datada de Bordeus, onde talvez ainda se encontrasse em casa dum oficial seu amigo que o convidára amávelmente para hóspede. Êsse oficial era

filho dum banqueiro muito rico, fabulosamente rico, vivendo num palácio com todos os confortos da opulência e do luxo e servido por numerosa criadagem, em companhia duma filha — que pela sua beleza e pela sua bondade cativava a admiração de Vitorino — desde que o filho, nas vésperas da conflagração, fôra chamado às armas.

— O destino foi, então, menos cruel com êle do que com Duarte! — interrompeu D. Joana.

Mas D. Sofia nem sequer reparou neste brando queixume em que nenhuma acidez se escondia. Enquanto Eugénia, junto duma jardineira próxima, compunha as flores duma jarra de faiança, cantarolando em surdina, a mãe, precisando de comunicar a alguêm o gôzo íntimo do seu espírito, continuava resumindo a carta do filho.

— E sabe o que êle me diz, D. Joana? Pois diz-me que se a guerra fôr sempre para êle o que tem sido até hoje, então que nunca termine. Veja o egoísta! Não deseja que a guerra acabe! Tem muita graça, não lhe parece? Que o Vitorino foi sempre muito engraçado...

D. Joana sorria daquela pitoresca verbosidade que, por instantes, lhe fazia esquecer os seus próprios males.

— E tu, Eugénia? Não dizes nada? — interrogou.

— Estou contente! — exclamou ela, aproximando-se com a jarra na mão. Hoje, não sei di-



zer outra coisa. O contentamento torna-nos obtusas de entendimento.

D. Joana bateu-lhe afávelmente no ombro, muito comovida e reparando com mais insistência do que nunca na formosura que a aureolava, que imprimia à finura aristocrática do seu lindo rosto uma graça indizível, que a espiritualizava: e, pensando que Eugénia era a noiva de seu filho, a mulher que êle amava entre tôdas e de quem esperava, com um encanto que nunca findasse, uma felicidade perene, abençoava-a pela sua perfeição de corpo e de alma e quâse se lhe julgava devedora duma gratidão infinita pelo esplendor da sua beleza. Foi, realmente, com uma ternura e uma devoção em que havia já um sentimento maternal, que de novo a beijou, à porta da rua, antes de sair.

— É muito obrigada pelas tuas rosas, meu amor! Ia-me esquecendo de agradecer-te o mimo do teu admirável presente. Maravilhosas, com efeito... São do teu jardim?

— Não, minha senhora. O meu jardim, pobre dêle! Alguns palmos de terra onde quâse nunca há sol... E não há rosas sem sol... Vieram da quinta dumas amigas minhas. Mandaram-me um cêsto delas, uma preciosidade.

— Preciosas, com certeza! — concordou D. Joana, despedindo-se.

À noite, Eugénia e a mãe foram tomar chá a casa das Alarcões — um chá familiar a que ape-

nas, como pessoas estranhas, assistiram elas e o dr. Nunes, visita da casa desde os bons tempos de Lisboa. Conhecera, como êle dizia, as meninas logo na mais tenra infância, ensinára Tomás a jogar o arco, vira-os crescer, acompanhára-os com o seu carinhoso interêsse pela vida fóra.

— Parece que tudo isto se passou ontem — exclamava êle, nas suas horas de expansão e de saúde — e vejam o que aconteceu: — Tomás já é médico; as meninas são senhoras. Como a vida foge depressa!

Ritinha, azougada e viva, queria saber se, em pequena, era rabugenta, se fazia perrices.

— Que me diz, snr. doutor? — inquiriu ela.

— Oh! mas que perrices! Por sinal que apenas sossegava ao meu colo, não é verdade, D. Teresa? — perguntava êle à mãe. Eu entrava quando V. Ex.<sup>a</sup> estava fazendo um grande berreiro, pegava-lhe, animava-a e terminava por adormecer sobre o meu ombro. Era muito minha amiga, nessa época — concluía o dr. Nunes.

— E ainda o sou hoje, creia! — afirmava Ritinha. Pois não é verdade?

— De-certo... Mas agora o caso muda muito de figura! Há pessoas a quem é mais dedicada do que a mim. E com razão! — afirmava, sorrindo enigmáticamente o dr. Nunes.

Ritinha sorria também da alusão que se escondia nas palavras intencionais e affectuosas do

vélho amigo da casa, e as horas suavemente corriam.

Logo quando entraram, D. Sofia foi sentar-se junto de D. Teresa, estendida no sofá, gorda, imóvel, de face sonolenta, queixando-se continuamente de palpitações do coração, que haviam de matá-la. Numa cadeira, ao lado, o dr. Nunes perorava com solenidade, dizendo que na doença de D. Teresa havia mais imaginação do que outra coisa. Pelo contrário, a saúde da bôa senhora parecia-lhe florescente. Viveria ainda muito tempo, para a felicidade da família, que a adorava.

— O doutor diz isso, para me animar, mas eu bem sei o que soffro! — respondia D. Teresa.

D. Sofia concordava com o dr. Nunes. O aspecto de D. Teresa era óptimo.

— Não é verdade? — perguntava êle pausadamente. Ainda bem que há mais pessoas da minha opinião.

O pai Alarcão não estava. Uma séca — explicava D. Teresa pachorrentamente. Apesar de se ter retirado dos negócios, não podia desembaraçar-se dêles. Andava sempre envolvido em empresas, sempre em viagens constantes, para o Pôrto, para Lisboa, para o estrangeiro. Àquella hora, devia estar em Madrid, onde havia ido por causa duma compra de algodão. E D. Teresa mostrava-se muito inquieta, porque as coisas não corriam bem pela Espanha, sempre alvoroçada com *grèves*, com tumultos.

— O mundo vive numa agitação profunda! — dizia o dr. Nunes. Mas não há-de acontecer nada ao marido de V. Ex.<sup>a</sup>.

Numa sala contígua, Eugénia conversava com as amigas, perto do piano, enquanto Tomás folheava revistas inglesas ilustradas, chegadas nessa manhã pelo correio, e que consagravam quâse tôdas as páginas aos acontecimentos da guerra, dando, pelas reproduções fotogrâficas e pelos longos descriptivos, uma imagem das devastações dos departamentos francezes invadidos.

— Então, teu irmão escreveu hoje? — perguntou Eduarda a Eugénia.

— Escreveu. Uma alegria enorme para a mãã, coitada!...

Tomás, erguendo a cabeça e esquecendo as revistas sôbre a mesa, inquiriu:

— Êle já está nas trincheiras?

— Não — informou Eugénia. Agora, encontra-se em Bordeus, em casa dum official seu amigo. Não fala das trincheiras, não fala mesmo da guerra.

Mas então, ao passo que Tomás voltava à leitura dos *magazines*, Ritinha, aproximando-se de Eugénia e levando-a para o vão duma janela, disse-lhe em voz baixa:

— Já sei que recebeste também outras notícias.

— Quem te informou?

— Mas foi tua mãã, ainda agora, quando en-



trou. Até o mano Tomás ouviu. As minhas felicitações.

— Obrigada, filha. Andava tão triste! Imagina! Há mais duma semana que não tinha carta.

Tomás fechou as revistas, levantou-se, foi ter com elas, de mãos nos bolsos, muito risonho.

— Que estão aí a conspirar? — exclamou êle.

Ah não! Não conspiravam. Falavam de coisas banais, de questões sem importância — acudiram.

— Mas que questões são essas?

— É para que queres saber? — replicou Ritinha.

Ora! Não era preciso que lhe dissessem nada. Ele adivinhava a conversa. Duas senhoras que se encontram é para tratarem de vestidos, de modas, de trapos, de futilidades.

— Pois olhe, não era de nada disso, vê? — exclamou Eugénia. Aí está como adivinha.

Eduarda, que tinha ido à outra sala, onde ressoavam as gargalhadas do dr. Nunes, entrando neste momento, associou-se à palestra, perguntando.

— É verdade, oh! Eugénia, onde compraste o teu chapéu, o que trazias outro dia, quando te encontramos perto da confeitaria?

— Na minha chapeleira habitual. Porquê?

— Sabes que é muito lindo?

— Aí está — interrompeu Tomás. *Chassez le*

*naturel, il revient au galop...* Sempre vestidos, chapéus, ninharias.

Riram todos, com jovialidade, durante alguns momentos, enchendo de alegria o silêncio do compartimento elegantemente mobilado. Tomás não tinha que estranhar, explicava Ritinha. Pois não era natural que as senhoras se preocupassem um pouco com o vestuário? Não faziam os homens outro tanto? Ele mesmo exigia que o alfaiate lhe talhasse as roupas pelo último figurino.

— Para os homens — protestou êle — a moda é um episódio secundário. As senhoras é que não pensam noutro assunto.

— E se tu tocasses alguma coisa, Eugénia? — pediu Ritinha.

— Sim, sim! Eis aí uma lembrança que te absolve, mana! — afirmou Tomás.

— Se isso lhes dá prazer!... — murmurou Eugénia, dirigindo-se ao piano.

— Um prazer imenso! — asseverou Tomás. A música interpretada por artistas ouve-se sempre com infinito gôzo.

— Não se ria de mim! — interrompeu Eugénia.

— Mas se estou dizendo a verdade, tôda a sincera verdade!...

Tomás sentou-se perto do piano que resplandecia sob o dourado jôrro da luz, seguindo com os olhos as mãos de Eugénia, esguias e brancas, correndo no marfim das teclas. Ritinha e as ir-

mãs sentaram-se também, um pouco mais longe, ouvindo a *Gavote*, de Godard, que Eugénia tocava maravilhosamente e que evocava, a Tomás, salões aristocráticos cheios do rumor das sêdas, sob os oiros do mobiliário, em que dançavam figurinhas gentis de mulheres, vestidos rigorosamente à Luís xv e fidalgos de cabeleiras encanudadas e empoadas, caindo-lhes em anéis sobre os ombros. A colorida página de Godard, de-certo pouco intensa, mesmo superficial, mas encantadora de forma e de carácter, ressuscitava na sensibilidade artística de Tomás tôda uma época distante de nobres elegâncias, de finos convívios, de requintes mundanos: e, para avivar mais no espírito esta resurreição, cerrava os olhos, recolhia-se.

Depois, quando Eugénia acabou, immobilizando os dedos sôbre o teclado e sorrindo da sua fadiga, foi um côro de louvores.

— Mas é admirável, admirável! — afirmou Tomás.

— Uma delícia! — concordaram as irmãs.

Uma criada abriu vagarosamente a porta chamou Ritinha, que se lhe dirigiu, perguntando-lhe:

— Que é, Rosalina?

— A mamã pede à menina para lhe ir falar.

— Lá vou, lá vou.

— E voltando-se para Eugénia:

— Tu desculpas. É um momento...

— Pois não!

Ritinha curvou-se ainda para as irmãs, dizendo-lhes qualquer coisa que Eugénia não ouviu, e elas levantaram-se também, acompanhando-a. O relógio da sala, quebrando a monotonia do ambiente com o seu *tic-tac* constante, marcava perto de onze horas; elas tinham, talvez, de ir ver a mesa, de dispôr as coisas para o chá, que se aproximava e que era de cerimónia, porque a mãe, coitada, não podia vigiar o serviço das criadas, sempre incompleto, sempre desastrado. Eugénia ficou ainda ao piano, folheando o caderno de músicas aberto na estante; e, durante algum tempo, fez-se um silêncio profundo. O nimbo luminoso diademava-a, tornando mais louros os seus cabelos frisando na testa, que era ebúrnea e alta, acendendo fogos surdos nos brincos de pérolas dum belo iris que ela tinha no lóbulo das orelhas. Havia na sua face, nos seus ombros boleados e descaídos, na pele dourada do seu colo, duma admirável modelação, vivos toques de luz. A sua beleza adquiria um encanto novo.

Tomás levantou-se, encostou-se indolentemente ao piano, e muito perturbado, baixando os olhos, murmurou:

— Sabe? Tinha-me esquecido de felicitá-la.

— Então, porquê? — inquiriu Eugénia, fitando-o curiosamente.

— Pelas boas notícias recebidas esta manhã de França. Bem vê!... Estimando-a profunda-



mente, as suas felicidades causam-me também alegria.

— Ah! muito obrigada pelo interêsse! — respondeu Eugénia, voltando a folhear o caderno de músicas.

Tomás deu alguns passos no tapête, para novamente se encostar ao piano, dizendo:

— Com que secura me fala! É porquê? Não sou eu, pelo menos, um vélho amigo? Então, se assim é, porque não há de crer nas minhas palavras?

— Mas creio! — afirmou Eugénia. Quem lhe diz que não creio?...

Êle então, mais ousado, aproximou-se, e com uma comoção na voz, afirmou:

— Ainda agora lembrei uma vélha amizade. Pois bem! Aos bons amigos permite-se-lhes que digam tudo, e o que eu quero dizer-lhe é que, se dependesse de mim a rialização imediata da sua ventura, o seu coração não tornaria a experimentar sobressaltos. Embora me não acredite, assevero-lhe que, para que fôsse feliz, me sacrificaria de bôa vontade.

— Para que me fala assim? — interrompeu Eugénia, levantando-se. Não sabe?...

— Sei! Perfeitamente sei que está noiva dum outro homem, que vai casar-se logo que esta maldita guerra termine, e que de tôda a minha alma desejo que nesse casamento encontre a realidade

das suas aspirações. Que há nas minhas palavras que a melindre?

— Eu não estou melindrada — gaguejou ela, hesitante.

— No entanto, levantou-se, de-certo para retirar-se... Ouça... Não diga que não quis retirar-se. Eu bem pressenti a significação exacta do seu movimento... Mas espere um pouco. Tenho de revelar-lhe alguma coisa que a há-de tranquilizar e que restabelecerá entre nós a confiança antiga. Não me impede que fale?

— Ora essa! É porquê?

— Então, escute, mas não se irrite, não me interrompa, e se tiver de absolver-me da minha ousadia, peço-lhe antecipadamente que me absolva. O que eu quero confessar-lhe, é isto: Nunca amei outra mulher com a intensidade com que a amei a si, Eugénia...

Ela protestava, com um rubor na face e um brilho de cólera nos olhos:

— Não devo escutá-lo, não devo escutá-lo...

— Há poucos momentos, prometeu que me ouviria. Nem eu lhe direi nada que a ofenda na pureza do seu amor. Atenda-me até ao fim... Afirmava eu que nunca amei outra mulher como a amei a si, que jâmais pude esquecê-la, e que depois que soube do seu próximo casamento, sofri amargamente. Mas êste sofrimento é necessário, é uma expiação justa. Com que alvoroço eu vol-

tei para Coimbra, pensando na nossa paixão de outrora! É afinal, perdi-a para sempre, para sempre! O seu noivo está na guerra, pode morrer... Pois bem! Essa vida é-me tam querida como a sua. Deseja uma prova da minha abnegação? Ei-la: — juro-lhe que a minha maior alegria seria encontrá-la ainda sem compromissos. Mas tem-nos: — deve-os respeitar com a nobreza que sempre lhe reconheci. A felicidade do homem que ama é para mim tam sagrada como a sua. Sejam, portanto, para o futuro, como irmãos... É, contudo, não era êste affecto o que eu esperava de Eugénia e do meu destino... Mas aceito-o com reconhecimento. Eis a minha confissão... Se isto pode dar alguma doçura à sua alma, lembre-se sempre de que há um homem que a coloca acima de tôdas as coisas da vida!... Crê-me agora?

— Sim! creio! — atalhou Eugénia, comovida.

— É é por muito lhe querer que sempre a respeitarei — acrescentou ainda Tomás.

Eugénia, muito còrada, com uma perturbação interior que não conseguia dominar, ergueu para êle uns olhos suplicantes e implorativos. Oh! de-certo que a simpatia doutrora não se tinha dissolvido e evaporado como um perfume, que ainda vivia no seu sentimento como uma recordação muito pura e muito suave; mas não queria que Tomás lhe tornasse a falar assim, que a enchesse de desassocêgo, de remorsos por uma deslialdade que ela praticava para com Duarte, ouvindo-o,

que lançasse a inquietação na serenidade da sua vida. Agora, era impossível reatar uma ternura que morrera, não por culpa sua. Livre de responsabilidades contraídas, não hesitaria em continuar um sonho interrompido. Mas já não era livre, nunca mais o seria, e a sua dignidade de mulher impunha-lhe uma linha de conduta inflexível. Aceitaria o affecto fraternal que Tomás lhe oferecia, mas unicamente êsse. O passado teria de findar para sempre.

Entregava-se a estas reflexões, curvando a cabeça, sem murmurar uma palavra, sem a coragem de levantar os olhos. Tomás compreendeu-a e exclamou, com uma grande firmeza na voz:

— Foi para a tranquilizar inteiramente que lhe falei assim, Eugénia. Eu mesmo o reconheço e quero que o passado morra entre nós ambos e que dêle não fique nas nossas almas mais do que uma afeição de irmão para irmã!...

Ouviu-se um rumor de passos apressados no corredor e Ritinha entrou na sala, pouco depois, a fadigada, indo logo para Eugénia e perguntando:

— Demorei-me, não é verdade? Desculpa-me, filha.

Não! Não se tinha demorado, que ideia! O tempo fugira para Eugénia com uma rapidez, uma ligeireza! Tomás, que outra vez abrira as revistas inglesas, acudiu, para disfarçar:

— Na verdade, a demora foi grande, uma eternidade. Que maneira de receber visitas!



— Mas não estavas tu aqui? Era o teu dever seres amável! — retorquiu Ritinha, sorrindo. E agora, vamos ao chá, que está na mesa — acrescentou ela para Eugénia. A tua mãe, a minha e o dr. Nunes já nos esperam na sala do jantar.

Na manhã seguinte, D. Joana recebeu à porta da rua, quando ia para a missa da Sé, uma carta que a deixou transtornada. Era da prima, da irmã do dr. Bernardo, que lhe escrevia da sua quinta do Douro, numa hora de amargura. Dois dias antes, logo depois do almoço, o velho magistrado saíra para o seu costumado passeio através da vasta propriedade que ria ao sol, no esplendor da abundância e da beleza. O irmão levantára-se da mesa muito bem disposto e até durante a refeição estivera a falar em D. Joana e em Duarte, ao comer o doce de que tanto gostava.

— «Mimos dêstes é que o primo Duarte não apanha lá pela guerra, coitado. Se êle agora aqui estivesse com a prima, que alegria para nós, que vivemos tão esquecidos!...»

Fôra assim que o mano dissera — informava a irmã, consternada. Mas levantara-se, pusera o chapéu, acendeu o charuto, e meteu-se pelos arruamentos de alecrim e buxo, arrefecera talvez pelos sítios de sombra, que era ainda muito fria em março, estivera mesmo sentado sob os amieiros,

num banco de pedra musgosa que ficava junto dum tanque para onde corria uma bica de água, porque neste logar, precisamente, encontrára o criado Miguel o jornal que êle tinha levado para lêr. Mais tarde, esmagando nas mãos fôlhas verdes de limonete, que era o perfume da sua predilecção, internára-se pelo pomar que já enflorava, desviou-se, à direita, para os terrenos cultivados, deixando a vinha à esquerda, fôra quâse até ao fim da quinta, perto dum pequeno bosque de pinheiros mansos e de acácias, que D. Joana conhecia e onde existia um pavilhão de repouso e de recreio, e aí o colhêra um ataque — um insulto apoplético, diziam os médicos. A prima desenvolvia tôdas estas informações na longa, verbosa carta, lamentando-se em cada linha e queixando-se do seu desamparo.

«...Ao fim de muitas horas — terminava ella — como eu estranhasse a demora, mandei o Miguel procurá-lo, porque presagiava alguma desgraça: e não tardava que êle apparecesse, aos gritos, trazendo nos braços o mano, que não dava acôrdo de si. Não sei como não caí logo morta, como tive coragem para tanto, prima! Não me julgava tam corajosa. Eu e o criado deitámo-lo na cama, mandou-se chamar o médico, vieram pessoas amigas confortar-me, e depois de socorrido, o doente melhorou. Mas nessa noite mesmo o ataque repetiu-se, deixando-o com a bôca torta, a vista trocada, o pobrezinho! e todo paralítico

do lado direito, a ponto de não poder fazer um movimento e de ser preciso voltá-lo no leito. Uma dôr de alma! Não fala. Geme. Ninguém será capaz de entender o que diz. Mas olha-me com uns olhos tam tristes, tam tristes, que não consigo reter as lágrimas. O médico disse-me que êle está a encher os seus dias e que não há nada a esperar. Veja a prima o meu infortúnio, aqui sòzinha com um moribundó, pobre irmão! sem ninguêm de família que me console neste transe, que me auxilie, que governe a casa, porque eu não tenho cabeça para nada. Não desejo a ninguêm o meu sofrimento, a tortura que me consome. E se houver um desenlace, como o médico afirma, que há-de ser, então, de mim, nesta idade, cheia de achaques e no meio dêste isolamento? Enfim, prima, que Deus se amerceie do meu padecimento, que bem necessita da misericórdia divina!...»

D. Joana, que tinha voltado para dentro e que abafava, ansiada de soluços, esteve um momento amarrotando a carta na mão trémula, sem saber o que havia de fazer, alvorotada por aquela inesperada calamidade. Outras desgraças, talvez outros cadáveres, à sua volta! Já tinha visto morrer os pais e o marido e ainda estava guardada para mais! E com que saùdade se lembrava do primo Bernardo, tam amável e o seu único parente!

Por fim, recuperando a serenidade, tomou uma resolução. Com efeito, não devia abandonar a

prima naquela grande angústia; o parentesco e a própria caridade humana impunham-lhe a obrigação moral de partir imediatamente para junto do enfêrmo — que naturalmente não tornaria a ver com vida e que tam bom fôra sempre para si — e da prima, que na velhice o infortúnio rudemente atormentava. Tinha a certeza de que tanto um como outro procederiam da mesma forma com ela, se a desdita batesse à sua porta.

Chamou a criada Maria, ordenando-lhe que fôsse imediatamente a casa de D. Sofia informá-la da sua saída para o Douro, por causa da doença grave do primo Bernardo, que estava à morte.

— Santo nome de Cristo! — bradou a criada. Pois o snr. doutor está assim tam malsinho? Que me diz a senhora?

— É verdade, Maria. Uma calamidade. Foi agora que soube tudo por carta da prima. Mas vá, não se demore. Diga à snr.<sup>a</sup> D. Sofia e à menina que eu lhes escreverei do Douro. Agora, não tenho tempo. Daqui a duas horas e meia há combóio para o Pôrto e vou arranjar as malas. Ande ligeira. Tem de acompanhar-me. Iremos ambas.

— Sim, minha senhora. Mas nem estou em mim! — murmurava Maria, já pelo corredor. O snr. doutor, coitado! Tam alegre, parecendo ter vida para tanto tempo... Não somos nada neste mundo.



Nessa mesma noite, depois de ter prevenido a prima, por telegrama, D. Joana chegava à Régua, onde a esperava o Miguel, já de luto, com o carro da quinta.

— É o snr. doutor? Como está êle? — perguntou D. Joana.

— O snr. doutor morreu esta tarde, minha senhora — informou Miguel. Vai por lá uma tristeza que corta o coração — acrescentou êle, ainda, com as lágrimas nos olhos. Uma desgraça assim! Tam bom, tam compadecido da pobreza, tam amigo dos humildes!... É lembrar-me eu de que ainda no princípio da semana êle andava tam contente, o pobre senhor!...

D. Joana e a criada subiram para o *coupé*, chorando, e o carro partiu, no silêncio da noite estrelada e solitária, levado pelo galope dos cavalos possantes.



## VIII

Até ao dia em que Duarte viveu distante da linha de fogo, longe do fragor dos combates, a guerra foi para a sua inteligência e para a sua sensibilidade um drama certamente poderoso, mas que lhe ocultava alguma coisa. Escapavam-lhe, com efeito, os lados trágicos e grandiosos desse choque brutal de ódios, de cóleras, de heroísmos, de raças opostas dilacerando-se com ferocidade, não via a imagem nítida, real, da carnificina em que uns, os germânicos, tentavam dominar a Europa e impôr uma supremacia tirânica pela fôrça, e em que outros, os latinos, representavam o espírito, o ideal e eram os arautos da Liberdade e do Direito. Desta luta implacável que a todo o momento adquiria energias novas, Duarte apenas surpreendia os aspectos exteriores, superficiais: — a invasão inimiga perturbando a vida económica

e social no seu ritmo, o desenvolvimento ascendente da riqueza material, e paralisando as forças progressivas, estancando as fontes do trabalho, acelerando a dôr nas nacionalidades: a destruição de cidades florescentes, risonhas vilas, repousadas aldeias; a angústia do êxodo de populações espavoridas de terror, esfomeadas, cobertas de farrapos, fugindo alucinadamente através dos descampados, quando as hordas alemãs se aproximavam, abandonando os lares, os bens, tôda a sua fortuna, perdendo mesmo os filhos nas debandadas affitivas; os escombros que ainda ardiam e que as labaredas sublinhavam de vermelho na tonalidade azulada das campinas desertas; as terras de cultivo onde já os braços humanos tinham deixado de fazer alegremente as culturas férteis, que dariam o pão à França, para se armarem! Reconstituía na imaginação o tumulto imenso em que o facto apagava o facto justamente como num mar enfurecido a onda afoga a onda — tumulto em que homens e coisas eram arrastados pelo turbilhão das forças desencadeadas. Na hora de pavor que êle vivia, nem só os mortos passavam rápidamente, apesar de serem aos milhares: — a própria história corria com vertiginosa velocidade, talvez por ser também feita por êsses mortos sublimes que escreviam, com as mãos geladas, as páginas mais eloquentes. Ignorava, porém, o que fôsse o inferno das batalhas, o sereno heroísmo das almas, a épica bravura dos combatentes ato-



lados na lama, sob a chuva e sob a neve, pelejando noites e dias seguidos, sem comerem, sem dormirem, batidos pelo saraiveiro dos *shrapnells*, envenenados pelos gazes asfixiantes, com os membros entorpecidos pelo frio e, no entanto, afrontando altivamente os adversários. Estava na recta-guarda do vortilhão de sangue e de fogo, a muitos quilómetros de distância, numa terra reconquistada aos invasores e que era um montão informe de escombros, mas que já a primavera ressuscitava com a alegria do seu sorriso, a beleza da sua poesia, reverdecendo o terreno revolvido, cobrindo de florescências as árvores de fruto que a metralha poupára e que, mesmo feridas, mesmo rachadas de alto abaixo, prendiam as raízes ao solo com a ansiedade dum ser consciente que não quisesse morrer. Esta terra liberta era, para os olhos de Duarte, um vergel que tivesse sofrido mas que de repente entrasse em convalescença. Nas suas ondulações surpreendia êle linhas ternas, duma suavidade feminina. O céu que a cobria era doce e azul. Regava-a uma água abundante e fresca que nela mantinha a graça idílica duma perene juventude. Elevavam-se de espaço a espaço manchas de arvoredos harmoniosamente compostos, completando o equilíbrio da paisagem e dando-lhe um sentimento e uma beleza. Apenas notava nessas regiões de desdita uma profunda soledade — a soledade dos cemitérios — que lhe comunicava um secreto e fúnebre horror, de-certo

por terem uivado por ali os furacões das grandes alucinações humanas. Mas o que via não era a guerra, com os seus ciclones de lume, as suas convulsões gigantescas, as suas ferocidades! Foi só quando entrou nas trincheiras da frente que o espectáculo estupendo da conflagração lhe appareceu em tôda a sua tremenda realidade. Então, a sua vida interior activou-se, intensificando-lhe a vibração nervosa. Nos primeiros dias, tinha a impressão de haver caído, inesperadamente, num mundo desconhecido. A sua coragem não vacillava, e, no entanto, um arrepio de mêdo quâse inconsciente trespassava-o até à medula, o que lhe parecia absurdo. Tudo o que ficava para além do momento presente da sua existência — a vida pacífica, o amor, os affectos familiares, as confianças, o seu país tam cheio de sol, os seus livros — lhe esquecia lentamente ou se lhe tornava incompreensível. O espirito concentrava-se-lhe apenas na tragédia que tinha diante dos olhos. Por vezes tentava reagir, furtar-se à tortura constante. Pensava nas povoações arrasadas, tam prósperas anos antes, tam pobres agora, em que na paz a natureza e o homem se adaptavam íntimamente e se completavam, pela acção secular duma abnegação mútua, para engrandecerem um povo e um país. Outrora, nessas planícies cultivadas que fizeram lavradores, ceifavam-se as searas louras que encheriam celeiros, os fenos odoríferos, os ervaçais cheirosos, colhiam-se nas vinhas as uvas ma-

duras que atestariam adegas, fimegavam chaminés de fábricas, riam à luz as granjas e as herdades. Nesse instante, porém, os povoados antigamente felizes lembravam-lhe Pompeias rústicas onde tôda a vida consciente fôra fulminada pelos cataclismos das explosões, amontoando pedras, tijolos, travejamentos queimados pelas granadas incendiárias, caliças ennegrecidas pelo fumo. Apesar disso, na confusão dos entulhos desenhavam-se ainda planos architectónicos, adivinhava-se a disposição interior e exterior das vivendas aluidas e que sugeriam a Duarte segredos violados. Gados, apetrechos agrícolas, populações laboriosas, tudo havia emigrado, para que o silêncio e a tristeza fôsses maiores.

Duarte cogitava no futuro, nos dias vindouros que se segnissem à hora bemdita em que os exércitos pousassem as armas. Que flor de felicidade e de beleza desabrocharia puramente na gangrena, na podridão das aldeias mortas? Esta interrogação que mentalmente fazia a si próprio outra vez o chamava à realidade assustadora. Nas suas horas de meditação, Duarte não recordava a mãe, Eugénia, os amigos ausentes, os cuidados do seu coração e as curiosidades da sua inteligência. Viviam no esquecimento de tudo o que fôra, no desinteresse de tudo o que seria.

A rêde de entrincheiramentos em que êle se abrigava com os seus homens formava um engenhoso labirinto aberto nas profundidades do ter-

reno e ondulando por monte e vale com suas saliências e reintrâncias, disfarçando-se com as menores elevações, mascarando-se com sarças e troncos. As primeiras linhas de fortificações comunicavam com outras por estreitos corredores cortados em rampa no saibro grosso, no barro ou na rocha e coleando-se por outeiros e planícies como cobras que fugissem. Nos pontos mais expostos aos tiros da artilharia teutónica, sacos de areia sobrepostos formavam muralhas, os rebordos parapeitavam-se de enormes pedregulhos com seteiras para a observação do inimigo. Os postos de vigilância tinham tetos arrançados por tapamentos de madeira sôbre que se amontoavam todos os obstáculos. Era a scenografia não dos campos de batalha mas das barricadas! Donde aonde, mantinham-se em pontaria as metralhadoras, protegidas por *blockaus* de cimento; e, sob cúpulas de ramarias e madeira, morteiros de grosso calibre escancaravam a goela sinistra e negra, cansada de vomitar a morte em arrancos formidáveis. Junto dos periscópios, oficiais atentos sondavam o que ocorria nas trincheiras adversas, para evitarem surpresas; e de triângulos de traves pregadas com cavilhas de ferro pendiam colossais sinos de bronze destinados a darem o alarme quando de longe avançassem as nuvens de gases sufocantes impelidos pelo vento e tornando o ar irrespirável.

Duarte admirava o esforço de imaginação dos



homens para tornarem a morte menos funesta. Ao toque apressado dêstes sinos, os combatentes, prevenidos do perigo, punham as máscaras especiais que os defendiam dos envenenamentos — e era então um pitoresco folguedo de Carnaval entre a soldadesca acometida pela hilaridade. A farça a dois passos da tragédia — pensava Duarte.

Os balões cativos arredondavam na limpidez da atmosfera scintilante o bojo monstruoso, enquanto nas barquinhas os graduados espiavam, com o auxílio de binóculos de campanha, o que se passava no campo contrário; e a cada momento, bandos de aviões cruzavam os espaços livres, voando por cima das posições dos exércitos aliados ou, levando mais longe a sua audácia, iam descobrir as baterias germânicas, tirando fotografias instantâneas dos pontos em que estavam assentadas, e regulando o tiro da artilharia inglesa e francesa. Por vezes, travavam combates, para lá das nuvens, com os *taube* e os *fokker* que acudiam a repeli-los. Os motores dêstas aves quiméricas enchiam o ambiente de rumores surdos.

Perto das primeiras linhas, estavam instaladas as ambulâncias sanitárias onde os feridos recebiam os primeiros curativos; e por tôda a parte, em covas debaixo da terra, em logares ocultos, as munições de guerra — cunhetes de balas, cofres de cartuxos para as peças, caixões de explosivos — formavam verdadeiras montanhas. Só se pensava na morte e só se trabalhava para

a morte! E contudo, do mar até à cordilheira dos Vosgos, coberta de neve nos píncaros reluzentes à claridade matutina e colorindo-se de fulgores de chama pelos ocasos religiosos, em tôda a extensão das trincheiras, não se lobrigava uma cabeça, um casco de ferro, um capacete, apesar de milhões de homens formigarem por essas paragens de castigo e de pavor. A vida consciente sumira-se nas entranhas da terra, onde os corações pulsavam aceleradamente, como se temessem as revelações da luz. Era aquele o palco onde se estava representando o mais dramático acontecimento da humanidade!

Ao sair de Portugal, Duarte julgava que iria assistir às manobras dos exércitos beligerantes ao ar livre:—corpos de tropas que convergissem para um determinado ponto indicado pelos Estados Maiores curvados sôbre cartas geográficas: divisões aguerridas surgindo de todos os lados, em marchas rápidas, sob a flutuação das bandeiras, e avançando estoicamente debaixo de tempestades de fogo: cargas de baioneta varrendo os campos de combate: cavalgadas vitoriosas desfilando a galope, ao som triunfal dos clarins: debandadas furiosas dos derrotados, deixando atrás de si sulcos de sangue, mortos, feridos, despojos de tôda a sorte: movimentos fulminantes de vastas massas de homens arrojadas ao morticínio. Afinal, esta visão épica das guerras antigas malograra-se inteiramente para êle. As batalhas feriam-se em

regiões ermas e os guerreiros eram menos visíveis do que sombras. O dilúvio dos projecteis, dos estilhaços das granadas, parecia irromper do ventre da terra ou cair do céu.

A artilharia troava, incessantemente, à esquerda, ao norte de Ypres, que era um necrotério de casas, de monumentos, de belas architecturas góticas, de maravilhas de arte, e um campo-santo de soldados abatidos nas pelejas, e troava à direita, em direcção às linhas francesas, com um estrondo que fazia oscilar o chão. Duarte deitava a cabeça de fóra do seu refúgio e nada mais via do que árvores esgallhadas, escombros de casarrias, terra revolvida, raras paredes que se esbo-roavam pedra a pedra. Nem um ser vivo, nem uma forma animada! E o adversário estava tam perto! Duarte ouvia um murmúrio de vozes longínquas, risos, conversas, exclamações. Eram as tropas alemãs, essas tropas que, cincoenta anos antes, entraram na França mutilada, retalhando-a e desfilando à divina luz do sol. Mas a guerra doutroira desaparecera, cedendo o passo aos combates metódicos em que se avançam apenas alguns metros, depois dum bombardeamento que dura dias seguidos. A simples conquista duma altura exigia horas consecutivas de fogo e devorava milhares de vidas. Quando as baterias se calavam e a infantaria atacava em constantes ondas de assalto, a morte surdia da sua caverna, detrás de cada tronco, de cada penedo, de cada sebe, e varejava os

assaltantes uns sôbre os outros como a fouce do segador passando nas seáras. O homem moderno, tendo dominado e disciplinado as fôrças naturais, apoderando-se dos ares, descendo ao fundo dos oceanos, manejando a faísca como Júpiter, pondo ao seu serviço as descobertas da sciência, empregava-as para se destruir, como se no mundo não houvesse logar para todos. E era horrível a sua potência devastadora!

Diante de Duarte verdejava ainda um pequeno bosque, oásis de encanto e de viço na desolação da terra mutilada, na fornalha dos campos de combate. Devia estar fortificado e ocupado por tropas inimigas, certamente; mas, embora a morte se ocultasse entre as suas folhagens e os seus troncos, esta mancha de verdura que a primavera estrelava de flor no meio da campina talada era uma idílica nota de graça, de frescura, de lirismo, de repouso, e tôdas as manhãs os olhos dos combatentes, saúdosos de poesia e de beleza, a procuravam ansiosamente, encontrando-lhe sempre um enlêvo novo, resplandecendo no banho fulvo da claridade ou envolvida pelas moles carícias da névoa. Uma tarde, porém, as granadas da artilharia inglesa começaram a cair sôbre as copas verdejantes, as ramagens que murmuravam ao vento: e a cada explosão que Duarte ouvia, elevava-se entre as árvores uma nuvem de fumo amarelado, voavam as fôlhas, saltavam as frondes, tombavam os pinheiros do norte e os abetos, como gigantes



fulminados de raio. O bombardeamento activava-se de momento para momento e a floresta ia ficando nua, os troncos abatiam-se, gemendo como seres vivos, ao estalar das derradeiras fibras, deramando pelas feridas as lágrimas cristalinas das seivas ascendentes.

Em breve as peças alemãs responderam: e então, na tristeza merencórea do crepúsculo que baixava, as granadas cruzavam-se nos ares, rasgando sulcos dardejantes, descrevendo trajectórias luminosas. Durante tôda a noite, o duelo manteve-se com a mesma intensidade, transformando a atmosfera numa fogueira. O espaço ardia em chamas colossais e fantásticas. Obuses rebentavam no solo, levantando terra e destroços. Cheirava a enxôfre, a pólvora, a estofos queimados. Mugidos, rugidos, uivos, gritarias ensurdecedoras, entrecruzavam-se. Por vezes, pareciam ouvir-se exclamações bizarras. O trovão das descargas urrava lúgubrememente. Duarte, deslumbrado por êste espectáculo inédito, não conseguiu adormecer na sua câmara de repouso, aberta nas trincheiras, onde as tropas descansavam das fadigas diurnas embrulhadas nos capotes, sôbre tábuas pousadas no lamaçal fétido. Ao raiar da manhã, os ingleses iniciaram o avanço sob a chuva copiosa das balas e da metralha, para ocuparem o bosque já destroçado e morto, e êle via caírem umas sôbre as outras, as ondas do atacantes, como antigamente caíam as fileiras dos seus soldados de chumbo, com que

brincava em criança. Mas os assaltantes conseguiram penetrar na posição ferozmente disputada, firmando-se nela, apesar dos contra-ataques desencadeados com rapidez pelo adversário. O rumor da luta corpo a corpo enervava-o. As armas brancas lampejavam ao sol, faíscavam, scintilavam, ao embeberem-se nos peitos humanos. A confusão era pavorosa. E Duarte, excitado, queria sair da inacção em que envelhecia, consumido por uma surda irritação interior, mover-se, viver na áspera violência das refregas ou morrer nelas. Perto de si, um outro oficial, o tenente Freitas — um hércules cheio de decisão e de impetuosidade — ria-se daquela impaciência.

— Ê que já não posso mais! — afirmava Duarte.

— Homem, espere. Há sempre tempo para a morte. A guerra não acaba hoje! — dizia o companheiro, fumando tranqüilamente.

— Mas, afinal — insistia Duarte — quando combaterão os nossos homens?

— Quando os alemães quiserem. Estamos aqui, diante dêles, à espera que se resolvam, ou que nos mandem a nós avançar. Mas isto durará, isto durará! — asseverava o tenente Freitas.

Oh! de-certo que duraria e era essa, precisamente, a razão do seu desespero. Dois dias antes, ainda o capitão Hamilton, com quem se encontrára numa cantina próxima onde fôra comprar tabaco, lhe garantira que a vitória pertenceria aos

aliados, muito embora a Inglaterra tivesse de bater-se por longo tempo.

— Lembre-se da guerra dos cem anos! E lembre-se também do desafio sangrento entre a Gran-Bretanha e Napoleão I, que só terminou em Waterloo, nesta Bélgica martirizada onde agora nos encontramos.

As palavras de Hamilton, vibrantes, ardentes de fé, evocaram-lhe as epopeias dos remotos séculos: — Poitiers, Azincourt, Orleans libertada, a derrota da *Pucelle*, a sua prisão, o seu processo, a fogueira em que a Virgem heróica de Domrémy fôra queimada, ficando o seu coração intacto, vermelho e palpitante, no meio das brasas. E reviveu, por uma singular associação de ideias e de sensações, os dramas bélicos mais recentes, quando a *Grande Armée* cruzava a Europa em tôdas as direcções, talhando a golpes de espada as fronteiras de novas nacionalidades, dilatando o império francês, governando o mundo pela força e pelo génio.

Hamilton, magnífico de mocidade e confiança, com o cachimbo nos dentes e as mãos nos bolsos, exclamou:

— Sim! De-certo que a campanha será demorada, porque pouco se avança. Mas a verdade é que se marca sempre, não se retrocede um passo...

Ah! que perspectiva! Esta lentidão exasperava Duarte e os seus soldados. Quantas vezes

os surpreendia, cochichando, mal humorados, em grupos, tolhidos de frio, tiritando sob a neve e rosnando com um rancor na voz:

— Para que alguns figurões estejam, neste momento, jantando tranqüilamente, dormindo em camas bem quentes, vivendo à farta, andamos nós por aqui a morrer aos poucos!

Duarte aparecia e os soldados calavam-se, olhando-o com desconfiança: mas, logo que êle se adiantava alguns passos, o conciliábulo continuava. Então, compreendia que só os grandes e puros ideais, os nobres sentimentos espontâneos, as crenças ardentes, criam as veementes dedicações e os famosos heroísmos: — e sentia que êle e a sua gente não defendiam ali uma viva fé nacional. No entanto, essa gente era brava, admirável, intrépida. Os seus queixumes e a sua rebelião moral derivavam unicamente do facto de ela se não bater na sua Pátria, na terra lusitana. Apesar disso, porém, mantinha em face do adversário uma atitude inflexível...

Duarte achava-se cheio de coragem: mas, em certos instantes, um desfalecimento trespassava-o, e isto parecia-lhe estranho. Observando detidamente as trincheiras, descobria que elas estavam expostas ao fogo da artilharia, das metralhadoras e das espingardas germânicas que, em alguns pontos, distavam apenas uma centena de metros do seu abrigo — tam próximas que, a certas horas do dia e da noite, ouvia os alemães cantando em



côro a *Guarda do Reno*, ou hinos patrióticos da Alemanha. Estudava, então, minuciosamente o terreno que na sua frente se espraiava em ondulações, em socalcos, em galgões acidentados. Era uma paisagem dantesca: — sempre árvores tombadas atravancando os caminhos, sempre casas derruídas, paredes que se desagregavam, veículos voltados, mobiliários dispersos, rodas em pedaços, carretas estilhaçadas. Algumas ruínas fumegavam, no rescaldo lento dos braseiros, e sôbre elas, sôbre aquela morte, encarniçavam-se ainda as peças teutônicas, submergindo-as no lume dum chuveiro de *shrapnells* que, ao explodirem, erguiam opacas nuvens de poeira e cinza. De longe, a aragem fria trazia-lhe um cheiro acre de madeira carbonisada.

Os recontros eram constantes. Do seu posto de observação, Duarte lobrigava, a distância, os batalhões de infantaria de reforço que chegavam a passo de carga, rompendo as barragens de fogo, as cortinas de granadas, avançando sempre até ao dédalo dos corredores de comunicação onde, por fim, se sumiam. O tiroteio era formidável e incessante: — e, por tôda aquela imensidão de terra, também ferida, também com o flanco aberto, a morte tomava as formas mais grandiosas, patéticas e desesperadas. Compreendia, finalmente, o que havia de abnegação real a uma ideia ou a um sentimento, de vivaz heroicidade, de nobreza, na alma de todos aqueles homens que se sacrifica-

vam alegremente, batalhando como titans para a felicidade das gerações vindouras e oferecendo em holocausto o seu generoso sangue pela redenção do espírito latino. Êste aspecto da guerra assumia para a sua intelligência e para a sua sensibilidade uma grandeza estupenda.

Por vezes, no horror e na angústia dêste drama, ocorriam episódios hilariantes. Um dia de manhã, Duarte assistiu a um acontecimento que o divertiu, distraíndo-o das suas permanentes cogitações. As cozinhas alemãs, encobertas por uma elevação de terreno, fumegavam activamente. Então, alguns artilheiros agruparam-se à volta dum canhão, exclamando com jovialidade:

— Vamos estragar o almôço daqueles almas do Diabo!

Uma granada partiu immediatamente, rasgando os ares, crepitando, rugindo, e atrás dela outras seguiram, enquanto uma voz exclamava:

— Aí vai o tempêro!

O tiro era certo e as cozinhas, de-certo destrôçadas, deixaram de fumegar, no meio dos risos e das gargalhadas dos soldados. Mas logo na tarde do mesmo dia, no momento em que as tropas portuguezas dos entrincheiramentos faziam a sua sopa, um granizo de obuzes tudescos abateu-se sôbre os caldeirões, em que as grossas postas de carne coziavam, exalando-se em arômas que acirravam os appetites.

— Êsta sobremesa de ameixas não estava no

programa! — gritou com sarcasmo um combatente... Lá ficamos sem o jantar.

Dáí para o futuro, estabeleceram-se entre os dois duelistas tréguas para as refeições.

De quando em quando, um alemão, com a sólida cabeça redonda assente sôbre um pescoço curto, saía dos refúgios, levantava os braços para mostrar que estava desarmado e dava alguns passos para a frente. Ao pensar-se que êle queria render-se, o soldado teutónico parava diante das feiras de arame farpado que defendiam as suas posições e, entre esgares fisionómicos de palhaço, começava a reparar os buracos abertos pela metralha. Depois, fazendo a continência militar e agradecendo a amabilidade dos adversários, retirava novamente para o seu abrigo. Então, os portuguezes saltavam dos entrincheiramentos e imitavam o inimigo, sem que temessem agressões. Estas scenas quâse diárias desanuviavam Duarte do seu pesadelo. Mas aquela inercia, no meio da carnificina, enchia-o de tédio. Agora, que já tinha visto a guerra de perto, desejava ardentemente experimentar sensações novas, emoções violentas, o *frisson* do perigo iminente em que a morte circula de continuo à volta da flor duma existência até que por fim se apodera dela e a arrebatada para os abismos da sombra eterna. Êle e os seus homens estavam ali havia muitos dias, ouviam incessantemente o clamor formidável da batalha e nem uma só vez ainda tinham sido acometidos

pelos exércitos germânicos. Apenas de longe a longe um ou outro obuz passava, ululando, sôbre a sua cabeça, indo dellagrar muito para além das posições ocupadas pelos portuguezes, numa terra mole, provocando as ironias dos soldados.

— Que diabo de atiradores! Um dêles que se mostre e verá o que é pontaria, se tiver tempo para isso! — afirmava um cabo de infantaria, crispando os dedos no cano da espingarda.

Duarte admirava a serenidade daqueles rapazes que vieram das serras ou das planícies de Portugal, que tinham vivido sempre pacificamente, no amor à família, à terra, ao trabalho, que assistiam pela primeira vez ao fogo das batalhas e que, apesar disso, conservavam a sua bela e altiva tranquillidade, não deixando um momento de rir e de cantar. Da sua companhia, apenas um soldado quâse imberbe, franzino e de olhos negros e sonhadores, se encolhia espavorido a cada explosão, enovelando-se contra o talude da trincheira, como se quisesse procurar uma protecção segura. Os camaradas zombavam daquele pânico, ridicularizavam-no, exclamavam entre gargalhadas:

— A madama sente-se mal? Cautela, que pode desmaiar!...

Mas êle, sem reparar nas ironias, sem se irritar com os companheiros, tiritava dentro do seu capote, permanecendo calado, com uma profunda expressão de terror no rosto, os lábios brancos, a face lívida. Duarte sentia pelo pobre rapaz uma



infinita comiseração, tratava-o com brandura, quâse com carinho, animava-o. Uma vez, duas granadas alemãs rebentaram a tam curta distância, que muitos combatentes ficaram cobertos de lama.

— Venham outras! — gritou o cabo que desdenhava dos artilheiros germânicos. Estas, apenas darão algum trabalho às lavadeiras.

O soldado tímido, porém, sofreu um abalo tam rude que se abateu, tremendo de susto, no fundo dos entrincheiramentos. Duarte correu para êle, julgando que estivesse ferido, pousou-lhe a mão no ombro, exclamou:

— Então, que foi isso?

Mas logo se tranqüilizou, vendo-o levantar-se ainda enfiado, hesitante, numa grande confusão.

— Não foi nada, meu alferes! — disse êle, em voz quâse apagada.

— Ah! Pensei!... Tenha coragem. Não corremos risco.

— Meu alferes, eu sei que no primeiro dia em que formos atacados, morrerei.

— Sabe que morrerá? Mas quem lho disse?

— Ninguém! É um pressentimento... Mas morrerei!

Era um moço simpático, de traços finos, feições atraentes, revelando uma certa cultura na linguagem e exprimindo-se com facilidade. Contou a Duarte a sua vida passada. Fôra estudante, cursára o liceu, e meses antes de ser mobilizado,

empregára-se numa casa bancária, em Lisboa. Em Leiria, onde nascera, ainda tinha mãe e irmãs, uma delas casada com um oficial que estava em África.

— Nunca mais tornarei a ver minha família!  
— afirmou êle com um suspiro de desalento e resignação.

Mas, durante dois dias as baterias alemãs não repetiram o bombardeamento das linhas portuguesas. Os combates concentravam-se diante das trincheiras britânicas com terrível intensidade, num formidável estrondo, e diante das posições francesas, à esquerda, na Picardia. Aí sim! A peleja era furiosa e constante, apenas com rápidos intervalos de repouso empregados em consolidar o terreno conquistado ao adversário ou em reparar os abrigos destruidos pela tormenta da metralha. Dum e doutro lado, a artilharia troava sem descanso, num fragor contínuo que fazia oscilar a terra até aos seus fundamentos, associando-se-lhe o ruído sêco e intolerável das metralhadoras. Nos seus buracos, as tropas não viam nada, a não ser a linha irregular do terreno, quando espreitavam pelos interstícios abertos nos parapeitos, nuvens de fumo, ao longe, e por cima delas um céu azul ou toldado de nuvens, indiferente às ferocidades humanas. A fumarada flutuava um instante ao vento e logo se esfarrapava, se dissolvia lentamente na atmosfera. Impacientes e excitados pela curiosidade, alguns homens queriam sair das

trincheiras para contemplarem o espectáculo em tôda a sua grandeza: mas immediatamente, apenas as suas cabeças surgiam fóra dos anteparos protectores, as balas do inimigo zumbiam como vespas sôbre êles, e os officiaes tinham de impôr-se para os obrigarem a descer. A monotonia da espera em face dum adversário que se immobilizava a alguns passos de distância exasperava Duarte que não suportava sem sofrimento aquella interminável atonia. Perto dêle, o tenente Freitas, sempre de cachimbo na bôca, sentado sôbre uma pedra, murmurava com um risinho escarnekedor:

— Homem, não se está de todo mal aqui! Eu, pelo menos, não tenho de que lamentar-me e encontro até um certo interêsse à vida neste recato, ao passo que os outros se esquartejam.

— Quem me dera ter os seus nervos! — atalhava Duarte. Eu, por mim, não posso, não posso!... Antes a luta!

Ê foi, na verdade, dum grande alívio para êle a hora em que a sua companhia, que durante quarenta e oito horas seguidas esteve na frente de combate, teve de ser rendida por uma outra, fresca, bem disposta, magnífica de garbo marcial, de ordem, de disciplina.

— Bem! Ainda escapei desta! — murmurou o soldado que temia a morte. Será para a outra vez!...

Durante uma semana, Duarte viveu mais sere-

namente nas linhas da rectaguarda, repousando das suas fadigas, lendo os jornais portuguezes que lhe levavam, como bons mensageiros, noticias do seu doce país distante. Devorava-os, com um encanto sempre crescente, da primeira à última página, não lhe escapando mesmo a informação dos acontecimentos ocorridos pelas terreolas da provincia — festejos religiosos, pelas solitárias ermidinhas campestres, aniversários, rixas de povos, casos cómicos de politica rural. Outrora, em Coimbra, não podia suportar êsses jornais, que achava deploráveis, em que se não colhia ideia útil ou impressão duradoura. Agora, porém, tinham uma atracção especial para a sua saúde e acolhia-os sempre com regosijo, quâse com devoção. Os próprios artigos politicos, género de literatura que o enchia de tédio e que lhe sujava a alma — como costumava dizer aos seus condiscipulos da Universidade — pareciam-lhe vasados nos moldes duma forma ática e pura. A distância, tudo quanto viesse da Pátria se iluminava, aos seus olhos, duma beleza nova. Ah! com que ternura êle amava o seu país em que nesse momento as laranjeiras se cobriam de flor na suavidade e na limpidez da luz e em que a primavera iria estrelando de botões de ouro as mesma ervas rasteiras dos prados! As granjas solitárias cheirariam a serpol e a tomilho...

Coimbra, especialmente, ressuscitaria da sua tristeza, a atmosfera azular-se-ia, folhagens no-



vas vestiriam as ramagens dos arvoredos do Choupal, haveria horas de luar incomparável à beira do Mondego, cantariam os roussinões pelas balsas, passaria no bafo das aragens o aroma dos jardins. E era para essa Coímbra do bom rei D. Diniz, que tam docemente trovára de amor, que o seu coração o chamava.

Ao quarto dia de repouso, teve uma súbita alegria ao ver surgir inesperadamente Vitorino, o eamarada de estudos e o amigo fraternal, magnífico de ímpeto e de mocidade, forte, jovial, que avançou para êle, abraçando-o e murmurando:

— Aqui estou também! Por fim, encontrámo-nos novamente. Os belos espíritos encontram-se sempre, no dizer dum verídico provérbio francês.

— O quê? Tu por eá? — bradou Duarte, num berro. Mas é a melhor surprêsa que a França me tem oferecido, desde que cheguei de Portugal.

— Justamente. Eu por eá! E para bater-me... Conta lá. Essas trincheiras, essas batalhas?...

— Tenho-as visto apenas de longe!

— Oh! Duarte. Se sempre assim fôsse! Tu não imaginas a vocação para a vida contemplativa que de repente despertou nas profundidades do meu ser de homem contemporâneo!...

Duarte ria, enlevado, com tôda aquela verbosidade, com tôda aquela vivacidade que se denunciava nos olhos, no rosto, no espírito do companheiro.

— É se nós fôssemos beber uma cerveja e cachimbar aí para qualquer locanda onde haja locandeiras bonitas? — lembrou Vitorino. Temos tanto que dizer, que conversar!...

— Pois vamos lá à cerveja e ao cachimbo! — concordou Duarte.

Tinham dado alguns passos, por entre o formigueiro da soldadesca, que folgava e ria ao sol, quando súbitamente Vitorino, parando, perguntou:

— É verdade, ó menino: — tens recebido cartas de Portugal?

Não. Duarte, desde que partira para as trincheiras, não tornára a ter cartas nem da mãe nem de Eugénia. E isto inquietava-o, fazia-o sofrer. De-certo que elas o não teriam esquecido, que lhe escreveriam regularmente, mas essas cartas, submetidas à censura, passando de mão em mão, atravessando tôda uma floresta burocrática, estariam retardadas em qualquer canto, talvez mesmo se houvessem perdido.

— Pois, eu recebi notícias, ainda ontem, de minha mãe. Todos bons, por lá. E o país vai andando também, aos tombos, aos encontrões, mas mantendo-se de pé, equilibrando-se... As macieiras dão flôr, Coimbra faz novos bachareis, Deus está fazendo novas rosas, chegaram as andorinhas aos beirais dos telhados...

Retomaram a marcha, conversando sempre e saúdando afávelmente os camaradas que encontravam no caminho.

— Mas talvez tua mãe te não tenha escrito — disse Vitorino.

— Ora essa! É porquê? — perguntou Duarte.

— Por isto... Ela não está em Coimbra. Teve de partir a tôda a pressa para o Douro, por causa da doença do primo Bernardo...

— O quê? O primo Bernardo está doente?

— Coisa de pouca importância — gaguejou Vitorino. Mas tu sabes, é um vélho, a irmã é uma senhora cheia de achaques, atemorizou-se... Na verdade, tua mãe fez bem em ir ao Douro... Não te parece? Com franqueza...

Entraram numa cantina transbordando de officiais, sentaram-se a uma mesa, reclamaram cerveja. Vitorino sabia da morte do dr. Bernardo, estava informado de tudo; mas agora, na presença de Duarte, não se sentia com coragem de dar-lhe a notícia triste, tinha receio de consterná-lo, de acrescentar à sua dôr moral uma outra dôr.

— Então, coisa sem importância, dizes tu?... — inquiriu Duarte.

É como o amigo hesitasse, acudiu logo:

— Vitorino, tu não me revelas tôda a verdade!

— Não revelo tôda a verdade? Mas o que é a verdade? — zombou êle. Digo-te o que sei! Aí está! Só te digo o que sei!...

É para acabar com aquelas dúvidas, que irreflectidamente provocára — porque devia ter-se calado até que Duarte fôsse informado da morte

do dr. Bernardo por carta da mãe — desviou logo o curso de diálogo para um outro assunto.

— Tudo o que sei! — insistiu êle. E olha: — o tenente Durand, com quem estive há dias, antes de sair para aqui, disse-me que Thiébault, o teu amigo Thiébault, tão bravo, tão simpático...

— Morreu? — acudiu Duarte.

— Não! Pior do que isso, muito pior! Ficou com as duas pernas cortadas pela explosão dum obuz.

— Oh! pobre rapaz! — exclamou Duarte, empalidecendo e levantando-se.

— Está num hospital de sangue. E parece que escapa, o desgraçado! — concluiu Vitorino.

Depois, para temperar com uma ironia o tom lúgubre da conversação, que o desgostava, acrescentou, soprando uma baforada de fumo:

— Ah! Duarte, porque seria que o bom Deus não dotou os homens, que andam na guerra, com tantas pernas como Briareu tinha de braços? Ficariamos assim com pernas suplementares, supra-numerárias, seria excelente...

A *boutade* pareceu brutal a Duarte que fitava Vitorino com um olhar repreensivo; mas Hamilton, o louro capitão escocês, entrou neste momento, sentou-se perto dêles, animando a palestra.

— Venho felicitá-lo pelo baptismo de fogo das tropas portuguezas — disse êle a Duarte.

— Combateram já?

— Esta madrugada. Chegaram agora infor-



nações da frente da batalha ao quartel general. Disse-mo um official inglês do Estado Maior. E portaram-se brilhantemente. Repeliram o inimigo! Vão ser citadas na ordem do dia.

— Oh! então, merecem uma saúde — lembrou Vitorino.

Hamilton foi o primeiro que se levantou, com o seu copo de cerveja na mão, erguendo um viva a Portugal, a que Duarte e Vitorino corresponderam com vivas calorosos à Inglaterra, à França, aos Aliados. Depois, tornaram a sentar-se, e Vitorino quis saber se tinha havido mortos, muitos mortos...

— Alguns houve — informou Hamilton. Em todo o caso, as baixas não podem ser muito importantes. Em rigor, não se feriu uma batalha: — apenas uma escaramuça. Os alemães bombardearam durante uma hora o sector português, que depois atacaram, sendo recebidos nas pontas das baionetas ou com granadas de mão e tendo de debandar em desordem. Ora, quem ataca perde três vezes mais gente do que quem se defende... Mas acabou-se, foi uma bela estreia, uma nobre iniciação.

Ainda se demoraram conversando àcerca dessa guerra implacável que parecia eternizar-se e que em dois anos e meio crestára a humana florescência da Europa. Por fim, Hamilton que nessa noite tinha de seguir para a frente, deixou-os, desejando-lhes *bonne chance* e Duarte e Vitorino

recolheram aos seus aquartelamentos, pensando dolorosamente nos que daí a um dia, a uma hora, já não existiriam, e na indiferença com que os combatentes viam sumir-se as vidas promissoras. Que época singular, a sua! Dir-se-ia que a dôr ia endurecendo as almas.

— É, afinal, a abnegação nunca foi maior! — afirmava Duarte. Há nacionalidades que se batem unicamente pela liberdade dos povos débeis e oprimidos. No entanto, que impassibilidade diante do sofrimento! Não te parece paradoxal, absurdo?

— Que queres que eu te diga?... — exclamou Vitorino.

Separaram-se melancólicamente, cada um dêles absorvido nos seus pensamentos, nas suas cogitações.

Na manhã seguinte, uma triste e cinsenta manhã de chuva, que alagava a terra por onde o turbilhão da morte havia passado entre labaredas de fogo e estampidos formidáveis, Duarte recebia uma carta de Eugénia — uma doce carta de amor, vinda de Portugal como um afago, um cântico e uma esperança. Ela dizia-lhe tôda a mágoa da sua infinita saüdade e tôda a confiança do seu coração. «— Se soubesses como tenho sofrido longe de ti — confessava Eugénia — e que energia é necessário possuir para não endoidecer! Nunca me julguei tam forte, senão quando compreendi a possibilidade de perder-te para sempre. Contudo, creio que não há grande mérito na minha coragem, por-

que a verdade é que eu tenho a certeza de que voltarás à minha ternura, à minha adoração, à veneração que te consagro. Donde deriva esta certeza? Da minha alma, dum sentimento muito íntimo e muito puro que me não ilude. A dôr pela tua ausência é muito grande: — mas padecer por um amor santificado como o nosso não será tornarmo-nos mais dignos dêle? Cuido que sim. Eis porque eu, muitas vezes, quando mais penso em ti, me surpreendo a abençoar o padecimento que me punge!...»

Duarte leu, enternecido, estas palavras que se lhe afiguravam ditadas pela veemente eloquência da paixão. No especial estado psíquico em que se encontrava, as revelações amorosas de Eugénia iluminavam-se, para a sua emotividade, duma beleza maravilhosa. Nenhuma outra carta da noiva o impressionára tanto: e, como era um pouco supersticioso, logo julgou que em breve ocorreriam na sua existência acontecimentos importantes. Esta suspeita preocupou-o durante todo o dia, como uma ideia fixa...

Eugénia informava-o ainda da morte repentina do primo Bernardo, na sua quinta da Bela Vista, e da partida repentina de D. Joana para o Douro, chamada por um telegrama aflitivo da pobre irmã do morto, de tam avançada idade e tam doente, carpindo um cadáver na solidão. «...Foi uma desgraça que nos impressionou a todos. A mamã até ficou adoentada. A mim aflige-me, so-

bretudo, o sofrimento de tua mãe que tam amiga era do morto e que tantas vezes nos falou dêle com o maior carinho. Coitada!...»

O primo Bernardo tinha morrido! Vitorino, como supozera, havia-lhe escondido a verdade, com as melhores, as mais delicadas intenções. Não quisera sobressaltá-lo: e agora, em face do facto irremediável, avaliava a pureza do affecto do amigo, a grandeza da sua dedicação. Oh! mas o primo Bernardo! Evocando a sua figura simpática, a finura da sua bondade, a sua gentileza de vélho, Duarte sentia os olhos orvalhados de lágrimas. Vivía nas sombrias regiões da morte, onde a todo o momento caíam corpos fulminados e o sangue corria em ondas vermelhas: e, apesar disso, aquela perda do parente torturava-o mais do que as outras, de-certo porque estava mais próxima do seu coração. Reconstituía a figura do severo magistrado na imaginação e lembrava episódios a que ella andava ligada. Outrora, quando Duarte, ainda criança, fazia anos, logo o primo Bernardo ia, à noite, visitá-lo, levando-lhe presentes, brinquedos, coisas que a sua infância cobiçava. Pegava-lhe ao colo, sentava-o nos joelhos, aflagava-o, ensinava-o a comandar batalhões de soldados de chumbo, chamava-lhe general e dera-lhe até uma grande espada de lata que certa manhã, Duarte, com uma perrice, desastradamente quebrára. Depois, mais tarde, a afeição do primo Bernardo não esmorecera — e era êle o primeiro a felicitá-lo pelos seus



triunfos escolares e a louvar-lhe a lucidez da inteligência. Quando Duarte concluiu o curso dos liceus, o primo oferecera-lhe um belo relógio de ouro — uma relíquia de família — que já havia pertencido a seu avô. E sempre, pela vida fóra, esta solicitude inefável o acompanhára amoravelmente. E agora, morto! Atrás de si iam ficando lutas, angústias, vencidos. Tudo quanto amava desaparecia. Longe da Pátria, da mãe, da noiva, sentia-se mais só do que nunca. E afinal, porque pesava o destino tam duramente sôbre a sua alma? Que mal fizera? Que pecados desconhecidos andava espiando? Ah! era de mais!...

Uma lágrima desceu dos seus olhos, escorregando-lhe pela face pálida. Deixou-se cair, desalentado, sôbre uma cadeira, e por muito tempo chorou um grande chôro silencioso que o desprimiu... O primo Bernardo morto! E a pobre mãe, desamparada, amargurada, saíndo, em pranto, de sua casa, com outros mortos no sentimento, para ir consolar uma desditosa senhora que ficava só, que tanto se sacrificara pelo irmão, e que de certo não viveria também por muito tempo!...

Mas a imagem de Eugénia iluminou-se, repentinamente, no espírito de Duarte e foi para êle como a visitaçào propícia duma alegria divina. Ainda na sua vida havia o doce encanto duma flor...

A porta da sua barraca abriu-se e um soldado trouxe-lhe uma ordem. Duarte e a sua companhia

eram mandados novamente para as trincheiras, para substituir as tropas que haviam sustentado com as alemãs, na madrugada do dia anterior, o primeiro recontro e que ficaram extenuadas. Horas volvidas, estava a caminho.

Quando Duarte reentrou nas linhas da frente da batalha, o combate redobrava de violência ao norte de Ypres. A artilharia inglesa varria com uma tormenta de ferro as defezas do adversário, que eram niveladas umas atrás das outras, a cada explosão das granadas de grosso calibre. O ruído era indescritível. No espaço de alguns quilómetros de terreno, milhares de canhões disparavam incessantemente. Em determinadas zonas, as baterias estavam separadas umas das outras por dezenas de metros. O bombardeamento começava lentamente, a princípio, para ir adquirindo uma intensidade progressiva, lançando rajadas de obuzes e de fogo sôbre os entrincheiramentos. O ar rutilava. De longe, na claridade da atmosfera, brilhavam fulgores amarelos: — eram as nuvens dos projecteis que partiam, uivando, silvando sinistramente. Imediatamente, das posições inimigas se erguiam, ondulando na aragem, vulcões de chamas. A linha de resistência estava sendo batida sem descanso: e já se abriam nela largos rombos por onde a infantaria britânica havia de entrar, no

soberbo *élan* das cargas épicas. Do seu posto de observação, Duarte e os oficiais portugueses assistiam a êste duelo estupendo, seguindo-o em tôdas as suas fazes. O ataque da artilharia durava havia vinte e quatro horas, e o furacão não cessava, não abrandava um instante. Pelo contrário, acelerava-se. De quando em quando, o tiroteio gigantesco espaçava-se, para imediatamente recrudescer. As peças entravam em acção, quando a luz, os movimentos ou a imobilidade das tropas alemãs favoreciam o trabalho dos artilheiros, expelindo então verdadeiras trombas de ferro em brasa.

O dia, que de manhã era de inverno desabrido, clarificára-se, um vento frio do norte dissipára os grandes rolos de nuvens e um sol fulgente caía sôbre a terra molhada como o pólen duma flor de ouro. Apenas, rentes com o chão, se arrastavam fumaradas de pólvora, formando uma névoa amarelada que vagorosamente se levantava, tornando-se mais ténue de instante para instante.

Por mais que se afirmasse, que investigasse, que procurasse, com o seu binóculo de campanha, uma só forma humana, Duarte nada via, nada descortinava. A guerra parecia travada entre duas forças naturais, invisíveis e opostas. Mas calculava que, nas trincheiras germânicas, a destruição seria completa e que as tropas que nelas se acantonavam teriam sido reduzidas a uma vasta massa informe e sangrenta. Não falava. Os seus com-

panheiros haviam emmudecido também. Tôda a sua atenção se concentrava naquele horror, naquella cólera impetuosa e tremenda que arrasava montanhas, ceifava florestas, rompia abismos profundos nas campinas. O fogo prolongou-se durante êsse dia, sem um minuto de repouso. Os ouvidos de Duarte zumbiam continuamente, a cabeça esvaía-se-lhe, a tensão dos seus nervos fazia-o sofrer — e pensava na morte, na inércia, no aniquilamento, como numa coisa infinitamente doce. Alta noite, ainda a artilharia britânica — a que a alemã apenas respondia com largas intermitências — urrava estrondosamente, incendiando a escuridão de claridades súbitas e formando um pálio de lume vivo sob a abóbada sonora dos céus. Outra vez, perto de Duarte, o pobre soldado transido de terror, que tanta compaixão lhe inspirava, dizia com voz lúgubre:

— Amanhã seremos nós atacados e eu morrerei!

Exasperou-se. Aquella absurda e plangente lamentação irritava-o agora. Ordenou-lhe que se calasse, que não dissesse tolices, porque a sua cobardia fazia mal à coragem dos outros.

— Mas, meu alferes, se eu sei que morro!...  
— insistia o soldado, mastigando as palavras.

— Pois bem! Morre! Acabou-se!...

Mas logo se arrependeu do seu desabrimento, enterneceu-se, uma comoção subiu da sua alma, sufocando-o. Coitado do pobre rapaz! Não es-



taria êle na verdade? Não dava a natureza ao homem o instinto da conservação da vida? E onde se denunciaria o heroísmo autêntico? Na destruição dessa vida ou na sua defesa? Estas interrogações surgiam ao seu entendimento conturbado como grandes enigmas: e, para que a sua perturbação não aumentasse, voltou à contemplação da batalha gigantesca que continuava sempre.

De madrugada, porém, o fogo das baterias calou-se de repente, e Duarte apenas ouviu daí em diante a crepitação longínqua das metralhadoras, as salvas cerradas de fuzilaria, um tumulto confuso que não distinguia nítidamente. Estabeleceu-se, em seguida, uma curta trégua, e de novo o canhão troou, enchendo a treva nocturna com o seu fragor. Mas agora, o éco das explosões vinha de outra banda, era a artilharia teutónica que disparava. Teriam os ingleses sofrido uma derrota? Haveriam recuado? Esta incerteza atormentava Duarte, e só acalmou horas depois, quando a luz matinal, ascendendo num céu azul e de glória, lhe mostrou as tropas britânicas já instaladas nas posições germânicas, que nessa dramática noite tinham heróicamente conquistado. Então, do sector português partiram calorosas, ardentes aclamações: e, dos seus abrigos, os soldados lusitânos riam irónicamente das tropas inimigas que estavam na sua frente, a uma centena de metros de distância.

— Havemos de encurralá-los na Alemanha a

pontapé! — dizia um sargento. A pontapé, ouçam bem! — gritava êle, encoberto com o parapeito dos entrincheiramentos.

Quáse imediatamente uma granada estalou junto das feiras de arame, fazendo esparrinhar a terra lamacenta.

— Olé! Isto agora é conosco! — exclamou ainda o sargento. Mas a pontaria continua sendo desastrada.

Outras granadas vieram, palpando o terreno, aproximando-se mais, explodindo terrivelmente, e em breve o bombardeamento se generalizava. O tiro tornára-se preciso, com as indicações dos aeroplanos que evoluçionavam no ar, por cima do abrigos, perseguidos pelas descargas dos canhões. O primeiro obuz que deflagrou dentro das trincheiras decepou a cabeça ao soldado que não deixára de lamentar-se desde que havia chegado às linhas de fogo, e que tombou para o lado, como uma massa inanimada, esvaziando-se de todo o sangue sôbre as pedras.

— Ah! cães! Ah! cães! — vociferou o cabo de infantaria que tanta coragem mostrára sempre.

E, na sua cólera, subira ao parapeito, crispando as mãos no cano da espingarda: mas logo um estilhaço de granada lhe cortára um braço rente do ombro. O ferido, num grito terrível, rolou para o fundo da trincheira, exclamando:

— Levem-me! Levem-me! Não me deixem morrer. Não quero morrer!...

O sangue encharcára-lhe as roupas, borbulhava do fermento horrível num jacto vermelho, salpicava tudo à volta.

— Levem-me! Oh! levem-me...

Os mortos e os atingidos pelos cacos de granada acumulavam-se uns sôbre os outros, até que os maqueiros chegaram, conduzindo os feridos para as ambulâncias instaladas a pequena distância, em refúgios mais seguros.

— Água! Água! — pediam êles em altos brados, abrasados pela sêde que a perda de sangue provocava. — Água, por piedade!

Os rebordos das trincheiras iam sendo demolidos a cada ciclone de fogo, os obstáculos de arame eram arrancados e enroscavam-se no solo como cobras eriçadas de espinhos. O tumulto era fabuloso: o alarido inenarrável. Duarte, pálido mas firme, animava os seus homens, recomendando-lhes serenidade. A artilharia portuguesa alvejava, em tiros certos, as baterias alemãs, mas os artilheiros lusitanos tombavam também à volta das peças, ainda com uma expressão de desafio na face contraída. Correndo os postos que lhe ficavam próximos, Duarte sentia que as suas botas se atolavam numa lama viscosa, feita de terra amassada em sangue, ou tropeçavam nos corpos esburacados pela metralha. Perto dêle, um ferido abrigava-se por trás de três cadáveres com que improvisára uma muralha. O seu horror sobreexcitava-se com estas scenas lúgubres. Mas não pensava

em outra coisa que não fôsse aquele pavor que tinha diante dos olhos atónitos. Tôda a sua vida psíquica e tôda a lucidez da sua inteligência se haviam detido repentinamente. Por cima da sua cabeça, a atmosfera incendiava-se. As explosões eram contínuas. Com as suas máscaras contra os gazes asfixiantes, os soldados davam-lhe a impressão de caricaturas monstruosas, exibindo figurações grotescas ou humorísticas.

— Não escapa ninguém! Não escapa ninguém! — murmurava êle.

Mas, uma ordem chegou, neste momento, mandando que os defensores dos entrincheiramentos batidos recuassem para as segundas linhas. Então, pelos corredores de comunicação, os combatentes esgueiraram-se apressadamente, sob o fogo das baterias germânicas — um terrível e permanente fogo de cortina que esbraseava o ambiente. Mais feridos e mais mortos caíram, aos montes. Duarte, que fôra um dos últimos a retirar do seu posto, encontrava no caminho, sob os seus pés, ventres abertos por onde saíam feixes de intestinos; fígados enormes e azulados; tórax fendidos donde saltavam corações palpitantes ainda; cabeças, braços, pernas, projectados em tôdas as direcções; soldados agonizantes e sorrindo no delírio da morte próxima. Deparou mesmo um louco que se atravessou na sua frente, dizendo palavras sem nexos, descrevendo no ar, com a mão fechada, grandes curvas com que pretendia, tal-



vez, dar uma ideia da trajectória dos obuzes. E o sangue corria em regueiras vermelhas, fecundando a leiva, fertilisando de uberdades as futuras raíses. Ah! que visão trágica! Que indiseritível inferno!

Tinha chegado às segundas linhas, onde o perigo diminuira, e estava alheado de tudo, numa espécie de inconsciência. Depois, serenando, dominando a vibração dos nervos, a si mesmo perguntava como havia saído com vida daquela fogueira.

Não tardou, porém, que o bombardeamento se calasse, e que a infantaria alemã, avançando em ondas de assalto, se dirigisse para as posições que os portugueses defendiam. Imediatamente, a companhia de Duarte, armando baioneta, investiu com o adversário, marchando para as trincheiras evacuadas com intrepidez admirável. Travou-se, então, um combate feroz à arma branca, à granada de mão, à coronhada. As metralhadoras romperam um fogo obstinado e contínuo, varrendo os assaltantes com saraiveiros de projéteis. O campo da luta estava apinhado de cadáveres em atitudes bizarras. Alguns, com os olhos desmedidamente abertos, fitavam o céu numa dolorosa ansiedade. Um soldado talhado em hérules segurava um alemão pelo pescoço, gritando desvairadamente:

— Êste é meu! Pertence-me!

Tiraram-lho das mãos que o estrangulavam, levando-o prisioneiro para a rectaguarda, onde já outros alemães se encontravam.

Por fim, o inimigo foi repellido, debandou apressadamente, numa desordem, ainda perseguido a tiro, e as tropas desde logo iniciaram a reconstrução das trincheiras destruidas.

Em breve, porém, as baterias germânicas tornaram a visar a parte do sector assaltado, e uma granada, rebentando perto de Duarte, que dava instruções aos seus homens, estendeu-o sem sentidos sobre o terreno encharcado de sangueira. Dois soldados correram para êle, exclamando:

— Rapazes, é o nosso alferes.

Levantaram-no nos braços cautelosamente e conduziram-no à ambulância, onde médicos e enfermeiros lhe fizeram os primeiros curativos mais urgentes, estancando-lhe o sangue que jorrava da cabeça, da cara, do braço direito e da perna esquerda, da que pendiam farrapos de carne pelos rasgões da roupa. Volvidos rápidos dias, Duarte estava num hospital, a muitas léguas das linhas de fogo: e uma irmã da caridade, com a sua alva touca sobre os cabelos negros, velava-o piedosamente nos delírios de febre que o queimava.

## IX

Semanas depois do entêrro do primo Bernardo, D. Joana regressou a Coímbra, levando em sua companhia a desolada irmã do morto, mais magra, mais abatida, mais curvada sôbre si própria e chorando a cada momento na saúdade lancinante daquela vida muito amada que de repente fugira para sempre ao seu puro affecto fraternal. Tinha-se devotado ao irmão, consagrára-lhe tôda a existência, viveram juntos desde a infância sem nunca se separarem, a não ser emquanto êle andou em Coímbra; o hábito, os longos anos de dedicação íntima, tornaram-nos essenciaes um ao outro. Bernardo, apesar do seu permanente mau humor, da sua velhice rabugenta, só estava bem perto dela, que o rodeava de cuidados, de atenções, duma propícia atmosfera de paz, embora barafustasse continuamente, se lamentasse dos seus

achques e das canseiras a que a obrigava o governo da casa. Jâmais tivera, nem mesmo nos dourados dias da mocidade, simpatias por homens, a não ser pelo irmão. O doce alvorôço do amor nunca lhe fizera bater mais apressadamente o coração nem lhe rosára o rosto casto duma ponta de sangue mais vivo. Confinando-se nas afeições familiares e nas crenças religiosas, isolára-se completamente do mundo, que a assustava com as suas traições, as suas impurezas, as suas ambições e os seus ódios. A mãe tinha outrora pensado em casá-la com um vago parente, fidalgo um pouco maniaco, que se encerrára na sua casa senhorial de Trás-os-Montes e que era muito mais vélho do que ela. Bernardo, porém, opposera-se a essa união, que seria uma loucura, e D. Quitéria, a irmã, declarou, também, que não queria casar-se. Quando a mãe morreu duma febre malina, ela foi para casa do irmão, já juiz de direito numa comarca da Beira, e nunca mais o deixou, seguindo-o fielmente até ao momento em que êle, já desembargador, pediu a aposentação e estabeleceu a sua residência definitiva na quinta do Douro, que era o solar da família, e onde, por fim, a morte o surpreendera inesperadamente.

D. Quitéria sentia, na tristeza duma venerável existência que se definhava, a falta da affectividade fraterna, o abandôno, a amargura. Apenas lhe restava a prima Joana, que a tratava carinhosamente e que era o seu derradeiro amparo. Por



isso mesmo, quando ella lhe fez a proposta de viverem juntas, aceitou logo, com os olhos rasos de lágrimas de comoção. Que seria de si naquelle deserto, tendo agora à volta criados que a serviriam por dinheiro, sem ponta de interêsse moral, e no meio de coisas que incessantemente lhe relembrassem a imagem do morto, exacerbando-lhe a mágoa? De resto, a quinta nem sequer lhe pertencia já. O dr. Bernardo deixára-a, em testamento, ao primo Duarte, para que a conservasse com a ternura que aquella terra e aquella vivenda, que eram a história de gerações sucessivas, lhe mereceram sempre. A fortuna de D. Quitéria era constituida por papeis de crédito, acções de Bancos e Companhias, títulos do Estado, que um dia viriam a pertencer, igualmente, a Duarte, o representante de duas famílias que se extinguiriam.

— A prima — dissera-lhe D. Joana — vai para minha casa, viverá comigo, que dentro em breve ficarei também sem ninguêem. Meu filho, se voltar da guerra, completará o seu curso na Universidade e casa-se logo, se não casar antes de terminar os estudos. Como a velhice não é uma companheira agradável da mocidade, cada um de nós irá para seu lado... Bem vê!...

— Pois, êsse é o meu desejo! Já havia pensado isso mesmo, mas não sentia coragem para lho dizer! — respondera D. Quitéria. Tinha escrúpulo...

— Escrúpulo? Oh! prima!... Como se nós

fôssemos duas desconhecidas e não houvesse entre nós laços de sangue!

— Que quer? Receava incomodá-la, ser-lhe um encargo...

Fecharam a edificação solarenga, de pesada arquitectura e largo beiral vermelho onde as andorinhas faziam ninho pela primavera, e confiaram a guarda da vasta propriedade ao caseiro, homem de confiança que envelhecera ao serviço do dr. Bernardo, despediram os outros servos, com excepção da vélha Jacinta, a criada de quarto de D. Quitéria havia mais de trinta annos: e um dia, com o coração apertado de tristeza e ainda dorida pelo seu luto, tomaram na Régua o combóio que as levou até ao Pôrto. Em Campanhã, embarcaram no correio para Coímbra, chegando já noite fechada.

Logo na manhã seguinte, Eugénia e a mãe lhe fizeram a visita de pêsames, que foi demorada e affectuosa. D. Quitéria não conhecia a noiva de Duarte e foi D. Joana quem fez as apresentações.

— Considero-a como filha muito querida, prima Quitéria — dissera ela, afagando Eugénia na face. É uma santa, uma santa...

Eugénia, ruborizada com aquelles louvores e com aquella sincera ternura, baixava os olhos, sorrindo.

— O nosso Duarte tudo merece! — afirmou D. Quitéria. Pois não é verdade? — perguntava ela a D. Sofia.

— Certamente! É um rapaz em quem só existem virtudes. Não podia encontrar melhor marido para minha filha!

A evocação de Duarte levou-as a falar na guerra sangrenta que ia devastando as vidas humanas e as nacionalidades da Europa, na dôr das pobres mães que perdiam os filhos na carnificina, nas misérias, nos infortúnios, nas angústias que enchiam a terra. Quando acabaria essa calamidade que durava havia tanto tempo e que trazia tôdas as almas espavoridas?

— O mano Bernardo, que Deus tenha em sua santa glória, ainda na manhã em que morreu me dizia, ao almôço, que se não faria a paz tam cedo! — exclamou D. Quitéria.

D. Joana suspirou, estreitando Eugénia num abraço e perguntando-lhe:

— Tens recebido notícias?

— Até há quatro dias, recebi. E eram boas. Duarte tinha tôda a confiança, não se mostrava apreensivo. Ele não lhe escreveu também?

— Chegaram-me ao Douro duas cartas recambiadas de Coímbra. Na verdade, Duarte parece-me satisfeito. Mas eu estou sempre com mêdo de que me não diga tudo, de que me esconda alguma coisa, para não me atormentar. É uma alma tam delicada, tam cheia de bondade!...

— Uma desgraça assim! — murmurou D. Quitéria.

— Diga-me isso a mim, minha senhora! Só

o que eu tenho sofrido desde que o meu filho partiu para França! — atalhou D. Sofia.

— Pois também por lá traz alguém?

— Sim! o meu Vitorino, o irmão da Eugénia, condiscípulo de Duarte na Universidade. Saíram ambos de Portugal no mesmo dia...

— Duarte — acudiu Eugénia — diz-me na sua última carta que se fala por lá muito em paz e tem tóda a esperança de regressar ainda êste ano.

— Oh! minha filha! Se isso fôsse exacto, se Deus te ouvisse!... — exclamou D. Joana.

— E porque não há-de ser exacto, minha senhora? Meu irmão afirma o mesmo. E ainda uma destas noites, em casa das minhas amigas Alarcões, o dr. Nunes garantia que a guerra não poderia durar muito mais tempo.

— O dr. Nunes? Quem é o dr. Nunes, Eugénia? — interrogou D. Joana.

— Um véelho muito amável das nossas relações, uma excelente criatura — informou D. Sofia.

— O que sabemos nós, ao certo, dessas questões da guerra e da paz? — atalhou D. Joana. São tudo suposições, boatos, hipóteses.

Calou-se um momento para se concentrar, para apaziguar as inquietações do seu espirito, e volvida uma curta pausa, acrescentou:

— Que de mudanças na nossa vida, quantos sobressaltos! Há meses que a minha tortura é enorme, que um preságio funesto me não deixa.



E, nem sei como tenho fôrças para suportar tantos sofrimentos.

— Por mim, não perco a esperança — afirmou Eugénia.

— A esperança é a flor das almas como a tua, minha filha. É nota que essa certeza faz-me bem... Agora, que voltei a Coímbra, peço-te que me não desampares, que estejas aqui todo o tempo que te fôr possível. A tua presença há-de dar-me coragem. Tendo-te perto de mim, julgarei que Duarte também não está longe de nós.

A porta da sala abriu-se, entrando Maria, a criada de D. Joana.

— Que é? — interrogou ela.

— São as senhoras Lucenas Osórios que mandam perguntar como V. Ex.<sup>a</sup> chegou e que querem saber se podem vir logo cá a casa.

D. Joana levantou-se, dirigiu-se à serva em passos lentos, inquirindo:

— Quem veio com o recado?

— O criado, o José!

— Pois diga-lhe que cheguei bem, que agradeço o cuidado e que as receberei com o maior prazer...

Voltou a sentar-se junto de Eugénia e da mãe, que conversava com D. Quitéria em voz baixa.

— Que tens tu feito? — perguntou D. Joana à noiva do filho.

Não tinha feito nada, quáse não saíra de casa, durante todo o tempo em que D. Joana estivera

ausente, a não ser duas vezes que dera um passeio com as Alarcões e com o irmão delas, o Tomás, ao Penedo de Saúde e à Quinta das Lágrimas. As Alarcões eram as suas únicas companheiras, especialmente a Ritinha, que também estava noiva. Passava os dias aborrecida, sem vontade de nada, pensando em Duarte, pensando no irmão, levava horas seguidas fechada no seu quarto, enquanto a mamã rabujava com as criadas.

— Olhe que nem sequer tenho estudado piano! — dizia Eugénia.

Outrora, consagrava à música todos os momentos disponíveis, tinha a paixão do piano e dos livros. Pois hoje tudo a enfastiava. Nem lia nem tocava. A incerteza do seu destino, o receio pela existência de Duarte, as preocupações do seu amor, tam infeliz, exauriam-na de tóda a vontade.

— Minha pobre filha! — exclamou D. Joana, acariciando-a.

Mas as Alarcões, coitadas, iam visitá-la uma vez por outra, levavam-lhe consolações, distraíam-na. E agora, que D. Joana de novo estava em Coimbra, sentia um grande contentamento...

D. Sofia levantou-se de súbito, muito comovida com as lamentações de D. Quitéria que lhe estivera falando do irmão, da sua morte, que fôra um golpe tam rude de suportar, da sua desventura numa idade em que tanto carecia de carinho, de affectos, de abnegações, da generosidade da prima, acolhendo-a tam amavelmente.

— Vão já embora? — interrogou D. Joana.

— Sim, vamos. Temos que fazer. Preciso de vigiar a criadagem, que me consome...

Eugénia levantou-se também, despediram-se; D. Joana acompanhou-as até à porta da rua.

— Não deixes de aparecer sempre que possas! — recomendou mais uma vez à noiva de Duarte.

De tarde, com efeito, vieram as Lucenas Osórios, tôdas de preto, com espêssas e macias peles de rapoza sôbre os ombros sêcos e uma tristeza convencional nos rostos de fuínhas. Viviam agora perto da Sé, num sombrio casarão em estilo baroco, dos meados do século xvii, recoberto de azulejos exteriormente. No primeiro andar, as três portas, que davam para a varanda ampla, tinham cortinados de tule bordado. Dessa varanda, onde passavam os dias serenos e de sol, observavam elas todos os acontecimentos que ocorriam no bairro, desde os mais inocentes namoros em que se trocam cândidos botões de rosa, aos mais clamorosos escândalos. E tôdas as manhãs iam à primeira missa, arrepiadas de frio, muito abafadas nos seus agasalhos e com os livros de horas nas mãos enlucadas. D. Joana simpatizava com elas, talvez pela sua devoção religiosa, achava-as umas excelentes senhoras, apenas bastante curiosas, gostando de saber quanto à sua volta se passava. O pecado — se a curiosidade pode assim ser considerada — era bem leve.

D. Joana desculpou-se de ter partido repentinamente para o Douro, sem tempo de as avisar. Era uma falta, na verdade. Mas que queriam? O telegrama da prima Quitéria a informá-la do terrível acontecimento fôra um choque tam forte que a transtornou. E mal tivera tempo de arranjar as malas e de partir, com a Maria, para uma viagem de luto e de lágrimas.

— Ai! nós bem sabemos o que são êsses momentos — murmurou a mais vélha das Osórios. Ainda me lembro do que aconteceu em nossa casa, quando lá chegou a notícia da morte do papá, que se encontrava numas termas a tratar do seu reumatismo. Ficamos tôdas transtornadas.

— De resto, nós estávamos informadas da grande desgraça, D. Joana — exclamou a outra irmã, magra, esgrouviada, com uns olhos miudinhos e penetrantes que pareciam investigar constantemente.

— Estavam informadas? Mas como! Se ninguém o sabia, a não ser Eugénia e a mãe!...

— Pois foi a Eugéniasinha que nos contou tudo, uma tarde, na estação do caminho de ferro. Tínhamos ido despedir-nos duma amiga nossa, que partia para Lisboa, a encontrar-se com o marido. A Eugénia estava na *gare*, com mais três meninas e um rapaz muito novo, muito simpático, com quem ela até conversava muito animadamente.

— Ah! bem sei! São as Alarcões, vélhos conhecimentos da família de Eugénia — atalhou



D. Joana, um pouco enfastiada com aquela bisbitice.

— Essas mesmo, as Alarcões. Soubemos depois o nome delas. É o rapaz é o irmão, parece que é médico. Pois a Eugéniasinha disse-nos que D. Joana tivera de sair apressadamente de Coimbra, por causa da morte do pobre parente. E ficamos tam incomodadas, tam incomodadas!... Já era de idade?

— Sim! O primo Bernardo tinha setenta anos. Mas estava bem conservado, aparentava ser mais novo...

— A morte chega dum instante para o outro e quando menos se espera... Êle vivia só?

— Não. Vivia com uma irmã, a prima Quitéria, que está agora em minha casa. Trouxe-a comigo para Coimbra. É uma senhora doente. Neste momento encontra-se de cama, com dores pelo cropo, fortes palpitações de coração. A morte do irmão e a viagem longa abalaram-na.

— Lamento, lamento! — afirmou a Osório mais velha. Desditosa senhora!... É de Duarte sabe alguma coisa? Como vai êle?

D. Joana apenas sabia que quatro dias antes o filho estava de saúde, já nas trincheiras da frente, em face dos alemães, sem ter ainda entrado em fogo. A guerra, de resto, parecia não preocupá-lo muito, falava nela incidentalmente e quem lêsse as suas cartas teria a impressão de que êle não lhe ligava a menor importância.

— Ah! dizem que tem sido terrível! — atalhou uma das Osórios.

— Terá, não contesto. Mas os portuguezes ainda não haviam combatido à data da última carta de Duarte.

Houve uma curta interrupção no diálogo, fazendo-se um silêncio profundo. O relógio quebrava a solidão com o seu *tic-tac* regular e monótono. Sôbre uma *étagère* colocada a um canto da sala, floria numa jarra de cristal um ramo de viçosas violetas exalando a alma em perfume; e, por cima do sofá, pregado na parede, o retrato do marido de D. Joana, a óleo, na sua moldura dourada e resplandecente, mostrava a face triste e velha.

— Pois é verdade, nós temos encontrado a Eugéniasinha muitas vezes, sempre em companhia das Alarcões e do irmão. Passeiam muito.

— Sim! Ela ainda hoje me contou que déra uns dois passeios com as amigas — disse D. Joana.

— Dois? Não. Foram muitos mais — não é verdade, mana? — exclamou D. Amélia Osório.

— Muitos mais, com efeito. E não é lá por dizer, que nós bem vemos que tudo aquilo é natural; mas olhe, D. Joana, que até estranhamos a assiduidade do rapaz junto de Eugénia, que é noiva de Duarte.

E como D. Joana fizesse um movimento de surpresa e de impaciência, D. Amélia Osório acudiu logo, muito séria, em palavras doces:

— Bem sei que não há nada que estranhar, que a Eugénia é uma menina dos melhores sentimentos, muito digna, muito virtuosa; mas é que há línguas viperinas que sujam tôdas as reputações mais nobres, que põem maldade em tudo e que hão-de denegrir êstes passeios inocentes, que hão-de murmurar. Eu, se falo é pela amizade que lhe tenho, D. Joana.

— De mais a mais — acrescentou a outra — sabendo-se que êsse rapaz foi o primeiro namôro de Eugénia!

— O quê? — atalhou D. Joana, empalidecendo e fixando severamente as duas irmãs.

— Lá se houve namôro, isso não está bem apurado — explicou D. Amélia Osório. Deram-se muito na Figueira da Foz, há anos, durante tôda uma temporada de banhos.

— Pois olha, a mim quem mo disse foi a D. Maria de Melo, a mulher do dr. Melo, que nesse ano esteve também na Figueira — afirmou a irmã.

— Deixa-a dizer. Nunca se averiguou nada ao certo — insistiu D. Amélia.

E, voltando-se para D. Joana, que a fitava dolorosamente, com uma funda angústia no olhar, asseverou:

— Não, minha senhora. Línguas do mundo, que são más. A Eugéniasinha nada tem que se lhe diga. Merece todo o respeito, tôda a consideração. Em todo o caso, está noiva, tôda a cidade

o sabe, e não lhe fica bem andar sempre na companhia dum homem, muito embora esse homem seja o irmão de amigas suas. Não lhe parece?

D. Joana, de pé, no meio da sala, achava que as palavras das Luceas Osórios eram venenosas, mas que nas suas considerações havia razão. Eugénia procederia, de-certo, irrefletidamente, era uma criança, não tinha nenhuma experiência da vida, não havia nem maldade nem culpa nos seus actos; mas a mãe deveria aconselhá-la, ensiná-la a ser mais recatada, menos leviana.

— Na verdade, as suas observações são justas, D. Amélia. Mas Eugénia...

— Oh! bem sei. É irrepreensível. Quem diz o contrário? Mas a sociedade é cruel...

— Que nós, afinal, nada temos com isso — esclareceu a outra Osório, melifluamente.

— De-certo! Falámos neste caso insignificante, porque se trata de pessoas amigas e que muito estimamos — concluiu D. Amélia.

— E eu agradeço a boa intenção, creiam — disse D. Joana. Eugénia precisa de quem a guie, de quem a conduza...

As duas irmãs, derramada a sua peçonha, despediram-se e saíram; e D. Joana, ficando só na sala, meditava nas revelações que acabavam de lhe ser feitas e que acrescentavam uma inquietação nova ao acervo das suas inquietações. Sentada no sofá, com as mãos esquecidas no regaço,



pensava, para tranqüilizar o seu sobressalto, que o acontecimento fútil havia sido exagerado por criaturas perversas e que nada tinha de repreensível. Efectivamente, não era natural que uma menina, mesmo noiva, passeasse com senhoras das suas relações e com um irmão dessas senhoras? Que haveria nisso de estranhável ou de inconveniente? Nada, com effeito. Quando muito, as pessoas mais exigentes e meticulosas poderiam ver no facto banal apenas uma ingénua leviandade que em nada macularia a constância dum affecto. Reiocinando assim, arrependia-se já de, no primeiro impulso, acusar Eugénia na intimidade do seu sentimento. D. Joana conhecia-a. Era uma rapariga talvez frívola, vivendo para o orgulho, para a vaidade da sua beleza, mas incapaz duma deslialdade, duma traição. Da frivolidade não era ela a culpada, mas D. Sofia, que nunca lhe impusera a sua vontade, que a deixára sempre proceder como Eugénia queria, sem a contrariar em coisas que mereciam ser contrariadas, que vivia na adoração da formosura da filha e que nunca se preocupára em completar a cultura da sua intelligência por uma severa educação moral. Os louvores e as admirações à graça de Eugénia en vaidciam-na também, e pensava que unicamente por essa graça encantadora das exterioridades ela triumpharia na vida. O resultado foi Eugénia entrar na idade adulta com uma alma pueril. Mas era bôa, honesta, amava realmente Duarte e se

praticava actos que se tornavam reparados, procedia sem a verdadeira consciência do seu êrro. Duarte, mais tarde, se escapasse do abismo de sangue da guerra, fâcilmente lhe modelaria um carâcter e faria de Eugénia a mais dócil, a mais amável das companheiras. Não! As Lucenas Osórios, com o seu poder de intrigantes, com uma feroz virtude de beatas que em tudo via escândalos — mesmo nas mais cândidas acções — tinham-se excedido, levando muito longe a insinuação. Pois que falta irreparável cometêra Eugénia em mostrar-se na cidade, públicamente, com uma família conhecida? Escondia-se ela, porventura, para êsses passeios? E não estaria nesta publicidade a melhor prova da sua inocência?...

Mas D. Joana lembrou-se então de que a noiva do filho lhe havia dito que saíra apenas duas vezes de casa, enquanto ela estivera no Douro. Existiria uma mentira nesta confissão? As Lucenas Osórios afirmavam que a tinham encontrado pela cidade quâse todos os dias em companhia de Tomás e das irmãs! Se Eugénia lhe não dissera inteiramente a verdade, pretenderia, então, occultar um procedimento que ao seu próprio espírito pareceria reprovável? Ah! se assim fôsse, seria menos inocente do que D. Joana julgava...

Estas reflexões transtornavam-na: e, sem bem saber porquê, por uma associação de ideias e de sentimentos que não explicava lúcidamente, recordava com mágoa infinita o filho ausente, tam longe

da sua ternura e da sua guarda, e surpreendia-se a lamentá-lo com uma dôr profunda.

— Ah! preciso de esclarecer êste mistério, para a minha tranquillidade e para a felicidade de Duarte — monologava.

O que de mais grave havia nas revelações das Lucenas Osórios era o facto de Eugénia ter sentido, anos antes, uma paixão por Tomás. Se isto era exacto, então, por decôro, por dignidade própria e também por dignidade de Duarte, nunca ela deveria passear, mesmo acompanhada, com êsse homem, para não provocar suspeitas, para que atrás dos seus passos não ficasse o sussurro dos risos irónicos ou o murmúrio das reprovações, e mesmo para que sôbre Duarte se não reflectisse o que de grotesco e de vilipendioso derivava duma tal situação. Já sob a influéncia mórbida destas dolorosas meditações, D. Joana começava a notar em Eugénia uma attitude um pouco obscura e confusa. Com efeito, não parecia muito pesarosa — especialmente depois da chegada das Alarcões a Coímbra — com a circunstância do noivo estar nos campos de batalha, a todo o instante em face da morte. A sua alegria conservava o esplendor dos dias antigos de confiança, quando nada ameaçava a continuidade e a ventura do seu amor, o seu riso tinha a mesma vibração, não havia uma sombra na sua alma, não se isolava, não se recolhia, continuava a exhibir-se, de-certo para que lhe admirassem a radiação duma beleza que tanto como-

vera e impressionára Duarte... Coisas que durante muito tempo lhe pareceram enigmáticas, esclareciam-se agora nítidamente aos seus olhos! Mas imediatamente o temor de ser injusta, de se deixar cegar pela sua adoração materna, de levar demasiadamente longe dúvidas que se não fundamentavam em nenhuma razão concreta, lhe desviaram o rumo do pensamento.

— Não! Não! Estou fazendo romances. As minhas suspeitas são injustificadas — monologava D. Joana. Ainda assim, não deixarei de dizer a Eugénia que as meninas nas suas condições não são já inteiramente livres. É necessário que a futura espôsa de meu filho viva numa atmosfera de absoluta pureza que nenhum hálito venenoso contamine.

Estava decidida! Quando Eugénia voltasse a sua casa, havia de fazer-lhe serenamente, com doçura, com brando affecto, um pequenino sermão; e, mais forte pela deliberação tomada, ia a levantar-se do sofá, quando a prima Quitéria appareceu na sala, embrulhada num grosso chale de lã e tremendo com frio.

— Está melhor? — perguntou D. Joana.

— Um pouco... Mas demorou-se tanto!

— Umas visitas impertinentes... Saíram agora mesmo...

E, ainda com um sobressalto no coração, acrescentou:

— Ah! prima Quitéria, como o mundo é mau



e como a vida é, na realidade, uma triste coisa! Nem em nossa casa podemos estar sossegadas. Até ao nosso isolamento chega o rumor das vilezas humanas.

— Mas porquê, porquê? Que tem? Isso que foi? Porque fala assim?...

— Não sei!... Estou hoje nervosa... Presentimentos...

D. Quitéria aproximou-se mais dela, curvou-se a espreitar-lhe os olhos rasos de água, a contemplar-lhe o rosto atribulado, e murmurou, muito séria:

— Para que é que a prima me esconde os seus sofrimentos? Em que conceito me tem?...

D. Joana caiu em si, diante do melindrado queixume. Na verdade, as suas reservas ofendiam D. Quitéria, que pertencia à sua família, que sempre a estimára, que nunca lhe recusou uma simpatia mais pura, uma solidariedade moral tam nobre em tôdas as suas crises e em tôdas as suas amarguras; e então, repreendendo-se a si própria por aquela secura de sentimento e por aquela desconfiança imperdoável, acudiu logo:

— Imagine a prima Quitéria que essas senhoras que agora mesmo vieram visitar-me, para agravarem o meu padecimento, me disseram coisas que me inquietaram!

— A que respeito?

— A respeito da noiva de meu filho... Parece que tem sido leviana, andando aí pela cidade em

companhia dumas senhoras e dum irmão delas que foi antigamente seu namorado... É um acontecimento natural...

— Não! Natural não é! — acudiu D. Quitéria muito perturbada. É quer a prima saber? Pois aí vai: — eu não gosto nada dela. Uma bonequinha amimada, de-certo galante, mas sem alma por baixo dessa beleza. Pareceu-me superficial, incapaz de profundas dedicações, vulgar... A minha impressão, quando a prima ma apresentou e quando, depois, conversei com ela, não podia ser mais desagradável...

— Mas note que o namôro não está provado, que ela é realmente das vélhas relações dessa família... Meu Deus, é preciso sermos justos.

— Pois, em que foi eu injusta? — perguntou D. Quitéria. Se ela me impressionou desagradavelmente, como poderia eu afirmar o contrário sem traír a minha sinceridade?... A prima tem apenas uma coisa a fazer: — averiguar se são verdadeiras as revelações em que me falou, e se o forem, prevenir imediatamente Duarte.

— Ah! isso não! Nunca o farei. Seria uma crueldade. Meu filho está na guerra, prima. Lembre-se disto. Lembre-se de que pode morrer dum momento para o outro. Que mãe seria eu se, por escrúpulos sem motivo por enquanto, não hesitasse em feri-lo nas suas afeições mais puras, em matar-lhe cruelmente as mais doces illusões de felicidade?

— Tem, talvez, razão — concordou D. Quitéria. Na verdade, seria horrível. Tanto mais que elle terá tempo de saber tudo...

— E, além disso, eu continuo a julgar Eugénia isenta de tôda a culpa. É uma criatura adorável, cheia de excellentes qualidades, apenas um pouco criança. Sinto, mesmo, remorsos por tudo quanto inconsideradamente tenho estado a pensar àcerca dela... — concluiu D. Joana, enquanto D. Quitéria, apertando mais o chale à volta do corpo, se aconchegava na poltrona em que se havia sentado, sem dizer palavra.

Na festiva e luminosa manhã seguinte, D. Sofia recebeu uma longa carta de Vitorino. Eugénia ouvira, ainda no seu quarto, a voz bem conhecida do distribuidor do correio, e correrá logo na esperança de que Duarte, há tanto tempo silencioso, lhe tivesse escrito, finalmente. Sentindo-lhe os passos apressados na escada, a criada fechou a porta e retirou-se, indo ao encontro dela.

— Veio alguma correspondência para mim, Albertina? — perguntou Eugénia.

— Veio isto para a sr.<sup>a</sup> D. Sofia — respondeu ela, entregando a carta.

— Ah! É do mano Vitorino! — exclamou Eugénia.

Foi ter com a mãe ao jardim que reffloria ao

sol, já viçoso e enflorado, e entregou-lhe a carta do irmão, murmurando:

— Duarte esqueceu-se de mim. Nem sequer me responde!

— Talvez Vitorino nos fale dêle — disse-lhe D. Sofia.

E nervosamente rasgou o *enveloppe*, desdobrou a fôlha de papel ennêgrecida duma letra mindinha, percorreu-a com a vista sem mesmo a lêr, exclamando logo:

— Cá está... Duarte... Duarte foi... Ah!... — suspirou ela, empalidecendo repentinamente.

— Que é? Que aconteceu? — interrompeu Eugénia. Que se passou com Duarte? Diga!...

Estendeu as mãos suplicantes para se apoderar daquela carta que encerrava um segredo certamente terrível; mas a mãe, recuperando a serenidade, repeliu-a suavemente, murmurando:

— Não! Espera um momento. Deixa-me lêr a mim primeiro.

E sentando-se no banco que lhe ficava mais próximo, dominando a sua perturbação, encetou a leitura da carta fatal que vinha apagar, talvez inesperadamente, a beleza dum doce sonho de amor, que roubaria à filha uma felicidade tam ardentemente ambicionada. Junto dela, Eugénia, muito pálida, fazendo esforços para reter as lágrimas, curvava-se por detrás do ombro da mãe, para adivinhar a desgraça que ela queria esconder-lhe. Vitorino, depois de dizer que continuava longe



da linha de fogo e que ainda não sabia quando tinha de ir para as trincheiras, acrescentava:

— «...O nosso pobre Duarte é que foi mais infeliz do que eu. Na verdade, tomou parte logo no primeiro combate com os alemães, que se feriu na noite de Santo António, quando aí em Portugal tudo são cantares e alegrias pelas ruas. Houve mortos e houve feridos. Duarte foi um dos últimos. Estive agora mesmo com o médico que lhe fez o primeiro curativo e que se encontra, nas linhas da rectaguarda, a repousar por uns dias. Coitado do nosso desditoso amigo, mamã! Os ferimentos que recebeu e que lhe foram produzidos pelos estilhaços duma granada que rebentou perto dêle, são horríveis, horríveis! Parece que não há esperanças de que se salve; mas, se por um milagre escapar à morte, ficará inválido para sempre. É uma dôr de alma! Oh! a guerra é uma calamidade pavorosa. A mamã não imagina as scenas lancinantes que todos os dias tenho diante dos olhos. Mas, mais do que nenhuma outra, me punge a desventura de Duarte, que eu já considerava como irmão e que era a melhor das almas. Que há-de agora ser da mãe dêle, sem outro braço filial a que se ampare? E o que vai succeder com minha irmã, de quem a guerra ensanguentou o noivado? A mamã é mulher e há-de encontrar no seu sentimento palavras consoladoras que eu não sei nem encontro na inferioridade da minha emoção. Previna D. Joana com tôda a cautela, e pre-

vina também Eugénia. Não posso dizer-lhe mais nada, porque nada mais sei. Duarte, depois de pensado provisóriamente, entrou num hospital de sangue, onde foi operado. Por enquanto, está vivo. Hoje, foi êle: amanhã será a minha vez. Mamã, peça a Deus nas suas orações por nós ambos! Um profundo beijo do seu filho: — Vitorino.»

Depois de concluir a leitura da carta fúnebre, D. Sofia, mais comovida, com as lágrimas nos olhos, sufocada de soluços, deixou-se ficar ainda sentada, sem forças para levantar-se e amarrutando o papel, que rangia entre os seus dedos nervosos.

— Que desgraça, que desgraça! — murmurava ela.

É voltando-se para a filha:

— Duarte está ferido. É o que Vitorino diz...

— Eu li, mamã! — exclamou Eugénia. Eu li tudo. Veja que destino o meu!...

Durante alguns momentos, na violência daquela dôr que as acabrunhava, Eugénia e a mãe, emmudecidas diante uma da outra, não sabiam o que dizer, não encontravam palavras para a expressão das comoções sentidas. A notícia era terrível. Vitorino de-certo ocultaria uma parte do drama: mas, mesmo que dissesse tudo, a verdade era que Duarte estava perigosamente ferido, que havia sido operado, que teria sofrido talvez amputações que o desfigurassem,

— Ah! que desgraça! — repetia D. Sofia maquinalmente, numa espécie de inconsciência.

— Não tenho sorte nenhuma! — exclamou Eugénia com soluços na voz.

— É não tens, filha... Mas quem sabe se Duarte se não cura? Por enquanto, ainda há uma esperança.

— Bem fraca, mamã!

D. Sofia, mais serena, levantou-se, pousou a carta sobre o banco, deu algumas voltas no jardim, coordenando as suas desordenadas sensações: e de repente, como se lhe tivesse ocorrido qualquer coisa, exclamou:

— Arranja-te. Temos de ir visitar D. Joana.

— Não, eu não vou! A mamã é que deve ir dar-lhe a triste nova. Não tenho coragem para assistir a essa scena.

— Dizes bem. Irei eu só. É melhor assim.

Correu para casa, pôs o chapéu, calçou as luvas e enrolando uma pele de lontra à volta do pescoço, D. Sofia saiu, enquanto Eugénia, pegando novamente na carta, a lia com atenção, como se quisesse decifrar enigmas ocultos em cada frase. Mas não tardava que batessem à porta e que de baixo, do corredor, uma voz perguntasse:

— Ó Eugénia? Onde estás tu?

Era a Ritinha Alarcão. Como era providencial aquela visita! Eugénia teria com quem desafogar a mágoa que a oprimia. Dirigiu-se apres-

sadamente para a escada, gritando de cima:

— És tu? Sobe! Vens só?

— Não. Venho com minha irmã Rosa.

— Subam... Tenho uma triste notícia para dar-vos. Oh! uma triste notícia!

Galgando os lanços da escada, com a saia um pouco erguida, para não tropeçar, Ritinha Alarcão murmurou:

— Crédo, filha! Que mêdo nos fazes. Uma triste notícia, dizes?

È chegando perto dela, depois de a ter abraçado e beijado enternecidamente, insistiu:

— Mas que notícia é essa?

— Um horror! — exclamou Eugénia com os olhos vidrados de pranto. Duarte foi ferido numa batalha. Está à morte num hospital de sangue. Foi o mano Vitorino quem o mandou dizer à mamã, em carta que hoje recebemos!

— Ah! Mas então!... — gaguejou a amiga de Eugénia, abraçando-se nela.

Calou-se imediatamente, por não ter coragem de lhe falar num desgraçado amor talvez morto para sempre; mas D. Rosa atalhou:

— E agora, Eugénia? Se êle morre? Que será de ti?

— È que hei-de eu fazer-lhe, filha? — atalhou Eugénia.

Ritinha afagou a amiga lacrimosa, dizendo:

— Minha pobre querida!...



— E, bem pobre! — exclamou Eugénia, rompendo num grande e solto choro.

Em casa da mãe de Duarte, a tragédia era mais intensa. D. Joana estava com a prima numa sala do rés-do-chão, com janela de grade de ferro respirando para a rua, costurando. Ao ver passar D. Sofia, ergueu-se apressadamente e foi ela mesmo abrir a porta, recebendo-a com um riso afável.

— Oh! minha senhora! A que devo o prazer matinal da sua visita?

Mas logo as palavras efusivas lhe morreram nos lábios descòrados, ao reparar no rosto transformado de D. Sofia. Fechou a porta com mãos trémulas e mesmo na penumbra do corredor, aproximando-se mais da amiga e com o coração pulsando violentamente no peito, exclamou, como se adivinhasse tudo:

— Que aconteceu a seu filho?

— Nada. A meu filho não aconteceu nada. Acabo de receber carta dêle, neste instante. Vinha para dizer-lhe...

— Então, foi Duarte?... O quê?... Foi Duarte?

— Mas sossegue, tranqüilize-se, não há razão para aflições... Meu Deus!... — gaguejou D. Sofia.

— Oh! por caridade, minha senhora! Por caridade! Diga o que sucedeu a meu filho!... Peço-lhe — exclamava D. Joana de mãos erguidas.

— É para isso que aqui estou... Duarte está ferido!

— O quê? Ferido? — gritou D. Joana. Ferido?!... Venha cá, prima Quitéria, venha ouvir êste pavor... — bradou ela.

— Mas escute!... Não tem importância. Coisa ligeira!...

— Não me engane... A carta! Onde está a carta? — interrogava ela arquejante.

— Deixei-a em casa.

— Foi para me esconder a verdade... Duarte morreu?...

Grandes soluços, subindo-lhe do peito à garganta, afogavam-na, estrangulavam-na. D. Quitéria e a criada Maria tinham acudido, chorando também, e murmurando:

— Nossa Senhora! Nossa Senhora!...

D. Sofia, então, erguendo a voz por sôbre aquele angustioso tumulto, afirmou com energia:

— D. Joana, se eu viesse aqui mentir-lhe, praticaria um acto indesculpável. Juro-lho!... Ouça bem! Juro-lho!...

— Duarte está, então, vivo? Garante-mo? — inquiriu ela com voz suplicante.

— Juro-lhe que está vivo, e que ainda hoje lhe trarei a carta de Vitorino, para ver por seus próprios olhos o que meu filho diz. Duarte está apenas ferido. Nada mais...

— Ah! então que Deus lhe pague o bem que

faz à minha alma, minha pobre amiga!... Que Deus lhe pague!...

E, na sua dolorosa alegria, beijava-a, abraçava-se a ela, afagava-a, murmurando sempre:

— Duarte está vivo... O meu filhinho ainda vive!... Mas está ferido... Vou partir para França... Quero ser a sua enfermeira. Essa gente da guerra não saberia tratá-lo com o carinho de que êle precisa para se curar mais de-pressa, o meu amor...

À volta, D. Sofia e D. Quitéria choravam, enquanto a criada ia repetindo incessantemente:

— Nossa Senhora! Nossa Senhora!...





## X

Nessa clara manhã de domingo, depois da missa, Eugénia, antes de dirigir-se a casa das Alarcões, que a esperavam, surpreendeu-se a pensar na tristeza do seu destino e na sua vida amorosa, diante do espelho *biseauté* do quarto de vestir, que faiscava à luz nítida no meio da moldura de ouro, sôbre a pedra de mármore branco duma credência Luís xv. As janelas abertas deixavam entrar a fulva claridade diurna que vinha de fóra, dum céu maravilhosamente azul. De baixo, das ruas movimentadas, ascendia o confuso rumor da cidade, que se animava e adquiria uma fisionomia nova, nos doces vagares do dia de repouso. O ar estava imóvel e das bandas do Mondego subia uma aragem tépida.

Eugénia, compondo cuidadosamente a *toilette*, meditava na singularidade do seu caso, na fata-

lidade que pesava sôbre ela e a acabrunhava. Três anos antes, vivera horas de ternura e de febre, apaixonada por Tomás. Lembrava-se agora perfeitamente do que fôra, para o seu ingénuo sentimento de adolescente, êsse primeiro amor que lhe fizera abrir no peito uma flor de suavidade e de ilusão, e experimentava uma tristeza infinita pela morte dos sonhos malogrados. Evocava os longos passeios com Tomás e com Ritinha pelos caminhos solitários da Figueira, ouvindo num enlêvo as palavras ardentes e estranhas que êle lhe dizia quâse em segrêdo e que tanto a perturbavam, as suas confissões, os projectos idealizados duma existência futura de encanto pèrmanente. Às vezes, Ritinha adiantava os passos, corria pelos atalhos, através dos fênos sêcos e dos ervaçais viçosos, cortava, nas sebes, grandes ramos de madre-silva florida, e Eugénia e Tomás, muito juntos, iam andando vagarosamente sem repararem nas scenografias exteriores, absorvidos no enlêvo da sua felicidade de namorados — e as horas fugiam ligeiramente sem que delas ficassem resíduos de tédio. Recordava, com um rubor na face, a tarde admirável de serenidade em que foram para os lados de Buarcos sem se desviarem da beira-mar. A todo o momento deslisavam sôbre o fino encrespamento das águas translúcidas, rolando-se preguiçosamente na areia loira da praia, barcos de pesca de velas cheias de vento e talhando sulcos luminosos na superficie liquida;

passavam ao longe, na linha do horizonte, grandes vapores, deixando atrás de si densos róis de fumo negro; a luz era viva e scintilante. Por sinal que Tomás, com os olhos perdidos na imensidão do oceano — que era uma interminável peça de setim enrugando-se à brisa — lhe narrava a beleza das viagens, a bordo dum transatlântico, a outros países, a outras regiões, a outros continentes, para o estudo de povos e de costumes desconhecidos, afirmando-lhe que, como bom portuguez, amava o mistério da aventura, e falando-lhe com tanto calor que, por fim, ela se interessára também por essa aspiração. A certa altura, sentaram-se sôbre uns rochedos cortados a pique, onde as ondas batiam com fragor, saltando e desdobrando-se em alvos lençóis de espuma. A atmosfera ressoava das músicas flutuantes do mar. O espectáculo que tinham diante de si era duma grandeza que os emmudecia. Calavam-se para melhor se concentrarem e para que nada perturbasse a doçura da sua contemplação. Mas Ritinha, a amável companheira de excursões, descera das rochas, com a saia apanhada nas mãos, e começou a procurar conchas no areal extenso. Ficaram sós, e ela sentia um sobressalto estranho que lhe era penoso e suave ao mesmo tempo. Quando erguia os olhos para Tomás, encontrava os dêle que a fitavam demoradamente e com uma expressão que Eugénia desconhecia. Córando, baixava o rosto, e o seu acanhamento, o seu mal-estar, aumentavam.

Inesperadamente, a mão de Tomás apoderou-se da sua, em que as pedras dos anéis irradiavam agulhas de luz, apertou-lha brandamente, e como Ritinha andasse a distância, curvando-se sôbre as areias na sua busca, êle, mudamente, sem uma palavra, sem uma súplica, beijou-lhe as pontas dos dedos. Eugénia não retirára a mão, mas, muito comovida, levantou-se, enleada, comprometida. Então, Tomás, levantando-se também, perguntou com voz trémula:

— Zangou-se? Quer-me mal por isto?

E como ela não respondesse logo, êle, soltando-lhe a mão, disse, com grande solenidade:

— Bem vê: — o nosso amor é um amor sério e precisava desta santificação. Considero-a como a minha noiva... Mas diga-me: — Zangou-se?

Eugénia, envolvendo-o num olhar de indizível meiguice, e mais tranqüila já, exclamou:

— Bem sabe que não! Zangar-me porquê?

— Ama-me, então, um pouco? — interrogou Tomás.

— Sim! — afirmou ela, descendo também da rocha alta e coberta de negras manchas de musgo, e correndo para Ritinha.

Oh! como o seu coração batia apressadamente, nêsse ditoso instante! E que divina alegria se apoderára do seu sêr de mulher apaixonada! A impressão fôra tam forte que ainda agora, volvidos anos, ela despertava na sua emoção com a funda melancolia duma saídade muito penetrante,



com a consoladora doçura dum bem perdido mas que jãmais se olvida!

Eugénia reconstituía tôda a scena. Chegãra perto de Ritinha tam transtornada, que a amiga a estranhou, perguntando-lhe: •

— Mas que tens tu? Que tens?

— Não tenho nada! Estou hoje assim... Foi talvez de vir à carreira, pela areia! — respondera Eugénia.

Ao longe, Tomás, de pé, no alto da penedia, de mãos nos bolsos e os cabelos ao vento, fitava-as, a ela e à irmã, que se tinham sentado no areal reluzente à claridade, voltadas para êle...

Depois, na volta, Tomás ainda lhe falára na pureza do seu amor, na sinceridade da simpatia que o arrastava para ela invencivelmente. E à noite, no Casino, cheio de hespanholas ruidosas, dançaram sempre ambos, trocando as suas confidências.

Mais tarde, antes de seguir para Lisboa, com a família, a completar o seu curso de medicina, Tomás jurára-lhe solenemente uma constância de affecto que nunca desfaleceria na sua alma. Na véspera da partida, dera-lhe um anel de ouro com uma pequena esmeralda, recordação que Eugénia lhe devolveu passados meses, quando êle esqueceu os juramentos feitos. E porquê? Porque a esquecera Tomás?...

Um ano depois, encontrou Duarte que a amou puramente, que se lhe dedicou, que viveu só para

ela e que não tardou a oferecer-lhe a sua mão e a sua fortuna. Deviam casar quando elle concluisse a formatura, e já Eugénia se entregava à meiga canseira do seu enxoval, que é o maior encanto das noivas e a maior poesia das horas cristãs iluminadas por uma claridade de ventura. Tomás tinha-se-lhe apagado no sentimento como um episódio banal se apaga na memória, nem sequer o odiava pela ofensa recebida, tanta era a sua indiferença por êsse homem. Mas a guerra viera, Duarte seguira para França, havia muitos meses que o não via, apenas com elle conversava por cartas que nunca dizem tudo o que se quer dizer, que são pedaços frios, inertes, de papel.

Tomás aparecia novamente diante dela e com tanta nobreza, com tanta elevação moral, que só então Eugénia comprehendia o que nêle havia de superior, de pura generosidade. Apenas lhe lembrára, de fugida, o passado, para a tranquilizar; sómente evocára um amor infeliz para lhe oferecer uma afeição fraterna. Ah! havia beleza neste procedimento, certamente! A individualidade de Tomás adquiria vastas proporções aos seus olhos. Amava-a, mas sacrificava-se à sua felicidade! Reconhecia a lialdade de Eugénia, acusando-se a si próprio. Êste sacrificio nobilitava-o! E como elle agora cumpria as suas promessas! Desde o dia em que, no jardim de sua casa, lhe fizera a grande revelação dum sentimento que teimava em viver, nunca mais aludiu a essa paixão que lhe

enchia de amargura a existência e que o devastava. Que alma incomparável!...

Duarte estava ferido, perigosamente ferido, o mano Vitorino, na carta que escrevera à mamã, dando-lhe a desgraçada notícia, dizia claramente que os médicos não contavam salvá-lo. O seu sonho de noiva morria. A quimera duma ternura, que fôra construindo com ansiedade, desmoronava-se rápidamente. Como a sua vida era triste!...

D. Sofia entrou no quarto em que Eugénia ainda se encontrava, inquirindo:

— Vais sair?

— Vou, mamã... Preciso de distraír-me um pouco. A Ritinha Alarcão espera-me em casa. Combinamos ontem êste encontro...

— E D. Joana? Quando tencionas ir vê-la?

— Estive lá ontem. A mamã bem sabe. Mas faz-me uma tristeza!... Passa as horas a chorar, e as suas lágrimas aumentam quando me vê. Além disso, a prima, a D. Quitéria, fita-me com uns olhos severos e agressivos; tenho a impressão de que ela me torna responsável pelo infortúnio de Duarte... Não posso. Perto destas duas senhoras, sinto uma espécie de frio na alma. Bem me basta o meu sofrimento.

— Que tolice! — exclamou D. Sofia.

— Será tolice. Mas que quer?

Eugénia pegou na sombrinha de sêda com applicações de renda, enrolou a pele no braço,

deu alguns passos no compartimento, e perguntou:

— A mãe de Duarte ainda insiste em partir para a França, a servir de enfermeira ao filho?

— Não. O marido de D. Amélia Osório, o juiz, tirou-lhe essa ideia da cabeça, afirmando-lhe que era insensata e que as autoridades militares francesas nem sequer a deixariam entrar no hospital.

— Pois, foi o que eu lhe tinha dito, por o ouvir ao dr. Nunes... Até logo, mamã.

— Não te demoras muito?

— Não! — prometeu Eugénia.

Quando chegou a casa das Alarcões, eram quáse duas horas da tarde. O sol já descia no azul fino e transparente para as bandas do ocaso. O horizonte resplandecia. Grandes lufadas de aragem enchiam a atmosfera. Um céu claro arqueava-se em abóbada sôbre a cidade e sôbre as colinas que a primavera reverdecia. De vez em quando, uma nuvem ligeira algodoando o azul passava rápidamente no ar. Eugénia, que tinha ido a pé, apressadamente, bateu à porta, um pouco ruborizada pelo esforço da marcha: e, enquanto esperou que viessem abrir, sentia o seu coração ocupado por um cuidado novo, talvez um desejo indefinido. Os seus olhos puros perderam-se, um momento, para lá da vida, enquanto na inteligência se lhe formava um pensamento estranho... Mas a porta abriu-se, ela entrou e logo



Ritinha lhe appareceu, muito risonha, muito afável, murmurando:

— Ah! és tu! Já pensava que não vinhas!

— Demorei-me com a mamã... — explicou Eugénia.

Foram caminhando, enlaçadas, para a sala de visitas. Rosa e Laura tinham saído. Em cima, no seu quarto, D. Teresa Alarcão gemia a sua enfermidade que de dia para dia se agravava. O mano Tomás estava no jardim, lendo os seus poetas sob os plátanos que se cobriam de folhagens verdes.

— E eu estava para aqui a aborrecer-me, esperando-te. Ainda bem que vieste — disse Ritinha.

Eugénia pousou a umbrela a um canto, tirou o chapéu que pôs sobre um sofá, junto da pele de agasalho. Sorria de cansaço, estava muito corada, a sua beleza tinha mais vida.

— E se nós fôssemos também até ao jardim? — lembrou ela. Está um dia tam bonito!

— Pois vamos! — concordou Ritinha.

Saíram pela porta da sala que dava para a escadaria do parque, já todo florido de rosas de trepar. Em baixo, entre um maciço de heras, reverdecidas, cantava o jorro líquido duma fonte correndo para uma larga bacia de mármore tendo ao centro fôlhas espalmadas e luzentes de nenúfares. É perto, uma alta magnólia, cheia de murmúrio nas suas ramarias, cobria-se de flores duma

brancura marmórea que recordavam a pele veludosa de seios femininos.

— Sabes mais alguma coisa do teu noivo? — interrogou Ritinha.

— Não, filha, não sei mais nada. Êle, de-certo, não pode dar notícias suas, e o mano Vitorino não tornou a escrever — explicou Eugénia. Vê tu que inquietação a minha!

Meteram-se por um fechado caramanchão de clematites, em que havia uma discreta penumbra feita de sombra e duma ténue luz verde. Ao fundo, Tomás, sentindo ranger a areia sob a pressão dos passos, ergueu a cabeça do livro que estava lendo, reconheceu Eugénia e a irmã, levantou-se imediatamente e veio para elas, muito risonho, cumprimentando com afabilidade.

— Faz aqui frio! — exclamou Ritinha.

— Procuraremos um outro lugar — atalhou Tomás. Lá em baixo, junto dos lilases, há mais sol.

Dirigiam-se lentamente para lá, quando uma criada apareceu, dizendo a Ritinha:

— A snr.<sup>a</sup> D. Teresa está a chamá-la, minha senhora.

— Lá vou — disse ela.

E voltando-se para Eugénia:

— Tem paciência por um bocadinho, filha. O mano Tomás faz-te companhia, enquanto eu não volto... A não ser que queiras vir também.

Eugénia hesitou, mas a hesitação foi repentina.

— Não, não. Vai. Eu espero-te aqui. Vou ver os lilases.

Quando Ritinha se afastou, num grande rumor de saias de sêda, Tomás, aproximando-se mais de Eugénia, murmurou:

— Já sei o que aconteceu ao seu noivo... Foi uma desgraça!

Ela deteve-se, olhando-o, interrogando-o com os olhos. O peito arfava-lhe. Estava inquieta.

— Foi, realmente, uma desgraça. E creia que de todo o coração lamento o seu grande infortúnio — insistiu Tomás.

As irmãs tinham-no informado, haviam-lhe dito tudo, contaram-lhe as revelações terríveis de Vitorino, na carta que escrevera a D. Sofia, a batalha, o pobre Duarte gravemente ferido e levado sem sentidos para uma ambulância e depois para o hospital de sangue, onde fôra operado.

— Uma grande calamidade! — respondeu Eugénia, reencetando o passeio ao lado de Tomás.

Por cima dêles, num rutilante céu de glória, a luz era uma aleluia de graça, o triunfo maravilhoso da natureza, a vitória do seu esplendor. Um arôma adocicado e perturbante errava no espaço.

— Mas talvez se salve! Nem tôdas as esperanças se perderam ainda — exclamou Tomás.

— Talvez — concordou Eugénia.

Ah! se isso fôsse verdade, se Duarte pudesse ser restituído novamente à vida heróica e sã! Mas Vitorino era pessimista. A sua carta seria, mesmo, o piedoso subterfúgio inventado para atenuar a crueldade duma outra mais implacável, em que só a verdade se dissesse. A ilusão extinguiu-se na alma de Eugénia. Então, Tomás, sentindo e compreendendo as ideias sombrias que se formavam na intelligência dela, parando um momento e com uma grande austeridade no rosto, gaguejou:

— Tenho uma coisa para lhe dizer e espero que me escute, porque minha irmã pode aparecer dum instante para o outro.

Eugénia parou também, olhando-o muito espantada e um pouco surpreendida. Que coisa seria essa?

— Eis o que eu quero que saiba: Sou ainda hoje, para Eugénia, o mesmo homem que outrora conheceu na Figueira da Foz. Amo-a, talvez, agora mais do que nunca. Sem o desastre que se deu na sua vida, não teria a coragem de confessar-lhe isto. Para que fôsse feliz, sacrificar-me-ia sem revoltas, tanto mais que fui eu o culpado de tudo, como já uma vez lhe afirmei, neste mesmo lugar.

— Oh! cale-se! — acndiu Eugénia, suplicante. Para que fala assim?

— Porque devo falar. .

— Mas eu não quero...

— Ouça! Não pense que eu me regosijo com



êste infortúnio, que o desejo mesmo, por egoísmo. Mas, se acontecer uma fatalidade, que eu deplorarei amargamente, então, Eugénia...

— Não! Não diga mais! — exclamou ela, recuando.

— Porquê? Para que hei-de calar-me? Não fui eu o primeiro homem que Eugénia amou? E não me dará êste amor alguns direitos?... Não sou eu, pelo menos, o mais sincero amigo que Eugénia tem? Então!... Pois não vê?...

Ressoaram passos, ao longe, por entre as árvores, e Ritinha surgiu, nas suas vestes claras, caminhando apressadamente para êles. Eugénia experimentou um fundo alívio. A sua alegria era tanta que sorria, encantada, enquanto Tomás, em voz baixa, lhe repetia ainda:

— Ninguém hoje a amará mais do que eu! Creia-me, ao menos, uma vez.

Estavam próximos dos lilases brancos, rôxos, violeta, que abriam em grandes cachos, de aroma penetrante, sob o zumbido das abelhas douradas. O sol pulverisava-se sobre êles numa claridade ardente.

— Pronto! — bradou Ritinha. Demorei-me? — perguntou ela a Eugénia.

— Não!

— Que queria a mamã? — inquiriu Tomás.

— Queria tomar um remédio que chegou agora da farmácia... É verdade, Eugénia, a mamã sabe que estás cá, quer ver-te.

— Pois de-certo! — afirmou ela. Não me retiraria sem a cunprimentar.

Durante todo o resto da tarde, depois que Tomás as deixou sós, erraram pelo jardim, conversando, abraçadas, colhendo um grande ramo de flores viçosas que Eugénia levaria para sua casa, trocando impressões, falando dos seus amores. Por vezes, enquanto Ritinha divagava, a amiga escutava-a num alheamento, muito longe da realidade presente, sentindo uma emoção desconhecida que lhe acelerava a pulsação do sangue nas artérias.

— Em que pensas? — interrogava Ritinha.

— Em nada! Ouço-te.

Esquecia-lhe a vida envolvente, dissipavam-se-lhe os pressentimentos funestos, fazia-se uma grande paz no seu espírito. E porquê? Que elemento novo e poderoso intervinha no seu conflito sentimental? Com mêdo de chegar a uma conclusão assustadora, Eugénia recusava-se a observar e a resumir as suas próprias sensações. Não seria uma traição a Duarte, que estava ferido, que estaria talvez moribundo, aquela satisfação de viver que experimentava?

Duarte fôra transportado, numa maca de lona, da ambulância onde recebera os primeiros curativos para um carro sanitário automóvel que o

conduziu a um hospital de sangue, a muitas léguas de distância da linha de fogo. Do leito em que jazera algumas horas, sem recuperar os sentidos, foi levado para uma sala de operações, arejada, espaçosa, onde os médicos militares, vestindo longos casacos de linho branco e de mangas arreçadas e mãos sangrentas, amputavam incessantemente os membros dilacerados dos combatentes feridos que a todo o instante chegavam. Aos cantos, em baldes, em bacias de zinco cheias de água avermelhada, viam-se braços, pernas decepadas, grandes pedaços de carne que se azulava, se ennegrecia. Largas nódoas de sangue coagulado pintalgavam a lôna das macas, o mármore das mesas de operações. Aos lados, sôbre tableiros de vidro, resplandeciam os ferros cirúrgicos — afiados cutelos, serras de fina dentadura, bisturís, tesouras recurvas, pinças, faiscando nas suas niquelagens. Pairava no ambiente uma nuvem fénica, de-certo para a desinfecção do ar.

O operadores eram, na sua maioria, ainda novos e cortavam, retalhavam com impassibilidade tôda a miséria fisiológica que as batalhas fulgurantes sem repouso lhes enviavam. Transparentes de linho, corridos nas vidraças, tamizavam a claridade diurna, fazendo na sala uma meia-tinta suave. A cada instante, soldados uniformizados entravam e saíam, atarefados, levando ordens, requisitando medicamentos: — e mais feridos, gemendo, arquejando, gritando, chegavam sem re-

pouso. Enfermeiros atentos transportavam nos braços, cuidadosamente, os pacientes já operados, alguns sob a influência da embriaguez da anestezia clorofórmica, rindo, delirando, dizendo palavras sem sentido. O trabalho fatigante decorria numa nudez fúnebre, num silêncio que nada interrompia, a não ser os lancinantes queixumes dos trucidados. Dir-se-ia que todos os homens que ali estavam haviam esquecido a vida de relação e de sociabilidade, concentrando a sua inteligência e a sua sensibilidade num único facto absorvente.

Por vezes, os feridos morriam durante a operação e eram logo retirados, em lençóis, com os golpes sangrando ainda, para fóra da sala, para a casa mortuária, cedendo o logar aos vivos que esperavam a intervenção cirúrgica. Aos olhos dos conscientes desenrolava-se uma lúgubre, sinistra página de dôr e de angústia humana nunca visionada pelas imaginações mais exaltadas.

O hospital era um vasta prédio rectangular, com uma fachada de admirável beleza architectónica, assente no meio dum terreno espaçoso a parque e jardim. Numa clareira, entre faias de fôlha prateada e pinheiros do norte, ainda se via um côrte de *tennis*: e, para lá da massa dos arvo-redos espriava-se uma enorme *pelouse* de relva, talvez destinada ao *foot-bail*. À frente, subia uma ampla escada de brancas cantarias, com grades de ferro pintadas de verde, conduzindo a um terraço para onde abriam as largas portas do primeiro



andar. No começo da escadaria, dum lado e doutro, duas monumentais figuras de bronze, magnificamente esculpidas, erguiam nos braços musculosos candelabros terminando por globos de cristal, dardejando ao sol. À noite, ardiam nestes globos os clarões da luz eléctrica, derramando à volta alvos fulgores. Antes da guerra, estava ali instalado um hotel, que todos os anos transbordava de forasteiros vindos para fazerem a sua cura termal; mas, logo nos primeiros dias da guerra, o govêrno francês requisitára o edifício sumptuoso para hospital de sangue: e imediatamente o rumor festivo duma vida jovial, mundana e aristocrática, foi substituído pela tenebrosa mudez da dôr, que tomava aspectos desconhecidos. Pelos jardins e pelo parque, onde as primaveras românticas resuscitavam as florações perfumadas, tinham outrora errado as belezas femininas, na pompa dos seus veludos, das suas sêdas, das suas rendas, na scintilação das suas pedras preciosas, na fulguração das suas jóias; agora, por cada banco, em cada recanto de sombra, em cada alameda, viam-se apenas pobres sêres mutilados aquecendo-se a uma réstea de sol ou amparando-se a muletas e exercitando-se na marcha. Cegos, amputados dos dois braços ou duma perna, rostos horrivelmente desfigurados, convalescentes muito pálidos com uma sombra no rosto projectada pela barba crescida, caminhavam lentamente na leveza da luz primaveril que era doce como um afago

para a sua invalidez. Os que tinham perdido a vista, tacteavam o ar à roda, com as pobres mãos trémulas e incertas; e tôda esta mocidade sacrificada ainda sorria tristemente, como se a sua alegria fôsse uma flor vivaz resistindo com tenacidade à própria morte. Pelo meio dêles, enfermeiras piedosas, tôdas vestidas de negro e com grandes toucas alvas na cabeça, amimavam-nos, davam-lhes alento, sorriam-lhes constantemente. Ajudavam a levantar os mais débeis, acendiam os cachimbos dos que não tinham mãos, animavam os mais fracos.

Duarte, depois de operado, ficou num quarto do lado do nascente do edificio, situado no primeiro andar. Ardia em febre, a cabeça e uma parte do rosto estavam envolvidas em gase iodorformada, e o seu corpo jazia, inerte, debaixo das roupas que as mãos carinhosas duma Irmã da Caridade constantemente compunham. Por vezes, delirava, falava na mãe, em Eugénia, nas trincheiras, nos combates terríveis. Depois, acalmava, adormecia, não fazia um movimento. Noite e dia, duas enfermeiras atentas revezavam-se junto da cabeceira do enfêrmo, que fôra dado como muito grave e que o médico recomendára com insistência. De quando em quando, o rosto de Duarte cobria-se de suores, e logo a religiosa, muito levemente para o não acordar, lhos enxugava. Ao despertar da modorra prolongada, o ferido queria beber; imediatamente a enfermeira que estava de

serviço lhe chegava à bôca um copo com água, sustentando-lhe no braço a cabeça desfalecida. E, em volta, sem repouso, outros feridos gemiam, lamentavam-se, choravam, na longa enfermaria que luzes agonizantes mal iluminavam à noite.

Durante um mês, Duarte esteve suspenso sobre os abismos infinitos da morte. 'Tôdas as manhãs, na sua visita, o médico perguntava à Irmã que o tratava:

— Como está êle?

— No mesmo estado.

— Pobre rapaz!

Fazia-lhe o curativo, substituindo-lhe os pensos, lavando, desinfectando as chagas, receitando, formulando novas recomendações, e passava adiante, com uma névoa de tristeza no rosto. Mas, ao fim de trinta dias, Duarte recuperou a consciência momentâneamente aniquilada, a febre desapareceu quâse por completo, as feridas começaram a cicatrizar, e êle teve a impressão de que ressuscitava, de que saía da treva em que estivera mergulhado, de que renascia. O médico, observando-o, murmurou entre dentes:

— Ê curioso! Ê salva-se! Parece impossível, mas salva-se. Quâse chego a acreditar na intervenção sobrenatural dum milagre!

Desde então, redobrou de cuidados e de assiduidade. O doente interessava-o, como um caso clínico muito raro. A si mesmo perguntava como

aquele organismo empobrecido pela perda de sangue pudéra reagir vitoriosamente.

— Ah! na mocidade, a natureza humana é duma prodigiosa energia! — murmurava êle.

Duarte, agora, já reparava no drama que se desenrolava à sua roda, já reconstituía o terrível combate em que caíra sob a metralha, já a sua inteligência se entregava a um trabalho permanente de observação e de análise. E experimentava a sensação de ter acordado dum longo sono letárgico, em que as suas funções mentais e orgânicas, em que a sua própria vontade, se dissolveram. A religiosa, sentada junto dêle, espregando-lhe a vigília, afofava-lhe a travesseira sôb a cabeça, pedia-lhe que sossegasse, para sarar depressa: e Duarte, ouvindo-lhe a suavidade da voz, que era acariciadora, sorria de reconhecimento.

— Minha bôa Irmã — disse êle, uma tarde — não sinto o braço direito e a perna esquerda!

— Oh! estão imobilizados pelos ferimentos recebidos. Mas a acção não se demorará — acudiu ela atrapalhadamente.

— Isso é verdade? — insistiu Duarte.

— Se é verdade?... — murmurava ella, esforçando-se por sorrir. Vá, tranqüilize-se.

Estendido no leito, sôbre as costas, Duarte recolhia-se num mutismo interminável. A banda de gase que lhe escondia a parte esquerda do rosto, deixava-lhe a descoberto tôda a face direita, até à testa: e, fitando com enternecimento a religiosa,



êle ia pensando com doçura na superioridade dessas mulheres admiráveis que se devotavam ao infortúnio alheio, com abnegação incomparável, com um absoluto espírito de sacrifício. Com efeito, antes de cair, pelejando nos campos de batalha, Duarte admirava as mulheres das nacionalidades envolvidas no conflito, que substituíam os homens nas lides agrícolas, nos *ateliers*, nas oficinas, nos escritórios, nos próprios empregos públicos, ou que nas fábricas de material de guerra faziam as munições imprescindíveis à vitória dos seus povos. Mas naquele momento, como tôda esta admiração antiga se modificava! Ah! que erro fundamental, o seu! — pensava êle. Positivamente, as mulheres estavam deslocadas na sua nova missão de guerreiras ou de auxiliares da campanha que encharcava a Europa em sangue. A sua bondade havia de conturbar-se no interior dos sombrios estabelecimentos onde manuseavam as substâncias explosivas, para os festivais dramáticos da morte. O barulho estridente dos maquinismos abafaria a flutuante música de amor que penetrava os corações femininos, fazendo-os ascender ao paraíso das aspirações infinitas. Consultando as suas reminiscências históricas, Duarte nunca via estas mulheres associadas às carnificinas, às devastações horríveis, às grandes cóleras assoladoras: — mas, através das idades, contemplava-as lutando sempre para alcançarem tudo quanto significasse elevação, nobreza, ideal, poesia, doutrinas fecundas.

Elas haviam sido, precisamente, os melhores arautos de Jesus, para a vitória do Cristianismo que conquistára o mundo. Elas tinham imposto as religiões e feito vingar a floração da arte. O Evangelho perpetuava até o nome de muitas que ardentemente se empenharam pela renovação espiritual das crenças. No dia triste da Paixão de Jesus, as mulheres choravam através de todo o caminho que levava ao suplício, abraçavam a cruz e bebiam, com os lábios sequiosos, nos ferimentos do Nazareno, o sagrado sangue da regeneração!...

Duarte, fitando na enfermeira um brando olhar de agradecimento, considerava, afinal, que na sua época de combates e de exegeses, a mulher apenas venceria pelo sentimento e nunca por outra virtude. Pela maternidade, ascendia às mais altas regiões do amor e da devoção; mãe e espôsa, a sua personalidade atingia uma soberana grandeza, sendo o seu primeiro dom uma sensibilidade composta de candidez, de pureza, de dedicação pela fraqueza daqueles que amava. Ah! não! Os que as louvavam como operárias trágicas da guerra, não as compreendiam nem sabiam nobilitá-las. O seu papel verdadeiramente nobre não era nas fábricas de munições, mas junto dos doentes, dos feridos, curando-os com dedos mais leves do que aragens, dizendo-lhes palavras de consolação, refrescando as suas carnes que a febre calcinava. O seu dever augusto exercia-se à beira dos berços inocentes, velando como aparições di-

vinas os sonos da castidade, ensinando os pequeninos a erguer as mãos nesse gesto que inspirou a ogiva a artistas que eram poetas e que trabalhavam para Deus e para a beleza. Que elas deixassem a ferocidade sanguinária aos homens, para que sempre na terra houvesse clemência e ternura!... E, absorvido nestas meditações que o desoprimiam, Duarte lembrava-se com funda saúde da mãe e de Eugénia. O que teriam elas pensado do seu longo silêncio? Julgariam-no morto, desaparecido? Mas agora já saberiam, de-certo, que estava vivo e que não deixava de amá-las, de recordá-las no seu infortúnio. Logo no primeiro dia em que recuperára a consciência, pedira à bôa Irmã, que nunca o abandonava, para escrever à mãe: e foi mesmo junto dêle que a religiosa fez a carta, informando D. Joana de que o filho, muito fraco ainda mas entrado já em convalescença, não podia escrever.

Como o seu destino fôra triste! — considerava Duarte, nos longos vagares da enfermaria. Tinha lido um dia as palavras dum filósofo antigo afirmando que, se os homens sabem, numa determinada medida, o que querem fazer, não sabem, porém, o que efectivamente fazem, porque os deuses se reservavam o direito de tirarem as consequências dos seus actos e de determinar-lhes o sentido. Estas ideias, que outrora lhe pareceram nebulosas, esclareciam-se agora completamente na sua intelligência. Ele próprio era uma vítima da

semi-inconsciência dos homens. E para ali estava, com o corpo retalhado e envolvido em algodão, suspeitando desgraças e misérias maiores que queria ignorar até ao fim, para se iludir e si mesmo.

Em volta do seu leito, era raro o dia em que não morriam soldados, no meio de agonias pavorosas que o torturavam. Que horror! Tinha os olhos cheios de imagens de sofrimento, o coração alanceado pela dôr alheia e pelo martírio das coisas, o organismo extenuado pelo esforço excessivo. Apesar de querer esquecer, de fechar as pálpebras a uma visão que o atormentava, via, constantemente, as aldeias destruídas, a terra abalada e de flanco aberto, as ambulâncias, os hospitais com as suas misérias fisiológicas, as carnificinas nas linhas de fogo, o crepitar assustador do inferno em que vivera. Como seria bom perder a memória, olvidar completamente o passado, sair dali para sua casa, onde a mãe e a noiva o esperariam ansiosamente!

— Minha Irmã — exclamou, uma vez, Duarte — quando terei eu alta?

— Não vem longe o dia, de-certo; mas o médico é que há-de dizê-lo.

— Eu queria, ao menos, levantar-me, repousar numa cadeira, perto duma janela, para ver a luz diurna, a terra que já há tanto tempo não vejo!... Ah! mas é singular! Não sinto nem uma perna nem um braço.

— Aí volta!... Bem, eu falarei...



— Cortaram-mos, não é verdade? Cortaram?...

A religiosa mantinha-se silenciosa, fitando-o com o olhar cheio de lágrimas.

— Bem sabia, bem sabia! — respondeu Duarte com voz serena. Pensa que eu não sabia tudo?

È num soluço, acrescentou:

— Ah! minha Irmã, minha Irmã! Como tem sido bôa para mim e quanta gratidão lhe devo! Emquanto viver, nunca mais me esquecerá, nunca mais!

A religiosa chorava, afagando-o, aconselhando-lhe resignação, conformidade com o seu infortúnio irremediável.

— Bem vê: estou resignado. Mas o que eu desejava, agora que já não posso combater, era ir para Portugal, onde tenho mãe!

— Ainda tem mãe? É feliz — exclamou a religiosa.

E, inclinando-se sôbre êle, beijou-o levemente na fronte com uma suavidade, uma unção, uma pureza que Duarte nunca tinha sentido. Fóra, no parque e no jardim, a primavera era um cântico de luz, de côr, de formas, de beleza; e Duarte, ainda sob o afago do beijo da Irmã de Caridade, meditava em coisas que lhe activavam o pensamento, que lhe embalavam o sonho, que davam algum ritmo e alguma claridade à sua vida para sempre inutilizada.



## XI

Duarte ia voltar a Portugal em breves dias, vindo, com outros feridos, convalescer para o seu país, para perto da sua família, para junto de afeições puras e de vigilantes cuidados que lhe adoçariam a dôr e derramariam alguma alegria na sua tristeza profunda. Eugénia sabia-o e recebera a notícia com uma secura, quâse com uma indiferença que ela mesma não sabia explicar. Fôra Duarte quem primeiro a informára do seu regresso por uma carta que não era escrita por êle, mas pela enfermeira, pela religiosa que de tão brando afago lhe envolvera as negras noites de febre, de delírio, de sofrimento. Mais tarde, Vitorino confirmára a bôa nova, em algumas linhas que, de-certo, não diziam tudo, que escondiam talvez alguma particularidade angustiosa mas que êle julgaria tranqüilizadoras para a inquietação de Eugénia. E, todavia, não o foram.

Porquê? Donde provinha a indefinida mágoa que sentia ao pensar que não tardaria a ver o noivo e que não estava longe de realizar o sonho que outrora constituía a sua maior felicidade? O estado de alma em que se encontrava parecia-lhe estranho, enigmático. Por isso mesmo, procurava analisar os seus sentimentos mais íntimos. Teria o amor dela por Duarte arrefecido com a ausência? Não! De-certo que ainda o amava com a mesma sinceridade, talvez com maior dedicação, porque agora é que elle precisaria da lialdade e da infinita doçura dum puro affecto que lhe sarrasse o corpo enfêrmo e cansado de padecer, a alma doente, a sensibilidade ofendida. Duarte vinha do inferno das batalhas, do pavor das carnificinas, das matanças, das torturas permanentes, do exílio amargo das afeições, e havia de estender para ella, ansiosamente, os braços suplicantes. Contudo, sempre que se demorava nestas cogitações, trespassava-a um frio estranho, experimentava um indizível desalento. Comparava, mentalmente, a sua ternura de futura espôsa, com a ternura materna de D. Joana, que vivia na exaltação febril de tornar a ver o filho que reentraria na sua casa deserta quando ella tantas vezes julgou que nunca mais o veria, que ficaria para sempre bem perto do seu coração. D. Joana não ignorava que elle fôra ferido, embora desconhecesse as suas mutilações: mas, no egoísmo comprehensivel das mães, surpreendia-se a abençoar a metralha que,



fazendo sofrer Duarte por algumas semanas, lho restituía, afinal. O golpe era rude, mas não era cruel! Quantos outros, menos felizes, caíam mortos nos combates que, nos imensos campos de batalha, estavam elaborando uma civilização e um mundo novo? Ah! Duarte tivera por seu lado a protegê-lo, as divindades benéficas. E o que ela desde já imaginava para rodear de mimos, de vigílias amoráveis, de cuidados affectivos, a convalescença do ferido que a guerra lhe arrebatára são, forte, enérgico, viril, devolvendo-lhe pálido, exausto, debilitado! Eugénia, que ainda nessa tarde estivera em casa de D. Joana, assistira a todos os preparativos para a recepção carinhosa, ouvira todos os projectos de vida futura. A mãe de Duarte, sentada junto dela, ao lado de D. Quitéria queixando-se constantemente e apertando o chale de lã à volta do corpo, tremendo duma frialdade que lhe denunciava a pobreza orgânica, o enfraquecimento progressivo, dizia:

— Em êle chegando, vamos para o Douro, depois duns dias de repouso em Coímbra. Será no Douro, entre montanhas, que Duarte se restabelecerá. Com êste bom tempo, tam cheio de sol e de luz, a quinta deve estar uma verdadeira maravilha, não é assim, prima?

— Oh! de-certo! — afirmava D. Quitéria, suspirando.

— Tu não imaginas, Eugénia, o que é aquele encanto. Arvoredos, água de bica e de rega espa-

lhando viço e frescura, sombras, vinhedos, pomares, abundância! E depois, flores, rosas por tôda a parte! Quando eu era pequena e passava meses seguidos na quinta, muito gostava de correr as alamedas, de saltar por entre os canteiros reverdecidos, de folgar, de atirar migalhas de pão a uns peixes vermelhos que havia no grande tanque! E como tudo isto ainda me lembra! As impressões da meninice nunca se apagam no cérebro. É curioso!...

— Os peixes ainda lá hão-de estar, prima — acudiu D. Quitéria. Se não forem os mesmos da sua infância, são outros iguais.

— Pois hei-de visitá-los! — acrescentou ela, sorrindo.

E voltando-se para Eugénia, tomando-lhe as mãos e apertando-lhas nas suas:

— E este encanto de que falo, que é já de Duarte, por vontade do primo Bernardo, virá a pertencer-te um dia, minha másinha.

D. Quitéria abafou um gemido e enxugou uma lágrima rebelde, ouvindo falar no irmão morto; e Eugénia, còrando de pudor, exclamou:

— Má, porque motivo?

— Pois tu não vês que estou a brincar contigo? Má, coitadinha! Mas não, mas não! És merecedora de tudo, só pela ventura que vais dar à vida do meu pobre filho.

Muito comovida, batendo as pálpebras orvalhadas de pranto, D. Joana acrescentou:

— Que bem lhe vão fazer os ares salubres da quinta, o repouso da habitação, o silêncio e a beleza do sítio, agora que êle está para sempre livre das torturas da guerra e que terá compadecidos e sinceros corações a rodeá-lo! E mesmo a saúde da prima aproveitará com esta mudança. Até eu aproveitarei também! Fecho a casa de Coimbra por uns meses, e só regressaremos quando Duarte estiver completamente restabelecido. Porque êle há-de ter sofrido muito! Ainda agora não pôde escrever uma carta e é a enfermeira, uma Irmã de Caridade que eu amo como se fôsse igualmente minha filha, pela abnegação santíssima com que o tratou, que lhe serve de secretário...

No seu entusiasmo, D. Joana louvava essas religiosas francesas, tam duramente perseguidas, acoissadas, com ferocidade, como se fôsem feras e que, de repente, quando o seu país era assolado pela maior das calamidades, esquecendo enxovalhos, perseguições injustas, vexames, surgiam, purificadas, virginais, soluçantes, perto do leito dos feridos, para lhes curarem, com mãos ligeiras como aragens, as chagas horríveis, para se sentarem à cabeceira dos agonizantes, para tratarem os que padeciam, nobilitando-se e dignificando a religião de piedade e de amor a que se haviam devotado, numa renúncia de tôdas as vaidades e de tôdas as alegrias mundanas...

— Ah! como elas são superiores e como merecem as nossas admirações! — afirmou D. Joana.

D. Quitéria concordava, maldizendo o vento de descrença que soprava no mundo e que apenas contribuía para exacerbar a dôr moderna.

— Sem fé, não haverá equidade — asseverou ela.

Eugénia, alheada, com o pensamento muito distante, ouvia-as falar sem lhes prestar atenção: e D. Joana atribuía êste alheamento ao sobresalto de tornar a ver, —próximamente, Duarte, que regressava à suavidade da sua ternura.

Agora, no seu quarto, arrumando gavetas, dando uma disposição artística ao mobiliário, Eugénia recordava esta conversa tam plácida, tam serena, tam afectiva, e sentia a mesma frieza, uma espécie de desgosto, pela volta de Duarte. E de que derivava êste desgosto, que a intrigava, quáse a assustava por tudo o que nêle existia de misterioso, de obscuro? Não o sabia dizer; mas no fundo do seu coração havia uma saúdade alheia à veneração do noivo. Observava com surprêsa e com doce inquietação que os vagos cimos da sua antiga paixão por Tomás se iluminavam repentinamente, de-certo porque essa paixão fôra a primeira flor que lhe desabrochára no sentimento amoroso; e, mesmo na ansiedade que a acabrunhava, ela tinha a ilusão de viver uma das horas mais líricas e profundas da sua história sentimental de mulher — e com uma duplicada irradiação de fôrça e de ritmo.

Sentou-se, fatigada; e, de mãos abandonadas



no regaço, ouvindo os passos da mãe na casa, dando ordens às criadas, o barulho que subia das ruas da cidade, Eugénia, à evocação de Tomás, teve a impressão de que o seu mal-estar, o seu infortúnio, aumentavam. Relembrava a delicadeza, a finura do seu espírito. Oh! de-certo que não pretendia desculpá-lo, atenuar a incorreção, a crueldade inexplicável do seu procedimento. Mas como êle se havia reabilitado aos seus olhos! Ainda na noite anterior Eugénia e a mãe tinham ido passar alguns instantes a casa das Alarcões: e Tomás, encontrando-a na sala, ao entrar, folheando um album um pouco afastado das irmãs, que estavam junto do piano escolhendo uns cadernos de música, aproximando-se rapidamente, lhe dissera, depois de cumprimentá-la ceremoniosamente:

— Já sei que o seu noivo vem aí, Eugénia! É escusado dizer-lhe que êste facto me é sumamente agradável, pela alegria que lhe dá.

— É verdade — afirmára ella — Duarte vem aí, com efeito. Assim mo mandou dizer e assim o confirmou o mano Vitorino, em carta à mamã.

Êle, então, muito pálido, com os lábios brancos e uma tremura na voz, acercando-se mais, acrescentou num murmúrio que apenas Eugénia ouviu:

— Não lhe esconderei que durante algum tempo alimentei uma esperança... Para que hei-de occultá-lo? A minha afeição por si autoriza-me a

não ocultar-lhe as coisas puras ou impuras do meu sentimento...

Ela fizera um gesto de impaciência, e Tomás, solenemente, concluiu:

— Oh! bem sei que é horrível, e que a minha esperança era criminosa: mas que quer? O coração humano é feito dum barro muito grosseiro... E, depois, nesta confissão que lhe faço, envergonhado de mim próprio, há já um princípio de expiação e de castigo que me purifica... Deixe-me acabar! É preciso que saiba que só quero a sua felicidade e que, de hoje em diante, saberei resignar-me, conformando-me com a sua perda irremediável...

Em seguida, disfarçando, para que as irmãs nem sequer suspeitassem da gravidade das suas palavras, curvando-se sobre a mesa, batida em cheio pelo reflexo da luz que vinha do alto como um banho de ouro fluido, exclamou:

— Este album foi quâse todo arranjado por mim, a pedido de Ritinha, sabe, D. Eugénia? Tive de incomodar todos os poetas, todos os escritores e todos os artistas de Lisboa, para ser agradável à mana.

Ela, ainda tôda afogueada e perturbada pela revelação de Tomás, disse, baixando os olhos:

— Mas, é muito interessante!

E Ritinha, que viera juntar-se-lhes, perguntou muito contente:

— Não é verdade? Tem lindos pensamentos e

lindos desenhos. É uma das melhores recordações doutros tempos.

Tomás demorára-se ainda alguns instantes, para sair novamente, pretextando um encontro com um amigo, também médico, que andava a inquietá-lo para abrirem, juntos, consultório em Lisboa, numa das melhores ruas da cidade Baixa — um consultório moderno, bem instalado, bem mobilado, bem tapetado, com jarras de flores sobre *étagères*, bronzes de arte, quadros, enfim, um lugar que só por si dêsse saúde e alegria.

— Que diz, D. Eugénia? Devo aceder? Será talvez um belo futuro, celebridade, riqueza. É é, com efeito, uma ocupação — dissera Tomás.

— Parece-me que não tem que hesitar um momento! — asseverou ela, mordendo imperceptivelmente o lábio.

— Pois é o que eu digo a Tomás — acudiu logo Ritinha. Se êle não pretendia fazer vida pela clínica, então para que concluiu um curso, para que escolheu esta carreira?

— De-certo! — concordou Eugénia.

— Ora! Mas o mano não precisa de lidar com doentes, com enfermidades, com coisas desgostantes! — interveio Rosa.

— Não precisa? — contrariou Ritinha. Embora! Mas é um dever dos homens encontrar uma utilidade na sua existência. Pois não é assim, Eugénia?

— Sem dúvida! Estás na verdade, filha.

— Nesse caso, talvez me deixe tentar. Com tam boas conselheiras, com advogados tam eloquentes, resistir por mais tempo seria uma casmurrice — afirmou Tomás.

É com intenção, voltando-se para Eugénia:

— De resto, a vida de Coimbra começa a fatigar-me, agora que perdeu para mim todo o interêsse e nada me prende a ela... Bôa noite!

Tomás saíra, e durante muito tempo Eugénia ficára revolvendo estas palavras, tentando surpreender-lhes o que elas ocultavam de despeito, de uma ternura que se mascarava. Ainda agora, voltadas tantas horas, as evocava com interêsse e com melancolia, perguntando a si mesma se não teria sido justo que ela fôsse menos severa para com Tomás. Mas, poderia Eugénia, honestamente, proceder por outra forma, noiva de Duarte, melindrada no seu amor antigo precisamente pelo mesmo homem que a todo o instante lhe falava numa adoração que outrora julgou pura e que não era mais do que um capricho transitório? Não! Felicitava-se pela sua atitude. Uma fraqueza impensada seria uma vileza. Além disso, ela queria devotar-se para todo o sempre a Duarte, procurar no seu amor uma protecção segura contra os males do mundo, consagrar-se-lhe de corpo e alma, viver unicamente para êle, que tanto tinha sofrido e que nunca lhe fôra infiel, desde o primeiro dia em que, cheio de confusão e de ru-



bor, lhe revelára, em palavras balbuciadas apenas, a paixão que ela lhe inspirára.

Ah! e em que estado lhe appareceria Duarte? Que deformações lhe teriam imprimido os ferimentos recebidos em combate? O mano Vitorino apenas aludira vagamente a êsses ferimentos. Mas lamentava-o com tanta insistência e tam funda comiseração! «...O pobre Duarte foi bem duramente atingido por esta abominável guerra em que os homens de tôdas as nacionalidades se esfacelam — escrevia êle; nunca julguei que escapasse à morte. E agora, que resistiu, que teimou em viver, bem merece o seu dia de repouso e de afeição!...»

Com certeza que estas expressões eram incompletas, talvez para não anteciparem uma dôr inevitável. Vitorino guardava só para si alguma coisa de terrível. Suspeitava-o! O coração batia-lhe aceleradamente, enquanto ela se entregava a estas reflexões. Mas succedesse o que succedesse, Eugénia sentia-se com coragem para tudo — mesmo para se devotar a um inválido, para ser a enfermeira dum doente incurável, para se consagrar eternamente a um sofrimento moral e físico que nunca se apaziguasse, como lho ordenava a lialdade. Na angústia é que Duarte carecia do seu auxílio e das suas consolações espirituais. Parecia-lhe que um amor assim, por parte dela, teria mais mérito e maior elevação e seria duma pureza eucarística.

Vitorino, com efeito, fôra visitar Duarte ao hospital, por uma loura manhã de sol que tudo dourava, aproveitando uma curta licença que, precisamente para isso, solicitou. Encontrára-o sentado numa ampla poltrona estofada, junto duma janela que dava para o jardim, espreitando distraidamente a paisagem que se divisava através do quadrado da vidraça faiscante à luz. Com a face esquerda ainda oculta por uma larga tira de gase, apoiava a cabeça a um fôfo almofadão e parecia embebido em dolorosas meditações. Essa parte do edificio formava uma vasta galeria envidraçada e respirando para o poente. As enfermarias ficavam do outro lado, instaladas em amplos salões e comunicando umas com as outras por portas em arco donde pendiam reposteiros dum estôfo pesado e de côres escuras. Nenhum gemido, nenhum murmúrio, nenhum grito perturbavam a serenidade do *hall* destinado aos convalescentes, completamente isolados dos logares de sofrimento e de tortura. Sôbre o *parquet* em madeiras envernizadas de vários tons corria a todo o comprimento uma passadeira segura por travessas de metal amarelo, que amortecia o som dos passos.

Exteriormente, havia uma varanda com grade de ferro, onde as almiscareiras já floriam. Os doentes alinhavam-se, imóveis, em filas de cadeiras confortáveis, tendo diante de si,

em pequenas mesas, cachimbos, tabaco, cinzeiros e alguns jornais que êles liam vagarosamente. Sôcitas Irmãs da Caridade, sorridentes e cândidas na brancura das suas alvas toucas e na severa compostura das suas vestes pretas, passavam constantemente, dirigindo-se aos enfermos, afagando-os com o olhar cheio de piedade, informando-se se estavam bem, se queriam alguma coisa. Tôdas as manhãs vinham os médicos militares, com o uniforme coberto por longas blusas de linhagem branca, vendo os fêridos, observando-os, dirigindo a uns e a outros palavras de confôrto. A pacificação era imperturbável e Duarte renascia com a primavera que, em baixo, nos jardins e no parque, presidia divinamente à ressurreição das flores, das folhagens e das formas novas.

Vitorino foi conduzido junto de Duarte por um soldado inglês: e como sabia já das devastações que a metralha fizera no amigo e no companheiro de estudos e de sacrifícios, sentou-se naturalmente junto dêle, sem mostrar dolorosas surpêras e sem lamentações que apenas serviriam para excitar uma dôr que convinha atenuar. A princípio, Duarte ficou surpreendido com aquela indiferença aparente e exclamou, num queixume:

— Vê a minha desgraça, Vitorino!... E não morri!

Êle, tentando desviar o rumo da conversa, acudiu imediatamente:

— Homem, estás com vida, e isso é o essen-

cial. Muitos outros foram menos felizes. Queres saber? Durand, que tu muito bem conheceste, lá acabou a semana passada, na Champagne, durante um ataque nocturno dos alemães. O excelente official britânico, com quem visitaste as regiões francesas e belgas destruídas, há quatro dias que ficou enterrado em Ypres, perto de algumas árvores reverdecidas que a artilharia poupou!...

— Também êsse... Pobre rapaz! — atalhou Duarte, comovido.

— Também êste! E mais ainda: — o capitão escoçês de buço louro sôbre o lábio, que um dia me apresentaste numa cantina das linhas da rectaguarda, foi igualmente morto, durante um combate da recente ofensiva inglesa. E até o tenente Freitas, o pachorrento Freitas que tam lentamente vivia e que não mostrava nenhuma pressa em desaparecer dêste triste mundo, teve a cabeça triturada por um obuz germânico. Eu mesmo já estive a dois passos da morte, via-a a pequena distância, e cá vou encurtando diáriamente o caminho que me separa da sepultura, ao passo que tu, pobre amigo, viverás, terás ainda grandes alegrias. Ah! com que satisfação te digo isto!

— Obrigado, Vitorino! — acudiu Duarte, enternecido.

Estavam muito próximos um do outro, fitaram-se demoradamente, nos olhos, conservando-se silenciosos por alguns instantes. A tranqüilidade envolvente penetrava-os de pacificação, embala-



va-os com infinita doçura. Já não ouviam o estrépito constante das descargas, as detonações terríveis das bombas, o estampido da artilharia rolando os seus trovões e os seus ciclones de ferro em brasa por montes, colinas e vales, as vociferações dos soldados, a gritaria dos feridos que caíam em fundos charcos de sangue. O céu, que contemplavam através dos vidros, não estava toldado de espessas nuvens de fumo. Todo o tumulto desordenado emmudecera. Seres e coisas repousavam serenamente. A própria luz dormia nas clareiras, irradiando fulgor. E tinham a impressão acariciadora e benéfica de haverem chegado, ao cabo de trabalhos bem ásperos e de angústias aflitivas, a uma verdadeira terra de promessa.

— Como eu te agradeço por teres vindo aqui, Vitorino! — disse, por fim, Duarte.

— Pois, não era o meu dever?

— Cheguei a pensar que partiria para Portugal sem receber a tua visita. Mas, o que mais me inquietava era a ignorância do que te teria acontecido. Nesta vertigem da guerra, as vidas humanas representam tão pouco!...

— Quando segues para o nosso país? — atalhou Vitorino, para interromper as divagações do condiscípulo.

— Creio que será por tóda esta semana. Irei com outros mutilados, acompanham-nos oficiais que vão de licença. A mamã já sabe, já informei Eugénia!...

Vitorino ouvia-o com os olhos perdidos nos longes da paisagem, que se azulavam, sentindo talvez a nostalgia da pátria distante, a saúdade dos affectos ausentes, cogitando na incerteza do seu destino. Tinha a sensação magoada de que, com a partida de Duarte, ficava mais só, mais abandonado, mais triste; e foi com uma grande comoção e um desejo indefinido na voz, que exclamou:

— Dentro de breves dias estarás, portanto, em Coimbra!

A evocação repentina da cidade onde lhes nasceram as primeiras esperanças e as primeiras ilusões, enterneceu-os a ambos.

— Tu sabes? — disse ainda Vitorino. A estas horas, a roseira de trepar que sóbe até à janela do teu quarto, há-de estar cheia de rosas vermelhas. No quintal da minha casa ainda desabrocharão as violetas. È êsse Choupal, as margens do Mondego, tôda a paisagem da estrada da Beira, serão incomparáveis de beleza... Oh! Duarte! As nossas generosidades, os nossos idealismos, as nossas controvérsias àcerca desta guerra, que nos há-de devorar!

— Ainda hoje penso como antigamente! — afirmou Duarte. Porque havia eu de modificar as minhas convicções?

— Mas, tu és uma alma em que a fé se parece com uma planta vivaz. Ao passo que eu!...

— Do conflito que tudo afoga em sangue sairá alguma coisa de grande.

— Penso que dêsse conflito apenas sairá alguma coisa de lúgubre, de anárquico, de confuso. Mais dois ou três anos de guerra, e desaparecerão aristocracias, burguesias, regimens capitalistas, *élites* do sangue e da fortuna, a ordem actualmente constituida. Será o caos, a incerteza...

— E quando assim fôsse? Não seria uma libertação?

— Não. Seria o regresso ao estado primitivo... Mas deixemos isto — acudiu Vitorino. Nem eu aqui vim para discussões...

A religiosa que servira de enfermeira a Duarte appareceu ao fundo da galeria, trazendo-lhe num taboleiro de metal reluzente uma grande chávena de leite.

— Vamos ao *lunch* — disse ela, sorrindo. São horas.

— Não tenho vontade nenhuma, minha boa irmã — respondeu Duarte.

— Mas é preciso arranjá-la. Não é verdade? — exclamou ela, voltando-se para Vitorino.

— Certamente! — concordou êle.

— Ah! se se trata, então, dum sacrificio a que sou obrigado!... — atalhou Duarte bebendo a pequenos sôrvos o leite morno que a enfermeira lhe chegava à bôca.

E, depois, quando a religiosa os deixou, sorrindo ainda com afabilidade, Duarte, seguindo-a com o olhar, murmurou:

— Tu não imaginas a bondade angélica desta criatura incomparável! Não sabes a santa dedicação, a piedade maravilhosa com que ela se consagrou à minha miséria. Oh! as mulheres! Como elas nos são superiores!

Então, dos olhos de Vitorino caíram as primeiras lágrimas por tanto tempo retidas com esforço e provocadas, precisamente, por essa mesma miséria de que falava Duarte.

— Porque choras tu?

— Não sei! — disfarçou Vitorino. É curioso! Não sei. Talvez um desequilíbrio da sensibilidade nervosa, talvez por essa superioridade feminina a que aludes. Lembro-me de minha mãe, de minha irmã, de tudo o que amei!...

E exercendo uma forte violência sobre si próprio, concluiu:

— Mas a comoção passou! Vês? Já não choro.

Levantou-se, acendeu um cigarro, e voltando para junto de Duarte, repetiu:

— Vais então partir!... Leva um beijo meu para tôda essa gente querida. E ouve: — dá-me notícias tuas, do país, dos panoramas, da nossa terra, do nosso povo. As tuas cartas serão uma companhia!

Duarte, num grito abafado, acudiu:

— Pois, antes ficasse, para sempre, por cá, numa cova muito funda. Que interêsse tenho eu agora em viver? — bradou Duarte, agitando os



membros mutilados. Tõda a existência feliz, que imaginei para mim, acabou. Sinto-o!

— Não digas isso! Que heresia! Terás ainda horas venturosas.

Mas a tarde baixava, e Vitorino não queria perder o combóio que novamente o levaria para as linhas de fõgo. Abraçou Duarte, beijou-o fraternalmente na face, despediu-se e saiu do hospital apressadamente, com os olhos rasos de água. Foi nessa mesma tarde que escreveu à mãe, informando-o do próximo regresso de Duarte a Portugal.

Dias depois, por um admirável fim de tarde que iluminava de claridade a dorida terra de França, Duarte entrava no combóio que havia de conduzi-lo até à fronteira espanhola, com outros inválidos de quem a guerra já nada queria e com vários oficiais ilésos que aproveitavam uma curta licença para visitarem as famílias que tinham deixado em lágrimas e em luto, para verem a doce terra portuguesa, tam distante da catástrofe e a que a primavera estaria transmitindo uma beleza nova. Até ao automóvel que havia de levá-lo à *gare* do caminho de ferro, foi Duarte acompanhado pela religiosa, a Irmã Clementina, que com tanta abnegação o tratou. Duarte desceu, amparado ao seu ombro, o arruamento areado do jar-

dim, entre arvoredos de fechada copa, até ao portão de ferro de entrada onde o esperava o carro, murmurando com infinita tristeza:

— Ah! minha bôa irmã, a saúde que eu tenho ao sair daqui!... Deixe-me fazer-lhe esta confissão, que é pura: — não amo mais minha pobre mãe do que a amo a si!

Ela fitava-o enternecidamente, com um brilho de lágrimas nos olhos suaves e absorventes de luz — que eram azúis como miosótis do norte — e havia nos seus lábios uma tremura.

— Nunca mais me esquecerá, hei-de lembrá-la sempre, como o meu anjo da guarda. Dê-me notícias suas! É quando a guerra acabar, quando puder deixar os que sofrem, quando não tiver dores para sossegar, como eu gostaria de tê-la durante muito tempo na minha casa de Portugal! Desejava, sobretudo, que minha mãe a conhecesse! Como ela havia de dedicar-se à santa senhora que lhe salvou o filho único! Promete?... Eu hei-de vir vê-la também a França... Mas promete?

Sorrindo melancólicamente, a religiosa fez-lhe um sinal afirmativo com a cabeça. Tinha dado, nessa manhã, o seu retrato o Duarte, como uma recordação amorável; e agora, também ela não podia esconder a comoção que a partida para longe daquele moço mutilado lhe causava.

— Era tam bom, tam reconhecido, tam dócil e paciente! — pensava ela.

Perto do portão, a dois passos do automóvel,

pararam. A religiosa, com uma tremura imperceptível no corpo, pousou a mão no ombro de Duarte, envolveu-o num indizível olhar de carinho, còrando um pouco, e novamente, curvando-se sòbre êle, o beijou de leve no rosto.

— Adeus! — murmurou ela. Seja feliz... Oh! como eu desejo a sua felicidade!...

— Adeus, minha bôa irmã — respondeu Duarte num soluço.

Entrou, chorando silenciosamente, no automóvel, que partiu logo, fitando sempre a Irmã da Caridade, enquanto a avistou. Pouco depois, já no combóio, com gente que falava a sua língua, com compatriotas que como êle se sacrificaram pelo ideal da pátria, pela honra, por lialismo, a sua mágoa serenou um pouco. Viajava com outros decepados: — uns sem braços, outros sem pernas, alguns cegos. A um canto do compartimento, um doido ria inconscientemente, imitando a cada momento o ruído da artilharia. Havia enlouquecido nas trincheiras, durante um bombardeamento: mas a sua loucura era mansa, tranqùila. Encolhia-se timidamente como uma criança assustada e causava uma grande pena. Os mutilados iam silenciosos, recolhidos. Não falavam, abismados na sua tristeza. Apenas os oficiais, que voltavam ao país, trocavam de vez em quando algumas palavras. Duarte, curvado à janela da carruagem, com a sua muleta ao lado, para se distraír olhava para fóra, para os campos, para as po-

voações que o combóio atravessava, galopando e arquejando sôbre os *rails*. De instante a instante, os seus olhos descortinavam em cada aldeia, em cada agrupamento de casas, bandeiras francesas que tremiam ao vento, no esmorecer da luz, como asas coloridas. A terra, na sua maior parte, estava por cultivar, de-certo à falta de braços, porque todos os homens válidos haviam sido chamados às linhas de combate. Das pradarias, das lezírias, das devesas onde cresciam os fenos, elevava-se uma melancolia indecifrável — a melancolia das regiões despovoadas, soturnas. Apenas de quando em quando, entrevia, de fugida, mulheres remexendo a leiva, curvadas sôbre os apetrechos agrícolas, vestidas de luto e com um fundo desalento no rosto. Ah! que desastre! É como o mais belo país da Europa, sofria com a avalanche de fogo e com o dilúvio de sangue que sôbre êle desabaram! Duarte contemplava as extensas planícies desertas, e sentia-se invadir também por um fatal acabrunhamento. No norte da França, era a devastação, o arrasamento, a ruína: — cidades demolidas, florestas cortadas, pomares e vinhas queimados, o terreno revolvido, cavado em brechas, em sulcos, em crateras, coberto de estilhaços de ferro, de ossadas humanas, de veículos destroçados, de farrapos, de madeiramentos carbonizados, de fios de arame, de grossos pedregulhos; no sul, era o abandôno, a solidão, a miséria, passando sinistramente, a dôr uivando sem des-



canso. Em cada lar se rezava e se evocavam memórias de mortos queridos: em cada coração se tinha finado um divino amor!

Donde a onde, o combóio, que também conduzia feridos e mutilados franceses, arfando, resfolegando sôbre a sua carga de carne martirizada, parava nas estações das cidades provincianas. As janelas das carruagens apinhavam-se de cabeças curiosas. Duarte assistia a espectáculos comoventes. Nas *gares*, compunham a guarda de honra os gendarmes, que apresentavam armas. O povo acumulava-se, comprimia-se pelos cais, os clarins tocavam estridentemente, fazendo a continência. A multidão descobria-se, silenciosa e compungida. E começavam, então, a desfilar, em macas, amparados por soldados, por enfermeiros, os cortejos dolorosos dos amputados, de rostos emmagrecidos onde a barba crescida fazia uma sombra azulada. Os menos duramente provados, a quem ainda restava uma das mãos, correspondiam às saudações, acenando afávelmente. Mas ao lado destes, outros havia que iam em braços, que eram apenas troncos horríveis, monstruosos, sem braços nem pernas, a que se prendiam cabeças inquietas, desvaiadas, aflitivas. Insensivelmente, as lágrimas acudiam aos olhos, enquanto as mulheres cobriam de flores estes pavorosos destroços humanos que voltavam da maior tragédia da História.

Duarte tinha a impressão de que toda a França

estava mutilada, que sofria angustiosamente, que vertia sangue pelos milhares de feridas que lhe esburacavam o corpo. Era dramático! Mas a primavera acordava para a vida os troncos mortos; e Duarte esperava, com uma crença inabalável, que também aqueles destroços de carne reffloririam algum dia, pois conservavam ainda as energias vitais, e que dêles nasceria uma geração perfeita de hércules. Oh! as procissões tenebrosas de feridos, o entulho humano dum mundo que findava, a onda de dôr que avassalava o país dum extremo ao outro! E por tôda a Europa acontecia o mesmo, transbordavam idênticas marés de amargura e fel, desenrolavam-se idênticos préstitos de destroçados. No entanto, embora massacrados, empobrecidos, rugindo de fome, tiritando de frio nos invernos desabrigados, os povos continuavam a combater ardidamente, com o entusiasmo, a confiança, a tenacidade das primeiras semanas de peleja — e isto parecia admirável a Duarte. Com effeito, havia beleza e grandeza de alma, heroísmo e nobreza moral, neste sacrificio colectivo a uma ideia, a um principio, a um ideal nacional. Quem saberia o futuro de luz que sairia do morticínio horrível? O mundo era regido por leis fatais, umas conhecidas e outras desconhecidas. Que poderosas fôrças ocultas interviriam no drama? E com que fim? «Entre céu e terra, além das coisas visíveis, há muitas outras que escapam à nossa philosophia» — dizia Hamlet. As palavras de Sha-

kespeare adquiriam agora para Duarte uma estranha profundidade...

Quando entrou em Espanha, depois de ter mudado de combóio em Hendaya, com o auxílio de camaradas, os seus pensamentos tomaram um novo curso. Quanto mais se aproximava do seu país, mais o invadia uma singular perturbação conjuntamente feita de receio e de alegria. Que iria dizer Eugénia? Como o receberia ela? Da mãe, a sua alma não duvidava, tam certo estava dêsse amor mais forte do que a desgraça, do que a própria morte. Oh! mas Eugénia! Deixára-a havia meses com um fúnebre presentimento no espírito. O infortúnio surpreendera-o a meio do seu idílio, do seu meigo sonho. E eis que regressava desalentado, decepado, extenuado, com um desejo veemente de repouso mas com uma desconfiança atroz.

O combóio cortava, no seu galope incessante, através de vastas terras de sementeira, de extensões desoladas, sem relva ou árvore e em que apenas destacava a silhueta dos penhascos em atitudes bizarras, de lezírias onde pastavam manadas, de terreolas pobres com casebres à volta de igrejas construídas com pedras sôltas e campanários subindo no azul dos céus, sob o vôo das pombas brancas. Por vezes, salientava-se com a beleza duma oração materializada, dum cântico religioso que se corporizasse, a agulha gótica duma catedral longínqua. E Duarte, sem saber porque, lem-

brava-se então com infinita doçura da Irmã Clementina, da religiosa que fôra sua enfermeira e que piedosamente refrescára as suas febres calcinadoras e velára os seus delírios. Tinha a impressão viva de que a plenitude da sua ventura, tôda a sua consolação de ser consciente que o mundo triturára na sua engrenagem, estavam junto duma mulher como aquela, devotada a Deus e devotada à angústia dos que sofriam e a quem ela sabia dizer as palavras de bondade e de esperança que chegam até à alma. Mas sua mãe? — pensava êle. Era também uma mulher superior pelo sentimento. Ainda quando todos os affectos lhe fugissem, êsse manter-se-lhe-ia fiel, acolhendo-o com uma generosidade e um encanto perenes. E quâse sentia remorsos por temer abandonos quando pelo menos um coração lhe pertenceria para sempre!

Por vezes, na fadiga da jornada, dormitava, encostando-se aos estôfos que acolchoavam a carruagem de primeira classe em que viajava. Perto dêle, os outros vencidos ou dormiam também ou contavam episódios da guerra, dos combates em que tinham sido feridos. Um tenente de artilharia narrava, com pormenores minuciosos, um ataque das baterias teutónicas de grosso calibre, troando uma noite inteira sem tréguas e cobrindo de obuzes os canhões portuguezes. Êle e os seus homens fizeram fogo continuamente, com a peça que manejavam, até não terem munições. A alma do canhão, ao fim de trezentos tiros, estava em brasa, e



era necessário fechar a culatra imediatamente, depois da introdução do projectil, para que elle não deflagrasse na cara dos artilheiros. Mantiveram-se com firmeza durante longas horas, entre as instantâneas labaredas de fogueiras que à sua volta se acendiam, e no meio duma chuva de cacos de granada voando em tôdas as direcções. Por fim, as baterias alemãs calaram-se durante alguns minutos. Elle e os soldados do seu comando, descansaram também, sentando-se num armão. Mas de súbito um risco de luz sulcou o céu, um obuz caiu a dois passos dêles, rebentando com fragor e deitando-os por terra. Eram sete. Quando recuperou os sentidos, o sangue repuxava-lhe do côto do braço esquerdo; três artilheiros estavam mortos, amontoados uns sôbre os outros: e os restantes haviam recebido ferimentos tam graves que dois não tardavam a morrer. Apenas duas vidas se tinham salvo; mas, outros camaradas acudiram e a peça lusitana de novo troou, lançando um chuveiro de granadas contra as linhas alemãs!...

Durante um dia e uma noite, Duarte aborreceu-se até ao tédio, confinado dentro dum pequeno espaço, ouvindo falar incessantemente na guerra. Por mais que pretendesse esquecê-la, a todo o instante lha lembravam. E era devorado pela ansiedade de sair daquela estreita carruagem, de respirar o ar livre, de chegar bem depressa a sua casa onde a mãe e a noiva o estariam esperando num sobressalto. Mas, ao romper da manhã se-

guinte, ainda rolavam por terras espanholas. Só muito tarde, pela calada nocturna, o combóio entraria na estação de Coímbra. E era melhor assim! Duarte esperimentava um secreto pudor pensando que alguêm, que muito amava, o visse à luz reveladora, sentia uma inexplicável vergonha pelas mutilações que o desfiguravam, como se elas denunciassem um crime e não um heroísmo. Fôra para evitar isto mesmo que, na carta que escreveu à mãe, lhe pedia com insistência para que não o esperasse na *gare*, mas em casa. Implorára, exigira que a sua vontade fôsse respeitada; suspeitava, porém, que lhe desobedeceriam e que mal a locomotiva detivesse, em Coímbra, a sua marcha, logo a mãe e Eugénia estenderiam os braços trémulos para o abraçarem. O coração pulsava-lhe violentamente, ao meditar na comoção intensa dêste instante: e felicitava-se pelo facto de ocorrer, entre as discretas sombras da noite, o espectáculo de tristeza e de lágrimas que certamente se daria...

Quando passou a fronteira e entrou em Portugal por Vilar Formoso, sentiu o peito dilatar-se-lhe de alegria. Ah! estava outra vez no seu país pequenino e tranqüilo, terra sagrada a pão e a flores que tam feliz podia viver, se nela houvesse um pouco de ordem e de tino: mas, mesmo no desatino e na desordem, a preferia às outras terras da Europa, estranhas à sua emotividade, com outros costumes, outros hábitos e tradições

e, nessa hora, gemendo sob as rajadas da metralha. Descansava os olhos com enlévo na verdura dos prados, na ramaria dos pinheirais gementes, nas casinhas brancas da serra, adormecendo na transparência da luz, nas povoações sossegadas e hospitaleiras, na labuta dos trabalhos rurais que se faziam ao som idílico das cantigas. Era a bucólica depois da tragédia, a serenidade depois da agitação, a confiança depois do desalento: — e pela primeira vez, desde que saíra de França, teve um instante de ilusão. Agora, se morresse, já o seu corpo não apodreceria sob a leiva duma nacionalidade alheia à sua ternura, mas num dêsses cemitériosinhos que são jardins, repousando à sombra dos cedros e dos ciprestes, onde a mãe fácilmente encontraria a sua sepultura, para rezar.

Durante todo o dia, um contentamento íntimo excitou a sua coragem. Duarte desconhecia-se a si próprio. Era outro! Mas, ao passo que se aproximava de Coímbra, uma surda inquietação voltou a agitá-lo. O seu sobressalto intensificou-se mais quando a noite — uma noite escura e sem estrêlas — desceu misteriosamente. Sofria. Uma causa para que não encontrava explicação irritava-lhe os nervos. Ah! que tortura! Que inferno!

De repente, porém, o combóio estacou, entre um resfolegar sibilante de vapor, a multidão aglomerada nos cais correu para as carruagens, e Duarte, logo da janela, descobriu a mãe, Eugénia, D. Sofia, as Lucenas Osórios, que o procura-

vam, que o chamavam. Enbrulhou-se no capote, carregou o képi para o lado do rosto ainda coberto por uma larga banda de pano preto. Dois oficiais desceram primeiro, tomaram-no nos braços, puseram-no no chão. Duarte apoiou-se à muleta e esperou a mãe e a noiva, que avançavam para êle, que já o tinham descoberto.

— Filho! Filho! — bradou D. Joana, abraçando-se nêle e beijando-o com frenesi. Oh! meu amor!

— Mamã!

Por algum tempo, choraram, confundindo as lágrimas.

Eugénia aproximou-se também, pálida, risinha, observando-o, estendendo-lhe a face que Duarte, comovidamente, beijou. Correspondeu ainda aos cumprimentos de D. Sofia e das Lucenas Osórios, que o felicitavam e, em seguida, exclamou:

— Mamã, eu precisava dum carro, mas depressa.

— Temos um automóvel à porta da estação, à nossa espera. Vamos.

— Ampare-me! — pediu Duarte lacrimosamente. Estou ferido. Não posso ainda andar.

— Oh! meu filho!... — gritou ela num soluço.

E penosamente, batendo a muleta nas pedras, arrastando-se devagar, Duarte, a mãe, Eugénia, D. Sofia e as Lucenas Osórios entraram no carro.



Em todo o trajecto, D. Joana foi sempre abraçada ao filho, chorando em silêncio. Eugénia, emmedecida, procurava Duarte na penumbra do carro: e só D. Sofia perguntou:

— O meu Vitorino?

— Estive com elle três dias antes de partir para Portugal. Magnífico! De perfeita saúde!

Mas o carro chegou, a porta da casa de Duarte abriu-se imediatamente, Maria e as outras criadas correram para cumprimentarem «o menino», que desceu com a mesma dificuldade, sendo amparado pelo *chauffeur* e pela mãe. Entraram na sala de visitas, rutilante de luz e cheia de flores. Duarte sentou-se numa cadeira, deixou cair o capote dos ombros, tirou o képi, e Eugénia viu então um corpo horrivelmente deformado. Do braço esquerdo, apenas restava um côto, que lembrava o pedaço duma asa partida, agitando-se em movimentos nervosos. A perna direita havia sido amputada pela côxa. Mas não era tudo! Duarte pediu à mãe que lhe desatasse a *écharpe*, presa no alto da cabeça, e então, tirada a venda, descobriu-se uma cicatriz funda e ainda não inteiramente fechada que lhe golpeava tôda a face, lha lavrava em sulcos azulados. Do olho esquerdo nada restava também, a não ser um buraco vermelho, inflamado, repugnante.

— Eis no estado em que volto da guerra! — exclamou Duarte, estendendo a mão supplicante para Eugénia, que lha apertou, depois

dalguns minutos de hesitação. E não morri!

D. Joana, de joelhos junto do filho, com a face encostada ao seu peito e abraçando-o, chorava perdidamente; D. Sofia e as Lucenas Osórios choravam também e Eugénia gaguejava vagas consolações.

— E não morri! — insistia Duarte.

— Oh! meu amor! Não morreste, felizmente para a minha ternura. Se tivesses morrido, já a estas horas eu não viveria também!... — murmurou com voz de miúdo D. Joana.

## XII

Durante tôda essa longa noite de suplicio e de desilusão, Engénia, na solitude e no silêncio do seu quarto de solteira, pensou no horrível espectáculo que, por alguns momentos, tivera diante dos olhos atónitos. Ela havia amado, em dias felizes, um homem na plenitude da mocidade, rico, soberbo de audácia e fôrça, perfeito, inteligente, destacando-se mesmo pela beleza máscula, pela gentileza do porte. A êsse homem se devotára, porque êle, além de lhe lisonjear a vaidade feminina, era querido ao seu coração em que a imagem dum outro homem se apagára, em que morrera a doçura dum outro amor. Com um tal affecto sempre presente na alma e nos sentidos, fôra construindo uma existência futura deleitosa, sem difficuldades nem sobressaltos. Com uma adoração que nunca se extinguisse, teria ela também

o dinheiro, a riqueza que garantem o bem-estar, a consideração alheia, a satisfação dos menores caprichos, a opulência, a admirável scenografia do luxo. Por vezes, Eugénia entregára-se à idealização da sua vida conjugal, que a tornaria invejada. Um marido moço, belo e culto, querendo-lhe com uma ternura e uma constância que os infinitos males do mundo não atingiriam, palácios nas cidades, quintas de recreio na província, numerosas legiões de criados servindo-a, adivinhando-lhe as vontades, captando-lhe as simpatias por uma adulação servil. A uma simples palavra, a um fugidio olhar, logo seria dócilmente obedecida! E poderia gastar oiro a plenas mãos, viajar, ter equipagens, automóveis. Para aumentar a fortuna que legaria ao filho, mais tarde, vivia D. Joana sem ostentação, parcimoniosamente. As ostentações seriam para ela, que tanto as amava e que fariam a iluminura galante da sua graça e da sua formosura. De-certo que a paixão que nutria por Duarte era sincera. Pelo menos, assim o julgava, quando se estudava, se observava minuciosamente. Mas também entrava nela um bocadinho de cálculo. Ah! estava farta duma subalternidade social e mundana a que a forçavam os recursos modestos da mamã, viúva dum lente jubilado de Direito que apenas lhe deixára um Monte-pio e uma pequena pensão proveniente dum seguro de vida. Quando fôsse rica, entraria com estrondo e fausto numa existência mais agradável para o seu orgulho e



mais concordante com a sua maravilhosa beleza! De resto, D. Sofia alimentava-lhe no espírito êste modo de pensar, falando-lhe constantemente no «bom partido» que era Duarte, muito antes mesmo do seu namôro com êle ter começado.

Inesperadamente, porém, todo êste sonho feliz se desvanecia e a realidade era muito outra, como o determinára uma sorte funesta, um adverso destino. O homem que ela poucas horas antes vira diante de si, não era Duarte, mas apenas o despojo doloroso dum corpo humano que fôra gentil, a caricatura monstruosa e grotesca do noivo. Ainda tinha nos olhos e na sensibilidade a visão horrível dêsse pobre farrapo de carne e de amargura, podado de membros que apodreceram como os ramos vélhos duma árvore, amputado, desfigurado, trágico e ridículo conjuntamente, com qualquer coisa de repugnante no rosto! Não! Era de mais! Quando soubera que Duarte havia sido ferido numa batalha, fizera tôdas as suposições, exagerára a primeira impressão recebida, pensára em tôdas as possibilidades, mas tinha ficado muito longe da verdade!...

Deitada no seu branco leito de virgem, sem poder dormir, encolhida de pavor, débilmente iluminada pela claridade mortíça duma lamparina que derramava no quarto uma penumbra suave, Eugénia reconstituía, para o seu tormento, a figura de Duarte — e fazia-se mais pequenina debaixo da roupa, vislumbrando nítidamente a scena

que pouco antes contemplára, com o coração apertado de angústia e um terror secreto. Oh! aquele ôlho fulgurante, que parecia trespassá-la, vará-la dum lado ao outro, cravando-se nela com fixidez, implorando, suplicando, lacrimejando, enquanto da cavidade vazia do outro escorria um líquido transparente, gotejando lágrima a lágrima dum tecido gelatinoso, mole, vermelho! É que pavor supremo, quando Duarte, apoiando-se na muleta, deu alguns passos para ela, arrastando a sua invalidez, agitando no ar o côto do braço decepado e balouçando o pedaço de côxa da perna direita, que ainda lhe restava, retesando-se dentro das calças dobradas e cosidas na dobra, para lhe não dificultarem a marcha! Depois, a medonha cicatriz da face, mal fechada, riscando-lhe a pele duma linha violácea e irregular! Bom Deus! Por mais fervorosa e intensa que fôsse a sua piedade, não podia encarar o mutilado sem repulsa, sem uma entranhada sensação de nojo físico, de vergonha de si própria, de horror instintivo. A simples ideia do contacto da sua pele fresca, aveludada, macia, viçosa, com aquele abôrto inverosímil, monstruosidade hilariante e dramática feita pela guerra com sofrimentos, prantos, amarguras e sarcasmos, gelava-a, angustiava-a, inspirava-lhe ao mesmo tempo mêdo e repugnância. Tinha a sensação de que se macularia, se sujaria duma nódoa aviltante que nenhum perfume, nenhuma luz, nenhuma água lustral purificariam! E seria aquele homem o seu

marido, o dono do seu corpo, do seu pensamento, da sua gracilidade de flor nova? Mas, então, que ironias fulgurantes chamejariam à sua passagem, quando ela se mostrasse em público com Duarte! Ninguêem louvaria o seu sacrifício, bendiria a sua abnegação, a fé inquebrantável da sua ternura, por ela se ter consagrado a aliviar, a suavizar o padecimento moral do decepaço. A língua venenosa do Senhor Todo-o-Mundo, que forma as opiniões duradouras e as correntes de popularidade, exclamaria, apontando-a às zombarias acerbas:

— Ali vai uma linda rapariga que se vendeu, por dinheiro, a um monstro! Negociou o seu sentimento, pôs a paixão a juros... Eis a moderna teoria do amor!

A desgraça de Duarte não determinaria, também, os doces movimentos de comiseração ou de simpatia pelo seu infortúnio. Fôra vencido quando combatia por um ideal elevado de humanidade e de patriotismo: e, contudo, não seria o mutilado glorioso, mas o maneta, o côxo, o zarolho que, em vez de admirações, provocaria gargalhadas de desdêm ou de escárnio. E teria ela de ligar, para sempre, a sua radiante juventude de mulher, encantadora pelas perfeições corpóreas, àquela miséria fisiológica? Teria de aceitar-lhe os beijos e as carícias, sem resistência, quando o seu desejo era o de repeli-las duramente, numa surda irritação e numa revolta indominável do seu sexo, de todo o seu sêr, que se insurgiam contra um tal

atentado, uma tal profanação da sua pureza? Ah! não! Succedesse o que succedesse, não se submeteria!...

Voltava-se no leito, tentava esquecer as preocupações pungentes que a inquietavam, mas apenas conseguia excitar a sua exaltação interior. Procurava, então, analisar por outros aspectos a sua situação moral. E porque não encontrariam as multidões grandeza e nobreza affectiva na sua augusta missão de espôsa, de consoladora suprema dum homem, dum herói que tanto havia padecido, pelejando por uma admirável causa humana? Não mereceria o exemplo que oferecesse ardentes louvores, bênçãos calorosas, em vez de risos de maldade e de vilipêndios? Não seriam um amor assim, tam forte, uma dedicação que resistia a tôdas as desventuras, tomados como um modêlo digno de ser imitado por almas sem culpa, por criaturas superiores? Talvez... Oh! mas Eugénia sentia-se sem fôrças para dedicar-se por essa forma. Era o seu próprio sentir, a sua sexualidade, que se insurgiam violentamente, dominando-a, impondo-lhe um outro procedimento. Mas o que se diria? Com que expressões fulgurantes a injuriariam, acusariam a sua deslialdade, a sua perversidade? Êste raciocínio não a alarinava. Que dissessem o que quisessem, mas que salvasse ela a sua felicidade comprometida! E para mais se firmar nesta resolução irredutivel, imaginava-se, por momentos, já casada com Duarte, já na com-



pãnhia dêle, compartilhando o mesmo tálamo, suportando, talvez, as espionagens de D. Joana, ciosa da honra do filho, com o marido constantemente a seu lado, amimando-a, beijando-a, afaçando-a. Teria de levantá-lo, de vesti-lo, de alimentá-lo como a uma criança, de ampará-lo nos braços. Verdadeiramente, não ia ser uma dona de casa mas uma enfermeira. Sentar-se-ia, com a sua beleza incomparável de mulher, não num trono do Palácio de Ventura, onde côrtes de admiradores lhe prestassem vassalagem — a vassalagem que tanto lhe adularia a vaidade — mas junto da cabeceira dum doente, para o tratar enquanto visse, longe dos esplendores mundanos, dos ruídos brilhantes, das finas sociabilidades, dos elegantes convívios, das altivas exhibições. E como esta sombria perspectiva a apavorava! A própria mãe a lamentára, de volta da casa de Duarte, exclamando a cada momento:

— Minha pobre filha, que tristeza vai ser a tua! Mas tens de devotar-te, de resignar-te.

Pois, não se resignaria! Estava decidida. E, pensando assim, experimentava uma funda doçura no seu desalento, lembrando-se de Tomás. Oh! êsse, se na verdade ainda a estimava, como dizia, poderia socorrê-la. Mas que profundidade teria o seu amor? Antigamente — e daí provinha o seu mal presente — Tomás havia-lhe confessado uma adoração veemente, uma constância perpétua, e no entanto fácilmente a esqueceu. Tinha-lhe men-

tido uma vez: e agora, Eugénia temia uma segunda mentira da sua parte. Apesar disso, observando-se minuciosamente, ela julgava que Tomás era o único homem que amára com fervor, com paixão, com sinceridade. Essa paixão fazia ainda abrir uma flor de candura na sua emoção.

Como a fatalidade se enfurecia contra ela! Só desilusões nas suas mais puras esperanças, só vexames, só humilhações! Estava cansada. Realmente — pensava — a vida para ela fôra sempre um martírio ou uma zombaria!...

Levou tôda a noite nestas lucubrações, e apenas de manhã, ao alvorecer da luz, conseguiu conciliar o sono, dormindo horas seguidas. Uma criada veio acordá-la já quando o sol ia alto e se filtrava no quarto de Eugénia, em raios luminosos, através das frestas das janelas. Era muito tarde, e contudo ela sentia-se fatigada e aborrecida. Ao reavivar a scena da véspera, o seu infinito desconsôlo aumentou, mas desta vez confortava-a a decisão tomada: — não casaria com Duarte, não se deixaria comover pelas súplicas do mutilado, nem pelo receio do que dela pudessem pensar, nem sequer pelas razões interesseiras com que a mãe tentasse convencê-la. Resistiria tenazmente, fechando os ouvidos a tôdas as exortações.

Enfiou um roupão e foi para o quarto de banho, mergulhando ávidamente na água tépida que

lhe acalmou um pouco a excitação nervosa. Depois vestiu-se vagarosamente, pondo uma certa garridice na *toilette*, e desceu. D. Sofia achou-a pálida, estranhou-lhe as grandes olheiras.

— Dormiste mal? — interrogou.

— Péssimamente. Se lhe parece!...

Queria falar, desabafar, principiar desde logo a batalha que teria de ferir para a sua libertação: mas a mãe, adivinhando-lhe as intenções, nem sequer aludia a Duarte. Tornava-se preciso deixar que passasse o horror da primeira impressão — e era cêdo ainda.

Até à hora do almoço, Eugénia, revolvendo o seu tédio, andou duma sala para a outra imprimindo mais ordem à disposição dos *bibelots*, ao mobiliário, às jarras de flores: — mas nada a distraía. Depois, à mesa, conservou-se silenciosa e alheada, mal tocando na comida com a ponta do garfo. A mãe disse-lhe ser preciso que ela se alimentasse: mas Eugénia respondeu, de mau humor:

— Que quer a mamã? Não tenho vontade.

Pelas duas horas, as Alarcões e o irmão bateram à porta, que uma criada logo abriu: — e Eugénia correu abaixo imediatamente a receber as visitas, já esperadas, abraçando-se em Ritinha, beijando as irmãs, apertando nervosamente a mão de Tomás, e murmurando:

— Como eu estimo que viessem hoje!

— Porquê, porquê? — perguntou Ritinha.

— Por tudo! — exclamou. Além disso, estou impossível, irritada, creio que vou adoecer.

Tomás, galantemente, ofereceu-se logo, com um sorriso, para a observar, para lhe receitar.

— Bem vê, minha senhora, que para alguma coisa me deve servir o meu diploma de médico!

Mas as Alarcões protestaram logo. Crédo! Eram muito amigas de Eugénia para permitirem uma tal imprudência. Como médico, o mano nem para a família seria bom. Além disso, Eugénia não carecia de ser medicada.

— Pois, olhem que não estou a brincar — atalhou ela, muito séria. Sinto-me, realmente, indisposta.

— Ora, menina! Nervos!...

A conversa recaiu imediatamente sôbre a grande novidade do dia. Elas já sabiam tudo: — a chegada de Duarte a Coimbra, com outros feridos, um combóio cheio de inválidos que os ia despejando em tôdas as estações por onde passava. A notícia espalhára-se largamente na cidade. Ninguêem a ignorava.

— E então êle, filha? Em que estado vem? Conta lá... — pediu Ritinha.

As Alarcões sentaram-se, em cadeiras, à volta de Eugénia, que se recostára num sofá, aturdida, cónfusa.

— Num estado lastimoso... Nem podem calcular!

D. Sofia, que descêra também e se juntára ao



grupo, dava explicações, fornecia detalhes. Na verdade, o pobre rapaz havia sido bem duramente experimentado. E devia ter sofrido rudemente. Era uma dôr vê-lo! Ficára sem um braço, sem uma perna, o olho esquerdo fôra-lhe arrancado pelo mesmo estilhaço de ferro que lhe cortára o rosto. Um pavor! Horrorizadas, as Alarcões não diziam palavra: e apenas Tomás, naturalmente e sem se perturbar, comentou:

— A sciência está fazendo milagres. Tanto na França, como na Alemanha, como em todos os países em luta, procura-se adoçar a sorte dos mutilados, reeducando-os, compondo-lhes mesmo plásticamente o corpo deformado, transformando-os em valores sociais. Imaginem que em Paris, por exemplo, um cirurgião notável tem realizado maravilhas, restituindo a beleza a feições monstruosas. As granadas, rebentando perto dalguns soldados, levaram o nariz a uns, as faces a outros, os lábios a muitos, arrancando, dilacerando carne. Pois êsse operador, com um saber admirável, restabelece novamente o equilíbrio às feições dos feridos desta espécie. Não vejo, portanto, razão para o desalento da snr.<sup>a</sup> D. Eugénia.

— Jesus, mano! Que coisas medonhas nos conta! São de arripiar — murmurou D. Rosa.

— Serão medonhas, mas são verdadeiras! — respondeu êle.

Enquanto Tomás falava, Eugénia olhava-o fixamente, e parecia-lhe mais belo — sobretudo

mais nobre. A que ponto chegava a sua renúncia, se com efeito ainda a amava! Se o seu amor fôsse sincero, que alma generosa era a dêle!

Depois, para desviarem o curso duma conversação que as entristecia, derivaram para outros assuntos: e como o mês de julho tinha chegado, Ritinha Alarcão falou logo nos cravos do seu jardim. Eugénia lembrou que ainda floriam as trepadeiras do seu quintal: e então, as Alarcões quizeram vê-las, enquanto D. Sofia ia ao andar superior dar umas ordens às criadas. Ritinha e as irmãs levantaram-se, seguindo pelo corredor que dava para o jardim: e como, por um momento, Eugénia e Tomás ficassem sós na sala de visitas, ela, desvairada, alucinada, foi para êle, murmurando em voz perturbada:

— Ainda há poucos dias Tomás me confessava o seu grande amor!...

Êle, surpreendido, contemplou-a por um instante, gaguejando:

— Dizia-lhe apenas a verdade!... Porque não me acredita?

— Ama-me sinceramente, verdadeiramente, com uma ternura capaz de fazer a minha felicidade?

— Amo-a de todo o meu coração, de tôda a minha alma! — afirmou êle, pegando-lhe na mão que escaldava e que ela não retirou.

— Pois então, Tomás, socorra-me, salve-me,

dê-me esta prova de lialdade suprema, porque também eu nunca deixei de o amar!...

— Salvá-la?...

— Sim! Salve-me! Ser-lhe hei eternamente grata por isso...

— Que perigo a ameaça?...

— Um grande perigo, creia.

Mas do extremo do corredor, a voz de Ritinha chamou:

— Ó Eugénia?...

— Aí vou, aí vou! — gritou ela atrapalhadamente, estreitando com fôrça nas suas a mão de Tomás, que a seguiu fóra de si, numa perturbação repentina dos sentidos.

No dia seguinte ao do seu regresso, Duarte despertára muito cedo. Pela janela aberta ao ar livre, entrava a claridade fresca e virginal da manhã, que se anunciava gloriosamente, no esplendor das suas tintas côr de rosa e côr de ouro, espalhando-se no céu para as bandas do nascente. Como essa noite de repouso, velada já pelo bom génio familiar, tinha feito bem ao seu corpo martirizado! Havia muito que não dormia tam pacificamente. Enquanto andára pelos câmpos de batalha, o seu leito era sôbre a terra fria ou sôbre um feixe de palha sêca, se estava nas trincheiras, ou uma cama de campanha, se se encontrava nas

linhas da rectaguarda. Mas incessantemente despertava, numa grande agitação, sob a trovoadá formidável das detonações que abalavam o terreno numa circunferência de muitos quilómetros de diâmetro. O seu sono era cortado de *cauchemars*, povoado de imagens lúgubres, de sonhos sombrios. A cada descarga de artilharia, os seus olhos viam relâmpagos instantâneos, colunas horizontais dum fogo que parecia surdir das entranhas do chão, rodeado de nuvens espessas: e, nesta região de castigo, de cólera, de expiação e de morte, nem um único ser vivo se vislumbra. Mais tarde, no hospital, gemendo noite e dia, quando a febre o abandonou e a sua inteligência recuperou a lucidez, também não podia sossegar um momento, com o espectáculo que à sua volta se desenrolava. A tôdas as horas, morriam homens a dois passos de si, torcendo os músculos do rosto em esgares apavorantes como *clowns* trágicos, sacudindo os braços, escabujando, debatendo-se enquanto lhes restava um derradeiro vigor e enquanto as fibras da vida não estalavam uma a uma no seu coração. Além disso, muitos dos feridos, da enfermaria em que estava, deliravam, murmuravam palavras desconexas, gritavam continuamente. Havia no ar denso um cheiro a febre e a medicamentos, abafava-se. Mesmo quando dormitava levemente, Duarte via passar, na meia lucidez da sonolência, as sombras vagas das enfermeiras andando na ponta dos pés e projectando contra as paredes silhuetas



oscilantes, dançando bizarramente na dúbia clari-  
dade da sala de dôr e de tortura. Oh! mas agora,  
em sua casa, perto da mãe, quanta serenidade,  
quanta paz, que doce silêncio! É como aquela pa-  
cificação era suave e reparadora! Levára as lon-  
gas horas nocturnas dum só sono profundo. Ne-  
nhum clamor, nenhuma angústia, nenhum fragor  
o acordára em sobressalto. O tumulto indescrití-  
vel, o inferno vermelho dos combates, ficavam  
muito longe do seu santo refúgio. O drama re-  
presentava-se a centenas de léguas de distância e  
nada lho recordava. Mal abria os olhos à luz  
matinal, via-se rodeado de coisas suas, de objectos  
a que andavam íntimamente ligadas lembranças  
da sua existência. Estava outra vez no seu quarto  
de estudante, tam aconchegado, tam confortável  
e que o affecto puro da mamã havia decorado  
como para a celebração duma festa. Mais longe,  
apenas separados por uma parede, ficavam os seus  
livros de estudo, a sua pequena biblioteca, o seu  
escritório. Daí a pouco, amparando-se ao braço  
protector da mãe, iria ver a roseira que cobria  
de rosas, até acima, tôda a parede, contemplaria  
novamente o lindo panorama que dali se divisava,  
com a massa de verdura do Choupal, o areal do  
Mondego alourando ao sol, as claras águas do rio  
correndo ao meio e espelhando os pálidos salguei-  
rais das margens. Apesar da sua desgraça, achava  
um sabor novo à vida, como se ela piedosamente

lhe sorrisse, apaziguando-lhe a crueldade do sacrificio.

Sôbre um contador de pau preto, em estilo Renascença, um relógio montado em colunas de mármore branco marcava as horas e quebrava a monotonia da solidão com o ritmo das pancadas. De fóra, das amplidões, vinha uma aragem refrigerante e perfumada.

Sem saber como, quáse insensivelmente, Duarte recordou Eugénia. A imagem radiante da noiva surgiu-lhe diante dos olhos deslumbrados; mas, ao mesmo tempo, uma dúvida constrangeu-lhe o coração. Relembrava as alegrias vividas na doce esperança daquele amor, as claridades antigas de que êle lhe tinha iluminado a alma, uma ilusão de felicidade que enfraquecia agora mas que teimava em viver — e sentia um desgosto bem profundo. Com efeito, êle já não era o mesmo, alguma coisa se havia modificado na sua personalidade, embora o sentimento restasse intacto. O homem que Eugénia amára era um outro muito diferente. Como o receberia ela, para o futuro? Parecia-lhe que, na noite anterior, surpreendera uma certa hesitação, um certo terror, uma certa frieza na noiva. Quando Duarte esperava que ela, logo que o visse, corresse para êle desvairadamente, estendendo-lhe os braços, estreitando-o contra o peito, vira-a empalidecer, envolvendo-o num olhar inexprimível, — e fôra gelado o beijo que Eugénia lhe dera na fronte, mal afluando a sua

pele com os lábios. Positivamente, também ela mudára! Ah! que diferença entre a noiva e a mamã! Esta sim! Afagára-o, abraçára-o, cobrira-o de carícias, molhára-lhe a face com as suas lágrimas — lágrimas de júbilo, de ventura pela graça de torná-lo a ver, mesmo desfigurado. E tóda a noite, depois que Eugénia e a mãe saíram, ela o retivera encostado ao seio, como quando êle era pequenino, amimando-o com meiguices e ternuras na voz.

— Coitado do meu filhinho, coitado! Tanto sofreu, tanto penou lá por longe, nessa maldita guerra! Ah! mas agora, como eu hei-de querer-lhe, que paz eu vou fazer à volta da sua vida de sacrificado! — murmurava a mamã.

Eugénia nem uma palavra lhe dissera! Apenas, quando pôde observar à luz as suas mutilações, a deformidade do seu rosto, a sua devastação física, soltou um ah! de surprêsa e de desapontamento que o trespassou! Não indicaria tudo isto a morte dum affecto em que depositára tanta fé? Julgava que sim. Então, invadiu-o um grande escrúpulo. Positivamente, a lialdade, a sinceridade do seu carácter, impunham-lhe que esclarecesse uma situação que lhe parecia obscura...

Emquanto Duarte se entregava a estas dolorosas meditações, a manhã ascendia triunfalmente, na vitória da luz. Já pela janela aberta para o jardim o dia entrava como uma bênção. O céu, que até aí era pálido, velando-se no hálito duma

névoa esbranquiçada, começava a azular-se. De fóra, da rua, subia um rumor de vida que acordava, depois dum longo sono restaurador. Apurando o ouvido, Duarte sentia mesmo, em casa, o ruído de portas que se abriam e se fechavam, o barulho de vidraças que, em baixo, se corriam. O sol inundava-lhe o quarto, como uma saudação divina; e não tardava que D. Joana, em passos subtis deslizando levemente sôbre a alcatifa da escada e sôbre os tapêtes das salas, viesse espreitar o sono do filho.

— É a mamã? — perguntou êle, de dentro.

— Sim, sou eu. Vinha saber como passaste a noite.

— Admiravelmente! Mas, pode entrar. Estou acordado há muito tempo. Já não dormirei mais.

D. Joana abriu a porta do quarto, entrou, correu para êle, beijou-o longamente, numa espécie de frenesi.

— Então, dizes tu que passaste bem a noite, hein? — insistiu ela, sentando-se numa cadeira, junto do leito.

— Exceelentemente! Há quantos meses eu não dormia assim! — afirmou Duarte, enternecido.

— O meu pobresinho!...

Ah! o encanto, a infinita suavidade daquelas palavras que lhe afagavam a alma como uma carícia! É a infinita bondade daquele beijo matutino, beijo purificador, santíssimo, ungiendo a sua



miséria, lustrando-o de imperfeições, restituindo-lhe a energia da fé perdida. As mães! Só as mães são admiráveis! — pensava.

— A prima Quitéria ainda dorme? — interrogou Duarte.

— A pobre de Cristo sofre tanto! — informou D. Joana.

— Parece-me bem doente, com efeito.

— Doentíssima!

Duarte pediu à mãe que lhe encostasse um almofadão, sentando-se na cama e gemendo lamentosamente.

— Dói-te? — acudiu ela com solicitude.

— Não dói, mamã, mas tenho uma dificuldade enorme em fazer qualquer movimento. É necessário arranjar um enfermeiro. Vai ser-me indispensável enquanto eu viver...

— O teu enfermeiro serei eu, Duarte. Não o encontrarias melhor.

— De-certo. Mas não quero que a mamã se fatigue...

— Que ideia! — acudiu ela, beijando-o novamente na face. Pois não é o meu dever?

Calaram-se um momento, olhando-se fixamente e com enternecimento. Depois, Duarte, ao cabo duma curta pausa, atalhou de repente:

— É verdade, mamã. Quero consultá-la sobre uma coisa em que pensei muito, durante tôda esta noite.

— Que coisa?

— É isto: — Hoje, sou um inválido, um doente, uma criatura que para nada serve. Creio mesmo que o meu rosto é horrível. E falo assim, porque ainda não tive a coragem de ver-me ao espelho, com mêdo de mim próprio. Antes viver na mentira do que numa dolorosa certeza, porque, no meu caso, a mentira será uma ilusão suave. Nestes termos — continuou êle, sem ouvir a mãe — não desejo que Eugénia se sacrifique, unindo o seu destino ao meu. Se ela espontaneamente quiser sacrificar-se, com essa abnegação sublime das mulheres, então aceitarei o seu sacrificio, abençoando-a de tôda a minha alma: mas, se ela fizer a mínima objecção, se hesitar um só instante, restituo-lhe a sua palavra...

Duarte falava com esforço. Uma angústia secreta estrangulava-o; pingia-o uma dôr muito funda. A mãe admirava-lhe a grandeza moral.

— Pois não lhe parece que devo proceder assim? Diga! A mamã é justa, sabe as coisas... Não é digno êste modo de pensar?

— É! — exclamou ella, abraçando-o com alvoroço.

— Então, bem vê...

— Mas, ouve! Eu conheço Eugénia! É uma encantadora menina, cheia de bondade, de virtude. Se outrora te amou, nos dias felizes, mais te amará agora, nas horas do infortúnio... Creio-o firmemente.

— A mamã pensa?!... — acudiu Duarte.

— Não penso! Tenho a certeza, o que é mais.

— Ah! que alegria me dá! E que negra preocupação me tira da alma! Em todo o caso, a mamã não se recusará a falar-lhe neste assunto, que é bem delicado.

— De-certo que não...

D. Joana ajudou Duarte a vestir-se, levou-o amparado até junto dum sofá, onde êle se sentou, sorrindo tristemente, com o côto do braço colado ao corpo e bamboando a côxa amputada.

— Que geito para irmã da caridade a mamã tem! — disse Duarte.

Ela envolveu-o num olhar de ternura indizível, e duas lágrimas escorregaram-lhe lentamente na palidez da face.

Durante o dia, vieram visitas: — as Lucenas Osórios, estudantes que eram camaradas de Duarte e que quizeram «cumprimentar o herói», como êles diziam — e o tempo foi fugindo ligeiramente. As Lucenas Osórios notaram a falta de Eugénia junto do noivo, naqueles momentos dolorosos; mas D. Joana, embora achasse justa a observação, desculpou-a. Coitada! A emoção do encontro na véspera!... A mutilação de Duarte!... Tôdas essas coisas horríveis!...

— Pois, por isso mesmo, minha senhora! — replicou a mais velha das irmãs.

Duarte estava no andar superior da casa, entre os seus livros, com alguns conhecidos. Podiam falar à vontade. É a prima Quitéria tam-

bem achava estranho aquele procedimento. Mas não tardava que uma criada de D. Sofia batesse, trazendo um bilhete da senhora. A filha estava de cama, com um ligeiro acesso de febre — explicava D. Sofia. Achaque sem importância. O médico apenas recomendára agasalho e repouso — o mais absoluto repouso. Talvez no dia seguinte já estivesse completamente restabelecida. Seria, até, melhor, não dizer nada a Duarte — recomendava ela.

— Aí está! — disse D. Joana. Nós aqui a fazermos conjecturas desfavoráveis e a pobre pequena doente.

— Ah! então!... — exclamaram as Lucenas Osórios.

— Se está doente, tem desculpa, concordou D. Quitéria, tossindo a sua tosse seca e nervosa.

Antes do jantar, quando as visitas retiraram e a prima Quitéria se recolheu, Duarte, apreenhivo, falou à mãe na ausência de Eugénia.

— E cheguei ontem apenas, mamã! E não nos vimos durante muitos meses. E íamos casar!...

— Não tens razão, não tens razão! — informou D. Joana. Olha, aí está! Lê!...

E desdobrou diante do filho, sobre a mesa, o bilhete de D. Sofia. Duarte devorou-o com os olhos, e as suas inquietações apaziguaram-se logo.

— Estás agora mais tranqüilo?

— Estou. Mas a mamã devia lá ter mandado.



— E mandei! Quem te diz que não mandei?

— Ah! perdão! — atalhou Duarte, afagando-a com a mão que lhe restava.

Então, pouco a pouco, a esperança renasceu-lhe no espírito e levou tôda a noite numa grata vigília, fazendo projectos duma pacífica e ditosa vida futura. Agora, nada o impedia de apressar êsse casamento, de que dependia a sua grande felicidade. Porque esperaria? O seu curso universitário estava trágicamente interrompido para sempre. O que desejava era que à sua volta se fizessem definitivamente a paz e a ventura. De manhã adormeceu, extenuado da longa insónia e dormiu até tarde.

D. Joana, que tinha ido à missa a Santa Clara, como de costume, encontrou-se à saída da igreja com as Lucenas Osórios, que logo avançaram para ela com um ar que a intrigou.

— Então, já sabe o grande escândalo? — exclamou de repente a mais nova das irmãs, com um fulgor de cólera nos olhos.

— O grande escândalo? Mas de que escândalo fala?

— Pois não sabe, na verdade? — inquiriu a outra irmã. Mas é uma vergonha, um horror. Bem o dizíamos nós! Não, aquela não nos enganou.

— Mas, quem? — interrompeu D. Joana, inquieta e parando no meio da rua.

— A Eugénia, a menina Eugénia, a sonsinha!

— Que foi? Que lhe aconteceu? — perguntou D. Joana, assustada.

— Fugiu a noite passada, com o tal Tomás, um com quem antigamente tivera namôro. Já tôda a cidade o sabe! Uma vergonha!

— Fugiu? — interrogou D. Joana, empalidecendo.

— Mas, que tem, que tem, minha senhora? — acudiu D. Amélia Osório.

— Meu Deus, não me sinto bem! Mandem-me chamar um carro, depressa!...

Passava um trem de praça. As Lucenas Osórios fizeram sinal ao cocheiro, que deteve imediatamente o trote dos cavalos. D. Joana entrou, com as duas irmãs, que deram o nome da rua e o número da porta. A carruagem largou à desfilada. Então, dentro do *coupé*, longe das vistas curiosas, D. Joana rompeu num grande choro, que a sufocava de soluços, gemendo a cada instante:

— Oh! meu pobre filho! Meu pobre filho!...

As Lucenas Osórios tentavam consolá-la. Até tinha sido providencial, aquela fuga! A que vida de tortura ela obrigaria Duarte, se o casamento se tivesse feito! Ah! não. Antes assim!...

— Mas, fizemos talvez mal — interrompeu D. Amélia. Contudo, a amizade impunha-nos que nos não calássemos, pois não é verdade? De resto, a notícia não se poderia ocultar por muito tempo!

Enxugando as lágrimas ao seu lenço de rendas, D. Joana repetia:

— Oh! meu pobre filho!...

— Mas não chore, não chore! Ora essa! Para que há-de chorar?

— Oh! meu pobre filho!...

Os cavalos estacaram diante da porta de D. Joana, que desceu apressadamente fazendo um esforço sôbre si própria para reter o pranto, a angústia que a abafava. Pagou ao cocheiro, despediu-se das Lucenas Osórios, entrou em casa. A prima Quitéria estava ainda recolhida.

Subiu as escadas. Duarte, já acordado, sentindo-lhe os passos, gritou de dentro do quarto:

— Bons dias, mamã!

D. Joana correu para o filho, abraçou-se nêle nervosamente, desatando de novo num choro prolongado e convulso.

— Mas que é isso? Porque chora? Que tem?

— Meu filho, hoje mesmo partiremos para o Douro. Irás convalescer para lá, no meio dum absoluto sossêgo, num sítio isolado das vilezas desta vida.

— Para o Douro? Oh! mamã! E porquê?

— Porque sim, não é verdade? — atalhou ela, numa viva confusão. Que tal achas a minha lembrança?

Então, Duarte afastando-a um pouco de si com a sua única mão, e mirando-a demoradamente, exclamou:

— A mamã esconde-me alguma coisa. Porquê? Diga o que tem a dizer! Não vê que tenho sofrido tanto! O hábito das dores ensinou-me a suportá-las com coragem.

— Mas não, não escondo!...

— Vá! Não negue. Antigamente, éramos como dois bons camaradas, dois irmãos, falando sempre com sinceridade um ao outro. Porque não havemos de voltar aos tempos antigos? Duvida de mim?

— Eu, duvidar de ti, meu filho!...

— Então!... É de Eugénia que quer falar-me?

Ela levantou-se, com uma grandê chama de ira nos olhos, trémula, magnífica na sua cólera, bradando:

— Esquece essa criatura, que não te merecia! E vamos hoje para o Douro...

— Irei, minha mãe! — concordou Duarte, adivinhando tudo e com admirável tranqüilidade. Vê, que estou sereno? Eu pressentia isso!... Já o esperava!... O contrário é que me surpreenderia.

Queria mostrar-se calmo, indiferente, forte, mas sentia-se desfalecer. Mal conseguia reprimir os soluços. Gota a gota, distilava-se-lhe na alma uma grande amargura; no seu coração a dôr tornava-se mais cruel. A mãe olhava-o, com inquietação e piedade, gaguejava palavras consoladoras que êle nem sequer escutava.



— Sim, mamã! Saíremos de Coimbra ainda hoje. É melhor, é melhor!...

Estavam no Douro — na quinta que o primo Bernardo legára a Duarte — havia um mês. O sol de verão ardia, rutilava sôbre o cume das serranias que se avistavam do mirante, construído ao fundo da vasta propriedade e com roseiras e balsaminas trepando pelas paredes e perfumando o ar à roda. Em baixo, o jôrro scintilante duma fonte cristalina cantava, arrullhava dia e noite sob o azul das manhãs gloriosas, a sombra dos ocasos, o luar puríssimo. A vegetação, bem regada por águas espertas e vivas, era sumptuosa de formas, de verdura, de beleza. Circulava um ar ligeiro, o ar fino e aromático das serras, que remexe os pulmões, embalsamando-os. Duarte costumára-se, desde as primeiras horas em que chegára ao Douro, a isolar-se neste mirante, para fugir às lamúrias da prima Quitéria que agora, novamente na casa em que tantos anos vivera, chorava sem repouso o irmão, evocando recordações dolorosas por todos os cantos. Cada móvel, cada objecto de uso caseiro, cada sala, revivia no seu espírito a memória do morto.

— Esta era a cadeira em que êle gostava de sentar-se — exclamava D. Quitéria. Àquela janela esteve êle ainda na manhã do dia em que o Senhor o levou!

É fundia em lágrimas intermináveis que afligiam o sentimento de Duarte. Por isso mesmo, logo de manhã, encostado ao ombro do caseiro, com alguns livros no bôlso, o seu cachimbo e o seu pacote de tabaco inglês que mandava ir do Pôrto tôdas as semanas, dirigia-se ao mirante, se o tempo corria lindo, e por lá ficava durante horas seguidas, absorvido na contemplação dos maravilhosos panoramas de serra e arvoredo, de vinhas e ervas rasteiras, urzes, olivais pálidos, tojais por onde pastavam rebanhos. Eram perspectivas ininterruptas de montes cortados em escarpa, sucedendo-se interminavelmente, fundas ravinas, terreno aos galgões, convulso, vulcânico, formidável, de linhas confusas e irregulares que as diferenciações de luz compunham e decompunham incessantemente, cabelugens verde-negras de pinheirais gementes ondulando ao vento, uma paisagem maravilhosa e variada em que se não notava a monotonia. Muitas vezes, Duarte almoçava no mirante, com a mãe, que vinha fazer-lhe companhia, distraí-lo das suas cogitações penosas, enquanto na vélha vivenda fidalga a prima Quitéria tossia ou rezava, desfiando nas mãos brancas e sêcas, de dedos esguios, as contas do seu longo rosário. Sentado numa poltrona estofada, repousando sôbre fôfos almofadões, Duarte, quando estava só, ressuscitava a sua pobre vida, que fôra uma esperança e que era agora uma tortura. Ah! como tinha sido infeliz, como a fatalidade pesava

sôbre os seus ombros, esmagando-o, como o seu destino era cruel! Por que caminhos de maldição e de castigo a sua existência se perdera, rasgando-se aos farrapos! As suas ilusões caíam uma a uma, como as fôlhas mortas caem das árvores, no outono. Dos sonhos da sua generosa e heróica mocidade nem um restava já — e apenas tinha vinte e quatro anos de idade. As doces imagens do seu coração haviam-se desvanecido como um fumo vão. As criações da sua inteligência, que outrora julgava verdades irredutíveis, pareciam-lhe neste momento bizarras alucinações dos sentidos. Em tam curto viver, tantas decepções, tantos sofrimentos, um tam amargo pessimismo! E porquê? Não se lembrava de ter feito, conscientemente, mal a ninguém. Trazia o espírito cheio de ideais elevados de bondade, de beleza moral, de humanitarismos, de altruismos. E apesar disso, não encontrava uma clareira de felicidade onde repousar!

Partira para a guerra como um arauto da justiça e do direito, para combater a violência, para defender as grandes liberdades humanas que tinham custado, através dos séculos, tantas dedicações e tanto sangue. Pelejára estóicamente pelos latinos, semeadores de ideais, criadores de beleza, e, como os latinos, tinha a bravura espiritual, o heroísmo alegre, ao contrário dos setentrionais, que possuíam a coragem obrigatória, a heroicidade a que eram forçados por uma disci-

plina de ferro, porque, neles, a organização, aniquilando o indivíduo, produzira a identidade das vontades e dos sentimentos. Afinal, logo na primeira batalha em que entrou, uma granada, explodindo, cortára, retalhára as suas carnes, mutilára-o, deixára-o inválido para sempre. Isto parecia-lhe absurdo! Se êle, na verdade, era o defensor duma humanidade melhor, de princípios superiores, a equidade imanente devia tê-lo protegido no braseiro dos recontros fulgurantes. Mas não! Até em vez de morrer logo, o que teria sido para êle uma ventura, resistira à morte apenas para que o seu padecimento fôsse implacável e duradouro. Que ironia! E que sarcasmo atroz lhe parecia agora a luta sangrenta da Europa dividida em dois campos contrários: — uns que pretendiam emancipar-se e outros que desejavam oprimir, como se no vasto mundo não houvesse um lugar ao sol para todos! E a guerra durava havia três sinistros anos, ferindo-se com maior intensidade e ferocidade de dia para dia, sem tréguas, sem repouso. Dum lado e doutro, os homens que se arrojavam à carnificina não representavam nada: — eram coisas, não pessoas. A conflagração aparecia ao seu entendimento como um mar tenebroso para que fugiam todos os rios da vida ocidental. Milhões e milhões de soldados pelejavam e morriam, o sangue corria em torrentes, a dôr era terrível, queimavam-se em fogo tôda a fortuna, tôdas as riquezas, todo o bem-



estar dos povos. No entanto, a Minerva armada não vinha decidir a contenda horrível, como outrora em Platea, quando animava as hostes gregas, fazendo pender a vitória para o lado dos que estavam na razão e na verdade, com um só golpe do seu gládio!...

Ah! de-certo que a fé no triunfo latino e na dignificação da Pátria não esmorecera, não se apagára como uma chama vacilante no coração de Duarte. Apesar disso, sentia-se outro. Qualquer coisa tinha mudado nêle — nem só no seu corpo, mas também na sua psicologia. Fisicamente, era um inútil, um trágico amputado. Até já mal podia observar, com a pouca vista que lhe restava, as festas da luz, com os seus jogos scintilantes, em que outrora tanto se comprazia, a canção das côres subindo da natureza, que tanto o deleitavam. Moralmente, a sua crença começava a transmutar-se em scepticismo, como uma flor que um vento de tempestade queimasse...

Levava as horas num interminável scismar. Na realidade, como fôra infeliz — pensava êle. Ao voltar da guerra, trazia ainda uma alvorada no peito. Vinha doridamente acolher-se à doçura dum amor em que confiava, que sempre tivera como lial, firme, capaz de resistir a tôdas as provações. Com êsse amor a dourar-lhe a tristeza, haveria ainda graça, encanto, ternura na sua miséria fisiológica. Algumas horas, porém, tinham bastado para que esta derradeira consolação se

malograsse definitivamente. Oh! com efeito, a desgraça era implacável para êle.

Comovido, Duarte recalcava na garganta um soluço teimoso, que o entalava, que o sufocava.

Êle bem sabia que era um outro homem, que a sua figura de decepado inspiraria repulsão: mas a alma, oh! essa era a mesma! E daí provinha a sua desdita. Porque não havia de destruir-lhe a pura faculdade de sentir o obuz que o lacerou? Recordava Eugénia. Que seria feito dela? O que teria havido para que a mamã, que o amava até ao delírio e até à renúncia do seu próprio ser, lhe tivesse imposto quâse a necessidade de esquecê-la, de se afastar dela e do ar que respirava para que o veneno que a perdêra o não contagiasse também? Não o sabia. A mãe não lhe tornára a falar da noiva, que tam cruelmente o traíra, e Duarte, por orgulho ou para a iludir com um desinteresse aparente, não lhe perguntava por ela. No entanto, relembrava-a e achava nesta recordação uma inefável suavidade. Eugénia surgia-lhe na imaginação aureolada pela chama loura dos cabelos, a brancura da face levemente carminada, a mancha azul dos seus imensos olhos meditativos — e esta silhueta só visível para os sentidos, desenhando-se em puras linhas de claridade, embelezava a sua lembrança repentina...

Às vezes a mãe vinha, em passos subtis, como se quisesse espreitar, surpreender-lhe o pensa-

mento, e Duarte, sempre curvado sôbre o livro que tinha aberto diante de si, fingia lêr.

— Vamos almoçar? — perguntava D. Joana.

— Vamos, mamã — respondia Duarte, erguendo a cabeça e sorrindo-lhe melancolicamente.

D. Joana estendia uma toalha de linho sôbre a mesa, dispunha as louças, os copos e os talheres, porque só ela queria servir Duarte: e então fazia-lhe o prato, trinchando a carne em pequenos bocados que o filho pudesse levar à bôca, com o garfo. Muitas vezes, chalaceando para o distraír, alimentava-o por sua própria mão, como quando êle era pequenino, e as refeições terminavam sempre entre beijos, afagos, carícias. À sua volta, Duarte, enlevado, sentia crescer constantemente aquele grande amor materno e purificado, o único que lhe não mentira, que o não traíra — e os olhos arrasavam-se-lhe de lágrimas piedosas.

— O meu pobre filho, coitado! — dizia, entre mimos, D. Joana, envolvendo-o com a vista amorosa.

Foi durante um dêstes almoços no mirante que certa manhã o correio trouxe uma carta para Duarte. Vinha de longe, da França, e logo pelo *enveloppe* êle reconheceu a letra da Irmã Clementina, da religiosa que fôra, no hospital de sangue, a sua vigilante enfermeira e em que tantas vezes falára à mãe, com admiração.

— Que me quererá ela? — monologou.

D. Joana rasgou o *enveloppe* e desdobrou a larga fôlha de papel que entregou ao filho, discretamente. Eram apenas algumas linhas, em que a irmã da caridade lhe anunciava a morte, depois duma demorada operação, de Vitorino, do camarada, do irmão. A religiosa, que também o tratára, falára-lhe de Duarte, e Vitorino, gravemente ferido no peito e na cabeça por um estilhaço de granada, pedira-lhe que, se morresse, participasse a sua morte ao amigo ausente e desgraçado. «...De maneira — terminava ela — que venho cumprir a promessa que fiz ao pobre moço, que tanto apêgo tinha à vida, que se agarrava a ela com desespero e que, afinal, morreu falando em Duarte, falando na mãe e numa irmã, murmurando-lhes os nomes até que a luz se lhe apagou nos olhos e os lábios se lhe imobilizaram. Ah! a guerra. Que tristeza!...»

Silenciosamente, Duarte entregou a carta à mãe, para que ela a lêsse também. Vitorino morrera. Nem êsse havia escapado. E deixára-o tam cheio de vida, tam confiante! Bom Deus! Em roda de si apenas havia cadáveres ou desventuras, sangue, dôr, traição! E, no entanto, êle vivia. Que pavor!

As lágrimas cegavam-no, o peito arfava-lhe.

— Pobre Vitorino! Era lial, êsse!

D. Joana, acabrunhada, dobrou a carta, pôs-a sôbre a mesa, apoiou o rosto à mão direita.



— Que golpe fulminante para D. Sofia! — exclamou ela.

— É para Eugénia, mamã, também para Eugénia, que era doida pelo irmão.

Mas, a êste nome, D. Joana levantou-se, fitou demoradamente Duarte nos olhos e murmurou:

— Para que falas nessa criatura? Esquece-a, filho!

— Não posso, mamã, não posso! Sinto que nunca a poderei esquecer, por mais que o tente. Se fôsse um amor recente ou um amor ligeiro, ah! então!... — gaguejou êle, engasgado pela comoção.

É ao cabo dalguns instantes, depois de recuperar um pouco a serenidade, ainda acrescentou:

— Mas ela foi a dôce ocupação de tôda a minha vida consciente e emotiva. Dei-lhe, durante anos seguidos, tôda a paixão que tinha na alma; vivi dessa paixão tanto tempo de infinita doçura! Há no fundo do meu coração um resíduo de ansiedade e de sofrimento que nunca mais se poderá delir enquanto eu viver! Que quer, mamã? Apeguei-me a êste sonho, fiz dêle a razão de ser da minha existência, da minha personalidade. Embora cortado, retalhado, decepado no corpo, o sentimento é o mesmo...

— Oh! Duarte! Oh! meu pobre filho!... — acudiu ela, abraçando-o.

— É o mesmo, é o mesmo, o sentimento! E poderei ser culpado por isto? Não haverá beleza

e grandeza nesta devoção inteira a um amor de mulher? Diga!...

— Mas tu não sabes ainda que Eugénia fugiu com outro homem dois dias depois de tu chegares, que, enquanto sofrias e a amavas, ela te traía!...

— Embora, embora! É uma vileza minha, mas não consigo purificar-me dela. Estou para aqui isolado, mamã. Deixe-me viver das recordações afáveis do passado, já que tudo me mentiu: — o amor, a glória, o próprio ideal. Todos me esqueceram, na jornada trágica dos ódios, dos infortúnios, das cobiças...

Arquejava, sufocava, tinha um estranho fulgor nos olhos. A mãe contemplava-o, espantada. Mas a exaltação de Duarte abrandou, a dôr pungiu-o mais duramente e então, num queixume que era feito de gritos, de lágrimas, de piedades e de renúncias, exclamou:

— Oh! mamã! mamã!... Porque não morri eu?

— Porque me matavas também, meu amor! Olha que não tenho mais ninguém no mundo!

E estendendo os braços, D. Joana puxou-o todo para o seio, embalando-o, acarinhando-o, como fazia outrora, quando êle era de colo e ela o adormecia no regaço. Cerrando os olhos, que lustrais lágrimas de alívio humedeciam, Duarte acolhia-se todo à doçura infinita daquele amor sagrado que se lhe mantivera fiel na des-

graça e que acompanharia a sua invalidez pela vida fóra como uma luz que conduzisse um caminheiro errante — amor que era a única verdade que êle reconhecia na terra onde os homens, aos milhões, se dilaceravam.

Miramar, 25 de Outubro de 1917.

FIM





Na revisão das provas dêste livro escaparam algumas incorreções que o leitor fácilmente corrigirá.





# Colecção Lusitânia

Destinada a vulgarizar, não só as obras primas da literatura portuguesa, como também, em traduções cuidadas, as melhores da literatura estrangeira

VOLUMES ILUSTRADOS — Cada um enc., 50 cts.

## Volumes publicados até maio de 1919:

- 1 — *Amor de Salvação*, por C. C. Branco.
- 2 — *Riquezas do Pobre*, por C. C. Branco.
- 3 — *Eusébio Mocárto*, por C. C. Branco.
- 4 — *Corja*, por C. C. Branco.
- 5 — *Cartas de Amor*, por Sêror Marlana, *Carta de Guia de Casados*, por D. Francisco Manuel de Melo.
- 6 e 7 — *Nossa Senhora de Paris*, por V. Hugo.
- 8 — *Amores do Diabo*, por C. C. Branco.
- 9 — *Frei Luis de Sausa e Um Auto de Gil Vicente*, por Almeida Garrett.
- 10 — *José Bálamo*, por C. C. Branco.
- 11 e 12 — *Madame Bovary*, por G. Flaubert.
- 13 — *Mentna e Mõça*, por Bernardino Ribeiro.
- 14 — *Brasileira de Prazins*, por C. C. Branco.
- 15 — *Camões*, por A. Garrett.
- 16 — *Romance dum Homem Rico*, por C. C. Branco.
- 17 — *Cartas do meu moinho*, por Alphonse Daudet.
- 18 — *Freira no subterrâneo*, por C. C. Branco.
- 19 — *Viogens na minha terra*, por A. Garrett.
- 20 — *Corrusco de Vitor Hugo José Alves*, por C. C. Branco.
- 21 — *Rafael*, por Lamartine.
- 22 — *Arco de Sant'Ana*, por Almeida Garrett.
- 23 — *Mosaico e Silvo*, por C. C. Branco.
- 24 e 25 — *Noventa e três*, por Vitor Hugo.
- 26 — *A Religiosa*, por Diderot.
- 27 — *Livro de Consolação*, por C. C. Branco.
- 28 — *Atala, René, O último Abencerragem*, por Chateaubriand.
- 29 e 30 — *Ultimos dias de Pompeia*, por Lord Lytton.
- 31 — *Mulheres da Beira*, por Abel Botelho.
- 32 — *Allageme de Santarem e D. Filipa de Vilhena*, por A. Garrett.
- 33 — *Flor d'Alisa*, por Lamartine.
- 34 — *Maria da Fonte*, por C. C. Branco.
- 35 — *O illustre Dr. Mateus*, por Erckmann Chatrian.
- 36 — *Cláudio*, por Lamartine.
- 37 — *Dama dos Camélios*, por A. Dumas.
- 38 — *No Bom Jesus do Monte*, por C. C. Branco.
- 39 — *Manan Lescaut*, pelo Abade de Prévost.
- 40 — *Contos escolhidos*, por Júlio Brandão.
- 41 — *Os sacrificados*, (contos da guerra), por João Grave.
- 42 — *O Senhor Deputado*, por Júlio Lourenço Pinto.
- 43 — *Eugéala Grandet*, por Balzac.
- 44 — *Os que amam e os que sofrem*, por João Grave.
- 45 — *Infâmia de Frei Quintino*, por Urbano Loureiro.
- 46 — *Regina e Graziela*, por Lamartine.

## A seguir, mensalmente:

- 47 — *D. Branca*, por Garrett.
- 48 — *Fábulas*, por Lafontaine.
- 49 — *Scenas da vida inglesa*, por C. Dickens.
- 50 — *Os amores de Filipe*, por Octávio Feuillet.

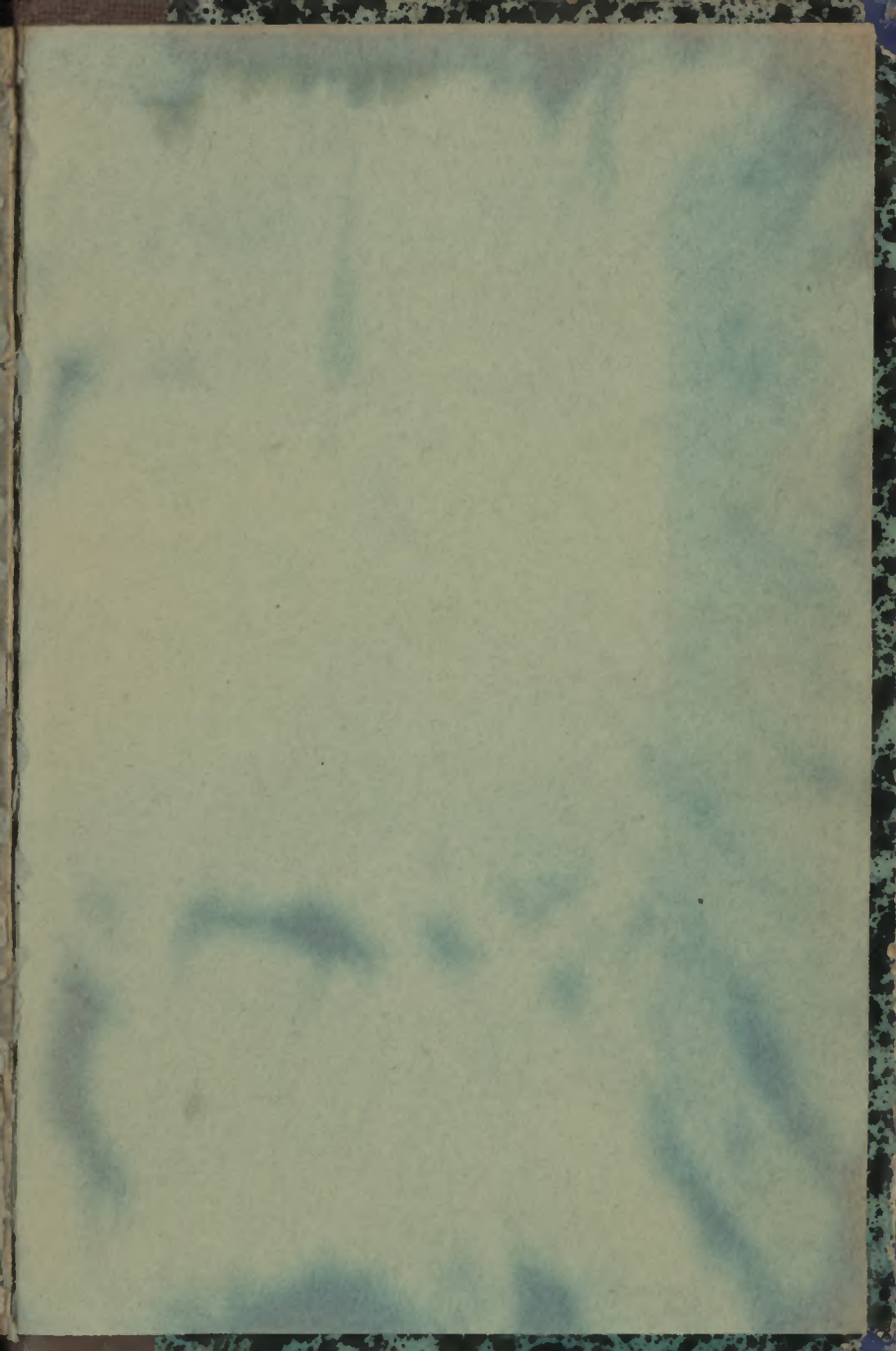
ENVIA-SE GRÁTIS O CATÁLOGO GERAL

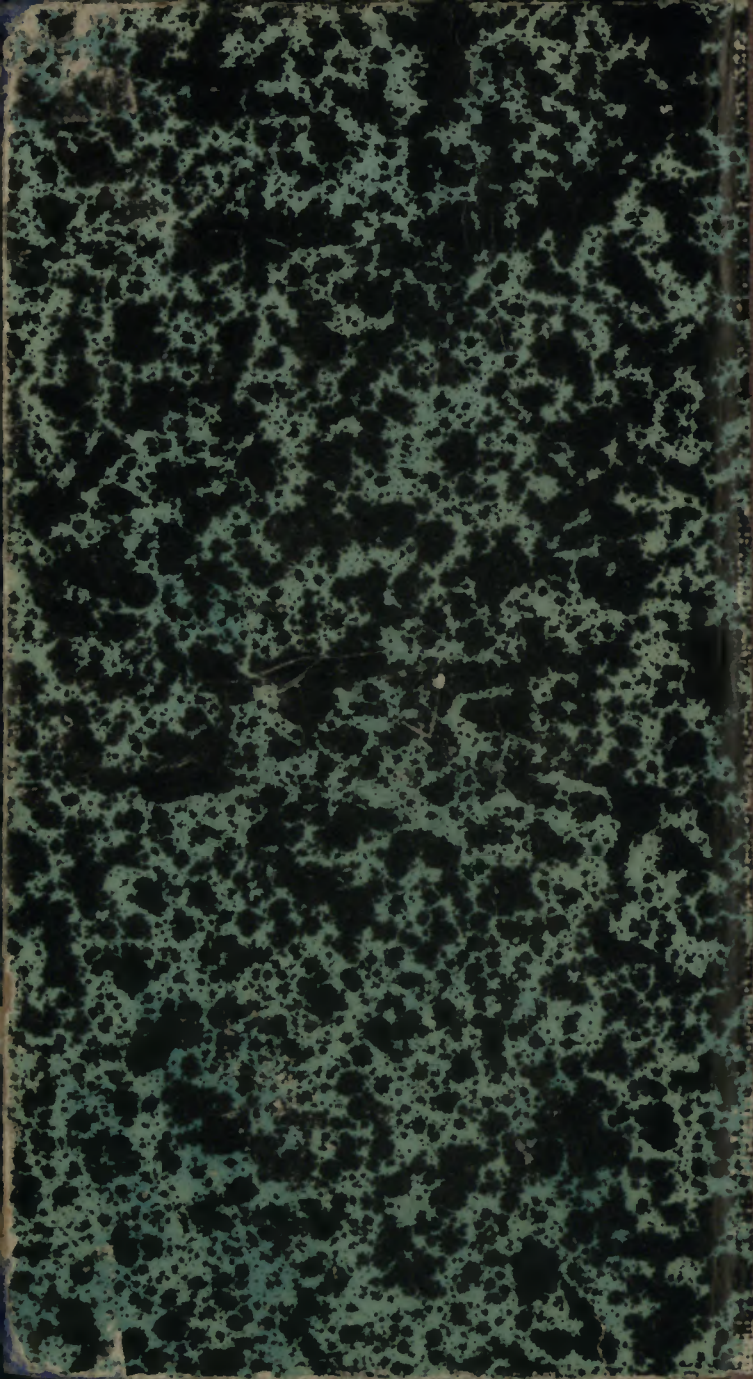
LIVRARIA CHARDRON, de Léo & Irmão,  
editores — Rua das Carmelitas, 144 — PORTO.











10  
A

